



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

25083

DISCURSOS

1957

JUSCELINO KUBITSCHKE DE OLIVEIRA

DISCURSOS

*Proferidos no segundo
ano do mandato presi-
dencial, 1957.*

RIO DE JANEIRO
1958

Presidência da	
República	
BIBLIOTECA	
N.º	DATA
4974	19-12-59

Este volume compreende os discursos proferidos pelo Presidente da República, no correr do segundo ano do seu mandato presidencial, 1957.

Como o volume anterior desta série, Discursos — 1956, vai êste seguido de um índice analítico de temas e problemas, para melhor realizar sua finalidade documental.

SUMARIO

	PAG.
SANTANA (MACAPÁ), 5 DE JANEIRO DE 1957	
AO INAUGURAR O PORTO DE MINÉRIOS DO TERRITÓRIO DO AMAPÁ, A QUINZE QUILOMETROS DE AMAPÁ.....	9
RIO DE JANEIRO, 6 DE JANEIRO DE 1957	
NO PALÁCIO DAS LARANJEIRAS, NA APRESENTAÇÃO DE TELAS DO MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO, QUANDO PARANINFOU A APRESENTAÇÃO DO QUADRO DA RENOIR "LA BAIGNEUSE AU GRIFFON"	14
CERRO LARGO (RS), 10 DE JANEIRO DE 1957	
NA SOLENIDADE DE DESCERRAMENTO DA PLACA COMEMORATIVA DA INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA LOCAL	18
RIO DE JANEIRO, 22 DE JANEIRO DE 1957	
NA INAUGURAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES DA FACULDADE NACIONAL DE FARMÁCIA, NA PRAIA VERMELHA, SOBRE A CIDADE UNIVERSITÁRIA DO RIO DE JANEIRO..	24
RIO DE JANEIRO, 27 DE JANEIRO DE 1957	
NO PALÁCIO ITAMARATI, EM SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE WOODROW WILSON	27
SANTOS, 28 DE JANEIRO DE 1957	
NA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SANTOS, SOBRE CAFÉ, RELAÇÕES INTERNACIONAIS, INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS E OUTRAS QUESTÕES DE DESENVOLVIMENTO NACIONAL	28
RIO DE JANEIRO, 30 DE JANEIRO DE 1957	
NO COPACABANA PALACE HOTEL, AO BANQUETE QUE LHE FOI OFERECIDO PELAS CLASSES PRODUTORAS, SOBRE O DESENVOLVIMENTO NACIONAL	36
BELO HORIZONTE, 31 DE JANEIRO DE 1957	
AO RECEBER O TÍTULO DE CIDADÃO HONORÁRIO DE BELO HORIZONTE, NA INAUGURAÇÃO DA BR-3, QUE LIGA A CAPITAL MINEIRA AO RIO DE JANEIRO	45

RIO DE JANEIRO, 12 DE FEVEREIRO DE 1957

AO RECEBER, NO PALÁCIO DO CATETE, DAS MÃOS DO
MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO PARAGUAI,
SENHOR RAÚL SAPENA PASTOR, O COLAR MARECHAL
FRANCISCO SOLANO LÓPEZ 53

RIO DE JANEIRO, 21 DE FEVEREIRO DE 1957

EM RESPOSTA A HOMENAGEM QUE LHE PRESTOU O MI-
NISTRO DO TRABALHO DA VENEZUELA, SENHOR CARLOS
TINOCO RODIL 57

RIO DE JANEIRO, 5 DE MARÇO DE 1957

SAUDAÇÃO AO CONTINGENTE GRASILEIRO INTEGRANTE
DAS FORÇAS DAS NAÇÕES UNIDAS NO EGITO 61

RIO DE JANEIRO, 7 DE MARÇO DE 1957

NA INAUGURAÇÃO DOS CURSOS DA UNIVERSIDADE DO
BRASIL 62

RIO DE JANEIRO, 15 DE MARÇO DE 1957

MENSAGEM AOS ESTUDANTES, NO TÉRMINO DA I SEMANA
MUDANCISTA, DE SÃO PAULO 69

BELO HORIZONTE, 17 DE MARÇO DE 1957

NO ENCERRAMENTO DO I CONGRESSO DE MUNICÍPIOS,
SÔBRE A ARTICULAÇÃO DOS PROBLEMAS MUNICIPAIS COM
OS NACIONAIS 75

FLORIANÓPOLIS, 3 DE ABRIL DE 1957

NA CONFERENCIA DOS GOVERNADORES DA BACIA PARA-
NÁ-URUGUAI, SÔBRE O DESENVOLVIMENTO REGIONAL
E NACIONAL 83

RIO DA JANEIRO, 28 DE ABRIL DE 1957

NA SESSÃO SOLENE INAUGURAL DO IV CONGRESSO DE
MUNICÍPIOS 87

PEIXOTOS, 28 DE ABRIL DE 1957

NA INAUGURAÇÃO DA USINA DE PEIXOTOS 92

RIO DA JANEIRO, 1 DE MAIO DE 1957

NAS COMEMORAÇÕES DO DIA DO TRABALHO SÔBRE A
SITUAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL 95

RIO DE JANEIRO, 14 DE MAIO DE 1957

NO PALÁCIO DO CATETE, NO ATO DE ASSINATURA DOS
CONTRATOS DE FINANCIAMENTO E EXECUÇÃO DA BAR-
RAGEM DE TRÊS MARIAS 105

RIO DE JANEIRO, 8 DE JUNHO DE 1957

NO PALÁCIO ITAMARATI, EM SAUDAÇÃO AO CHEFE DO
ESTADO PORTUGUES, PRESIDENTE FRANCISCO HIGINO
CRAVEIRO LOPES 109

RIO DE JANEIRO, 10 DE JUNHO DE 1957

NO COPACABANA PALACE HOTEL, QUANDO DA ENTREGA DA ESPADA DE OFICIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO, EM NOME DAS FORÇAS ARMADAS, AO CHEFE DO ESTADO PORTUGUÊS, PRESIDENTE FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES	111
---	-----

RIO DE JANEIRO, 10 DE JUNHO DE 1957

NO REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEITURA, EM SESSÃO SOLENE EM HOMENAGEM AO CHEFE DO ESTADO PORTUGUÊS, PRESIDENTE FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES	113
---	-----

RIO DE JANEIRO, 11 DE JUNHO DE 1957

NO PALÁCIO DO CATETE, QUANDO DA ASSINATURA DA DECLARAÇÃO RELATIVA AO TRATADO DE AMIZADE E CONSULTA ENTRE O BRASIL E PORTUGAL	119
--	-----

RIO DE JANEIRO, 11 DE JUNHO DE 1957

AGRADECENDO A HOMENAGEM PRESTADA PELO CHEFE DE ESTADO PORTUGUÊS, PRESIDENTE FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES, NO PALÁCIO DAS LARANJEIRAS	122
---	-----

RECIFE, 25 DE JUNHO DE 1957

NO CLUBE INTERNACIONAL, DESPEDINDO-SE OFICIALMENTE DO CHEFE DE ESTADO PORTUGUÊS, PRESIDENTE FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES	126
---	-----

MONTES CLAROS (MG), 2 DE JULHO DE 1957

AO INAUGURAR A EXPOSIÇÃO PECUÁRIA, NO PROGRAMA COMEMORATIVO DO CENTENÁRIO DA CIDADE	135
---	-----

RIO DE JANEIRO, 2 DE JULHO DE 1957

MENSAGEM AO POVO BAIANO, AO ENSEJO DA DATA....	139
--	-----

SÃO PAULO, 9 DE JULHO DE 1957

DISCURSO PROFERIDO NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO, SOBRE A SITUAÇÃO NACIONAL E A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA	140
---	-----

BELO HORIZONTE, 12 DE JULHO DE 1957

AO PARANINFAR A TURMA DE ASPIRANTES DE FORÇA PÚBLICA DO ESTADO DE MINAS GERAIS	143
--	-----

BELO HORIZONTE, 26 DE JULHO DE 1957

NO ENCERRAMENTO DO SEGUNDO CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO COMERCIAL	149
---	-----

RIO DE JANEIRO, 28 DE JULHO DE 1957

NO PALÁCIO DO CATETE, EM CERIMÔNIA MATINAL, EM RESPOSTA DE AGRADECIMENTO AO DISCURSO DE SUA EXCELENCIA O DOUTOR CARLOS MOREYRA, VICE-PRESIDENTE DO PERU, QUANDO ESTE LHE FEZ ENTREGA DA	
---	--

	PÁG.
GRA-CRUZ DE BRILHANTES, DA ORDEM DO SOL DO	
PAÍS AMIGO	153
RIO DE JANEIRO, 1 DE AGOSTO DE 1957	
PELA REDE DE RADIODIFUSÃO DA "VOZ DO BRASIL", BALANCEANDO ANO E MEIO DE SEU GOVERNO.....	157
CAMPOS, 6 DE AGOSTO DE 1957	
AO ENSEJO DA REALIZAÇÃO DA FESTA DO AÇÚCAR....	170
RIO DE JANEIRO, 8 DE AGOSTO DE 1957	
SOBRE O SURTO DA CHAMADA GRIPE ASIÁTICA	174
RIO DE JANEIRO, 8 DE AGOSTO DE 1957	
NO ATO DE INAUGURAÇÃO DA NOVA SEDE DO INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS BRASILEIROS (I.S.E.B.), SOBRE SUAS FINALIDADES	175
RIO DE JANEIRO, 22 DE AGOSTO DE 1957	
NO ATO DE INAUGURAÇÃO DO NOVO INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER	179
RIO DE JANEIRO, 27 DE AGOSTO DE 1957	
PELA REDE DE RADIODIFUSÃO DA "VOZ DO BRASIL", NA COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DA PRIMEIRO RODO- VIA BRASILEIRA, CONSTRUÍDA POR TEÓFILO OTTONI.	183
RIO DE JANEIRO, 2 DE SETEMBRO DE 1957	
PELA REDE DE RADIODIFUSÃO DA "VOZ DO BRASIL", DO PALÁCIO DO CATETE A JUVENTUDE BRASILEIRA, AO EN- SEJO DAS COMEMORAÇÕES DA SEMANA DA PÁTRIA.....	187
RIO DE JANEIRO, 5 DE SETEMBRO DE 1957	
SAUDANDO SUA EXCELÊNCIA O GENERAL ALFREDO STROESSNER, PRESIDENTE DO PARAGUAI, AO BANQUETE QUE A ESTE FOI OFERECIDO NO PALÁCIO ITAMARATI..	192
RIO DE JANEIRO, 7 DE SETEMBRO DE 1957	
NA SOLENIDADE DE INSTALAÇÃO DO VII CONGRESSO NA- CIONAL DE JORNALISTAS	195
RIO DE JANEIRO, 7 DE SETEMBRO DE 1957	
NO PALÁCIO DO MINISTÉRIO DA GUERRA, EM BANQUETE OFERECIDO AO GENERAL ALFREDO STROESSNER, PRE- SIDENTE DO PARAGUAI, QUANDO DA ENTREGA, A ESTE, DA ESPADA DE OFICIAL GENERAL DO EXÉRCITO BRA- SILEIRO	200
RIO DE JANEIRO, 9 DE SETEMBRO DE 1957	
EM AGRADECIMENTO PELO BANQUETE QUE LHE FOI OFE- RECIDO, NO COPACABANA PALACE HOTEL, PELO PRESI- DENTE DO PARAGUAI, GENERAL ALFREDO STRAESSNER	202

	PÁG.
DIAMANTINA, 15 DE SETEMBRO DE 1957	
PARANINFANDO A ELEVAÇÃO AO EPISCOPADO DE CAI- TITE DE DOM JOSÉ PEDRO	205
RIO DE JANEIRO, 16 DE SETEMBRO DE 1957	
NO PALÁCIO DO CATETE, QUANDO DA ENTREGA DOS DIPLOMAS AOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS DE MAIOR PROGRESSO	211
SÃO PAULO, 20 DE SETEMBRO DE 1957	
NA INAUGURAÇÃO DA IV BIENAL DE ARTE DE SÃO PAULO	214
RIO DE JANEIRO, 30 DE SETEMBRO DE 1957	
AO SANCIONAR A LEI QUE FIXA A DATA DE TRANSFE- RÊNCIA DA CAPITAL DA REPÚBLICA	217
BELO HORIZONTE, 15 DE OUTUBRO DE 1957	
NA INSTALAÇÃO DO CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO ME- DICA DE MINAS GERAIS	221
RIO DE JANEIRO, 24 DE OUTUBRO DE 1957	
MENSAGEM AO ENSEJO DO ANIVERSÁRIO DA ORGANIZA- ÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS	225
RIO DE JANEIRO, 27 DE OUTUBRO DE 1957	
AO AGRACIAR, COM AS INSÍGNIAS DA ORDEM NACIONAL DO MÉRITO, NO GRAU DE COMENDADOR, O SENHOR CRISTIANO GUIMARAES, PRESIDENTE DA COMPANHIA SI- DERÚRGICA BELGO-MINEIRA	227
RIO DE JANEIRO, 29 DE SETEMBRO DE 1957	
NA SOLENIDADE DE INSTALAÇÃO DO ETEBANORTE — ES- CRITÓRIO TÉCNICO DAS BANCADAS DO NORTE E DO NORDESTE	229
BELEM, 6 DE NOVEMBRO DE 1958	
NA INSTALAÇÃO DA REUNIÃO DOS PRELADOS DA AMA- ZÔNIA	245
RIO DA JANEIRO, 19 DE NOVEMBRO DE 1957	
NA POSSE DA DIRETORIA DA SOCIEDADE DOS AMIGOS DE AFONSO CELSO	252
RIO DE JANEIRO, 27 DE NOVEMBRO DE 1957	
PELA REDE DE RADIODIFUSÃO DA "VOZ DO BRASIL", NO DIA NACIONAL DE AÇÃO DE GRAÇAS	257
BELO HORIZONTE, 5 DE DEZEMBRO DE 1957	
COMO PARANINFO, NA SOLENIDADE DE FORMATURA DE ARQUITETOS PELA ESCOLA DE ARQUITETURA DA UNI- VERSIDADE DE MINAS GERAIS	259

	PÁG.
BELO HORIZONTE, 12 DE DEZEMBRO DE 1957	
NO SEXAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA CI- DADE	266
RIO DE JANEIRO, 13 DE DEZEMBRO DE 1957	
PELA REDE DE RADIODIFUSÃO DA "VOZ DO BRASIL", NO ENCERRAMENTO DA SEMANA DA MARINHA	272
RIO DE JANEIRO, 26 DE DEZEMBRO DE 1957	
MENSAGEM DE NATAL AO POVO BRASILEIRO, DO RETIRO DOS ARTISTAS	275
RIO DE JANEIRO, 31 DE DEZEMBRO DE 1957	
PALA REDE DE RADIODIFUSÃO DA "VOZ DO BRASIL", AO ENSEJO DA PASSAGEM DO ANO	278
ÍNDICE ANALÍTICO	291

DISCURSO

1957

SANTANA (MACAPÁ), 5 DE JANEIRO DE 1957

AO INAUGURAR O PÓRTO DE MINÉRIOS
DO TERRITÓRIO DO AMAPÁ. A QUINZE QUI-
LÔMETROS DE AMAPÁ.

É com grande alegria que venho ao Amapá, desta 1
vez para dar uma demonstração de aprêço não apenas
pessoal, mas de governo, pelo trabalho de seu povo.
Já estive convosco outras vêzes. Primeiro, numa cara-
vana de parlamentares, como deputado federal, em 1948,
e depois para iniciar de vossas praças, dêste ponto
cardeal do mundo brasileiro, a marcha memorável que
deveria conduzir-me à Presidência da República.

Nestes instantes posso evocar a colaboração deci- 2
siva que o representante dêste Território na Câmara
Federal proporcionou, então, à candidatura incipiente,
cheia de obstáculos, de perigos e de ameaças. Desde
a hora inicial, sem vacilação, com uma bravura que
a todos animava, o Deputado Coaraci Nunes passou
a liderar a campanha, dando ao movimento de consoli-
dação democrática o calor do seu entusiasmo cívico.
Ao povo do Amapá felicito por seu digno e valoroso
representante.

Nessas ocasiões e ao conviver, aqui e em outros 3
lugares, com líderes da terra, e, ainda, por ter que
distinguir, nos meus planos de governo, os traços funda-
mentais de cada unidade do país, a fim de integrá-los
nas diretrizes novas, que desejo imprimir à política
brasileira — nessas ocasiões foi que pude apreender

melhor o sentido de vossa história, foi que vim a admirar a grandiosidade das lutas e aspirações que tendes, e a natureza, por vêzes angustiada, das vossas necessidades e problemas.

- 4 E de todos êstes momentos, meus caros patricios, a impressão profunda que nos causaram os horrores do Amapá foram as suas invulgares aptidões para o progresso, a sua rara e exemplar vocação para o trabalho, o seu desejo de um Brasil diferente, de um Brasil desenvolvido, de um Brasil rico e com o seu grande destino cumprido.
- 5 Posso assegurar-vos, neste instante, que os sonhos, os ideais e as ambições que ofereceis à formação da mística territorial me são familiares, brasileiros da terra amapaense. Já os escutei, sem fatigar-me, inúmeras vêzes, daqueles que interpretam os vossos sentimentos.
- 6 E sei, também, em que fontes de brasilidade fôstes buscar as nascentes e os cursos esplêndidos de vosso largo sentimento cívico, pois conheço a reverência, o culto, a veneração que tributais aos vossos antepassados, aquêles que promoveram, no agitadoíssimo Contestado do Amapá, os seus momentos de maior significação histórica.
- 7 Volto ao Amapá não sòmente para agradecer a vossa afetuosa e constante solidariedade, para retribuir os tributos recebidos de vossa consciência democrática, que foram, aliás, de alta expressão e muito me honraram, mas para desfrutar, sobretudo, a alegria de ser o primeiro presidente da República a pisar êste rincão de nossa pátria.
- 8 Macapá tornou-se uma cidade conhecida como centro onde se realiza vigorosa experiência de recuperação da gleba equatorial. Manifesto o meu entusiasmo por estardes lutando para soerguer esta fronteira, para proporcionar-lhe o progresso exigido por todo o interior do país, mas só alcançado ainda, infelizmente, pelas grandes cidades brasileiras.

Não deve ser razão de constrangimento o fato de 9
virdes recebendo, desde o exercício de 1944, verbas
orçamentárias dos cofres da União para movimentar
os vossos planos de trabalho. Elas não constituem
empréstimo usurário, cuja retribuição, na mesma
moeda, devesse perturbar e afligir os mutuários. São
financiamentos, a longo prazo, que a União promove
em benefício próprio. Fazem parte do processo de
produção e circuito da renda nacional. Transferem-se
de umas para outras regiões do país, visando à regene-
ração de suas zonas insalubres, a incrementar o de-
senvolvimento de suas áreas pobres. E tudo isto é
procedimento indeclinável para que se possam corrigir
desequilíbrios de estrutura, defeitos básicos no sistema
de centralização dos encargos produtivos, que ainda
ocorrem em nossa economia.

As dotações que o Território do Amapá recebe devem 10
ser e são consideradas despesas criadoras de riquezas,
que estimulam o surgimento de novas atividades, de
novos campos de emprego para a mão-de-obra dos
nossos operários e técnicos, para os investimentos do
capital privado, e que constituem, em suma, auspiciosas
frentes pioneiras para os avanços constantes da civi-
lização.

As verbas que o Governo do Amapá recebe não 11
fluem, portanto, para o Território a título de doação.
Fluem, isto sim, para um estágio econômico, e para a
União retornam em forma de patrimônio e de receita.
É que o dinheiro do povo vem sendo aplicado em obras
de eminente sentido nacional, com o anseio de promover
o bem da coletividade e criar fontes da riqueza.

Ainda assim é uma surpresa emocionante verificar 12
que o Território já constitui, nestes seus poucos anos
de existência, o melhor teste de validade da política de
redivisão do país, de valorização das áreas de fron-
teira, inaugurada há pouco mais de dois lustros pela
visão do Presidente Getúlio Vargas.

- 13 Quando aqui estive, pela primeira vez, há oito anos passados, era apenas perceptível, ainda mal preciso, o processo de desenvolvimento do Território. Ouvia-se o rumor de tratores rompendo a mata, abrindo uma clareira de onde pudesse irradiar-se a força civilizadora de nossos homens, já provada no litoral.
- 14 Mas, de grandioso, o Amapá só podia oferecer, então, aos visitantes, a extensão da área territorial e o seu vazio demográfico impressionante. Em toda parte era o chão, a terra virgem, o homem desequipado e humilde para dominar a natureza mal conhecida e áspera, o homem brasileiro isolado nas distâncias atordoantes, entre rios quase oceânicos, entre montanhas incomensuráveis, entre montes de granito, de terra e de argila, a provocar o homem brasileiro e apresentar-lhe um repto a que temos de responder como povo, com nosso sonho e vontade.
- 15 Só a vontade de um grupo de pioneiros, de brasileiros, pode explicar a vida que hoje aqui tenho o orgulho de ver. Foi o bom planejamento, foi o recurso, foi a técnica, foi, sobretudo, a vossa disposição para o trabalho.
- 16 A admiração que, então, me despertou o ilustre Interventor Janari Nunes foi a razão de vir aqui convocar para um dos postos de maior responsabilidade do país essa figura notável de administrador que, à frente da Petrobrás, desenvolve extraordinário esforço para dar ao Brasil o elemento básico de sua redenção.
- 17 Sei, meus caros patrícios, que as obras que inauguramos são produto de esforço e de fé. O aproveitamento do manganês do rio Amapari foi conduzido de maneira feliz desde o início. Decorreu mais de um decênio entre a lei que transformou as jazidas em reserva nacional e as cerimônias a que assistimos. O estudo da concessão, a pesquisa, a avaliação das jazidas, os projetos, as negociações de financiamento consumiram oito anos. A construção da estrada de ferro

de 200 quilômetros, do pôrto moderníssimo, com capacidade de embarque de 2.000 toneladas por hora, e as instalações de mineração foram realizadas em tempo mínimo.

A exportação do manganês do Amapá tem significação nacional. A Icomi pretende exportar, em 1957, cêrca de 700 mil toneladas de minério. Somadas às 200 mil toneladas que Minas Gerais já vem exportando, o Brasil deverá colocar no mercado mundial cêrca de 50 % do minério de manganês adquirido por ano, no exterior, pelos Estados Unidos, e perto de 30 % do minério de manganês comerciável anualmente no mundo. 18

Além da ajuda que trará à economia do Território do Amapá, recolhendo de taxas de arrendamento cêrca de 100 milhões de cruzeiros cada exercício, a exportação do minério de manganês deverá passar a produzir em divisas, no ano corrente, aproximadamente 35 milhões de dólares. O país se beneficiará de forma notável com o investimento de 50 milhões de dólares já feito. 19

O programa aqui executado é exemplar, pois, além de proporcionar divisas para o país e recursos para o Amapá, aumentará a riqueza nacional. Foi uma demonstração extraordinária de planejamento e execução técnica. Reuniu e harmonizou capitais e técnicos brasileiros e estrangeiros, numa demonstração magnífica de cooperação internacional. 20

Ao ver os benefícios que o trabalho, o capital e a técnica promoveram no Amapá, ao verificar o progresso que as atividades da Icomi trouxeram para esta região, não poderia deixar de mencionar especialmente o esforço, competência e dedicação de seu presidente, Doutor Augusto de Azevedo Antunes, engenheiro ilustre, que começou o seu trabalho pioneiro, a sua grande obra no meu Estado natal. 21

- 22 Antes de assumir o governo da República, quando falei na praça Barão do Rio Branco, recebi vários apelos do povo do Amapá. O primeiro foi o meu apoio à conclusão do programa de aproveitamento do minério de manganês; a promessa foi cumprida. Outro referia-se à criação da companhia de eletricidade do Amapá, para a construção da usina hidrelétrica do Paredão; a entidade acha-se criada. Prometi examinar a reivindicação dos marítimos do Amapá, que desejavam igual tratamento que os seus companheiros das autarquias federais, e êles já foram atendidos.
- 23 É uma grande satisfação para mim poder vir a êste Território prestar contas ao seu povo do que fiz, poder dizer que minha palavra foi cumprida, que trabalhei e posso ver de perto, com justo júbilo, os frutos do meu trabalho.
- 21 Que estas obras sejam apenas o comêço de uma nova era para o Amapá; que o vosso Território possa acompanhar todo o Brasil na sua luta para se transformar em grande, feliz e próspera nação.

RIO DE JANEIRO, 6 DE JANEIRO DE 1957

NO PALÁCIO DAS LARANJEIRAS, NA APRESENTAÇÃO DE TELAS DO MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO, QUANDO PARANINFOU A APRESENTAÇÃO DO QUADRO DE RENOIR "LA BAIGNEUSE AU GRIFFON".

- 25 É com maior prazer que me associo ao júbilo dos artistas brasileiros no ato de incorporar-se ao patrimônio cultural da nação mais uma tela famosa, trazida para o nosso país pelo Senador Assis Chateaubriand, para o museu que admiravelmente imaginou e construiu.
- 26 Apresentando uma obra de arte à sociedade desta Capital nos salões do Palácio das Laranjeiras, quero, com êste gesto, demonstrar o aprêço em que tenho os valores espirituais e dar o meu aplauso ao dinamismo

e à benemerência dêsse homem de imprensa, de quem um dia se dirá, como elogio cabal, que foi um incoercível agitador de idéias, escondendo nalma a elegância engenhosa de um Mecenas do Renascimento.

Realmente, ao criar, em São Paulo, um museu variado e universal, o jornalista Assis Chateaubriand lembra um espírito inquieto da Itália de papas e príncipes, da Espanha e da França de imperadores e reis, que entesouraram estátuas e quadros com a mesma avidez com que os seus financistas usurários enchiam de ouro as arcas do Estado. 27

Deu-se à aventura — que literalmente é uma maravilhosa proeza — de importar Ticianos, Rubens, Veroneses e Delacroix, como se fôsem testemunhas indispensáveis à difusão de uma arte a que faltava no Brasil a dimensão histórica; procurou, numa espécie de antologia da pintura, explicar, por precursores e modernos, a razão pela qual um Tintoreto se une a um Cézanne na nossa admiração; formou, sobretudo, um museu para o povo. Eis aí o principal título de glória dêsse empreendimento, cujos pitorescos milagres o próprio Senhor Chateaubriand nos contará com a expressividade da sua palavra. Não premeditou organizar uma exposição fechada, para a fruição de poucos. Deixou de lado o particularismo e as limitações das galerias milionárias. Abriu-a democraticamente à educação e à sensibilidade do povo, para que o povo conhecesse e prezasse os valores da arte; transformou-a útilmente numa escola pública; traçou com ela uma ponte entre a nossa gente, que não pode freqüentar os museus célebres, e os grandes mestres que nêles se exibem. 28

Vem exatamente, observe-se bem, daquela fonte pura de emoção que é o sentimento popular, o impressionismo de Pierre-Auguste Renoir, cuja pintura radiosa — através de autêntica obra-prima — é a que celebramos. 29

A corrente a que pertence não deriva das angústias de expressão de um academicismo fatigado. Constitui, na história da arte, uma libertação, uma saída da pintura para o ar livre, onde cantas: em as côres brilhantes, com o propósito estético de exprimir a sensação sadia e espontânea da vida. Origina-se, em linha reta, da revolta de 1863, que também partiu de um salão, mas do explosivo Salão dos Recusados, cuja figura central (inseparável do clima em que se formou Renoir) é Édouard Manet. A classificação de impressionistas data de uma crítica justa, de 1874. Na realidade, o que os distinguia era a visão pictórica da natureza, com a resposta da claridade e dos assuntos triviais da existência ao convencionalismo, à solenidade, ao descolorido e escuro dos ambientes fechados, à superação dos temas românticos. A este propósito, e nesta atitude, os impressionistas da geração irreverente de Degas, de Lautrec, de Sisley, de Manet, de Morisot, de Cézanne, são, no rigor da frase, pioneiros e não adversários da conciliação do ideal e do social — o ideal impregnado de fantasia e o social sobrecarregado de antagonismos brutais. Abandonaram a intimidade voluptuosa dos *ateliers* para surpreender, nos instantâneos do cotidiano, o movimento, a ansiedade, a verdade das pessoas e das coisas. Procuraram-na nos aspectos comoventes e simples da cidade, no anonimato do transeunte, na melancolia ou na graça, na tristeza ou na festa dos humildes. A pintura segue a parábola do pensamento e da política, no deslocamento inevitável das tórrides de marfim para o turbilhão das ruas, do abstrato para o vital. Identifica-se com as côres lucilantes do mundo em que vivemos, não do mundo em que sonhamos.

Fala-se muito do colorido influenciado pela luz africana das paisagens de Delacroix, seu mestre indiscutível. Pois é nesta gloriosa luz que intervém Manet com um elemento jovial e exótico, que talvez fôsse tão importante para os seus companheiros de insurreição artística como as tintas refulgentes de

Delacroix inspiradas pelas manhãs marroquinas. Esse fator diferente é o sol dos trópicos, que, em 1850, viajando êle para o Brasil, lhe incendiou a imaginação. A esta luz crua, que realça esplêndidamente os relevos e as rústicas originalidades de um país sem dias cinzentos, sem ares penumbrosos, sem sombras hibernais, sem claro-escuro, começou a conceber a arte restituída ingênuamente à natureza, fecundamente realista e humana. Não é demais acrescentar que o sol brasileiro que ilumina os quadros matinais de Manet estende os seus revérberos — como quente mensagem de vida — aos de Renoir, e os envolve na atmosfera rutilante em que reconhecemos cintilações e ecos da nossa própria terra.

Único é, porém, Renoir, na fluidez e transparência dos matizes. Tinha a valorização sábia de tons, as ardentes representações de um mundo visto de olhos abertos, não imaginado e tolerado segundo os estilos do passado. Transportou-se para o ar livre; descobriu os flagrantes habituais, do dia que passa; pegou ao acaso os grupos, crianças, velhos, mulheres, na inocente e calma surpresa das cenas sem data e sem lugar; e nessa intuição amável do que existe, não do que gostaria que existisse, se tornou incomparável. É o criador indiferente aos ardis e responsabilidades da criação; um liberal sem rótulo, que se perdeu no meio da sociedade sem título; o reabilitador da arte santificada pela poesia. No seu impressionismo vibra harmoniosa e fulgurantemente a nota alta da simpatia humana. Ressoa sobretudo na interpretação dos encantos ou do mistério feminino. A Vênus de Renoir é uma dessas suas verídicas e tranqüilas personagens, imortalizadas pela arte para dizerem às multidões ao longo dos tempos a sua lição de equilíbrio, perfeição e beleza. 32

Homenageando no gênio do impressionista francês a constante renovação da cultura pela fidelidade à vocação e pela liberdade de criação artística de tôdas as 33

épocas e de tôdas as pátrias, desejo que esta cerimônia se converta num estímulo às fôrças jovens e pujantes do Brasil. Também aqui as artes floresceram e prosperaram em sucessão livre e ilustre de escolas, não nos faltando sequer, na alba da consolidação nacional, ímpetos de emancipação e expressionismo rebelde, como o do escultor torturado de Minas Gerais, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, gênio indiscutível do Brasil. Apelo para a continuidade dessa evolução respeitável, a fim de que o esforço incessante pela elevação do indivíduo à altura dos seus destinos, num mundo em que as artes sagram a dignidade humana, dignifique o dever e a glória das gerações formadas na veneração da inteligência, no culto da liberdade e no amor da pátria.

CERRO LARGO (RS), 10 DE JANEIRO DE 1957

NA SOLENIDADE DE DESCERRAMENTO DA
PLACA COMEMORATIVA DA INAUGURAÇÃO
DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA LOCAL.

- 34 Depois de ter visitado os trabalhos que vêm sendo executados pelo 1.º Batalhão Ferroviário nesta zona, é com especial satisfação que aqui compareço a fim de descerrar a placa comemorativa da estação de Cêrro Largo.
- 35 As obras ferroviárias que em breve estarão concluídas neste trecho da terra gaúcha são não apenas de muito interêsse mas indispensáveis. A construção do ramal São Luís—Cêrro Largo impõe-se não só do ponto de vista militar, mas também do ponto de vista econômico, pois atende essa realização ao problema do escoamento da produção do oeste gaúcho. Ao mesmo tempo que se pratica com esta obra um ato complementar de nossa política de fronteira, colabora-se, com um item bem significativo, para uma política geral de transportes que visa a melhorar as condições de circulação da produção da terra, facilitando e protegendo

o que resultou da atividade benemerita dos agricultores dêste admirável Estado do Rio Grande do Sul.

Não quero, porém, limitar-me hoje a louvar o valor da realização que visito, nem a competência, a regularidade, a consciência com que o 1.º Batalhão Ferroviário vem desenvolvendo os seus trabalhos, na tarefa que em boa hora lhe foi confiada. Esta cerimônia simples que neste momento se verifica, os elementos militares e civis aqui presentes e irmanados, as circunstâncias e finalidades produtivas e patrióticas desta realização, o exemplo, a lição que se desprende do que se vem realizando neste pedaço da terra brasileira me despertam o o desejo de definir e esclarecer um dos temas políticos em debate na hora presente. Trata-se da pacificação do Brasil, da qualidade de pacificação que prego constantemente. 36

Creio que não poderia escolher melhor sítio para dizer com simplicidade e sinceridade o que penso, e como desejo ardentemente que se verifique a pacificação dêste país. 37

Em primeiro lugar, quero fixar bem que espécie de pacificação almejo e quais os objetivos que essa pacificação deve ter. Cumpre-me afirmar, para que fique bem claro, que não interessa ao atual governo nenhuma trégua para descanso ou lazer; que não convém ao meu governo nenhuma espécie de cessação de vigilância ou crítica aos seus atos. De vigilância e de crítica necessitam sempre os governos tanto quanto de apoio para o cumprimento de sua missão. Só uma concepção negativa e parasitária da vida pública pode aspirar a uma atmosfera de silêncio em torno da administração. Quem considera o poder como um instrumento de ação fecunda; quem não vê jamais o seu interesse pessoal, nem o interesse político exclusivamente; quem não quer utilizar-se do poder em proveito de seu partido ou de si próprio, mas somente promover o bem público e o desenvolvimento nacional; 38

quem não quer atravessar simplesmente e sem maiores perigos ou atribulações um periodo de vida, mas sim realizar obra duradoura; quem não aceita resignadamente ver escoar-se o seu tempo e oportunidade infelizmente, mas pretende obter alto rendimento de tôdas as suas horas; quem pensa que é crime descansar num país em que tudo está por fazer e em que os problemas são graves, contínuos, incessantes, terríveis e devoradores; quem quer trabalhar com acêrto, não só encara o exercício da opposição e da crítica como uma condição da vida democrática, mas como um benefício, uma preciosa colaboração. Não pode ninguém governar jamais, nem acertar, nem conduzir o barco do Estado, sem ter quem o avise ou previna de perigos, quem se erga para mostrar desvios de rota, quem policie fraquezas, erros e enganos a que estão sujeitos tôdas as organizações, todos os atos e tôdas as pessoas.

39 A pacificação que pretendo, que considero patriótica, indispensável, só deve ser feita em tórno dos interesses do Brasil, em tórno da defesa do Brasil, em tórno da busca de remédios e soluções que beneficiem e ajudem a obra de salvação de milhões de brasileiros que lutam com dificuldades insuperáveis, e de outros muitos milhões que já cansaram de lutar e se entregam ao silêncio da desesperança, resignados a uma pobreza de que nos cabe, a nós outros com responsabilidade na direção do país, o dever de livrá-los e salvá-los.

40 O país precisa de paz, não para que o govêrno deixe de contar com dificuldades, mas para que possamos realizar obras como esta que o 1.º Batalhão Ferroviário está levando a efeito. O que chamo pacificação do Brasil poderia chamar também formação de um estado de consciência diante das aflições, angústias e tarefas inadiáveis da nação brasileira. Não faço questão de palavras. O que desejo não é apoio de caráter exclusivamente político, mas apoio para uma obra de re-

cuperação do Brasil, que só me beneficiará na medida em que beneficiar a todos.

Ontem estava eu na selva amazônica, hoje estou em outro sítio, na região do extremo sul do país. Sei muito bem, pelo conhecimento minucioso de todo o Brasil, que nenhuma nação necessita mais da atividade dos seus filhos do que esta. Sei que é um crime permitir que lutas estéreis intervenham nos trabalhos essenciais que se destinam a redimir parte tão substancial do nosso povo de insuportável cativo. 41

Não aspiro senão a isto: que todos compreendam que há certas coisas que devem transcender às próprias conveniências e ao personalismo da política. Não há na verdade nenhum partido ou grupo que se exclua da obrigação de estar solidário com a causa do país. Quero apenas que todos ajudem o Brasil, cada vez que se apresentar uma tarefa de evidente interesse para a nação. 42

Temos de cuidar de alimentar todo este país, que cresce rapidamente; temos de dar transporte e energia a esta nação. Temos de ocupar esta terra, de norte a sul, e possuí-la. Não podemos mais continuar apáticos, indiferentes, com as repartições públicas superlotadas, deixando adormecidos os nossos tesouros no fundo da terra. Temos de alcançar, numa palavra, todos nós, governo e oposição, este país, que marchou e que marchará sempre e de qualquer maneira, mesmo sozinho, se não quisermos acompanhá-lo na sua aceleração surpreendente. Temos de estar à altura do crescente desenvolvimento de nossa pátria. 43

Desejo união não em meros termos políticos, mas união a fim de que possam convergir os esforços mais variados para certas tarefas que ninguém deixará de considerar de utilidade indiscutível para a comunidade brasileira. 44

A oposição tem o seu papel definido, que é relevante na vida de uma democracia, papel que consiste principalmente em fiscalizar a administração, em denunciar 45

os seus erros, em disputar-lhe as glórias na proposição de iniciativas de interesse público. A opposição representa uma garantia na vida das instituições livres. Incumbe-lhe prevenir os que conduzem o Estado, apontar os excessos e desmandos quando praticados pelo governo. A opposição não tem nem deve ter actividade depredatória, muito ao contrario. Os opposicionistas que recebem mandatos legislativos, por exemplo, são tão responsaveis quanto os seus adversarios pela observancia da lei, pela estabilidade do regime que integram. O papel da opposição não é conspirar, mas constituir-se como força de equilibrio, como garantia do funcionamento democratico. Governo e opposição completam-se no exercicio da democracia e se reúnem no esforço pela conservação e aperfeiçoamento do regime.

46 As opposições politicas têm mandatos definidos e responsabilidades precisas com os seus partidarios, que não abrangem evidentemente nem a destruição da democracia nem o emperramento da máquina administrativa, nem o combate às medidas imprescindiveis ao desenvolvimento do país, pois este país não é propriedade dos partidos que se encontram no governo, nem do governo que momentaneamente se acha na chefia do Estado, mas bem comum de todos e de todas as tendencias representadas no exercicio soberano do regime.

47 Sei que está o meu governo sujeito a errar e erros já deve ter elle cometido. Expõem-se a errar os que se dispõem a agir, a trabalhar, a descruzar os braços. Só os quietistas pensam não errar. O servo da parábola evangélica que escondeu medrosamente o capital que o senhor lhe confiou para aumento de sua fazenda, esse não quis correr nenhum risco, não se candidatou a nenhum erro ou engano — pôde devolver o que lhe fôra entregue intacto, mas pecou gravemente, pecou por mediocridade, pecou por desconfiança de si próprio e por desesperança, pecou por timidez ou preguiça, por

mêdo da responsabilidade. Quem não se furta à ação, quem toma sobre os ombros tantas tarefas, como é o caso do meu governo, bem pode merecer combate pelos erros que cometa, mas jamais desejar que lhe dificultem os passos tôdas as vêzes que a direção estiver certa.

A oposição sistemática, insensível às boas razões, é uma fase do nosso passado, quando praticamente oposição não significava senão atitude de protesto de algumas poucas vozes isoladas e corajosas, perdidas num côro imenso, quando não havia partidos, mas apenas rebeldias individuais. Hoje tudo mudou, e, apesar dos pesares, nossa democracia adquiriu maior consistência, maior autenticidade. 48

Quer da oposição o governo o que a oposição deve querer do governo — que cada um cumpra o seu dever: que a oposição fiscalize, critique, aponte os erros, dispute os títulos de benemerência pública, e, assim fazendo, cumpra o seu dever e ajude o governo a agir certo e com eficiência. Quer o governo poder apelar para a oposição tôdas as vêzes que estiver em pauta uma indiscutível causa do Brasil, um problema que importe no interesse do país. 49

Essa é a pacificação por que me bato, uma pacificação em que os adversários continuem adversários, mas nunca inimigos — e que todos, em certos momentos, situação e oposição, possam civilizadamente examinar problemas cuja solução dependa de um esforço comum. 50

Rejubilo-me de ver esta contribuição do Exército Nacional na construção de obras de capital importância para a nossa economia. Sei que não é isso coisa nova e que em silêncio, já de longo tempo, os nossos bravos soldados se esforçam em trabalhos de alto benefício para a nação. 51

Aqui, civis e militares se reúnem e se empenham em vencer os obstáculos que procuram estrangular a nossa expansão. É uma obra de patriotismo. É uma 52

lição. Construindo estradas, ferrovias, ajudando a expansão agrícola e industrial, não fazemos outra coisa senão dar força e base à segurança nacional. É em torno unicamente da segurança nacional que prego a união de todos os brasileiros.

RIO DE JANEIRO, 22 DE JANEIRO DE 1957

NA INAUGURAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES DA FACULDADE NACIONAL DE FARMÁCIA, NA PRAIA VERMELHA, SOBRE A CIDADE UNIVERSITÁRIA DO RIO DE JANEIRO.

53 Neste primeiro ano de administração, em que os mais sérios e complexos problemas demandaram da nossa parte estudo acurado e, não raro, urgente decisão, a educação da juventude constituiu uma das minhas preocupações permanentes. Considerei-a como devia, seja, como condição básica para a formação moral do povo, para o fortalecimento da sua consciência cívica e para a segurança das instituições. Sou, sempre quis ser, serei inflexivelmente, com a ajuda de Deus, amigo desvelado da causa das novas gerações, que têm no quadro dos direitos da cidadania dois direitos indeclináveis: o de estudar, sob a proteção do poder público; e o de ocupar, graças ao mérito, posição eminente nos próprios destinos da comunidade. Para tanto cumpria promover, por todos os meios ao alcance do governo, em época de dificuldades financeiras agravadas pelos deficits que vêm de longe, a estática e a dinâmica da instrução de vários níveis, quer ampliando e abrindo escolas, das mais humildes às mais categorizadas, quer dando-lhes estímulos e recursos para a melhor eficiência do ensino. Na pasta da Educação e Cultura, em que presta a mais zelosa colaboração o ilustre ministro Professor Clóvis Salgado, a simples enumeração dessas realizações — que posso anunciar hoje — documenta o esforço despendido, com método e firmeza,

para resolver o governo, dentro da parcimônia que as circunstâncias lhe impõem, os prementes problemas com que se defronta.

Eis a série desses trabalhos, que declaro integrados no patrimônio espiritual da pátria: nas Universidades do Recife, Faculdade de Medicina e Instituto de Antibióticos; na de Minas Gerais, Faculdade de Medicina e nova ala do Hospital de Clínicas; na do Paraná, Faculdade de Ciências Econômicas; na do Rio Grande do Sul, Institutos de Tecnologia, de Química e de Hidráulica; na do Ceará, Reitoria e, em breves dias, uma ala do Hospital de Clínicas; na da Bahia, Faculdade de Ciências Econômicas; na Universidade do Brasil, Faculdade Nacional de Farmácia, parte do edifício da Escola Nacional de Química, obras complementares das instalações do núcleo da Praia Vermelha. Em obras e equipamentos, a despesa da União foi, no setor universitário, de seiscentos e noventa e um milhões de cruzeiros. Despendeu o Governo setenta e seis milhões e quatrocentos e trinta mil cruzeiros com obras e equipamentos referentes à educação de grau médio e cento e doze milhões em escolas primárias. A sua atuação se desdobrou em outras iniciativas ligadas ao ensino rural, ao aperfeiçoamento do professorado, à merenda escolar, às escolas técnicas e à integração na vida econômica e social, mediante a instrução dos adultos e através dos cursos profissionais específicos, de considerável massa de brasileiros. 54

Escolhi para falar desses empreendimentos e iniciativas ligadas ao setor do ensino o local, no Distrito Federal, mais adequado para o encontro do presidente com o magistério e a mocidade estudiosa: a sua Universidade. 55

Visitando-lhe as obras, tanto da Cidade Universitária em construção, como deste histórico bairro da Praia Vermelha, onde tenho o prazer de inaugurar importantes instalações científicas, venho dizer, a 56

quantos no país ensinam e aprendem, a palavra de confiança que lhes devo. Em primeiro lugar, informo à Universidade do Brasil que a projetada transferência da capital para o interior do país não dispensa, antes revigora, o compromisso que assumiu o governo de completar o panorama cultural desta metrópole com a cidade que lhe falta: a sua Cidade Universitária. De-sejo que esta se transforme, no menor espaço de tempo, em esplêndida realidade. Proclamo, desde já, que constitui um dos pontos do programa, em cuja execução me empenharei vivamente, o aceleração dessas obras, para que se concluam o mais cedo possível o Hospital de Clínicas, essencial ao ensino médico unificado e intensivo, e escolas de alto rendimento técnico, como as de Engenharia e de Arquitetura, ligadas intimamente ao aprimoramento do nosso progresso material. Espero inaugurar-las na mesma atmosfera de entusiasmo patriótico que hoje nos congrega. Dedicarei, como tenho feito, o melhor interesse às justas reivindicações dos responsáveis pela administração do ensino, no sentido de obterem no ano corrente os meios necessários à efetivação dos seus planos de trabalho. Torna-se oportuno repetir o que há pouco afirmei em Belo Horizonte: o meu governo faz questão de assegurar à educação brasileira pelo menos aqueles recursos previstos como dotação mínima na Constituição Federal, isto é, dez por cento da renda tributável da nação. Vale dizer: devolverá à nação como investimento simbólico o que ela lhe dá com o fruto das suas atividades, porque instruir o povo é enriquecer e emancipar a pátria.

- 57 Tomei a mim, além disto, incentivar a assistência aos estudantes, por intermédio de um sistema de auxílio e convivência que lhes alivie as dificuldades crônicas. Estudante pobre, que tirou do trabalho noturno os recursos com que estudar durante o dia, num tempo em que o Estado e a Universidade não cuidavam desses detalhes, trouxe para o governo a intenção de con-

ciliar as classes pela justiça, pela compreensão, pela sinceridade. A classe estudantil é a própria sociedade no seu período mais belo e respeitável. Estimarei que se sinta amparada pelos dirigentes, numa ordem de coisas em que a reciprocidade dos deveres represente a plenitude da vida universitária.

Oferece-me a Universidade a confirmação destas esperanças. Estendo a mestres e alunos de todo o país os meus efusivos votos para que façam decisivamente das suas possibilidades intelectuais e da sua devoção cívica outras tantas garantias do regime democrático, da nossa independência econômica, da nossa paz social, da nossa educação política, da nossa prosperidade como povo e como nação.

58

RIO DE JANEIRO. 27 DE JANEIRO DE 1957

NO PALÁCIO ITAMARATI, EM SESSÃO
SOLENE COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO
DO NASCIMENTO DE WOODROW WILSON.

Em nome da nação, pelas suas forças vivas, proclamo a solidariedade do governo e do povo do Brasil às homenagens mundiais prestadas à memória do Presidente Wilson, nosso grande amigo, nosso grande aliado na conjuntura histórica de 1917, representante admirável das idéias democráticas na América e no universo. Ligado aos países continentais pelo laço tradicional da amizade, que por vészes os tem unido na defesa intransigente do patrimônio comum das liberdades humanas, o Brasil aproveita este ensejo — em que se celebra o Presidente da Paz de Versalhes, o pró-homem da Liga das Nações, o apóstolo da conciliação jurídica dos povos — para reafirmar a sua confiança nos princípios desinteressados e cristãos que êle encarnou. Coincidiam então com o que a cultura brasileira mais eloqüentemente definira e esposara, seguindo a lição de Rui Barbosa, que desde a Confe-

59

rência de Haia preconizara a igualdade das soberanias num mundo de justiça, concórdia e ordem. Tenho o prazer de anunciar que comemoraremos em breve, com adequadas cerimônias, o cinquentenário dessa memorável Conferência de Haia e, portanto, da doutrina, visceralmente americanista, mas de âmbito universal, da paz digna e construtiva dos Estados que mutuamente se respeitam, para mutuamente se auxiliarem, para enfrentarem sem os sustos da violência e as ignomínias do jugo estrangeiro os problemas humanos da melhoria social. Queremos com isto ratificar e sole-nizar a atitude coerente do Brasil no convívio das nações amigas, atitude esta que distingue a justiça que salva os povos dos regimes de iniquidade que os esmagam e flagelam. Wilson foi o intérprete da generosidade internacional, o advogado maravilhoso do Direito e da Razão, contra tudo o que avilta e desagra no mundo a sociedade em crise. Honrando-lhe a memória, glorificando-lhe o nome, juntamos enérgicamente a nossa voz ao câro universal de reprovação do crime e de vigoroso apoio à lei, à liberdade, à democracia, à paz.

SANTOS, 28 DE JANEIRO DE 1957

NA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SANTOS,
SOBRE CAFÉ, RELAÇÕES INTERNACIONAIS,
INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS E OUTRAS
QUESTÕES DE DESENVOLVIMENTO NACIO-
NAL.

60 Quero, ao iniciar estas palavras, exprimir minha grande satisfação em encontrar-me nesta brasileiríssima cidade de Santos, berço de José Bonifácio, cidade ativa e graciosa, de onde embarcam os frutos de ouro das culturas cafeeiras de São Paulo que vão abastecer os mercados mundiais e aonde chegam os equipamentos e as matérias-primas que ainda importamos e que se des-

tinam a aumentar e abastecer o parque industrial dêste grande Estado, desta terra paulista, que vai prolongando, na era da energia nuclear e das mais ousadas conquistas tecnológicas, o espírito das bandeiras, que é o espírito da conquista e da juventude.

Santos é o grande pôrto ativo do grande Estado 61
ativíssimo, mas, como tôdas as cidades que são portos de mar, esta aqui tem um aspecto, uma face tranqüila, um lado voltado para a paz meditativa. Em Santos, tenho a impressão de que não se vivem apenas sófregamente as experiências, os casos e os problemas, mas de que também há tempo para contemplar o que acontece e pensar no que vai acontecer.

Falo de uma tribuna ilustre, a desta Associação 62
Comercial, de uma tribuna onde já se fizeram ouvir homens de responsabilidade, de várias tendências, todos empenhados em debater problemas nacionais, em ajudar a pensar sôbre o difícil, o grave, mas apaixonante caso do Brasil. Agora mesmo acabamos de ouvir um discurso que se distingue, pela sua sinceridade e pela diversidade dos temas que aborda, das outras orações que se costuma fazer em circunstâncias como esta, de visitas de chefes de Estado e demais solenidades no gênero.

O presidente desta Associação Comercial, Senhor 63
Alceu Martins Parreira, ao receber-me nesta casa em que se cultivam as nobres tradições dos nomes respeitáveis que fizeram o poderio desta praça de Santos, teve a sinceridade de confessar as suas filiações políticas e relembrar a circunstância de ter militado ao lado das correntes partidárias que não apoiaram a minha candidatura. É, pois, um fato auspicioso, uma demonstração de que há em nossa vida democrática um lado de urbanidade, o que hoje está acontecendo nesta Associação, e que homens que lutaram em campos opostos nos prélios eleitorais podem entender-se e saudar-se de público e juntos abordar temas que não pertencem a

nenhum partido, mas ao país, que é de todos e cujo bom ou mau destino a todos interessa.

64 A circunstância de ter participado da luta política em campos opostos, não exclui a possibilidade de um entendimento, de uma colaboração entre cidadãos que visam a um único objetivo — que é o de servir ao Brasil da melhor maneira possível.

65 Falando em Santos — cidade ao mesmo tempo nacionalista e internacional pelos seus contatos com o exterior — quero abordar, sem hesitações, o problema das nossas relações com os Estados Unidos da América. Os portos de mar e as cidades situadas nas fronteiras se parecem e se identificam na mesma preocupação de saber, de conhecer, de distinguir o que se passa no mundo, de verificar em que situação nos encontramos diante dos outros países com que mantemos relações. O mar vizinho e o chão estrangeiro ao alcance da vista importam nessa dupla maneira de ver e sentir as coisas, que é simultaneamente amor acendrado ao solo pátrio e uma curiosidade pelo que vai do outro lado. O orador desta Associação, com o tato que se manifesta em todo o seu discurso, alude às campanhas que no Brasil têm sofrido os Estados Unidos da América e parece demonstrar o desejo de uma definição sobre esse assunto, de minha parte. Compreendo bem que em Santos, o maior centro de exportação de café do mundo, haja preocupação com o estado das relações brasileiras com o país amigo, que é, além do mais, o maior comprador da nossa produção cafeeira.

66 Creio que sobre o estado de nossas relações com os Estados Unidos da América, melhor do que quaisquer discursos, a grande resposta foi a assinatura do acôrdo para o estabelecimento da estação de teleguiados em Fernando de Noronha; não há palavras, aliás, que signifiquem mais do que um ato como êsse, recentemente praticado, que traduz a convicção e, mais do que isso, a consciência de que estamos identificados

numa mesma causa, que é a de defender a paz no mundo e a integridade dos povos que desejam continuar livres, e que pertencemos, juntamente com os norte-americanos, a um mesmo sistema. Não fôsem essa convicção e essa consciência de uma identidade profunda, não fôsse a certeza dos mesmos riscos que os dois países correm e a necessidade de garantir a paz, fortalecendo a segurança continental, nenhum preço nos teria levado a concluir as negociações da maneira como foram concluídas.

A unanimidade com que tôda a opinião sensata do país recebeu o acontecimento provou, em abundância, que a ação do govêrno se pautou pela mais rigorosa conveniência nacional. 67

Dito isto, não posso deixar de afirmar que aspiro a uma nova política de colaboração com os Estados Unidos da América em que as realizações concretas sejam maiores. Não diminuo nem obscureço o que foi feito até aqui. Posso mesmo afirmar que o govêrno do Presidente Eisenhower não faltou a nenhuma das combinações feitas ao meu govêrno, e que as conversas que tivemos os dois em Key West e Panamá resultaram em coisas positivas. O ano passado entraram para o Brasil mais do que em qualquer ocasião, em financiamentos, cerca de 355 milhões de dólares, quantia ainda não superada em época alguma. Além disso, os investimentos realizados no Brasil por capitais norte-americanos sobem a 232 milhões de dólares, que, somados com os financiamentos, vão a quase 600 milhões de dólares, entrados no Brasil no ano passado. Seria inútil negar a evidência — os norte-americanos são os nossos melhores clientes, e êste pôrto de Santos envia mar afora para os portos dos Estados Unidos da América produtos que se transformam em divisas indispensáveis à nossa existência de país cheio de necessidades para seu desenvolvimento. Às afinidades numerosas que nos ligam aos Estados Unidos da América, à consonância dos mesmos princípios e a essa idêntica 68

necessidade de liberdade para viver e respirar que é o clima espiritual e moral do nosso continente, não podemos esquecer de unir o complemento material, as ligações de compra e venda, e muitas outras.

69 Deus louvado, não estamos em desacôrdo em nenhum ponto essencial com a nação norte-americana, embora muitas coisas precisem ser discutidas e ainda não se tenha fixado, a meu ver, com a compreensão necessária, a atenção dos Estados Unidos da América na circunstância de sermos um país em marcha rápida para um grande destino, e não apenas um país de futuro. O problema de segurança do Brasil é problema de desenvolvimento, e não é justo nem razoável que não encontrem as duas nações amigas fórmula de aumentar os limites de uma colaboração que dará fecundos resultados comuns.

70 O ritmo de colaboração brasileiro-norte-americana deve ser ampliado, quer no campo técnico, quer no campo dos investimentos. O que se verifica hoje é apreciável, mas não merece adjetivo mais forte. Temos de compreender os norte-americanos como eles são, e eles nos devem aceitar como somos. Não há outra maneira de haver entendimento entre os dois povos, senão partindo do respeito que a personalidade de um merece ao outro.

71 Precisam os industriais e homens de negócio da grande nação do continente de se convencer de que as relações com o Brasil já não devem ser colocadas no plano do *export-import*, mas que somos país que tem de produzir matérias-primas e transformá-las, enriquecê-las aqui mesmo, embora devamos exportar também essas matérias-primas — pois que necessitamos, por nossa vez, de importar também o que não existe ou não foi ainda encontrado em nossa terra. O que desejo repetir com clareza é que os nossos amigos e antigos aliados nos devem considerar como país em acelerada viagem para a industrialização. Quanto a nós, forçoso é que nos capacitemos de que os melhores

investimentos estrangeiros são os que visam ao lucro e que êstes são sempre os mais interessantes e os únicos verdadeiramente desejáveis para uma nação como o Brasil, uma grande nação como o Brasil. Necessitamos de capitais geradores, de capitais produtivos, de investimentos que venham a dinamizar o ativo de nosso país.

O Brasil não caminhará como deve e precisa caminhar sem que fique bem fixado o seguinte: não venceremos nossa crise apenas poupando ou nos conservando na defensiva — temos de enfrentar resolutamente as dificuldades que se apresentam, criando e provocando prosperidade. Os capitais que vierem ajudar-nos nessa conquista devem ser considerados amigos. Não há capital colonizador a não ser nas colônias. Num país como o Brasil o que é colonizador é a ausência de investimentos, ausência de emprêgo de capitais. Não somos mais nação colonizável. Acreditar na possibilidade de sermos escravizados por influências do dinheiro estrangeiro é o mesmo que concluir pela nossa fragilidade, pela nossa anemia completa e irremediável, é ofensa à nossa personalidade nacional e ao nosso caráter de povo formado.

Somos uma nação que atravessa sérias dificuldades, mas já somos um país importante, mesmo com os nossos erros, e o nacionalismo que se preza, o nacionalismo a favor e não contra a nação precisa crer que ninguém é bastante forte para desviar o Brasil do seu caminho, que nenhuma influência maléfica será capaz de impedir o surto do nosso desenvolvimento.

Se alguma coisa, aliás, nos falta, é têmos consciência exata de que somos irremediavelmente um grande país. Não podemos convencer os outros dessa realidade, quando não estamos dela convencidos.

Desejo um novo espírito em nossas relações com os Estados Unidos da América, mais amplo ainda do que o presente, mais de acôrdo com os nossos mútuos interesses, mais coerente com as necessidades da segurança mútua.

- 76 Não vos espanta a possibilidade de riqueza, não vos perturba a riqueza. Pelo vosso pôrto passa a parte mais substancial de um produto a quem o Brasil deve não direi tudo que tem, mas a maior parte do seu desenvolvimento. Certo não podemos ser exclusivamente país do café, mas o café é e será produto real, que nos forneceu os elementos para encetarmos a nossa marcha para a industrialização, para levarmos adiante este país que aí está atravessando horas difíceis, mas que cresceu de maneira irreconhecível em cinquenta anos.
- 77 Não passou, e longe está de passar, a era do café; o café não será na vida econômica do Brasil apenas uma fase, um ciclo que, uma vez vencido, entra em decadência, desaparece. Uma nação que possui um patrimônio, como é o nosso caso com a cafeicultura, um patrimônio de tão grande importância, que rende o que ele nos rende, um patrimônio cujos frutos são indispensáveis à nossa vida, um país que possui um servidor, um amigo, uma coluna mestra como é o café, não pode deixar de tratar esse fiel servidor, esse amigo dedicado, essa coluna mestra, com o cuidado, as precauções, o devotamento que merece sua ação tão prodigiosamente benéfica.
- 78 Não faltará o meu governo ao café e aos cafeicultores — e não digo isso com o ar de protetor munificentemente, que não pretendo ser — mas com consciência de que não zelar pela maior fonte de divisas de nossa terra é cometer crime grave contra a nação.
- 79 Há pouco tempo estêve aqui o meu ministro da Fazenda, Doutor José Maria Alkmin, e nesta mesma tribuna da Associação Comercial vos deu precisões sobre a política cafeeira. Nada tenho a acrescentar ao que disse o ministro. A orientação é firme e será cumprida. A situação de nosso principal produto será defendida pela adoção de medidas comprovadamente úteis para a coletividade cafeeira, tais como a elabo-

ração do regulamento de embarque, financiamento, amplo combate à fraude, providências inadiáveis sem as quais não há sistema econômico que resista.

Aproveito este ensejo para apelar, também por 80
minha vez, para os cafeicultores. Não é só o go-
vêrno que deve defender o nosso produto chave, mas,
principalmente, os que lidam, os que plantam, os que
cuidam diretamente da nossa riqueza. A estes quero
dizer e lembrar que não estamos sòzinhos no mundo
como produtores de café. É necessário que a defesa
de nossa extraordinária riqueza se faça também pelo
aprimoramento da qualidade e na melhoria da sua
produtividade.

Precisamos melhorar a qualidade, precisamos ofe- 81
recer aos nossos clientes cafés finos, e temos de en-
contrar meios para aumentar o rendimento de nossa
agricultura. O café não precisa apenas de uma atenção
muito especial na sua agricultura, atenção técnica,
atenção e zêlo no apuramento de sua qualidade. Não
nos basta produzir muito; precisamos produzir bem e
com bom rendimento. Não haverá nenhuma valori-
zação que signifique algo fora da valorização verda-
deira e específica. A política do govêrno é, aliás, de
evitar valorizações químicas que resultam sempre em
prejuízos inevitáveis. Tôdas as valorizações provo-
cadas por processos forçados resultaram em depre-
ciações ruinosas. A não intervenção do govêrno no
mercado, salvo em momentos excepcionais, é o que
devem desejar todos os que trabalham no ramo sem
mero sentido especulativo.

Mais de uma vez tenho visitado São Paulo, depois 82
de presidente. Posso dizer que sou amigo deste grande
Estado, amigo certo em tôdas as horas. Não faltou
e não faltará a São Paulo por parte do Govêrno Federal
nenhuma medida que estimule e garanta o grande
impulso com que este Estado caminha para a frente,
para atingir as metas do desenvolvimento nacional.

NO COPACABANA PALACE HOTEL, AO
BANQUETE QUE LHE FOI OFERECIDO PELAS
CLASSES PRODUTORAS, SOBRE O DESEN-
VOLVIMENTO NACIONAL.

83 Agradeço-vos, meus amigos das classes produtoras aqui reunidos, por me terdes convidado para êste encontro no dia de hoje, quando precisamente se completa o primeiro ano de meu govêrno; agradeço ao vosso orador, Deputado Brasílio Machado Neto, que, aos títulos de cidadão prestante, de homem público dedicado e esclarecido, conquistados com o próprio esforço, reúne a honra de pertencer a uma família ilustre, assinalada por serviços memoráveis ao Brasil no campo do ensino, no do serviço do Estado e no das letras, neto, filho e irmão de vultos ilustres que é. Agradeço-vos a oportunidade que me apresentais de poder falar-vos diretamente, o ensejo de um entendimento mais íntimo e sem dúvida nenhuma mais útil e fecundo.

84 Sem forçar ou falsear a naturalidade, posso dizer-vos que temos --- vós, empresários, homens de produção em campos dos mais variados, e eu próprio --- uma linguagem comum: podemos entender-nos, pois o objetivo nosso é um só, trabalharmos todos pela afirmação de um Brasil autônomo e poderoso. Vós viveis as lutas de todo dia, enfrentando as resistências passivas, as incompreensões, o torpor, o muro da burocracia, tudo, enfim, que resulta de não terem as nossas elites recebido uma educação para o desenvolvimento, e também por haver o nosso país acordado inopinadamente e começado a marchar em ritmo por demais acelerado.

85 Quanto ao meu quinhão de obstáculos, de sofrimentos e lutas, já os enumerou o vosso intérprete, embora não o tivesse inventariado inteiramente.

86 Não me vanglorio na ilusão de não ter praticado nenhum erro neste primeiro ano de govêrno — quem não os praticaria na etapa inicial de viagem tão difícil ?

Mas podeis estar certos de que não me acusa a consciência de ter deixado de agir uma só vez com intenção outra, senão a da promoção do bem público; nem de ter-me obstinado e perseverado no erro. Tenho fé em Deus que êste mérito será um dia reconhecido por julgamento unânime: o mérito de ser humilde diante da verdade e ainda o de não ter-me poupado, de ter-me empenhado a fundo, sem restrições, para que o futuro do Brasil fôsse o de um poderoso e grande destino.

Não procurei fugir até aqui a nenhuma tarefa, por mais árdua que se apresentasse, e posso dizer depois de decorrido o meu primeiro ano de govêrno, pesando desacertos e acertos, examinando com rigoroso espirito crítico minha consciência, que não foi a Presidência da República, para mim, o têrmo de uma carreira, ou algo parecido com uma burocracia suprema ou com a satisfação final de uma vaidade. 87

É provável que, revendo os meus atos e as minhas decisões, encontre eu motivos para não estar satisfeito com todos êles, mas o cargo que hoje ocupo eu o tenho exercido com um inalterável propósito de utilizá-lo no engrandecimento de nosso país. 88

O cargo de presidente da República eu o encarnei com o espirito de alta missão, como tarefa dura, como seqüência de sacrificios e ardorosa disposição de acertar, de enfrentar a mais numerosa série de dificuldades e sacrificios que é possível imaginar. 89

Não sou um temperamento capaz de resignar-me à pura politica; não sou homem de conformar-me em deixar para amanhã o que hoje deve ser feito — Deus me deu o feitio impaciente, e êsse feitio eu o tenho empregado na reação contra a preguiça, contra o desejo de adiamento de tudo, contra o desperdício de tempo, que infelizmente tanto e em tão larga escala nos desservem. 90

Quero na minha administração que não se possa mais dizer — sem pecar contra a verdade — que cresce 91

o país nas horas noturnas, enquanto repousa o governo. Não, o governo já não dorme. Até noite alta, com os meus colaboradores, estou sempre a decidir e a procurar soluções para os problemas urgentes, e não há hora, por mais cedo que seja, que não me encontre desperto enfrentando os incessantes trabalhos que o Brasil oferece aos seus filhos, principalmente ao que ascendeu ao cargo de presidente da República. Se alguma coisa há que não nos falta nesta nossa terra, Deus louvado, é o que fazer, é trabalho. Temos trabalho em excesso, e todos os instantes do dia são insuficientes para nos desempenharmos de nossa tarefa.

92 Uma das maiores carências do Brasil tem sua origem no deficit de trabalho. Na verdade, se há grave injustiça a reparar, é principalmente na distribuição de trabalho que se verifica. A legião de improdutivos é muito numerosa ainda em nosso país, fôrça é confessar, mas em compensação há um crescente grupo de pessoas que trabalham além do que é permíssivel e exigível para que esta nação possa expandir-se e atingir uma plenitude ainda distante, mas já à vista, tal como acontece com as setas de certas catedrais que o olhar do peregrino divisa muito ao longe, mas não tão longe que não possa revelar a presença graciosa e nobre da Casa de Deus.

93 Pertenceis, meus amigos, ao núcleo de homens que produzem, que trabalham, de homens que se arriscam, e por isso me sinto perfeitamente à vontade em vossa companhia, como também à vontade me sinto sempre entre os operários e trabalhadores que vos ajudam, que executam os vossos planos e dão vida aos vossos empreendimentos, nas fábricas, nos escritórios e nos campos.

94 Na verdade, relativamente poucos se esforçam muito, para que todos possam viver neste país.

Mas, apesar disso, apesar de vidas e mais vidas 95
se empregarem a fundo em tarefas exaustivas, de haver
brasileiros que outra recompensa não encontram senão
a que consiste em arriscar-se a labutar de sol a sol e,
às vèzes, ainda mais do que isso; mesmo assim, é tão
grande a tarefa de atender a êste país, que se impõe
desde já passem as atividades criadoras a ser exercidas
por muito mais gente do que o está sendo nos dias que
correm.

Não só é preciso ativar a riqueza potencial do Brasil 96
fazendo que surja da terra o nosso petróleo e que as
reservas minerais brasileiras produzam urgentemente
divisas, que as culturas agrícolas e a produção fabril
atinjam índices justos e dignos de produtividade; é
indispensável também que se empreenda a recuperação
de homens. Transformar em fôrças vivas desta nação
legiões de brasileiros inoperantes, fazê-los participar
não sòmente na qualidade de consumidores servidos
pelos trabalhos e canseiras alheios (muitos nem consu-
midores são), induzi-los a ajudar a tornar com o próprio
trabalho mais rica, mais forte, mais bem socorrida
e ajudada esta nação, que é um mundo imenso, cheio
de regiões desérticas, que para nossa honra precisamos
conquistar, valorizar e dinamizar — eis uma grande e
urgente tarefa!

Quando disputei a Presidência da República, movia- 97
me a mais ardente ambição revolucionária. Não me
trouxeram até a posição em que estou agora as vagas
políticas; ajudei, colaborei e atuei para poder no dia
de hoje falar-vos na qualidade em que falo. Minha
ambição foi a de tornar-me agente de uma revolução
renovadora, a revolução necessária, a revolução indis-
pensável, cuja base é trabalho, cujo instrumento agres-
sivo é a técnica e cujo objetivo a atingir será ver o
Brasil deixar de ser eternamente país do futuro e
tornar-se país do presente, realidade tangível, nação
que soube fazer valer o que lhe deu a Providência e

o destino, ambos criadores dos grandes e pequenos países.

98 Vossa luta, meus senhores, é a minha luta. É a luta de todos os homens que não se comovem, apenas, com fórmulas e fantasias, com preconceitos e meras palavras, mas para quem a realidade existe, e aos quais, precisamente por existir a realidade, é que tanto dói e pesa, e ofende como afronta, o estarmos compreendidos entre as nações que são denominadas e apontadas como subdesenvolvidas, o que quer dizer, também, nações não de todo conquistadas e possuídas pelo seu povo. Contra essa classificação de terra subdesenvolvida chegou a hora de nos insurgirmos e protestarmos; mas como fazê-lo, senão pelas armas do trabalho e pelo emprêgo, nesse trabalho, de uma técnica adiantada, que opere a mudança de nossa fisionomia econômica ?

99 Não basta isso, porém; não se faz, não se opera a modificação de um país, sem que haja também uma mentalidade, a mentalidade para o desenvolvimento, a mentalidade de grande país.

100 É isso o que desejo que se forme logo, é isso o que me parece indispensável ao nosso Brasil. É impossível deixar de constatar, no entanto, que alguma coisa já aconteceu nesse sentido entre nós. Já não somos nação abstrata em que as preocupações com o real estão sempre ausentes, em que só ousam manifestar-se as idéias ultrapassadas, em que só têm curso os debates líricos, as teses sobre o bem e o mal, o feio e o belo, em que a voz de um Alberto Tórres e de outros, debatendo os problemas brasileiros, parecia falar para as nuvens longínquas, para o deserto, para a areia das praias.

101 Hoje pode-se verificar que os temas sobre o enriquecimento nacional estão em pauta. Inevencivelmente, aos poucos, embora ainda de maneira informe, uma nova curiosidade vai revelando novo espírito. Ainda

há muito por esclarecer. A amenidade dos homens desenraizados do passado, encarnada e prolongada em alguns políticos da hora presente, tornou-se, é verdade, mais colérica e agressiva — o que é sinal certo de declínio e de uma consciência dolorosa da própria inatualidade; mas quem negará que já existe em torno do caso brasileiro um movimento de atenção? O Brasil passou a existir como coisa concreta. O povo brasileiro já quer saber algo a mais que os passes de mágica da política e se desinteressa das fases de uma polêmica bizantina sobre os males brasileiros.

Tenho andado muito pelo interior e por isso me 102
acusam. Não sou, na verdade, presidente para viver apenas nos grandes centros demográficos, nas capitais, e ficar sentado no Palácio do Catete assinando papéis. Vou até onde está o Brasil, e o Brasil está em toda parte, nestes oito milhões e meio de quilômetros quadrados do nosso território. Como é impossível aos nossos patricios das partes sempre esquecidas e tão longamente abandonadas do interior, muitos imobilizados por extrema pobreza, virem ao meu encontro, é de meu dever ir ao encontro deles, ouvir-lhes as queixas, conhecer-lhes os anseios e, não raro, recolher os seus protestos de resignada revolta.

Não serão as críticas maldosas e desalmadas de 103
quem não sente o drama do interior brasileiro que me impedirão de levar aos esquecidos espaços do sertão, às regiões longínquas, uma palavra de ânimo hoje, que se converterá em providência infalível amanhã. Ouvindo confidências, falando, conversando, em contacto direto com o povo, estou autorizado a dizer-vos aqui, meus amigos, que a ação do governo está sendo seguida atentamente, e que os brasileiros, que permaneceram calados durante tão longo período, já estão fazendo perguntas, já se mostram curiosos, já estão adquirindo consciência do país em que nasceram e da condição em que vivem.

104 Posso hoje declarar diante de vós, e não só para que os presentes nesta reunião festiva, mas para que todos os que me ouvirem pelos meios de divulgação moderna da palavra, e todos os que me lerem, o saibam, que milhões de patrícios nossos de tôdas as regiões já começam a querer saber por que são tão pobres tantos homens num país tão grande, e tão cumulado de riquezas naturais.

105 Sei responder-lhes, apenas, que não é por vossa culpa, meus amigos produtores, empresários, trabalhadores, tantas vezes expostos a ultrajes. Não é por vossa culpa; muito ao contrário. É já em vão, felizmente, que jogam sôbre as costas dos que produzem pechas e calúnias; é em vão que inventaram, para designar os que trabalham, certas expressões depreciativas; estas devem aplicar-se, sim, aos improdutivos, aos que tudo querem e nada oferecem, aos que julgam só gozarem de todos os direitos e de nenhuma espécie de dever.

106 Falando-vos no dia em que completo um ano de governo, se me pedirem que resuma numa só palavra o que fiz como presidente da República, direi: trabalhei. Trabalhei sempre. Trabalhei sem folga, trabalhei de tôdas as maneiras. Trabalhei no campo político, esforçando-me por diminuir o incêndio de incompreensões que ameaçavam o regime e a própria unidade nacional. Quem ousará dizer que o bom senso do povo não se impôs, finalmente, a esta nação e que perderam todo eco e audiências as vozes da depredação, da violência, as vozes dos que não sabem e não podem construir nada? Trabalhei no campo econômico, enfrentando uma situação difficilima. A inflação de meios de pagamento, o financiamento desbragado em larga escala aos consumidores, foi qualquer coisa de terrível que herdou o meu governo.

107 Erros acumulados indefinidamente e o impacto do crescer violento dêste país nos levaram a uma situação que não é nada desesperante, mas merecedora de tôda

a atenção e vigilância. Não está ainda tudo em ordem; longe disso, bem o sei. Há ainda muita luta e muito obstáculo pela frente. Mas, neste primeiro ano de governo, não foram desdenhadas providências para debelar a crise que a atual administração não provocou e que não foi alimentada pelo meu governo. Ao contrário, procurou-se nadar contra a corrente, recorrendo a uma severa compressão de despesa em tudo que se apresentou suscetível de ser suprimido ou adiado, e não se descuidou de apelar para medidas capazes de fortalecer a receita, com o empenho de todo o funcionalismo na arrecadação de tributos; foram solicitadas, outrossim, ao Legislativo, medidas visando a revigorar a fazenda na sua determinação de eliminar o deficit, a preocupação fundamental do governo no que diz respeito à situação interna.

Quanto ao comércio exterior, manteve-se também firme a intervenção governamental em tudo o que diz respeito ao combate do artificialismo na exportação e, graças a isso, obtivemos a plena confiança do mercado exterior. Posso anunciar agora que todos os nossos compromissos com o estrangeiro estão em dia; nossas dívidas estão sendo saldadas pontualmente e, em alguns casos, até com antecipação. Uma política de abstenção e economia de divisas possibilitou a redução dos ágios em mais de 50 % nas três primeiras categorias, que são aquelas que mais interessam ao desenvolvimento econômico do país, e agora já estamos em condições de empreender o reequipamento da nossa indústria e ajudar o plano de desenvolvimento, que eu próprio prometi levar a efeito.

Não vos vou fazer um relatório; não o comporta esta festa, nem é justo que me estenda excessivamente. Os meus ministros já se encarregaram de divulgar o que realizaram durante este ano nos seus ministérios. Quero, apenas, dizer que, entre as coisas que considero mais memoráveis, se incluem os trabalhos relativos à criação das bases da indústria automobilística. Foram

108

109

equacionados também os problemas de transporte, graças ao preparo de projetos de lei, criando fundos de marinha mercante e fundos portuários, o que permitirá a solução dos problemas dessa mesma marinha mercante e a implantação da indústria naval neste país. Os nossos problemas da marinha mercante nunca foram resolvidos, a não ser de maneira esporádica, apenas pela precária correção de seus efeitos.

110 Havia uma crise de transporte, e, então, era adquirido certo número de navios para o indispensável desfôgo. Nessas condições, não havia, jamais, base econômica para qualquer obra séria. A criação do fundo de marinha mercante possibilitará desta vez os necessários recursos. Foram criados fundos, também de um modo geral, para tornar viáveis tôdas as metas governamentais. No tocante às estradas de ferro, já se concluíram êste ano 344 quilômetros e estão em andamento mais de 3.000 quilômetros ferroviários. Estão sendo feitas em todo o país rodovias de primeira ordem; em tempo mínimo foi construída e vai ser entregue amanhã ao povo a estrada de rodagem ligando esta cidade a Belo Horizonte — 235 quilômetros pavimentados em meses, de maneira vertiginosa.

111 Não quero, porém, prolongar-me. Receio ter passado neste discurso dos limites normais.

112 Permitti-me, porém, mais, para traduzir-vos ainda a emoção que experimentei durante todo êste mês, assistindo, ao vivo, ao processo do desenvolvimento nacional. Acabo de atravessar o país de norte a sul, de andar por tôda parte, testemunhando o grande acontecimento da dimanização do Brasil. Não sei que forças me sustentam para suportar fisicamente tantas canseiras e trabalhos e, mais que isso, tamanhas emoções. Em duas dezenas de dias inaugurei refinaria em plena Amazônia; assisti à instalação de novos empreendimentos para a exploração de minérios; presidi à festividade de início de movimento de usinas elétricas, inauguração de hospitais, silos, açudes, barragens,

equipamentos portuários, rodovias, estradas de ferro, pontes e viadutos, bibliotecas e museus, aeroportos e oleodutos, escolas superiores e cursos de universidades e conjuntos residenciais.

Sinto que o Brasil marcha; sei que o Brasil marcha, 113
que ninguém o deterá mais no seu avanço, e que inútil-
mente procurarão o egoísmo, a falta de espírito pú-
blico, a voracidade dos improdutivos deter-lhe os
grandes passos.

Agradeço-vos, meus senhores, a gentileza e o apoio 114
que me testemunhais. Antes que nos dispersemos,
permiti-me que vos afirme que trabalharei ainda mais
êste ano do que no ano que se foi. Espero que vos terei
sempre como companheiros nesta luta, que será recom-
pensada, no que me toca, com o único prêmio que almejo
— o de ter a consciência em paz, o de saber que não
faltei ao meu dever, e não dispersei em vão a oportuni-
dade que me foi oferecida de agir e reagir em favor
dêste país, pátria de todos nós.

BELO HORIZONTE, 31 DE JANEIRO DE 1957

AO RECEBER O TÍTULO DE CIDADÃO HO-
NORÁRIO DE BELO HORIZONTE, NA INAUGURAÇÃO DA BR-3, QUE LIGA A CAPITAL
MINEIRA AO RIO DE JANEIRO.

Povo de Belo Horizonte, escolhi propositadamente 115
esta cidade como ponto terminal das viagens que acabo
de fazer pelas diversas partes de nosso país — viagens
de fiscalização de obras, de contatos com a gente brasi-
leira de todos os quadrantes do território, viagens feitas
durante o mês de janeiro, em que inaugurei diversas
realizações de interesse para o país.

Cheguei, enfim, hoje, até aqui, vindo ao vosso en- 116
contro pela estrada nova de rodagem que liga Belo
Horizonte ao Rio de Janeiro.

117 Vim pela rodovia que durante tantos e tantos anos esperastes, e que tão longo tempo levou para ser construída. Na verdade, cabe neste momento que eu próprio formule uma palavra de estranheza e mesmo de protesto contra o fato de só hoje poderem dispor a capital mineira e o Rio de Janeiro de uma ligação rodoviária correta, confortável, decente, digna das duas cidades, digna do nosso povo. É de clamar aos céus a constatação de como foram sempre morosamente conduzidas em nosso país as obras mais urgentes, mais indispensáveis, de maior e mais evidente interesse público. É de pasmar que só hoje a nossa BR-3 seja entregue ao trânsito.

118 Só há prudência exagerada, escrúpulos excessivos, receio doentio de errar, cautelas demasiadas, quando se trata de praticar atos que resultem em benefícios diretos ao povo, ao desenvolvimento do país. Ai, então, é preciso discutir incessantemente, andar devagar, arrastar papéis por todos os trâmites e escaninhos da mais envolvente e tirânica burocracia. Esta cidade, que cresceu de maneira tão surpreendente em tão poucos anos, era uma cidade estrangulada pela falta de vias de acesso compatíveis com a sua elevada categoria de capital do nosso Estado. A estrada antiga que desapareceu, a que levava penosamente até Juiz de Fora, era qualquer coisa de impraticável; nos dias de chuva, transformava-se a velha via primitiva num lamaçal.

119 O viajante necessitava dispor de ânimo heróico para enfrentar as dificuldades naturais do tôsko caminho.

120 É por isto um drama viajar também por via férrea, pois há sempre incerteza quanto à hora de chegar.

121 Já não quero falar nas conseqüências econômicas lastimáveis causadas por tão graves entraves circulatórios para a economia mineira; todos nós sabemos, outrossim, o que significa para o desenvolvimento do

Estado e particularmente de Belo Horizonte, para a industrialização mineira, para a sua vida normal, enfim, não se poder contar com comunicações certas, seguras, razoáveis.

Quero, povo de minha cidade de Belo Horizonte, 122
confessar-vos sinceramente que tive no dia de hoje uma satisfação tôda particular em entregar ao uso do tráfego a BR-3 pronta e acabada. É que prometi e cumpri o prometido, e não precisamente no prazo que eu próprio marquei para concluir os 235 quilômetros, que nos ligam a Juiz de Fora, mas antes mesmo do dia fixado pela minha impaciência, pela impaciência de reparar a injustiças que nos era feita, a nós mineiros, privados por tão longo período de uma autêntica rodovia.

Desejo, a bem da verdade, declarar-vos que en- 123
contrei o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem aparelhado para executar, com rapidez e perfeição, tudo o que fôr necessário à realização de obras como a dêsses 235 quilômetros agora concluídos.

Sinto-me feliz em poder dizer isto. É que não 124
basta ao govêrno querer fazer as coisas, sonhar, arquitetar grandes empreendimentos, quando não possui instrumentos capazes de executar o que planeja. Devo confessar que tive diversas surpresas agradáveis e reconfortantes no exercício do govêrno e que uma delas foi o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem; desde o seu diretor — Doutor Regis Bittencourt — até o mais modesto funcionário, todos aquêles de quem tive o ensejo de aproximar-me, estão em condições de agir no ritmo acelerado, no passo certo e rápido, que julgo indispensável para que o Brasil recupere tanto tempo já perdido.

Aí está, agora, concretizado um dos vossos mais 125
justos anseios, o de poderdes atingir a metrópole carioca por rodovia, sem que para isso se imponha decisão temerosa. Vencida esta etapa importante, já se está trabalhando para levantar definitivamente de todos os

lados o cerco em que foi mantida involuntariamente a minha querida cidade. Dentro de dois anos, precisamente, será concluída a rodovia que ligará a capital de Minas à capital de São Paulo; no primeiro semestre do próximo ano também estará pavimentada até Monlevade a estrada Belo Horizonte—Vitória. Não quero deixar também de referir-me à estrada que nos ligará à futura capital — Brasília — de 700 quilômetros, que mercê de Deus será ultimada ainda em meu governo.

126 Esses novos caminhos civilizados permitirão que Belo Horizonte seja, enfim, mais do que um centro de irradiação de progresso do Estado de Minas Gerais, mas uma das cidades de maior influência em todo o Brasil.

127 Quero, além disso, fazer-vos presente que no campo da energia elétrica também vai operar-se radical transformação em nossa cidade.

128 Quando assumi o governo de Minas Gerais, Belo Horizonte e sua cidade industrial estavam ligadas a um sistema de usinas elétricas com uma potência de 600.000 kW. Durante o quinquênio de minha administração foram construídos mais 140.000 kW. Esse sistema de energia elétrica, de que Belo Horizonte é o foco e o centro mais importante, será interligado com as duas usinas que ora se iniciam, de Três Marias e Furnas, graças aos entendimentos em curso, realizados com o Governador Bias Fortes.

129 Antes de terminar o nosso período presidencial, Belo Horizonte estará ligada a sistema da ordem de 1.700.000 kW.

130 Com estradas abertas nas direções mais diversas, com força elétrica abundante disponível, o resto virá em consequência. As bases da grande metrópole de Belo Horizonte estão em vias de ser ultimadas.

131 Em dez anos, sem fantasiar, daremos um avanço quase tão grande como o que se verificou desde que o benemérito Bias Fortes, pai do meu caro amigo e atual

governador, também Bias Fortes, instalou aqui a sede do govêrno do Estado de Minas.

Estou convencido de que não faltarei a uma só das
minhas promessas que vos fiz como candidato. 132

Mas nem por isso me apresento diante de vós, meus
conterrâneos, como credor de vossa gratidão. Nada,
por mais que eu faça, será capaz de saldar a dívida que
tenho com o meu Estado natal. Dando-vos com a ra-
pidez indispensável os meios necessários ao vosso
desenvolvimento, não faço mais do que cumprir o meu
dever de presidente de todos os brasileiros. 133

Continuarei sempre grato ao que fizestes por mim:
na hora em que apelei para o meu Estado, na hora
decisiva em que o resultado das urnas não era para
mim apenas uma vitória política, mas uma reparação,
uma resposta aos que procuraram insultar-me e ferir-
me; na hora em que não havia outra alternativa senão
vencer para sobreviver, em consequência de uma cam-
panha desumana que não cessarei de lembrar, fôstes
vós, mineiros, que cobristes o vosso antigo governador
com o testemunho sincero de vossos votos em massa,
votos honrados e dados sem outro interêsse que o da
defesa da lei moral, da justiça e da verdade. 134

De todos os eleitorados, um só me conhecia pro-
fundamente, e podia julgar-me com o mais seguro
conhecimento de causa — o eleitorado de Minas Gerais. 135

E êsse julgamento foi feito e traduzido numa das
mais expressivas vitórias eleitorais de que há memória
aqui em Minas Gerais. 136

Nada me deves, digo e repito, cidade de Belo Hiro-
zonte — nada do que eu puder fazer em teu favor, por
mais que fôr, se poderá comparar com o que fizeste
a favor de humilde adolescente que aqui chegou desam-
parado, vindo de sua cidade de Diamantina, para
tentar a vida, para lutar pela sua subsistência, para
conseguir estudar. 137

- 138 Tudo o que Deus permitir que eu faça por ti, minha cidade de Belo Horizonte, para que cresças ainda mais, para que sejas cada vez mais poderosa e mais bela, não será senão pequena retribuição ao que fizeste pelo inexperiente rapazinho que aqui chegou disposto a atirar-se sozinho à luta, escudado apenas na sua ambição justa e protegido pela Providência, pois não contava êle com nenhum apoio de família ou de amigos poderosos; o que fizeste pelo diamantinense de dezessete anos não haverá atos, quanto mais palavras, para agradecer e pagar.
- 139 Permitti-me, povo belo-horizontino, que eu faça resurgir agora, neste momento, o meu passado modesto, os dias da minha juventude — vividos nesta cidade que tanto cresceu e se expandiu diante dos meus olhos. Na verdade, muita coisa mudou. Muita coisa foi destruída e construída, desde que pus os pés pela primeira vez nestas ruas e praças.
- 140 Não existe mais, por exemplo, o prédio da Avenida Afonso Pena em que outrora habitei, ocupando o que somente por otimismo denominava de quarto, mas que não passava de um simples porão de dois metros de altura. Hoje nesse sítio se ergue talvez o mais alto edificio desta capital. Muita coisa foi levada pelo tempo, mas juro-vos que conservo e sempre conservarei, acrescidos pela gratidão inapagável na memória, o mesmo amor e o entusiasmo que Belo Horizonte me despertou quando o velho trem de ferro me trouxe de Diamantina em 1920.
- 141 Aqui fiz tôda a minha carreira política, prefeito, deputado federal e governador; aqui me deu a bondade divina a oportunidade de encontrar a que seria companheira devotada, sempre solidária de minha vida; aqui aprendi, aqui acumulei experiências, aqui exerci a minha profissão de médico. Sou tão filho de Belo Horizonte, como os que mais o forem e êste titulo de cidadão honorário, com que me acabais de

distinguir, torna apenas mais legal a cidadania que eu já conquistara por muitos anos de constância amorosa por esta cidade.

Há um ano exatamente assumi a Presidência da República e em virtude disso tenho prestado contas de minha tarefa pelos muitos lugares por onde tenho andado nesta época de aniversário. 142

Mas tinha ainda uma conversa particular com Minas Gerais, que me dera diante de todo o Brasil a base para a conquista da Presidência. E por isso aqui me encontro. 143

Posso dizer-vos com a consciência tranqüila que nenhum esforço poupei, que de nenhum risco me esquivei, que nada ao meu alcance, nenhuma espécie de sacrifício foi afastada, a fim de corresponder ao auxílio que me prestastes, à responsabilidade que assumistes pelo vosso conterrâneo candidato — eleitores do meu glorioso, austero e tão paternal Estado de Minas Gerais. 144

Se mais não fiz neste primeiro ano, não foi por minha culpa; mas ficai tranqüilos, meus caros, porque me esforçarei sempre mais e, Deus não desejando o contrário, motivo não darei para terdes arrependimento do apoio que me destes. 145

Trabalhei com tôdas as minhas forças pelo Brasil neste primeiro ano de Presidência da República; não faltei aos meus deveres mais penosos e mesmo nas horas difíceis e duras não deixou jamais de brilhar aos meus olhos a esperança, estrêla de tôdas as noites, mesmo das mais escuras. 146

Quero dizer-vos que o Brasil está vivendo uma grande hora, apesar dos pesares, e que a marcha para o oeste — com a mudança da capital — deixou de ser uma frase sem sentido para tornar-se realidade. O que os mineiros do tempo dos veneráveis e ilustres Afonso Pena e Bias Fortes fizeram, fundando esta triunfal Belo Horizonte, os brasileiros o farão com a nova capital, criando com isso um tempo novo, uma nova era. 147

- 148 Aproveito êste ensejo para saudar o Governador Bias Fortes, companheiro de lutas, amigo certo, cuja leal e indesmentida solidariedade é uma das colunas mestras do sistema político em que o govêrno tem seu mais firme apoio; agradeço comovido ao Prefeito Celso Melo de Azevedo, ao presidente da Câmara Municipal e demais conselheiros, a homenagem tocante e excepcional que ora recebo. Agradeço de maneira tôda particular a vós, povo de Belo Horizonte, amigos bravos e fiéis, as demonstrações com que há muito tempo vindes me confortando e animando.
- 149 Não quero terminar êste discurso sem lembrar-vos as palavras finais com que encerrei, aqui mesmo, a campanha memorável que me conduziu à presidência.
- 150 Pedi, então, a Deus que desse a vitória nas urnas não a mim, mas ao candidato que melhor conviesse à nação brasileira. Recebi a minha eleição, por isso mesmo, como grave missão a cumprir. E é nesse espírito que humildemente levarei avante o meu mandato até o fim.
- 151 Peço-vos que conserveis sempre viva a confiança em nossa pátria e que continueis a confiar também em mim.
- 152 Preciso de vosso apoio e estímulo, ainda mais hoje talvez, no meio desta luta, do que na hora decisiva em que se configurou o meu destino de servidor do Brasil.

RIO DE JANEIRO, 12 DE FEVEREIRO DE 1957

AO RECEBER, NO PALÁCIO DO CATETE,
DAS MÃOS DO MINISTRO DAS RELAÇÕES
EXTERIORES DO PARAGUAI, SENHOR RAÚL
SAPENA PASTOR, O COLAR MARECHAL FRAN-
CISCO SOLANO LÓPEZ.

É com o maior desvanecimento e a mais subida honra que recebo, Senhor Ministro das Relações Exteriores, Doutor Raúl Sapena Pastor, o Colar Marechal Francisco Solano López, da Ordem do Mérito do Paraguai, com que me distingue, na qualidade de Presidente da República de país irmão, Sua Excelência o General de Exército Dom Alfredo Stroessner, Presidente da República do Paraguai. 153

É para um chefe de Estado brasileiro algo de extremamente significativo ser honrado com a Ordem que tem como seu patrono o herói nacional do país de Vossa Excelência. 154

Isto significa, Senhor Chanceler, que não resta, de todas as horas dolorosas em que as nossas pátrias estiveram por um momento separadas, senão admiração e estima recíprocas e um desejo de cada vez mais íntima colaboração. Os generosos sacrifícios de paraguaios e brasileiros — oferecidos outrora em holocausto ao que julgaram sinceramente o seu dever e o seu direito — estão na base deste ardente desejo de entendimento crescente que hoje nos orienta e anima. 155

- 156 O ato solene que se verifica neste instante, em que recebo de suas mãos, Senhor Ministro, a mais alta condecoração instituída com o nome do Marechal Solano López, é afirmação eloqüente, que dispensa quaisquer provas outras, de que está plenamente alcançada a hora em que, dos antigos acontecimentos, só resta a consciência da bravura e da honra com que se portaram os nossos povos em episódio já longínquo sepultado na História.
- 157 Dito isto, quero, neste ensejo, repetir o que afirmei recentemente, em outra oportunidade: o desejo firme do Brasil em lutar ao lado do Paraguai e dos demais países sul-americanos, e em estreita colaboração com eles, pela independência econômica e pelo fortalecimento desta parte do continente.
- 158 Não há nenhuma razão para que deixemos de unir-nos todos, a fim de constituirmos respeitável força pacífica, disposta a encontrar soluções prontas e certas para os problemas de que dependa a liquidação definitiva do pauperismo neste hemisfério.
- 159 Nós, países da América do Sul, não podíamos prosseguir numa retaguarda incaracterística diante do surto de desenvolvimento do mundo.
- 160 Temos de crescer, de orientar nossos esforços para que esta parte do livre continente americano floresça, se desenvolva e adquira importância significativa. É um indeclinável dever eliminar de nossos países o que nêles persiste de atraso e de extrema pobreza, libertando, assim, milhões de seres que, apesar de tôdas as afirmações de independência, continuam prisioneiros da falta de todo e qualquer recurso. Tornou-se ponto pacífico que só há verdadeira soberania naquelas nações que resolveram os seus problemas de base e propiciaram a seus filhos os meios de promoverem a prosperidade que lhes permita a participação no mínimo de conforto a que tem direito qualquer ser humano, pela dignidade de sua natureza.

Passou o tempo em que nos alimentávamos apenas de palavras ôcas e inexpressivas. Temos de usar agora das armas poderosas que a moderna técnica pôs ao alcance do homem, para que todos os povos venham a dispor de recursos capazes de promover a justiça social, que se traduz na melhoria do nível de vida, na fruição de facilidades que tornem mais suportável a existência. 161

O desenvolvimento material e cultural de todo êste continente é, ou deve ser, de agora em diante, fundamento do ideal pan-americanista. Não haverá perfeita unidade neste hemisfério, sem que nêle se verifique maior participação dos povos nas riquezas que podem ser obtidas pelo trabalho esclarecidamente dirigido. 162

Já não há países irremediavelmente condenados à pobreza, nem territórios destinados ao irremediável desamparo. Já não há gleba infecunda no mundo de hoje, diante dos processos modernos do tratamento da terra. Já não há impossibilidade de vitória contra qualquer espécie de obstáculos naturais. Há, sim, povos que conhecem, uns mais do que outros, o segredo de produzir mais e melhor. 163

A inteligência humana, com os seus engenhos, conforme Vossa Excelência muito bem salientou no seu discurso, é capaz de eliminar dificuldades consideradas até há pouco insuportáveis, de acertar desajustes e estabelecer a possibilidade de aproveitamento de tôdas as regiões do planêta. 164

Falando, agora, no momento em que recebo a magna distinção da República do Paraguai, quero salientar que um povo como o de Vossa Excelência, Excellentíssimo Senhor Ministro, que vem demonstrando, desde as horas mais difíceis de sua formação, personalidade nacional tão firme; um povo que se distinguiu sempre por um indomável desejo de viver livremente; um povo bem constituído, como é o seu, está em condições de vencer plenamente a luta em que se está empenhando para o seu desenvolvimento integral. 165

- 166 O desejo do Brasil em colaborar com o Paraguai e dêle receber colaboração não se limita a simples intenções e a frases de boa convivência internacional; é já realidade que cada vez mais há de tornar-se concreta e efetiva.
- 167 Já tomaram os governos de nossos países providências práticas — a estrada que vai de Assunção a Paranaguá, propiciando o tão longamente desejado encontro do país de Vossa Excelência com o mar, já está praticamente concluída; e dentro de dois anos no máximo pretendo visitar a nação irmã, atravessando umas das mais belas, senão a mais bela de tôdas as obras de arte da engenharia da América do Sul, a ponte sôbre o rio Paraná, que será um marco de nossa mútua e indestrutível amizade.
- 168 De igual relevância é tudo o mais que se está fazendo e que salientou Vossa Excelência no belo e expressivo discurso que acabamos de ouvir.
- 169 Nutrmos os mesmos ideais democráticos, uma idêntica concepção da vida humana, comungamos os mesmos princípios e as mesmas doutrinas que herdamos de nossos maiores.
- 170 Mas sabemos que hoje nos importa defender, de forma ainda mais vigorosa e enérgica do que no passado, tudo isso que constitui a nossa maneira de ser e o estilo de nossa vida.
- 171 O Brasil assiste, comovido, ao surto de progresso que o govêrno do Presidente Stroessner está imprimindo à nação paraguaia. Neste instante, agradecendo a homenagem que recebo, quero mais uma vez proclamar a admiração que nos inspira, a nós, brasileiros, o povo guarani — dotado de altas virtudes e de resistência indomável diante das horas mais duras e adversas.
- 172 Esta cerimônia ultrapassa, realmente, o estreito cenário de uma sala. Estende-se por todo o país que Vossa Excelência, Excelentíssimo Senhor Ministro, representa, desde as planuras do Chaco, na quase regularidade de sua paisagem, até as acidentadas e suaves

terras da região oriental. E desdobra-se pelo meu país, do extremo norte ao extremo sul, nas baixadas, nos altiplanos, nas cordilheiras.

Somos, assim, duas nações que se encontram; dois povos que intensamente se irmanam. 173

E dêsse modo, através de seu eminente Ministro, o povo paraguaio condecora o povo brasileiro na pessoa de seu representante supremo. 174

Ao terminar, Excelentíssimo Senhor Ministro, peço a Vossa Excelência que transmita ao Presidente Stroessner, a quem tão boa lembrança pessoal me une e cujas idéias de trabalho e ação tanto se afinam com as minhas, o meu mais profundo agradecimento pela distinção com que me honrou. 175

RIO DE JANEIRO, 21 DE FEVEREIRO DE 1957

EM RESPOSTA À HOMENAGEM QUE LHE
PRESTOU O MINISTRO DO TRABALHO DA
VENEZUELA, SENHOR CARLOS TINOCO RODIL.

É com exata consciência da honra que me é concedida que recebo das mãos de Vossa Excelência, Senhor Ministro Carlos Tinoco Rodil, o Colar da Ordem de El Libertador. 176

Sei bem que tão grande distinção, mais do que homenagem pessoal, é ato político, gesto que eu devo agradecer considerando-o como também dirigido ao meu país. 177

A outorga da mais alta condecoração da Venezuela é, principalmente, demonstração de afeto do governo do General Marcos Pérez Jiménez ao Brasil. 178

Peço a Vossa Excelência, Senhor Ministro, faça presente, ao seu ilustre presidente da República, do quanto se orgulha o povo brasileiro dos laços que o prendem ao povo venezuelano, e solicito-lhe que 179

transmita a minha gratidão ao Presidente Pérez Jiménez pela homenagem.

180 Neste momento em que agradeço a Vossa Excelência a distinção de trazer-me esta alta condecoração, desejo enaltecer não apenas a sua figura de homem público, cujos elevados merecimentos reconheço e exalto, mas sobretudo a sua qualidade de amigo leal do Brasil. Quero deixar aqui consignado, para que seja do conhecimento do chefe de Estado venezuelano, o grande contentamento que me deu, incumbindo Vossa Excelência de ser o portador do Colar da Ordem de El Libertador

181 Aproveito-me dêste ensejo para saudar a República Venezuela, país que honra o nosso continente, país ativo, orientado pela consciência de que o enriquecimento nacional é o indeclinável dever de toda administração que deseja orientar-se no verdadeiro serviço do povo, e lutar pela consolidação dos ideais que têm seu fundamento na dignidade da pessoa humana.

182 Não vivemos mais época em que as grandes e belas palavras, de que tanto abusamos todos nós, povos latino-americanos, nos pareçam suficientes para o cumprimento de profícua missão política.

183 Já nos demos felizmente conta, já se deram conta os nossos povos, de que é necessário e indispensável operar-se nos países dêste continente um movimento, uma verdadeira marcha ao encontro da realidade.

184 Não mais queremos viver tão-sòmente de frases generosas; despertamos — Deus louvado — para a consciência de que se impõe trabalho recuperador do muito tempo perdido; já incluimos, enfim — e urgia que assim o fizéssemos —, entre os ideais do pan-americanismo a política do desenvolvimento, do progresso, da elevação do nível de vida de todos os povos dêste hemisfério.

185 A Venezuela atual é pioneira dêste novo e autêntico pan-americanismo e está agindo de forma a apro-

veitar os recursos extraordinários que lhe proporcionam as suas grandes riquezas. Em poucos anos, graças a uma política criadora e autêntica, já cresceram em seu país, Senhor Ministro, a agricultura e a indústria de maneira surpreendente.

Não se limitaram as novas gerações de homens públicos de sua pátria a fruir a vida e desperdiçar os proventos da exploração petrolífera, proventos estes que, por mais que durem, não duram sempre. Tratou, ao contrário, a atual mentalidade do governo da Venezuela de promover uma grande obra vertical, compreendendo ação que pode ser proclamada, com justiça, igualmente avançada e prudente. Avançada, porque inspirada nas lições dos países em que a operação do trabalho criador é mais racionalizada e apoiada na moderna tecnologia; e prudente, porque não visa apenas ao presente, não confia somente nos dias fartos, mas cuida da nação perene, da nação de sempre. 186

O governo do General Pérez Jiménez merece especialmente este louvor. 187

Não deverei estender-me em considerações que esta solenidade não comporta sobre as relações entre a Venezuela e o Brasil. Mas desejo declarar, pelo menos, a minha convicção de que temos muito a empreender e que já estão em pauta projetos práticos, positivos, que virão estreitar e tornar mais fecundas as relações entre os nossos dois países, ligados pelos inúmeros problemas e interesses do sistema amazônico a que pertencem. 188

Há um vasto programa de trabalho em processamento nas nossas chancelarias, que o Presidente Pérez Jiménez e eu próprio seguimos com desvelada atenção. 189

Não poderia, recebendo o Colar de El Libertador, deixar de inclinar-me ante a memória de Simão Bolívar, que não é apenas patrimônio do país que lhe serviu de berço, mas herói de todo este continente, 190

homem padrão, figura representativa da natureza nobre e altiva de todos os povos. Mesmo entre as nações que não se beneficiaram da ação direta do Libertador, como é o caso do Brasil, a sua lição, o seu exemplo, a presença do seu poderoso idealismo, na sua visão larga e pura, se fêz sentir atuante aqui e nos ajudou a sentir e pensar de maneira poderosa.

191 Orgulhamo-nos, nós brasileiros, de incluir Bolívar entre os formadores da nossa concepção da existência livre e do nosso ideal de nacionalidade. Amamos o herói que a Venezuela propiciou à América Latina, um dos inspiradores de nossa pátria.

192 Sabemos tudo o que lhe devemos de amor à liberdade; sabemos o que nos deu êle de essencial como lição, com os seus atos e o seu desprendimento de herói e paladino de grandes causas.

RIO DE JANEIRO, 5 DE MARÇO DE 1957

SAUDAÇÃO AO CONTINGENTE BRASILEIRO
DO INTEGRANTE DAS FORÇAS DAS NAÇÕES
UNIDAS NO EGITO.

É com emoção que me dirijo, neste momento, aos 193
soldados brasileiros que, a serviço da nossa pátria, se
encontram em terras do Egito, integrando as forças da
O.N.U. na missão de propugnar e defender os mais
nobres ideais de paz e fraternidade.

A saudação calorosa que lhes envio como presi- 194
dente da República é também de todo o povo brasileiro,
que os cercou de manifestações de inextinguível carinho
e afeto, quando da sua partida, e os tem sempre pre-
sentes no seu pensamento e na sua saudade, orgulhoso
do seu civismo, disciplina e galhardia como represen-
tantes do nosso país, em causa de tão alta significação
para os destinos dos povos.

Aos valorosos soldados brasileiros que estão reali- 195
zando missão histórica nas legendárias terras do
Oriente, quero exprimir a confiança com que o povo
brasileiro os acompanha. Estamos certos de que todos,
desde o seu ilustre comandante à sua brilhante oficia-
lidade e dignos soldados, levam no coração a imagem
da pátria, do mesmo modo como os seus olhos con-
templam, nessas plagas distantes, a bandeira do Brasil.

- 196 Não foi exclusivamente para dar prova do muito interesse que o meu governo dispensa ao ensino que resolvi comparecer à inauguração dos cursos da Universidade do Brasil. Julguei que se me apresentava um ensejo excepcional, que eu não poderia perder, de dirigir algumas palavras aos mestres e aos estudantes, de falar-lhes de maneira sincera, de manifestar-lhes algumas das minhas apreensões e das minhas veementes esperanças sobre o nosso país.
- 197 Hora melhor do que esta não se me depararia para tal pronunciamento, nem outro local que para isso melhor se prestasse, do que a sede da reitoria da Universidade do Brasil. Aqui venho, certo de encontrar inteira ressonância para as palavras que vou proferir e a melhor inteligência para o sentido que pretendo imprimir a êste discurso.
- 198 A hora de retornar às aulas é naturalmente favorável às mensagens e aos apelos; ainda não está a atenção tomada inteiramente pelos problemas dos estudos. As férias tornam mais receptivas as inteligências e melhor predispõem professores e alunos para receberem e accitarem idéias e sugestões, para a meditação sobre temas que geralmente são acolhidos com menos atento exame.
- 199 Vim a esta casa por muitos títulos ilustres para aproveitar-me da disposição de espirito em que vos encontrais neste instante, quando mestres e alunos apenas se acercam das matérias dos numerosos ramos do conhecimento que constituem a substância da vida universitária.
- 200 Em primeiro lugar, importa-me dizer, na qualidade de homem de governo, com as responsabilidades da Presidência da República, que o movimento civili-

zador, cujo desenvolvimento aspiro a auxiliar e que, mercê de Deus, hei de levar adiante, só será completo e fecundo nos seus resultados, só será útil, benéfico, justo e autêntico, se êle corresponder à formação de um estado de espirito, de uma mentalidade nova que depende exclusivamente da ação intelectual e espiritual gerada nas universidades.

Nada de sério e de duradouro se pode executar, em verdade, sem o apoio da cultura lúcidamente presidindo à ação prática. 201

Para que o Brasil alcance as etapas de seu desenvolvimento, fôrça é que na inteligência brasileira se verifique um desejo efetivo de aproximação com a realidade; de que o pensamento que atua no país e o conduz se torne objetivo, deixe de pairar onde as nuvens tracejam os seus desenhos caprichosos, e se enraíze no seio da terra brasileira. 202

Esse trabalho de maior intimidade entre a terra e o pensamento nacional é obra que incumbe às universidades, e só não se realizará se não o quisermos levar avante, vós que ensinais e vós, jovens, que aprendeis nestes cursos que no dia de hoje se reabrem. 203

Se não o desejardes, pouco adiantará que sejam rasgados caminhos novos e quintuplicado o potencial de energia em nossa pátria, porque nenhuma nação pode ser engrandecida e seus instrumentos materiais devidamente utilizados, sem que haja mentalidade para a aplicação nobre do que resulta do desenvolvimento. 204

Estamos num momento de luta contra o atraso em que nos encontramos, contra a insuficiência de meios para promover o aceleração da marcha de nosso país para o seu alto destino. E principalmente lutando pela ocupação e posse de nosso território, na sua maior parte abandonado e vazio. 205

Sei bem que não há destino glorioso com os simples efeitos do progresso material, com a pura realização de obras de engenharia e outras que tais. O que torna poderoso um país é a participação de 206

suas elites na problemática nacional; o que promove a verdadeira expansão e o crescimento continuado das nações é o esforço do Estado aliado ao que se elabora, ao que se processa nas universidades. A história aí está para no-lo confirmar. Se não houver um espírito de grande país entre nós, não adiantará muito executar no plano do concreto, por maiores que sejam as realizações. É que elas terão posteriormente má aplicação, se por acaso lograrem alguma aplicação.

207 Para que se imponha o Brasil, é indispensável que se efetive nas universidades a formulação de um pensamento brasileiro, e também se difunda a aspiração de resolver o nosso caso em termos de alto e justo raciocínio.

208 O espírito brasileiro será tão mais profundamente nacional, quanto mais se beneficiar da universalidade.

209 O esforço pelo nosso desenvolvimento, que é a síntese da ação do meu governo, necessita apoiar-se na formação de um pensamento brasileiro. Não há no mundo nação que triunfe de suas dificuldades naturais, ou que conserve sua força criadora, sem a defesa e o estímulo da cultura.

210 A cultura nasce da compreensão da terra, que o seu povo ocupa e possui. Não há verdadeira cultura que não tenha sua origem na terra, que não venha de uma ligação estreita, íntima, de uma comunhão entre o homem e seu *habitat*. A palavra cultura é, na sua origem, arte de tratar a terra, de fazê-la frutificar, de fazê-la servir ao homem, o que só se alcança por uma interpretação adequada, justa, grave e honesta dessa mesma terra. Não poderá jamais nascer o Brasil que desejamos e sonhamos, por mais que logremos aumentar o nosso poderio material, sem que esta Universidade do Brasil, bem como as outras, realize a sua tarefa fecunda, nobilitante e indispensável.

211 É que tudo será perecível e impossível mesmo de verificar-se, sem que um espírito seja elaborado e comande, sem que as gerações, que se vão formando nas

diversas escolas que, reunidas, compõem a universidade, estejam aptas, não somente a executar as tarefas que todo o desenvolvimento impõe, mas também facilitem e permitam distinguir, situar, precisar e evidenciar onde se encontra e no que consiste o interesse justo do Brasil.

Não devemos jamais esquecer, nós, homens de ação 212
prática, que toda a civilização autêntica resulta e é fruto da direção que a cultura lhe imprime.

O fato de ser a cultura indispensável ao desenvol- 213
vimento nacional não implica seja essa cultura especializada ou submetida à técnica; ao contrário, a cultura não se limita seja lá com o que for.

A nossa cultura deve ser autônoma e livre. A única 214
maneira que a ela assiste de ser universal é mergulhar as suas raízes e alimentar-se no seu próprio solo, na sua própria experiência intransferível. Por isso, além de aprender, meus jovens patrícios, a quem particularmente me dirijo no dia de hoje, o que vos ensinam os vossos mestres e o que se encontra nos livros a que ides recorrer, deveis, também, meditar nos exemplos que vos oferece a vossa pátria e a história do seu povo. A qualquer profissão que vos destinar a vocação que trazeis inata, sempre será benéfico e, mais do que isso, imprescindível o exame do caso brasileiro, a constante e percuciente observação de nossa realidade.

Nenhum de vós será exatamente o que deve ser, 215
qualquer que seja a direção dos vossos estudos, se às disciplinas próprias não se acrescentar constante aplicação ao entendimento do Brasil. Todos os nossos sofrimentos, todas as dificuldades presentes têm sua origem precípua na falta de adequação entre o ensino e a realidade brasileira.

Parte significativa das nossas classes dirigentes e 216
de nossos intelectuais não se valeu com suficiência de uma formação nacional; um pensamento brasileiro de estrutura universal, o que é obra também do tempo, não os inspirou ou conduziu de forma permanente.

- 217 Considerável maioria de expoentes de nossa inteligência não se deu conta do que era de fato esse país.
- 218 Importava-se tudo, até mesmo olhos que se recusavam a ver o Brasil. A inclinação era sempre para o beletrismo distante de nosso mundo e nêle só se atentava para recolher o pitoresco, para usar o que havia aqui de mais superficial ou puramente encantador à vista.
- 219 Não quero deixar de referir-me às honrosas exceções, à linhagem de inteligências que se aprofundaram no fenômeno brasileiro, tais como, além de outros, Tavares Bastos, Alberto Tôrres, Euclides da Cunha, Oliveira Viana, e também aos que, pela apropriação da cultura universal, como Rui Barbosa, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, souberam descobrir o caminho da alma brasileira.
- 220 Não me esquecerei, outrossim, dos que se afirmaram nas cátedras, fulgurando na Medicina, na Engenharia, no Direito, ligados às esperanças e angústias do Brasil.
- 221 Abre-se agora um novo tempo para esta nação, durante o qual se vai iniciar a marcha para a conquista de todo o território pátrio. A nossa civilização deixará de ser pronunciadamente litorânea e deslocar-se-á ao encontro do seu verdadeiro centro de irradiação.
- 222 Já nos estamos movendo no sentido de nos instalarmos num ponto novo de equilíbrio.
- 223 Esta realização nacional suprema em que o meu govêrno está empenhado e que tem como ponto culminante e efetivo de ação prática a transplantação da nossa capital para o centro do país, essa etapa, difícil mas fecunda, que estamos principiando a viver, necessita encontrar todo o apoio espiritual nos jovens que hoje se preparam para as profissões que exigem o adestramento da inteligência, o preparo, o estudo, o aprofundamento da cultura.
- 224 Peço-vos, por isso, neste ensejo, estudantes, que vos prepareis para o encontro com a realidade diferente e promissora que êste tempo propicia; peço-vos que

empresteis ao ato mais decisivo e definitivo que vamos praticar de integração do Brasil em si mesmo, no coração do seu território, ao ato capital da civilização brasileira, tóda a vossa alma, o que vale dizer, um apoio de ordem interior e por isso incomparável. As grandes civilizações exprimem e se configuram por feitos como êsse que estamos praticando ao mudar o eixo de nossa vida política para o centro geográfico do país.

Iniciamos neste momento uma época, quer dizer, aproximamo-nos do instante em que algo de fundamental e decisivo vai acontecer. O Brasil consciente, cansado de esperar, de manter-se em retaguarda característica, está na véspera de um esforço histórico para integrar-se na sua grandeza. Simples cidadão de boa vontade, colocado em hora oportuna ao desenvolvimento na Presidência da República, necessito cada vez mais de uma segurança que só poderá nascer de vossa compreensão, moços que encarnais o espírito universitário e que espelhaiis o panorama do Brasil futuro.

225

Não tenho receio de insurgir-me contra a mediocridade, não alimento um beato respeito pela mediocridade que toma, quase sempre, o aspecto hipócrita do comedimento e a feição exterior da ponderação. Conheço bastante êste país, visitei-o em tôdas as direções diversas vêzes com minúcia, e sei o que êle é, matéria-prima extraordinária para grandes movimentos criadores.

226

Não tenho mêdo de afirmar que temos posta no plano da grandeza a nossa salvação; mas sei também que só venceremos os riscos que a aceleração do ritmo de nossa existência comporta, se nos applicarmos a fundo, se exercermos uma disciplina rigorosa em todos os nossos passos, em tôdas as nossas tarefas.

227

Faço-vos um apêlo, que a hora critica que atravessamos justifica plenamente: preparai-vos para o exercício de vossas missões com a consciência de que

228

vamos viver aqui momentos históricos. Vêde o Brasil como nação séria.

229 Diante de vós se estende uma incomparável perspectiva, que é a criação de um país soberano, ordenado e influente pelo seu poderio e pela sua mensagem pacífica.

230 Pertenceis a uma geração convocada para altos feitos e para testemunhar extraordinárias mudanças.

231 Praza a Deus que estejais, como eu creio sinceramente, à altura, jovens estudantes universitários, da missão e da oportunidade que a Providência vos oferece.

232 Ao Magnífico Reitor, que a outras numerosas virtudes alia a de ser mestre de nossa história, aos professores insignes aqui reunidos, agradeço não só a atenção com que seguiram minhas palavras, mas principalmente a oportunidade que me deram de dirigir-me aos jovens de todo o Brasil que recolherão amanhã os frutos e as responsabilidades dos atos que hoje pratico.

233 Não quero, porém, ater-me somente aos planos que importam ao futuro e ao tom de grandeza que a própria realidade nacional me autoriza a tomar. Impossível, na hora em que presido à abertura do curso da Universidade do Brasil, deixar de lembrar-me de que neste dia em tôda parte se inaugura o novo ano escolar.

234 Esta circunstância me obriga a confessar-vos que é com o coração dolorosamente ferido que verifico a crise do ensino primário e médio em nosso país. Não me sobra tempo para expor neste discurso o que pretendo fazer a fim de conjurar o que vai de descalabro e de desordem na preparação dos brasileiros que se iniciam nos estudos. Quero apenas declarar, de maneira categórica, que desde já todos os esforços do governo vão ser mobilizados para que não se repita o espetáculo confrangedor de pais desesperados madrugando nas filas intermináveis, a disputar matrícula, um lugar para que os seus filhos possam instruir-se.

O fato de não caber ao meu governo a culpa da carência de estabelecimentos de ensino, de qualquer grau, não diminui o pesar e o constrangimento que me assaltam. 235

Envidarei todos os esforços para que não mais se repita o terrível escândalo de não encontrarem tantos moços onde aprender. É com um sentimento de plena responsabilidade que prometo enfrentar obstinadamente mais êsse problema. 236

Trata-se de um estrito dever de chefe de Estado, a que, de forma alguma, faltarei. 237

RIO DE JANEIRO, 15 DE MARÇO DE 1957

MENSAGEM AOS ESTUDANTES, NO TERMINO DA I SEMANA MUDANCISTA, DE SÃO PAULO.

Ao falar-vos, estudantes congregados pelos Centros XI de Agosto e X de Maio, dirijo-me também a toda a mocidade do Brasil — e o faço com a consciência de que estou cumprindo o dever de convocar-vos, de prevenir-vos, de procurar a vossa adesão para esta marcha rumo ao oeste, na conquista do interior da nossa pátria, conquista que neste momento principia e que deixa de ser imagem oratória, frase de efeito, promessa vã, para constituir-se, na realidade, em algo de concreto, de palpável: a continuação de uma viagem que se iniciou com a chegada da frota de Cabral à Bahia, que prosseguiu com Mem de Sá para o Rio de Janeiro, que se alargou imponente na caminhada das bandeiras e que agora, para alta e imerecida honra de minha vida, retomo com o pensamento na integração do Brasil em si mesmo, para posse do povo brasileiro no seu próprio e imenso território. 238

Não, não poderia deixar de falar-vos, jovens de todos os quadrantes da pátria, nem ir avante nas resoluções para a fundação da nova capital do Brasil, em 239

obediência a um dispositivo constitucional, sem me dirigir a vós, atentos ao que vai resultar de um ato político de tamanha envergadura.

240 Interessados particularmente estas vós, por tratar-se do advento de uma nova era que irá abrir-se ao implantar-se no coração do Brasil uma cidade que centralizará a irradiação de nossa vida política. Vós contemplareis de mais perto, vivereis, de maneira mais profunda, a soberba epopéia de ocupação do nosso país. Sereis mais diretamente beneficiados pela transformação de um Brasil entranhado na sua própria terra, do que os homens de minha geração, aos quais não caberá privilégio outro, e assim mesmo se assistidos pela proteção divina, que o de avistar de longe, de divisar à distância o novo Brasil, o Brasil enfim retificado, o Brasil instalado no seu interior, o Brasil colocado onde sempre devera estar.

241 Dirijo-me agora particularmente a vós, estudantes de São Paulo. Perdoai-me a imodéstia, mas não há que ocultar a realidade: o papel histórico que o meu governo está representando com o prosseguimento da viagem da nacionalidade até Brasília, o que se está realizando, e que tenho a honra de influir para que seja executado nesta hora, é continuar o feito das vossas bandeiras retomando o caminho heróicamente percorrido pelos vossos desbravadores, é estender o Brasil, com o poder da técnica do mundo de hoje, até onde o conduziu o vosso Anhangüera.

242 Sou um homem das Minas Gerais. E profundamente comovido, com o pensamento no passado, como que a ouvir os passos dos plantadores de cidades nas Alterosas, ergo-me para anunciar convosco que começou a Era das Bandeiras.

243 Quero proclamar convosco que já não podemos estar parados nas proximidades do mar, agarrados às praias, espremidos na área litorânea; que já não podemos permanecer reunidos em alguns núcleos densos

de população, quando a maior parte de nosso país está vazia, inaproveitada, intrafegável, com as suas riquezas a jazer latentes.

Já nos cansamos todos de críticas estéreis, de palavreiro sentencioso mas inexpressivo, de círculos restritos por nossas próprias mãos traçados, dentro dos quais nos debatemos prisioneiros. 244

Já nos cansamos de prognósticos sombrios sobre o nosso futuro, de abismos que eternamente nos ameaçam tragar, de lamentações, de gritos de agouro, de imaginações, temores, quando tudo reclama o nosso trabalho, o nosso entusiasmo, o nosso ânimo, quando nos obrigamos a provar que somos um povo digno de ter recebido o patrimônio imenso desta nossa terra variada, rica de aspectos, prodigiosa nas suas dessemelhanças. 245

Chegou a hora de falar ao país de coração aberto, de dizer aos brasileiros que assumi o governo, não para enfrentar pequenos problemas, mas para trabalhar globalmente e sem esmorecimento, a fim de que esta pátria obedeça ao chamado de grande nação. 246

Temos de levar o Brasil para a frente, e ele irá para a frente. Temos de fazer com que o nosso povo ocupe as suas terras: são nossas as terras do Brasil, mas para que as utilizemos, nós e os que estiverem desejosos de vir respirar aqui, compartilhando da revolução do nosso desenvolvimento intelectual e material. 247

Não podem mais a direção política, o governo, as classes que comandam, deixar de acompanhar o ritmo de crescimento desta nação. Não é compreensível nem há mais justificativa para o divórcio entre o surto expansionista do Brasil e a mentalidade burocrática, rotineira, estreita, que se mantém numa oposição contínua a essa arrancada que vai aumentando de potencialidade todos os dias, mas um pouco desordenada e confusa. 248

Não é possível que a expansão nacional se processe indirigida, sob as vistas indiferentes do governo. 249

250 A nação e o govêrno têm de marchar unidos, solidários, porque o govêrno deve ser a expressão da vontade do que constitui a nação. Já provou o Brasil, e de forma evidente, do que é capaz. E o provou por si mesmo, com noção lúcida e firmeza.

251 As nações, como acontece com os sêres humanos, são sempre habitadas por forças positivas e negativas, por boas e más inclinações. Onde há vida há duelo entre o que deseja afirmar-se e o que se deixa vencer pela impassividade.

252 A mocidade é que comanda as forças vitais, é que exige que tudo se elabore sob o signo da esperança.

253 Para a mocidade vale a pena criar, afirmar, crescer, desenvolver-se, triunfar dos obstáculos. Sem que se manifeste e atue o espirito da mocidade, não será possível transportar a capital da República para Brasília, operação indispensável sob todos os aspectos, de natureza moral ou simplesmente prática. Só a mocidade tem resistência para romper com os interesses sub-reptícios, com o comodismo inerte, com o pessimismo envenenador, com a ironia malévola. Sei que as dificuldades de hoje são pelo menos tão grandes quanto as de ontem, as experimentadas pelos que chegaram à selva brasileira atrás do ouro e das pedras preciosas: um Manuel Correia, um Fernão Dias Pais, os dois Bartolomeus Buenos, pai e filho.

254 Nos dias que correm se avolumam as incompreensões, os dissabores, as lutas e a tendência para o aniquilamento de tudo o que é autêntico. Mas, em compensação, os meios materiais facilitam a tarefa. Em poucas horas de avião os pontos mais longínquos são atingidos. Boas ou más, há sempre estradas de penetração para o nosso interior. Os rios estão mais conhecidos. O viajante desta hora já não é um ente com os seus poucos companheiros, abandonado mas impávido, enfrentando o demônio da febre, o desconhecimento da terra, os ataques de inimigos invisíveis, e visíveis. Mas havia no bandeirante a noção de que

devia obedecer exclusivamente a seu desejo, a seu impeto; e que os recursos para a luta se achavam nas suas próprias mãos, na sua ambição.

Não o torturavam as perplexidades e dúvidas naturais dos que praticam gestos que, além de seu próprio destino, envolvem o destino da própria pátria, cuja guarda e direção lhes foram confiadas. Deus sabe a que lutas íntimas leva essa decisão àquele que tem a governança do país. Acrescentem-se a elas razões e argumentos da empedernida prudência, os conselhos dos que descendem em linha direta daquela personagem camoniana, o velho do Restelo, que advertia aos navegantes pedindo-lhes que não partissem para as perigosas derrotas, e os maldizia pelas conquistas que pretendiam fazer no mar e em paragens distantes, quando os problemas da terra eram já numerosos e difíceis! As mesmas advertências já as tenho ouvido.

255

Por que, às incontáveis e tormentosas questões que nos assoberbam, mais esta vem somar-se, a de transplantar a capital de um país? Por que, não havendo capacidade de investimento para empresa bem menores, tentar a grande mudança? Que se fará do Rio de Janeiro e dos seus habitantes, sobretudo dos funcionários federais?

256

Essas e outras indagações se fazem continuamente. Grande parte delas não procede. Para todos os problemas suscitados se estuda uma solução plausível. O que se impõe, é o exame dos benefícios, das vantagens. O saldo é extraordinariamente favorável.

257

Em primeiro lugar, não há quem duvide de que o Brasil será um outro país, com o deslocamento do centro de decisão para uma zona quase despovoada, mas com todos os requisitos para exercer o seu papel de capital da República.

258

O cumprimento dessa obrigação é um dos mandamentos constitucionais. Coube-me o papel, que não posso deixar de reconhecer histórico, de decidir que chegara a oportunidade de se fazer obedecido. Cada

259

dia que passar, mais e mais dificultosa se irá tornando a transplantação. Já nesta altura, os óbices se apresentam variados; amanhã, se continuássemos a adiar a resolução, talvez já fôsse tarde e fatal para o destino do Brasil.

260 Não havia, portanto, hesitação possível. Amadurecera, em mim, a certeza de que não haverá o grande Brasil que sonhamos, sem que a cabeça da pátria esteja situada no seu devido lugar. Não somos ainda um país milenário, com formas imutáveis, acabado, esculpido, nítido, lógico e definitivo, mas uma nação que todos os dias é modelada. Já nos apropriamos de quase todo o litoral e suas proximidades; já nos instalamos ao longo das praias. Mas estas conquistas não chegaram para fazer de nós a grande pátria, em que os cépticos não crêem. Não podemos consentir que o Brasil vá continuando a crescer em tão alarmante desigualdade.

261 A fundação de Brasília é a fundação do equilíbrio da nação brasileira. Já vos disse, creio, que não se trata apenas de uma retificação puramente geográfica. O choque da mudança operará uma transformação necessária e urgente na mentalidade, no modo de sentir e conceber dos brasileiros, despertando-os, tornando-os mais atraídos pelo empreendimento privado, inspirando-lhes um desejo maior e mais acentuado de melhorar os índices de nossa produtividade. O contato com os problemas, as emoções de um mundo a vencer, tudo isso atuará de maneira saudável na alma nacional, insuflará em todo o país o mesmo espírito que fêz de São Paulo o que São Paulo é hoje.

262 Não há país que se desenvolva sem a ambição de seus filhos. Não haverá grande Brasil sem que a ambição mova ao trabalho os homens capazes.

263 Tudo o que temos de real é fruto da ambição. Não estivessem dela imbuídos os velhos paulistas, e outro teria sido este país. Não fôssem ambiciosos os antepassados dêste potentíssimo Estado, e teríamos

ficado contidos na linha Belém—Cananéia. Benditas, pois, as conquistas dos heróis legendários que esperam um Homero, um Vergílio ou um Camões para fazê-los ressuscitar e caminhar de novo pelas metas inóspitas e desconhecidas.

Se vos posso fazer um apêlo, *mudancistas*, como 264
vós mesmos vos intitulaís; se algo posso desejar de vós, concito-vos a que sejais ambiciosos, e que tenhais orgulho de vossa ambição, sacratíssima, nobilíssima e assaz justa ambição de promover a grandeza do Brasil através do desbravamento de seu interior.

Não me pejo de pedir-vos ajuda. Presidente da 265
República, solicito o apoio de vossa energia, de vossa esperança, de vossa capacidade de sentir e compreender esta nação. Divulgai, explicai, comunicai a todo o país o que desejamos fazer, o que faremos. Sacudi esta nação com a vossa fé e a mim mesmo auxiliai-me a suportar esta luta que será tão mais violenta quanto mais nos negativos e descrentes se fôr tornando claro o entendimento de que não estamos falando em vão.

BELO HORIZONTE, 17 DE MARÇO DE 1957

NO ENCERRAMENTO DO I CONGRESSO DE
MUNICÍPIOS, SOBRE A ARTICULAÇÃO DOS
PROBLEMAS MUNICIPAIS COM OS NACIONAIS.

Os congressos regionais que, por iniciativa do 266
Movimento Municipalista, se realizaram em várias cidades mineiras, têm esplêndido coroamento na reunião que ora se encerra e de que participam todos os prefeitos de Minas. E a presença, entre vós, de numerosos representantes das câmaras municipais veio ressaltar, de modo admirável, como em Minas o Executivo e o Legislativo municipais marcham de mãos dadas, em perfeita harmonia de vistas e comunhão de esforços,

na pugna pelo progresso e bem-estar das comunidades que representam.

267 Não preciso dizer-vos que me sinto inteiramente à vontade entre vós, com a naturalidade e confiança de velho camarada. Quando tive a honra de presidir aos destinos do nosso Estado — vós vos lembrais —, visitei-o município por município, e a muitos dêles me foi dado voltar mais de uma vez. Assim, posso afirmar que conheci a cada um de vós em vossa própria casa.

268 Fisionomias que me são caras destacam-se, aqui e ali, por tôda parte nesta assembléia. Nela vejo companheiros de muitas lidas, que culminaram na campanha pela Presidência da República, prélio memorável em que recebi de Minas decisivo e maciço apoio. Também vejo nobres adversários, que comigo se bateram bravamente, e que, por isso mesmo, prezo e aceito, porque, Deus louvado, o exercício do poder não deformou em mim o sentimento democrático, antes lhe aumentou os escrúpulos e cuidados.

269 Mas, nesta assembléia, vejo, sobretudo, Minas, na majestade de seu presente, na grandeza de seu passado, na unidade e veemência de ideais que, sobrepondo-se a transitórios antagonismos, se afirmam em admirável continuidade histórica.

270 Como antigo prefeito e, mais ainda, como homem de município que sou, entranhadamente, conheço de experiência própria os problemas que aqui debatestes. E sei que reuniões da natureza desta não servem apenas para aproximar os líderes municipais, aprimorar a consciência municipalista, dar-lhe dimensões mais amplas, projetá-la poderosamente no âmbito do país.

271 Esse objetivo por si só justificaria o vosso encontro. Porém frutos imediatos, benefícios concretos e próximos também se colhem. O sincronismo de esforços, que a luta pelo desenvolvimento nacional impõe, criou condições novas para a vida brasileira. Já o município não pode isolar-se na procura de soluções locais para

os seus problemas. O aproveitamento racional dos recursos do país não só requer conjugação mais íntima de forças, entre o município, o Estado e a União, mas também impõe que, através de consórcios intermunicipais, procurem as prefeituras soluções que, atendendo à comuna, sirvam à região e, servindo à região, sirvam ao Estado e à coletividade nacional.

Excelentes resultados tem trazido a experiência de municípios pioneiros, que, associando-se uns aos outros, vêm realizando obras regionais de interesse comum, mediante o aproveitamento de recursos orçamentários conjugados. Essa coordenação de energia, removendo, no campo financeiro, obstáculos que seriam intransponíveis, se cada unidade municipal procurasse enfrentar sozinha determinado problema, permite que muitos empreendimentos se executem, sem que haja necessidade de agravar a tributação ou trazer novos encargos aos contribuintes. 272

É óbvio que as obras planificadas, na esfera intermunicipal, hão-de ajustar-se aos programas regionais de valorização das áreas, integrando-se nas metas gerais do plano nacional de desenvolvimento econômico. 273

Meu governo tem estado permanentemente atento a essa indispensável articulação de atividades municipais, estaduais e federais. Num país da extensão do nosso — onde, em forma tão desigual, se expandem a riqueza, o progresso e a cultura — cumpre à União tratar dos problemas regionais com espírito nacional, de sorte que o desenvolvimento, como um todo, se processe de modo orgânico. Assim nos temos orientado, na solução de problemas municipais, entre outros o do abastecimento d'água e o do suprimento de energia elétrica, serviços em que a União está invertendo substanciais recursos. 274

No que concerne especialmente ao primeiro, posso afirmar que projeto de lei, há pouco enviado ao Congresso, virá permitir imediata realização de obras 275

que, em conjunto, no ritmo em que ora se executam, só em vários decênios se ultimariam. Além disto, pretende também o governo, conjugando a ação das Caixas Econômicas Federais e do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, obter novos recursos para obras de tal natureza.

276 Vem a União — sob o atual governo — aplicando nos municípios e nos Estados, seja em obras locais que realize diretamente, seja por meio de empréstimos ou de subvenções, boa parte de suas receitas. No que respeita a Minas, bem o sabeis, não poupo incômodos, não perco ocasião, não recuo ante obstáculos, para fazer prevalecer os seus direitos e lhe dar o que a nação lhe deve, engrandecendo-a e fortalecendo-a em benefício da própria nação.

277 Minas continuava a viver insulada por entre as suas montanhas, vendo sufocar-se o seu ímpeto criador, o seu afã de progresso. A falta de grandes artérias — com que se pudesse escoar celeremente os produtos de sua indústria, de sua agricultura, de sua pecuária, proporcionando-lhe, em maior soma, os bens que o seu trabalho deve assegurar-lhe — fazia frustrar ingentes esforços da comunidade mineira, tornava infrutífera a sua eterna peleja contra os desfavores de um solo notoriamente pobre em vastos tratos.

278 Meu governo está removendo êsse tropêço, está eliminando êsse estrangulamento, em ponto vital da economia do nosso Estado. Já se inaugurou a grande estrada que liga Belo Horizonte ao Rio. Prosseguem ativamente — e eu as levarei a termo — as obras de construção e pavimentação da rodovia Fernão Dias, rumo a São Paulo, e da rodovia Belo Horizonte—Vitória. O acesso rodoviário à futura capital processar-se-á, em grande parte, através do território mineiro, cruzando-o no norte, no centro e no Triângulo. E o reaparelhamento da Central do Brasil, da Leopoldina e da Rêde Mineira de Viação virá trazer grande desa-

fôgo à produção mineira. A importante ligação Belo Horizonte—Itabira será entregue ao tráfego em 1960. Assumo convosco êste compromisso.

Especial cuidado vem dedicando também o meu 279
governo ao suprimento de energia elétrica a indústrias que deverão transformar a face da economia de Minas. Grandes obras serão em breve iniciadas, como é do vosso conhecimento. A barragem de Três Marias, além de fornecer um potencial elétrico de 520.000 kW ao centro e ao norte do Estado, virá assegurar regularidade à navegação do São Francisco, eliminando o perigo das enchentes, e permitirá completo serviço de irrigação de terras, ao longo do vale do rio. Com outras usinas em projeto, elevar-se-ão a 1.500.000 kW as disponibilidades de energia elétrica em nosso Estado.

Além dêsses grandes empreendimentos, a que o 280
meu governo se vai dedicar com as suas melhores forças, todo o apoio vimos dando à execução do programa elétrico regional, a cargo da Cemig.

Nesse como em outros setores, não faltará à hon- 281
rada e esclarecida administração Bias Fortes o decidido apoio do governo da República. A êsse eminente homem público, que, sendo de estirpe ilustre, pôde, por sua vez, acrescentar novos e altos títulos à glória ancestral; a êsse varão modelar, pela sua probidade, pela sua clara visão das coisas e pelo seu fervoroso patriotismo, me vejo ligado não apenas por sentimentos de velha estima e admiração, mas sobretudo pela afinidade de vistas, pela mesma compreensão dos problemas que, no campo administrativo e no político, se propõem ao homem de governo.

No empenho de valorizar o nosso *hinterland*, tenho 282
as vistas voltadas não só para Minas, mas para todo o interior do país. A mudança da capital da República será o remate de esforços quase sobre-humanos, em que me venho empenhando com tôdas as minhas energias. A nós mineiros, que edificamos esta capital

numa região desnuda, quase desértica, e a vemos florescer esplêndidamente, êsse problema não intimida. Se nossos maiores criaram Belo Horizonte, havemos de poder criar Brasília. É uma ação ousada, bem o sabemos, mas, se recuarmos ante dificuldades, retardar-se-á de séculos, talvez, a integração efetiva do Brasil interior na comunidade nacional. A transfiguração política, demográfica, econômica e social que o país experimentará, com a mudança da sede de seu governo, virá remunerar, generosamente, os sacrifícios que a nação fizer. Só conhecerá o país a verdadeira grandeza, no dia em que dominarmos os grandes vazios interiores, plantando cidades, rasgando estradas, levando o progresso técnico aos rincões remotos e explorando-lhes as imensas riquezas. E Brasília é o grande passo para êsse mundo futuro.

283 Nada poderá deter êsse passo. Nada obstará a marcha do país para a conquista de si mesmo, que é a ocupação efetiva de suas grandes áreas internas. Por ela, empenharei a minha própria vida. Não vejo sentido nas vidas que se economizam, que se recusam a consumir-se na chama de um ideal. A vida é dádiva de Deus e, como dádiva, há de continuar a dar-se generosamente. Não nos é lícito entesourá-la, avaramente. Continuando a obra da criação, que é perene, havemos de converter a nossa vida em criação também perene.

284 Sei que me acompanhais nesse empreendimento desmarcadamente grande para que seja sustentado pela energia de um só homem. Sei que conto convosco, homens do interior, sobretudo homens de Minas. A nossa prudência, o nosso comedimento, a nossa discricção jamais impediram, em nós, os gestos que transformam os destinos de um povo. Se é da natureza mineira a reflexão pausada, se cautos somos na resolução, a verdade é que somos igualmente pertinazes e intrépidos, quando algo foi decidido.

285 Sei que conto convosco, porque tenho consciência de não haver mentido às vossas esperanças. De Minas

leve para o governo o espirito de conciliação, a serenidade, a firmeza que nos deram, afinal, a paz política, tão desejada e tão penosamente conquistada, mas hoje estendida sobre o Brasil, a esparzir bens que não têm preço. De Minas levei forças para sustentar a peleja de um governo que tem de cortar na própria carne, para que o cancro da inflação não a corroa e, restaurada em suas forças, possa a nação expandir-se em riqueza e poderio. O espirito de Minas tem inspirado o governo, na sua vigilância constante para que não haja descaminho dos dinheiros públicos e a homens probos sejam entregues os postos de administração. A perseverança nos empreendimentos que irão libertar o país da servidão econômica; a constância em evitar gastos supérfluos e adiar os adiáveis, que não se enquadrem no plano de obras essenciais ao desenvolvimento; a tolerância, diante de incompreensões e de injustiças; a decisão e firmeza, quando se trate de salvaguardar as instituições; o devotamento, enfim, aos supremos interesses da pátria — têm sido as regras de um governo que não perde de vista a tradição mineira, a severa e, a um tempo, serena lição de Minas.

Aqui deixo estas palavras — senhores — como uma prestação de contas a Minas, diante desta assembléia que reúne as expressões mais altas de sua política e sua administração, no Estado e no município. Agradeço-vos a oportunidade que me proporcionastes para dizê-las. E, ao mesmo tempo, congratulo-me convosco pelo êxito dêste memorável congresso.

286

FLORIANÓPOLIS, 3 DE ABRIL DE 1957

NA CONFERÊNCIA DOS GOVERNADORES
DA BACIA PARANÁ-URUGUAI, SOBRE O DE-
SENVOLVIMENTO REGIONAL E NACIONAL.

Venho até este adiantado e progressista Estado 287
de Santa Catarina, a fim de mais uma vez dar prova
do interesse do meu governo para com a região com-
preendida na chamada bacia do rio Paraná—Uruguai.
A planificação e execução de um programa, de impor-
tância capital para este trecho do território brasileiro,
considerável pela sua extensão, pelo seu adiantamento
e pela sua riqueza, não poderia deixar de encontrar
solicitude, atenção e o mais decidido apoio de uma
administração que fez do soerguimento do país a sua
bandeira, a sua finalidade, o seu ideal.

Estamos congregados para cuidar de assuntos sérios, 288
para medir problemas fundamentais, pensar nêles,
tomar providências concretas, para favorecer, enfim,
tudo o que se relaciona com o vosso desenvolvimento.

Não quero falar dos projetos e contribuições que 289
cada um dos Estados que constituem este conjunto
apresenta no plano de melhoria das suas condições de
trabalho.

Em breves palavras desejo apenas pedir-vos, 290
senhores governadores e demais participantes desta
reunião, que passemos a agir incontinenti, a pôr em
execução as idéias que frutificaram e amadureceram

graças à experiência e aos conhecimentos dos homens probos que se applicaram em propô-las como úteis a tão privilegiada parte do Brasil.

291 O Governo Federal se dispõe a apoiar as medidas que pleiteardes, na certeza de que não cumpre senão o seu dever — o dever de incrementar o progresso de uma zona que está arcando com as maiores tarefas na sustentação do Brasil.

292 Não é possível esquecer o que produzis, nos mais variados setores de atividades, para manter em nível suportável grande parte do povo brasileiro e adquirir as divisas que nos facilitem equipamentos e outros meios de promoção da grandeza da pátria.

293 Aqui estão reunidos Estados cafeeiros como São Paulo, Paraná, Minas Gerais; aqui estão os Estados de Goiás e Mato Grosso, que começam a avultar na política de meu governo de acelerada recuperação do centro; aqui está o Rio Grande do Sul, cuja produção agrícola polimorfa constitui um exemplo digno de ser seguido por todo o resto do país; e aqui nos encontramos, em Santa Catarina, cujo equilibrio e cuja prosperidade constituem motivo de orgulho para todos nós, brasileiros.

294 Sabe-se que nos Estados compreendidos na bacia Paraná—Uruguai é que está situada a maior parte da indústria de nosso país e que é nêles que a agricultura tem caminhado a mais largos passos.

295 Não devia, pois, escapar-me a oportunidade de falar de um centro tão importante pelo trabalho fecundo e notório adiantamento, para insistir em algo que outros e eu temos repetido, sem que com isso perca em relevância: o dever imperativo de aumentar a produção agrícola e industrial do Brasil, com a aplicação de técnica mais adiantada, mais aperfeiçoada; mas não bastará produzir muito, se não lograrmos bom rendimento, a preços de competição internacional.

Para tanto, precisamos de usar uma técnica de primeira qualidade, a que corrige, que salva, que restitui à terra o que da terra se tira, a que estabelece as condições e possibilidades de trabalho, a que acelera a produção, melhora o nível de vida das populações desamparadas, constrói a prosperidade, valoriza as matérias-primas, distingue dos demais os países de primeira grandeza. 296

Não podemos salvar-nos, combater a inflação, sem produzir com fartura e a bons preços. O próprio café brasileiro está necessitando de ser tratado mais seriamente, de ser protegido com a qualificação do produto e o melhor rendimento das culturas. 297

Não há mais forte defesa contra a concorrência do que a apuração do produto e os preços convenientes. 298

Temos de combater neste capítulo o alarmismo, mas, ao mesmo tempo, temos de estar alerta. 299

Na verdade, inicia-se para o nosso produto-chave uma era de concorrência que não devemos subestimar. Não é com protestos indignados que impediremos se plante café seja lá onde fôr. Não está em nosso poder impedi-lo: o que importa é lutarmos com esclarecida decisão para sua garantia. 300

Outra coisa que acho conveniente ser dita agora é que não pode uma nação como esta, com as responsabilidades do Brasil, ter apenas no café o seu eixo, a sua força, o seu centro, o seu apoio total. 301

Devemos dar garantia por todos os meios, a todo o custo, ao nosso café, mas não podemos continuar a viver tão-sómente do café e do que ele nos proporciona. 302

É premente exportar muito, e já. É um imperativo para o qual vos chamo a atenção e a de todo o país. 303

Diversificar, para estarmos mais tranquilos com o dia de amanhã, é o que se impõe. A questão está em pauta. Que não se descuide do café um momento sequer, mas que fique entendido que no sistema de sua própria defesa se inclui a diversificação de produtos. 304

- 305 Temos de exportar rapidamente e muito, insisto, para renovar o equipamento das nossas indústrias, antes que, tornadas obsoletas, fique de todo ameaçado o nosso parque industrial.
- 306 Não haverá no Brasil surto industrial de monta sem que possamos exportar para nos equiparmos.
- 307 Concito-vos a meditar no problema de ajudar o café a sustentar a luta e ajudar o Brasil, ampliando outras fontes de renda para o nosso país.
- 308 Sei que para isto se impõe a ação do Governo Federal, facilitando os transportes e criando energia, mas já todo o país sabe que em tal sentido trabalhamos infatigavelmente, sem desfalecimentos, numa luta áspera contra forças maléficas de toda espécie, desde as negativas, as da inércia, as do pessimismo dissolvente, até as agressivas e virulentas erupções de ódio de desajustados que procuram em vão desorganizar o país com a calúnia soez e ira malsã.
- 309 Quero aqui, numa hora em que homens preocupados com o bem público se reúnem para estudar seriamente, quero dizer que o governo está tranqüilo e certo de sua força e de sua capacidade de defender o trabalho, a ação correta, o esforço em que vos empenhais.
- 310 Passou a hora dos inimigos da paz, dos detratores. Serenamente, como sempre o fez até aqui, o meu governo agirá no sentido de tornar cada vez mais sólidos os fundamentos da ordem.
- 311 A responsabilidade de quem governa exige paciência, e esta tem sido largamente usada, mas exige também independência e reação.
- 312 Cumpre garantir o vosso direito ao trabalho construtivo, governadores dos Estados da bacia Paraná—Uruguai e de todo o resto do Brasil, o trabalho honrado do povo brasileiro.

Não será com uma meia dúzia de agitadores já 313
desacreditados na opinião pública que se irá fazer parar
o Brasil.

Continuarei inflexivelmente a minha campanha de 314
desenvolvimento nacional. Foi para isto que vim ao
governo. Ninguém me desviará de minha rota.

RIO DE JANEIRO, 28 DE ABRIL DE 1957

NA SESSÃO SOLENE INAUGURAL DO IV
CONGRESSO DE MUNICÍPIOS.

A realização do IV Congresso de Municípios na 315
Capital da República é dos eventos que mais júbilo
poderiam trazer a um governo, como o atual, dominado
pela preocupação de administrar.

Se é forçoso dar primazia às combinações políticas, 316
já que na estratégia destas é que a administração
encontra os meios de realizar-se; se não há fugir ao
“politique d'abord!”, aforismo básico da ciência polí-
tica, não preciso confessar-vos que, de meu natural, me
inclino antes para os encargos de gestão, que para os
sutis entendimentos, os diuturnos e constantes con-
cílhos, que a composição das forças atuantes no Estado
exige.

Assim, se me desvelo na ação política, exercito-a 317
como condição indispensável ao êxito da ação admi-
nistrativa; é nesta que encontro satisfação plena, é
nesta que me identifico com a minha forma de ser.

Entre vós, prefeitos e vereadores, a tratar de 318
questões administrativas, a estabelecer planos, a idea-
lizar empreendimentos, a diligenciar meios de realizá-
los, sinto-me no meu elemento, com os movimentos
fáceis de quem está em seu ambiente familiar, entre
cogitações a que o espírito propende naturalmente a
objetos que, por demorada convivência, acabam por
participar de nós mesmos.

319 Tendes, em vosso temário, uma substancial pauta de assuntos para estudo. Aguardo, com o mais vivo interesse, o resultado desses debates. Desde o Congresso de Petrópolis, em 1950, vindes, com objetividade e lucidez, estudando os problemas fundamentais da organização, da administração e do governo das comunas. Procurando sistematizar as bases de uma política municipalista de âmbito nacional, fizestes com que o município brasileiro rompesse o seu isolamento, transcendesse as fronteiras em que se encastelava, numa obsoleta compreensão de seus foros e prerrogativas.

320 Pregais um municipalismo de estilo novo. Preconizais diretivas culturais e técnicas que virão modernizar o município brasileiro. Vêdes, com clarividência, que, em nossa época, já o município não pode isolar-se na procura de soluções locais para os seus problemas. O aproveitamento racional dos recursos do país não só requer conjugação íntima de forças, entre o município, o Estado e a União, mas também impõe que, através de consórcios intermunicipais, procurem as prefeituras soluções que, atendendo à comuna, sirvam à região e, servindo à região, sirvam ao Estado e à coletividade nacional.

321 Falando, há pouco, em Belo Horizonte, na sessão de encerramento do I Congresso dos Municípios Mineiros, tive ocasião de aludir aos excelentes resultados que tem trazido a experiência de alguns municípios pioneiros. Associando-se uns aos outros, realizam, com extraordinária economia de meios, obras regionais de interesse comum, mediante aproveitamento de recursos orçamentários conjugados.

322 Essa coordenação de energias, removendo, no campo financeiro, obstáculos que seriam intransponíveis, se cada unidade municipal procurasse enfrentar sôzinha determinado problema, permite que muitos empreendimentos se executem, sem que haja necessidade de agravar a tributação ou trazer aos contribuintes outros encargos.

É óbvio que os empreendimentos planejados na esfera intermunicipal hão de ajustar-se aos programas regionais de valorização das áreas, integrando-se nas metas gerais do plano nacional de desenvolvimento econômico. Assim, o desenvolvimento do país se processará organicamente, como num corpo vivo e sadio, desde a célula municipal até os amplos vigamentos da estrutura da nação.

323

O meu governo, como sabeis, tem as vistas voltadas para o interior e se empenha devotadamente em que o país procure o seu natural centro de gravidade, valorizando as grandes áreas do *hinterland*. Brasília é o corolário dêsse movimento para dentro; é, ao mesmo tempo, meta e ponto de partida, porque a marcha para o interior se frustrará, sem aquela base de apoio.

324

Mas, quando falo em interior, não aludo apenas à interioridade espacial. Refiro-me a tudo quanto representa força interna, a tudo em que se firmam as raízes da nossa economia, da nossa sociedade, da nossa civilização, da nossa existência nacional. E o município é raiz, é captação do que há de mais profundo no organismo da pátria. Como agrupamento básico, humano e geográfico, nêle a nação encontra o seu ser íntimo. No homem do município há sensibilidade mais viva, reação mais pronta, mais alertado civismo, em tudo quanto concerne à coisa pública, pois o sentimento municipalista é fonte viva do sentimento de pátria. No município a nação vai buscar muitos dos seus mais atilados líderes, homens de visão mais realista, que vivem de pés fincados na realidade, ombro a ombro com o fazendeiro, o comerciante, o industrial, o operário. Na cidade grande, seres e coisas são vistos de longe, por vêzes se transformam, para nós, em entidades abstratas. No recesso das comunas, os homens se encaram de perto, se descobrem em sua figura humana, e os problemas se apresentam em realidade viva.

325

- 326 Assim, o revigoramento da vida local, no município, a restauração do prestígio dêste, o estímulo à sua ação, pelo fortalecimento de sua economia, a criteriosa redistribuição de encargos, nas três órbitas de governo do país — problemas que constituem temas constantes em vossos congressos — são reivindicações que interessam ainda mais à nação do que a vós próprios.
- 327 Inspirado neste pensamento, vem o meu governo procurando, por todos os meios, prestigiar, dignificar, fortalecer, valorizar o interior e as comunidades locais. Desde que assumi as responsabilidades da Presidência, a União vem aplicando nos municípios e nos Estados, seja em obras locais que diretamente realize, seja por meio de subvenções ou de empréstimos, parte considerável de suas receitas. E obras regionais de vulto, que são de vosso conhecimento, vão transformando a face da nossa economia, em muitas áreas, com reflexo imediato no padrão de vida de suas populações.
- 328 Problemas que mais de perto interessam particularmente a cada município, como o de abastecimento d'água e de energia elétrica, são objeto de nosso constante cuidado. No que concerne ao primeiro, quero anunciar-vos, nesta assembléia, que, além de projeto já enviado ao Congresso no qual o governo avoca a si a função de agente financiador de obras dessa natureza, outra medida, de efeitos imediatos, acaba de ser tomada.
- 329 Refiro-me ao decreto hoje assinado e que, regulamentando o art. 32 da Lei n.º 2.973, de 1956, autoriza o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e as Caixas Econômicas a financiarem a instalação de serviços de abastecimento d'água aos municípios.
- 330 Tentativas anteriores para solução do problema não alcançaram os resultados que se esperavam. Ou o resolviam parcialmente, ou estabeleciam limites tão reduzidos para os financiamentos, que frustravam os propósitos da administração. O decreto de agora, con-

jugado com o projeto que tramita no Congresso, permite atender à quase totalidade dos municípios que carecem de abastecimento d'água. Ambos foram elaborados com o propósito de assegurar aos serviços instalados autonomia financeira e assistência técnica eficaz. A fim de haver equanimidade no atendimento das solicitações de empréstimo, previram-se condições objetivas a ser observadas no estabelecimento das prioridades.

Resolvido o problema de abastecimento d'água, o das rédes de esgotos poderá ser solucionado mediante a conjugação de recursos das prefeituras, com a co-operação financeira da União. 331

Com a solução dessas obras fundamentais, melhorará consideravelmente o índice sanitário das populações do interior, e os orçamentos estaduais e federal ficarão sensivelmente aliviados no setor da saúde. 332

Vêde, pois, quanto êste govêrno está atento aos vossos reclamos, quanta diligência põe em atendê-los. Não cuida êste govêrno só dos interêsses da órbita federal, mas amplia cada vez mais o seu âmbito de ação, provendo, onde pode prover, seja na esfera estadual, seja na municipal, as necessidades do povo. 333

Para isto percorro incessantemente o país, de norte a sul. Para isto me faço presente em todo lugar e oportunidade, sempre que de minha presença possa resultar um encorajamento, uma iniciativa. Tal atitude não tem sido imune a críticas. Julgam alguns que melhor se governa despachando papéis na capital, que inspecionando obras no interior. Minha experiência de govêrno inspirou-me concepção diferente. Prefiro subir aos andaimes da construção, para ver, prover e fiscalizar. Não sei fechar-me em gabinetes, não me resigno a esperar que nos seus movimentos, por vêzes tardos, o aparelho burocrático transmita, já frouxo, o impulso que veio de cima. Sou impaciente, porque o Brasil está impaciente. Não é cômodo e nem isento de riscos êste estilo de govêrno, mas a verdade é que, 334

se permanecermos em gabinetes, o Brasil continuará, por muito tempo ainda, a comprimir-se na costa atlântica, fora do seu natural centro de gravidade. E nós continuaremos, como caranguejos, a arrANHAR as praias do litoral, à semelhança do colono que, no século dezessete, mereceu o ferino reparo de frei Vicente do Salvador.

335 Vós, homens do interior, bem me compreendeis. Nós nos entendemos, falamos a mesma língua de sertanejos. E o Brasil, que aspira a crescer, a superar-se, a pôr-se à altura de sua continental grandeza, nos fará justiça. Confio nisto, agora e depois, porque confio no bom senso do povo; confio na consciência nítida que a nação tem hoje de seus problemas e da necessidade de não mais temporizarmos, não mais nos apegarmos à insensata esperança de que o futuro nos traga, de graça, miraculosas soluções. Eis as palavras que entendi oportunas, neste instante e neste lugar, quando me defronto com aquêles que edificam, modesta e silenciosamente, o nosso poderio econômico, nos vastos espaços interiores do nosso grande país.

PEIXOTOS, 28 DE ABRIL DE 1957

NA INAUGURAÇÃO DA USINA DE PEIXOTOS.

336 O Brasil acaba de dar, neste momento, mais um passo à frente. A inauguração desta usina é um acontecimento de significação positiva e civilizadora; no dia de hoje acrescentamos alguma coisa a mais ao nosso patrimônio, enriquecemos êste país, dotando-o de um respeitável acréscimo de fôrça, o que vale dizer que possibilitamos que o ritmo de nossa expansão se acelere, se torne mais e mais seguro. Não haveria Brasil potência industrial, não haveria Brasil nação de primeira ordem, se não processássemos a revolução da energia, a revolução que é dotar êste país de elemento

de força indispensável a que a nossa grande roda girasse, se aproximasse cada vez mais do ponto a que devemos chegar.

Hoje entregamos ao serviço de uma zona próspera a usina de Peixotos. Isto quer dizer que, dos dois milhões de quillowatts que assinalamos como meta a cumprir neste quinquênio, ireis produzir quatrocentos mil. Vinte por cento do programa nacional está cumprido, graças à iniciativa privada, a que não faltou o estímulo, o apoio, a colaboração supletiva do governo. 337

O Professor Eugênio Gudín, em nome da empresa que projetou, realizou e é responsável direta pelo grande sucesso que é a usina de Peixotos, deu-nos, com a já famosa clareza que caracteriza o seu método de expor, uma síntese da história desta realização, que teve início há quase meio século, com a aspiração modesta de servir, com a sua produção, a três municípios paulistas e que hoje se destinará, inicialmente, a um sistema que compreende cerca de cento e cinquenta e oito. 338

A história da usina de Peixotos espelha, resume, traduz de maneira eloqüente a história do nosso desenvolvimento nos dias que correm. A verdade é que o nosso país despertou e pôs-se na demanda de sua verdadeira e alta destinação. Nada nos deterá mais, nenhuma maquinação, nenhuma conspiração de retrógrados, nenhum sortilégio de negativos, nenhum obscurantismo de gente superada, ultrapassada, nada impedirá esta nação de levar a efeito a operação transformadora e indispensável que já está processando, que já está mudando a nossa fisionomia, que já nos está dando a visão do país que deveremos ser, para não traírmos a nossa própria herança, o patrimônio que recebemos para fazer prosperar. 339

País de crescimento populacional rapidíssimo, temos de fazer face à nossa própria condição de grande nação. Somos, temos de ser uma grande nação. Uma 340

grande nação industrial, uma grande nação moderna e não simples terra de plantação, temerosa de sofrer concorrência de zonas coloniais.

341 Quero, aproveitando a oportunidade, repetir o que já disse em muitas outras circunstâncias — o meu alto conceito sobre a iniciativa privada. Se a iniciativa privada necessita de apoio governamental para financiamentos — o que é natural e justo em países em que não há capitais acumulados em mãos de particulares —, não é menos certo que o governo, o Estado, precisa da colaboração, do ânimo, da competência e direi mesmo, para ser exato, da ambição que qualifica a empresa privada, do espírito objetivo dos investidores particulares. Congraçar, harmonizar os interesses privados com os do Estado, eis o que de mais útil me parece, para lograrmos eficiência no trabalho de melhorar e dar fundamento a este país. Que é possível este entrosamento, que é necessária esta colaboração, é o que ressalta do discurso preciso e sucinto do Ministro Eugênio Gudin. Estado e iniciativa privada podem perfeitamente caminhar associados numa obra de interesse comum, de efeito promissor para este país.

342 Não preciso repetir que estou de acordo com o Professor Gudin no que toca à necessidade de possibilitar à iniciativa privada operar na produção de energia. Já está agindo neste sentido o meu governo, a fim de ser dado tratamento adequado ao esforço particular desejoso de colaborar em obra de tão grande significação.

343 No meio de tantas lutas, de tantas incompreensões, sinto-me feliz em estar aqui numa hora construtiva, numa grande hora em que se verifica que o trabalho de preparar o grande Brasil vem sendo levado adiante com segurança e objetividade. Caminhamos firmes em direção oposta ao velho, famoso e já desacreditado abismo.

RIO DE JANEIRO, 1.º DE MAIO DE 1957

NAS COMEMORAÇÕES DO DIA DO TRABALHO SOBRE A SITUAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL.

Falo-vos, meus amigos, não apenas como chefe da nação, mas como um de vós também, como um trabalhador, um homem que não vos traiu jamais e não se esqueceu um só dia dos seus deveres em relação a vós, e que, de primeiro de maio a primeiro de maio, esteve sempre inalteravelmente solidário com os que lutam, com os que precisam conquistar o direito à vida através de uma atividade incessante. Não venho à vossa reunião de hoje na qualidade de político que, tendo atingido o posto supremo de seu país, julga útil para si mesmo angariar as graças e a simpatia das massas trabalhistas.

344

Compareço a este encontro como homem do povo que sou, e orgulhoso de o ser, orgulhoso de ter partido na vida da estaca zero e de me ter conservado fiel ao meu destino, à minha qualidade de trabalhador.

345

Aqui, nesta vossa festa, que também é a minha, sinto-me como um companheiro de luta entre os seus pares, como um vosso irmão, a quem os designios da Providência, tantas vezes velados à nossa compreensão imediata, confiaram missão difícil e grave. A vosso lado experimento a sensação de ser amplamente apoiado nos meus objetivos, de estar cercado de uma inquebrantável solidariedade na campanha em que nos empenhamos pelo desenvolvimento de nosso país.

346

347 Não é necessário servir-me de qualquer artifício de retórica para falar-vos; devo até recusá-lo, decididamente. Diante de vós, trabalhadores, operários, homens que lutais pelo pão de cada dia, ficam dispensadas as roupagens da eloquência: basta falarmos na nossa linguagem para que entre nós não haja incompreensão. Quero que sejais hoje os meus confidentes. Pertencço à vossa família, porque nela nasci; não tive pai alcaide, nem parentes poderosos. Aprendi, desde cedo, que é trabalhando que nos aproximamos da virtude, conquistamos os direitos mais sagrados, entre os quais sobreleva o de sermos credores do respeito de nossos semelhantes; que trabalhando é que se honra a Deus e se dignifica a vida.

348 Mal começava eu a perceber o mundo, e já entre as primeiras noções que recebi se incluía e se destacava esta, a de que é imprescindível trabalhar para valorizar a existência.

349 Não tive escola melhor, nem outro mestre que mais me ensinasse as coisas do mundo, que o trabalho. Em todos os cargos que ocupei, posso nem sempre ter acertado, posso ter cometido erros de julgamento, mas nunca deixei de ser um operário infatigável da administração.

350 Por mais que madrugueis para iniciardes as vossas lutas, não me precedeis, trabalhadores, não acordais para os labôres diários mais cedo do que eu.

351 E se na partilha das agruras terrestres não me cabe, nos dias de hoje, mas que também conheci de perto, o desconforto das viagens incômodas nos transportes coletivos e tantas outras dificuldades que ainda vos assoberbam, sobram-me numerosas e, não raro, dolorosas ocupações que não cessam um só instante, pois é pesada a tarefa de conduzir a bom pôrto, dentro da lei, da justiça, das diretrizes honestas, êste nosso país, fazendo-o avançar, fazendo-o tornar-se nação independente de fato, em condições de proporcionar uma vida digna a seu povo.

Vós bem sabeis o que desejo: de minha parte, julgo não ignorar o que pretendeis, aquilo a que aspirais, enfim, os vossos anseios. 352

Tenho conscienciosa noção de que um só objetivo nos une, nos congrega, nos faz marchar juntos, que a nossa meta comum é vencer as resistências que procuram enfraquecer o Brasil, retardar-lhe o passo, criar obstáculos à nossa expansão, impedir a conquista da posição internacional a que nossa pátria tem direito certo, indubitável. 353

Armam-se constantemente conjurações contra a caminhada que empreendemos para o seu engrandecimento: são os interesses políticos contrariados que se empenham em manter acesa a chama da desordem. Os mesmos elementos, já agora envelhecidos no ódio incansável e impotente, tentam inutilmente renovar os seus perversos sortilégios. 354

Sei bem, operários, homens que levais a vida na luta honrada, e vós também o sabeis, com que adversários nos deparamos todos nós que amamos o Brasil, quando nos desvelamos para que esta nação cresça e cumpra o seu destino. Ninguém vos iludirá, ninguém disfarçará a verdade de que existe uma contínua conspiração contra o desenvolvimento do Brasil. Quem quiser torná-lo forte, quem quiser que todo o povo brasileiro desfrute do conforto compatível com a dignidade humana, se alimente e se mantenha como seres feitos à imagem e semelhança de Deus, terá de contar com inimigos poderosos, pelejar em lutas árduas, conhecer processos infames de combate, enfrentar adversários encarniçados. 355

Tôdas as iniciativas que importem em engrandecimento nacional, tôdas as medidas que signifiquem melhoria positiva do nível de vida da nossa gente e acertar o passo de nosso país encontram fôrças opostas que procuram confundir, desorganizar, por meios e modos os mais diversos, a fim de que não triunfe a boa causa, 356

que é a da nossa prosperidade, a da paz de nossas famílias, a do sossego do nosso lar.

357 Qualquer providência salvadora, qualquer gesto visando a estabilizar os preços, ou reduzi-los, qualquer movimento de sadio nacionalismo, e logo recrudesce o ataque, a mistificação, a intriga.

358 É que êsses eternos descontentes estão vinculados ao atraso do Brasil e só vingam e se fortificam na medida em que êle se enfraquece e as dificuldades que pesam sôbre os vossos ombros se tornam maiores e mais insuportáveis. São êles fôrças maléficas, que se alimentam de desgraças e desaparecem e perdem a voz cada vez que o céu está azul, as culturas dão frutos abundantes e a prosperidade se aproxima e toma formas visíveis. Para sua própria defesa, para que representem um papel no cenário nacional, é indispensável o desassossego, a guerra, o luto. Nenhum governo que trabalhe para realizar algo de bom e que preconize a paz social e a paz política serve a êsses insaciáveis, que precisam das tempestades de intranquillidade para que sejam percebidos.

359 Falo-vos diretamente, meus amigos operários; falo-vos, para dizer-vos que não é a mim que combatem, quando me procuram destruir, mas ao esforço indormido que fazemos todos nós para que o Brasil explore as suas riquezas, para que não sejamos dependentes de outros países, para que os preços das utilidades se tornem acessíveis a tôdas as bôlsas. O que procuram desarticular, amortecer, desanimar, é o ímpeto, o amor ao trabalho, o ânimo dos dirigentes, a fim de que desistamos da empresa patriótica de operarmos uma transformação fecunda, valorizando a terra, fazendo-a produzir o que fâcilmente pode produzir, de modo a permitir que não sômente os privilegiados logrem viver dentro das exigências mínimas de conforto e segurança.

360 Não é à minha pessoa que visam, nem ao meu governo que tentam tumultuar, mas à possibilidade de fazer desta nação o que ela deve tornar-se; a luta é

contra o trabalho meritório, é contra os desassistidos, é contra os povos, é contra os homens de boa-vontade e, principalmente, contra as leis que garantem as justas conquistas que usufruís hoje, emanadas do govêrno do nosso grande amigo Presidente Getúlio Vargas, cujo nome pronuncio com o mais reverente respeito e que deve ser sempre lembrado pelo permanente amor que dedicou aos humildes, ao povo, e pela trágica desventura com que se encerrou sua vida, vítima que foi de rancôres que ultrapassaram de muito as fronteiras da política e atingiram uma região de brutalidade que todos os homens sérios e bons de qualquer partido condenam, reprovam, consideram oposta à índole generosa dos brasileiros.

Quero, diante de vós, tomando-vos como testemunhas do que afirmo, declarar, para que todos o saibam, que perdem o seu tempo e inútilmente porfiam os que conspiram contra a paz, contra os vossos direitos, que só valem de fato num país organizado e próspero. Os que ensaiam destruir e desesperançar-vos do advento de uma era melhor, em que a vida seja mais generosa e os vossos salários não apenas nominais e ilusórios, mas reais; os que desejam prosseguir na faina de solapar as instituições não encontram hoje terreno fértil e prêsas fáceis. O espírito da legalidade não é, nos dias que passam, coisa frágil, mas força profundamente enraizada na consciência dos brasileiros. Ninguém mais destruirá em nosso povo o respeito à ordem, em que estão contidas a justiça social e a nossa convicção democrática.

O meu govêrno, que tem patenteado isenção e tolerância exemplares para com os seus mais ferrenhos adversários, com propósitos de paz, na verdade evangélicos, que podem parecer até mesmo fraqueza aos observadores superficiais, o meu govêrno, que vem continuamente demonstrando ser um dos seus ideais mais elevados o conagraçamento da família brasileira, não está agindo assim, trabalhadores, não persevera em

361

362

desarmar opositores por temor ou debilidade. Estou cumprindo a minha obrigação, quando me empenho a fundo na solução de problemas fundamentais ou quando zelo para que não vos falte trabalho. Sou devotado e obediente servidor da lei e do regime.

363 E quem procede dessa forma nada receia e pode confiar em que sua autoridade será sempre respeitada, e se fará exemplarmente respeitar tôdas as vêzes que o dever funcional o exigir. A fôrça moral de uma causa grande que me acompanhou e escudou desde os primeiros instantes da campanha memorável que me levou à Presidência da República, a fôrça moral que me amparou quando vos queriam alguns poucos revoltados impedir de escolher o candidato que desejáveis, a fôrça da razão e do direito que me valeu, a mim, a vós e ao Brasil na hora decisiva, essa mesma fôrça ponderável operou a consolidação do regime e deu ao govêrno os elementos com que preservar as instituições, tornar duradoura a paz, soffrear as injustiças, assistir os que trabalham nas suas justas reivindicações, que só serão justas, não preciso repetir-vos, na medida em que o forem também para tôda a coletividade.

364 É sem arrogância e sem hesitação que vos digo, operários, servidores do país, gente limpa e honesta que aqui vos concentrais, que, na minha difficil passagem pela Presidência da República, o trecho mais áspero já foi vencido, cedeu a borrasca e podemos vislumbrar tempo firme.

365 Já vos posso anunciar que a ascensão dos preços dos gêneros de primeira necessidade está sendo, enfim, detida: baixam de maneira sensível alguns produtos e, em virtude de providências que em breve vão começar a repercutir eficazmente, não só reteremos novas tentativas altistas, mas ainda deteremos a elevação do custo daquilo que vos é indispensável a uma vida decente.

366 Não propalo fantasias; não me proclamo, a mim e ao meu govêrno, agentes milagrosos; tenho bem vivo o espírito da modéstia para deixar de confessar-vos que

Deus nos ajudou êste ano e abençoou o Brasil. As safras foram abundantes. Mas que ajudamos a Providência a ajudar-nos, não posso deixar de reconhecê-lo eu próprio, ao prestar-vos agora as contas que vos devo, porque em mim confiastes; nem deixará de reconhecer que lutamos com decisão, perseverança e sacrifício o amante da verdade. A terra produziu mais e melhor êste ano. Não descansei, não descansou o govêrno, entretanto, sôbre os anúncios da fartura. Não houve um só dia em que o presidente da República, pessoalmente, não apelasse, insistisse, providenciasse para que os frutos da terra não se perdessem. Ao favor dos céus procurou minha administração corresponder com diligência. Considero ponto de honra não consentir que continue a vida pela hora da morte, como se diz na certa e expressiva linguagem do povo. A vossa grande defesa, a do Brasil mesmo, tem na detenção da alta de preços o seu dique principal, o seu ponto superior de resistência. Não haverá nada que perdue, ou se salve, se se mantiver o aviltamento de nossa moeda. Seria criminoso permitir um govêrno sério que fôsseis enganados com simulações. Deveis conhecer diretamente a verdade, e a verdade é que o vosso interêsse está, em primeiro lugar, na valorização do que vos pagam, e o indeclinável dever de quem se considera e quer ser considerado vosso amigo consiste em assegurar-vos o trabalho, resguardando-vos do desemprego.

Não haverá — guardai bem estas palavras — nenhum homem que trabalhe satisfeito e protegido numa nação miserável, desorganizada, com moeda vil, sem crédito externo. Nenhuma classe sobrevive ou se exclui do perecimento nacional. Quem vos disser o contrário, não vos fala a linguagem que mereceis ouvir. Não basta ter direitos, ou enfileirar vitórias nominais, é preciso que êsses direitos e essas vitórias signifiquem e valham.

Haja o que houver, doa a quem doer, sofra eu qualquer espécie de assédio, de combate, de pressão,

367

368

mas não se desviará minha administração do seu estrito dever, que é o de impedir que perca a nossa moeda o seu poder aquisitivo, o seu valor, o que constitui perigo extremo para a nação, para o seu conceito, para a sua vida e para a própria segurança e garantia do vosso patrimônio, consubstanciado nas leis trabalhistas que vo-lo garantem.

369 A preservação da ordem, que é a causa suprema do momento, pois sem ordem não se poderá verificar a revolução pacífica mas heróica de fazer dêste país um dos mais poderosos do mundo; a causa da ordem, que é a da própria civilização brasileira, tem uma das suas seguranças, uma das suas trincheiras, na defesa do valor da moeda.

370 Não consentir que, por mais que vos paguem, vos reduzam sempre à maior pobreza; não consentir que vos iludam com promessas e vos ofereçam uma realidade amarga — eis o imperativo de honra a que não me furtarei de obedecer, custe o que custar, qualquer que seja o preço.

371 Não gosto de grandes frases, não se coadunam com o meu temperamento expansões imoderadas; mas quero insistir diante de vós, meus amigos, repetindo-vos que não cederei um só passo em face a qualquer atentado à ordem, compreendida em todos os seus aspectos.

372 Qualquer que seja o risco em defender o regime e a ordem, eu o correrei sem alarde, mas com inabalável decisão.

373 Quero informar-vos e manter-vos a par das grandes obras e projetos em andamento e que levaremos a têrmo, pois tais obras, qua são a construção básica sôbre a qual se ergue o futuro do país, configuram também o destino de todos nós como brasileiros e têm de cada um de vós o suor e o sangue.

374 Quero participar-vos que, ao prometer estradas, não eram vãs as minhas palavras. Já está em franca execução o programa do Plano Nacional Rodoviário, que

implicará o investimento anual de catorze bilhões de cruzeiros durante o próximo quinquênio.

No setor da energia, Três Marias e Furnas são obras 375
que estão em início de encaminhamento, mas para as
quais já temos recursos previstos. Isto significa mais
1.500.000 kW instalados, que propulsionarão, de par
com o nosso progresso industrial, a melhoria do nível
de vida do operário e que produzirão recursos em nosso
interior, onde a população tem lutado há longos anos
desassistida dos poderes públicos.

Não preciso esclarecer que um potencial elétrico 376
dessa grandeza virá provocar no panorama nacional o
advento de uma era nova, de um outro Brasil.

Quero anunciar-vos que a indústria automobilística 377
do país está com seus rumos definitivamente traçados
e em execução, e que nos próximos três anos teremos
aqui fabricados caminhões, ônibus, assistências e todos
os veículos motorizados tão necessários à nossa vastidão
territorial. Solucionamos este magno problema aliados
à iniciativa privada, tanto nacional quanto estrangeira,
que, compreendendo a institucionalização decisiva de
nosso país dentro da legalidade e da ordem, se tem mos-
trado cooperadora incansável e agente de nosso pro-
gresso.

Esta impressionante metamorfose do parque in- 378
dustrial brasileiro está intimamente ligada à solução
do aumento dos suprimentos de aço brasileiro, a qual
está sendo conduzida pela multiplicação das fontes pro-
dutoras, além do incremento de capacidade das unidades
já existentes. Assim é que Volta Redonda deverá estar
com seu plano de produção de um milhão de toneladas
pronto em data próxima.

No que vos toca particularmente, quero dizer-vos 379
que o problema das habitações populares vem merecendo
as atenções do meu governo, para que assim fiquem
aliviadas as bôlsas do povo do pesado ônus dos aluguéis.

Vimos estudando afincadamente como resolver de 380
uma vez por tôdas o problema muito sério da ins-

trução dos vossos filhos. Temos de criar, e criaremos desde já, mais escolas primárias, secundárias, industriais e agrícolas — e criá-las-emos, não há dúvida. A instrução é a mais valiosa das heranças que podeis deixar a vossos filhos. Prometo-vos que nisso também o meu governo há de ajudar-vos.

381 Acabais de realizar a Primeira Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal, em sintonia com os sentimentos dos vossos companheiros que constroem a nossa grandeza econômica nas unidades da Federação, numa prova de vitalidade da estrutura sindical.

382 Embora já houvesse eu debatido as questões do vosso temário com os principais líderes, determinei ao devotado ministro do Trabalho que recebesse as conclusões dessa Convenção, estudando-as de modo a me ser possível o encaminhamento das soluções, com a brevidade exigida pela importância dessa matéria.

383 Deus sabe que vos falo de coração aberto e que nada do que vos toca me é alheio ou indiferente.

384 Conto com o vosso apoio para realizar a grande obra nacionalista que se impõe.

385 O nacionalismo que objetivamos é o que se fundamenta em nosso desenvolvimento.

386 O nacionalismo que convém ao Brasil é o que tende a colocá-lo entre os demais países do mundo em condições de falar de igual para igual, sem nenhuma subserviência, sem nenhum receio, sem nenhum sentimento de inferioridade. Não é nacionalismo o que nos conduz a estender a mão e implorar ajuda. O Brasil não precisa mendigar. Se solicita apoio e colaboração de fora, tem também o que oferecer.

387 Nacionalismo não é paixão fanática, grosseira, deformadora, imoderada, mas consciência nítida e um nobre amor ao seu país, que inspira o desejo de defendê-lo, servi-lo, honrá-lo.

388 O nacionalismo não é arma política, mas um estado de alma elevado, um sentimento igual ao que os filhos devem dedicar aos que lhes transmitiram a vida.

Presidente da República, necessito de vós, trabalhadores, mais do que como candidato, para levantarmos, juntos, o Brasil, para apresentá-lo ao mundo como um grande país respeitado, onde reine para todos a mesma justiça, onde todos tenham o mesmo direito de viver como merecem os homens. 389

Não vos faltarei em nenhum momento; estou certo de que também não me faltareis nesta luta continua em que já estamos triunfando. 390

Quero seguir ao vosso lado sempre adiante, ombro a ombro, na marcha em favor do nosso grande ideal, que é o da recuperação e do fortalecimento do Brasil, grande nação. 391

RIO DE JANEIRO, 14 DE MAIO DE 1957

NO PALACIO DO CATETE, NO ATO DE
ASSINATURA DOS CONTRATOS DE FINAN-
CIAMENTO E EXECUÇÃO DA BARRAGEM DE
TRÊS MARIAS.

Estes atos que estamos praticando de assinatura dos contratos de financiamento e de execução das obras da barragem de Três Marias bem mereciam ser celebrados com a solenidade de que se revestem. 392

Este país, em que há tantos problemas para resolver, dá o seu mais largo passo na marcha para a luta de extermínio do subdesenvolvimento. 393

A obra de Três Marias, que vamos levar a efeito, é uma afirmação incontestável da capacidade realizadora dos brasileiros, é mais uma prova de que já somos nação apta a encontrar o caminho de sua libertação econômica, de seu enriquecimento. 394

Este feito gigantesco e fecundo, que nem mesmo a má-vontade dos homens negativos terá forças para impedir seja concretizado em dezembro de 1960, há de representar um dos marcos assinaladores das etapas 395

de nossa evolução para o estabelecimento definitivo de nossa independência.

396 As civilizações se exprimem e se revelam, dão a medida de seu poder e do seu caráter pelas produções nos setores mais diversos.

397 Corrigir, dominar em benefício do homem a natureza constitui, sem dúvida, uma obra tão civilizadora como o aparecimento de um grande livro em que se espelha a alma humana ou um painel em que se revele a presença de grandes artistas, enobrecendo o seu tempo e sua pátria.

398 Damos prova indiscutível de civilização, contendo e disciplinando o São Francisco, evitando que, nas suas enchentes, destrua os frutos do penoso labor dos homens heróicos e desventurados que nas suas margens vivem de cultivar a terra fecunda, mas involuntariamente traiçoeira, tornando regular e contínuo o tráfego na esplêndida via líquida que o rio — chamado da unidade nacional — oferece nas fases de cheia; e captando parte considerável de sua força geratriz, possibilitando, assim, a duplicação do aproveitamento hidrelétrico de Paulo Afonso.

399 O rio da unidade nacional, grande dádiva de Deus à nossa pátria, passará, em 1960, a servir ao povo brasileiro com o máximo de rendimento, deixará de ser apenas um objeto de digressões sociológicas e literárias para transformar-se na maior fonte de enriquecimento de uma das zonas mais pobres, mais injustificadamente pobres de nosso imenso território.

400 Poucos projetos possuem o grau de amadurecimento comparável ao de Três Marias, parecendo oportuno apreciar, mesmo sucintamente, o histórico de seu planejamento: parte integrante, aliás a mais importante, do programa da Comissão do Vale do São Francisco, criada pela Lei n.º 541, de 15 de dezembro de 1948, foi objeto de intensos estudos preliminares.

A conclusão dêsse estudo redundou na assinatura 401
de um primeiro convênio entre a referida Comissão e
a Cemig, pelo qual esta, com o concurso da International
Engineering Company, de São Francisco, se comprom-
etia a elaborar um plano das obras.

Resultou disso a assinatura de um segundo con- 402
vênio, sempre entre a mesma Comissão e o governo de
Minas Gerais, com interveniência da Cemig, para a
execução final do projeto: à Comissão do Vale do São
Francisco caberá construir a barragem propriamente
dita, enquanto a Cemig cumprirá edificar as insta-
lações para produção e distribuição de energia elétrica.

O projeto, já nessa adiantada fase de elaboração, 403
foi submetido ao Conselho de Desenvolvimento, que o
estudou, confirmando, entre outras coisas, a necessidade
de um prazo de quatro anos para completar as obras
da enorme barragem, de 2.600 metros de comprimento,
64 de altura e comportando movimentar um volume de
15 milhões de metros cúbicos de terra.

Assim, preparamos com tôda a prudência êsse 404
magno projeto, ouvimos os técnicos mais proeminentes
e entregamos sua construção às firmas de maior capa-
cidade mundial nesse setor: nenhum pormenor foi es-
quecido, nenhuma feição do problema julgada secun-
dária.

É um plano de conjunto grandioso que, como vimos, 405
vai muito além de mera produção de energia elétrica.

Conveniente é frisar que um acréscimo de mais de 406
quinhentos mil quilowatts ao potencial elétrico da nação
constitui acontecimento que, por si só, diz bem do al-
cance da obra que se vai iniciar: nenhum projeto já
realizado é maior do que êste, qualitativa e quantita-
tivamente; nenhum contrato de obras já celebrado no
país ultrapassa a êste.

A gigantesca adição de energia, dêle decorrente, 407
permitirá duplicar o potencial de Paulo Afonso. Di-

zendo isto, creio digo o bastante para que a nação tôda fique a par de que êste instante que estamos vivendo agora na verdade transcende os limites de uma cerimônia comum.

408 O pensamento de que o meu govêrno está empenhado a fundo numa luta decisiva em favor do Brasil, em prol da grande nação que as futuras gerações vão conhecer, bem como a consciência de que não deixei de cuidar, apesar de tantos e tão repetidos embarços, do que é fundamental para a ascensão desta nossa pátria, animam-me, consolam-me e me reconfortam.

409 Esta obra de Três Marias, que começa no dia de hoje a viver a epopéia de sua execução, é uma obra de justiça econômica, de justiça social e de alta rentabilidade para a região beneficiada, vale dizer, portanto, para tôda a nação.

410 Não quero deixar de ressaltar, como é de justiça, que a definição do plano de Três Marias, como ponto central da recuperação do Vale do São Francisco, concebida por um grupo de jovens engenheiros, foi feita pelo govêrno do eminente Marechal Eurico Gaspar Dutra.

411 Ao terminar, agradeço aos ilustres Senhores Governadores, Senadores, Deputados, engenheiros e representantes das firmas encarregadas das obras, a todos enfim, a presença à assinatura dêstes contratos, que cumprimos até o fim, ajudados pela Providência, sem a qual não há nação que viva em paz, nem povo que seja feliz.

RIO DE JANEIRO, 8 DE JUNHO DE 1957

NO PALACIO ITAMARATI, EM SAUDAÇÃO
AO CHEFE DO ESTADO PORTUGUÊS, PRESI-
DENTE FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República
Portuguêsa,

Peço licença a Vossa Excelência para não me 412
restringir inteiramente ao caráter das saudações que, no
gênero, as sábias razões protocolares mandam serem
bem medidas, polidas e, por que não o dizer, sucintas
e sem grandes expansões. Possivelmente não lograrei
ser muito obediente às regras.

É que portugueses e brasileiros, Excelentíssimo 413
Senhor Presidente, reunidos em tórno da mesa, não
podem evitar que o mais solene banquete deixe de ter
o aspecto de um encontro de família.

O fato de sermos ambos Chefes de Estado, de re- 414
ceber eu a Vossa Excelência nesta Casa em que se cul-
tivam as melhores tradições brasileiras, e em que se
gestiona a politica exterior do Brasil com tão honesto
quanto austero sentido do dever, a natural gravidade
dêste sítio, nada disto impede que eu me sinta, Exce-
lentíssimo Senhor Presidente, na maior intimidade fra-
terna.

Vossa Excelência não é aos meus olhos apenas um 415
estadista: é um amigo e bem próximo, a quem se deve,
além da mais alta deferência, além da afetuosa cor-
tesia, além do profundo reconhecimento pela visita que

faz à nossa terra, o calor da estima que todos os brasileiros nutrimos pelos portugueses, e a força de um impulso cordial que desafia as próprias convenções que preconizam contenção e sobriedade, em momento como este.

416 Na pessoa de Vossa Excelência, quero saudar o ilustre Chefe Militar, provado quer nos ares, quer nos campos de batalha, o homem de Estado que se tem conduzido com a retidão e o brilho que lhe valeram tão alto conceito dentro e fora de Portugal, o cidadão da velha estirpe portuguesa, filho de nossa bem amada terra lusitana.

417 Acolhendo Vossa Excelência nesta mansão, quero exprimir o orgulho com que acompanhamos, aqui no Brasil, o crescente prestígio de Portugal no concêrto internacional. Não conseguirá nenhuma paixão política obscurecer a realidade que evidencia ter a nação presidida por Vossa Excelência alcançado o seu apogeu e estar desfrutando no panorama mundial situação privilegiada.

418 Permita-me louvar a firmeza e a prudência que caracterizam a política exterior de Portugal.

419 Firmeza na salvaguarda de seus direitos; prudência em todos os atos, em todos os passos, no reconhecimento do terreno em que a nação deve e tem de caminhar e na sua conduta conseqüente.

420 Eleva-se Portugal cada dia mais e mais entre as nações do Ocidente. A palavra, o crédito, o equilíbrio, a altivez sem excessos da política externa do seu país, Excelentíssimo Senhor Presidente, selaram uma reputação e consolidaram uma vitória. Tudo isto dizendo, sem favor e exorbitância, quero repetir a Vossa Excelência, Excelentíssimo Senhor Presidente, que nos conforta a glória portuguesa nos dias atuais, como nos entusiasma os feitos dos nossos antepassados comuns, que a história muito justamente assinalou.

Creia, Excelentíssimo Senhor Presidente, que é com sincero espírito de estima pessoal que saúdo Vossa Excelência neste momento, e que, em nome de minha mulher e no meu, apresento nossas mais respeitadas homenagens à sua espôsa, Excelentíssima Senhora Craveiro Lopes, levantando, ao mesmo tempo, a taça, em sincero preito à terra amável e bela e ao grande povo que soube, à custa de sacrifícios, labôres e heroísmo, a lei da vida eterna dilatar. 421

RIO DE JANEIRO 10 DE JUNHO DE 1957

NO COPACABANA PALACE HOTEL, QUANDO DA ENTREGA DA ESPADA DE OFICIAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO, EM NOME DAS FORÇAS ARMADAS, AO CHEFE DO ESTADO PORTUGUÊS, PRESIDENTE FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES.

Excelentíssimo Senhor Presidente Francisco Higinio Craveiro Lopes,

Não é um gesto de cortesia a mais, uma nova demonstração de afeto, fruto das boas relações entre os nossos países, Excelentíssimo Senhor Presidente, o oferecimento que faço a Vossa Excelência desta espada do Exército Brasileiro, em nome de nossas Fôrças Armadas, na qualidade de seu comandante-em-chefe. 422

Não é apenas um gesto cordial de companheiros de armas ao general que atingiu a chefia suprema da Nação Mater. Tem êste ato um significado muito mais profundo. 423

As Fôrças Armadas brasileiras, depositando nas mãos de Vossa Excelência a arma leal entre tôdas as armas, a arma símbolo da defesa, a arma nobre que sintetiza comando e exprime alta dignidade militar, querem dizer, através da pessoa ilustre de Vossa Excelência, à Nação portuguêsã, ao povo de que descendemos, que a espada dos soldados dêste país tem sempre 424

estado atenta, sempre se tem conservado alerta na sal-
guarda do patrimônio que os portugueses nos legaram.

425 A espada que Vossa Excelência recebe neste mo-
mento conservou-se pura de qualquer infidelidade a esta
pátria que a pátria de Vossa Excelência gerou.

426 A espada de Caxias, Tamandaré, Osório e Barroso
está velando pela integridade dêste imenso território,
zelando por êle, não consentindo que a obra milagrosa
de nossa unidade, que devemos aos heróicos portu-
guêses, se perca dissolvida e anulada.

427 Esta espada que aqui está sempre se manteve vigi-
lante na garantia de um patrimônio tão sagrado quanto
o constituído pela nossa grandeza territorial — o pa-
trimônio espiritual que recebemos, Excelentíssimo
Senhor Presidente, de nossos antepassados.

428 A espada que apresento a Vossa Excelência, fiel
protetora da civilização cristã, ontem e hoje, há de ir
pelo tempo afora, guiada por Deus, opondo-se às inves-
tidas dos inimigos da Fé, dos deformadores da alma que
um dia os lusíadas nos transmitiram.

429 É uma espada de capitães que jamais se descui-
daram da defesa de Deus e da Pátria.

430 Escuse-me Vossa Excelência por eu próprio realçar
e proclamar o alto valor dêste presente.

431 É comovido que afirmo a Vossa Excelência que é a
mesma espada que os soldados de El-Rei Luso, nas horas
em que a aurora da nacionalidade brasileira despon-
tava, brandiram contra os ímpetos dos invasores desta
terra ainda tão pouco conhecida, mas tão logo amada
pelos portugueses.

432 Receba, pois, esta espada, Excelentíssimo Senhor
Presidente, General Francisco Higino Craveiro Lopes,
que guardamos pelos séculos, limpa de qualquer mancha,
a serviço da comunidade luso-brasileira, para com ela
homenagear um Chefe de Estado Português, um homem
de bem, um soldado, um lusíada.

NO REAL GABINETE PORTUGUÊS DE LEI-
TURA EM SESSÃO SOLENE DE HOMENA-
GEM AO CHEFE DO ESTADO PORTUGUÊS,
PRESIDENTE FRANCISCO HIGINO CRAVEI-
RO LOPES.

Excelentíssimo Senhor Presidente,

Agradeço à Providência, Excelentíssimo Presidente 433
Craveiro Lopes, ter-me concedido a honra, jamais son-
nhada nos meus humildes dias de jovem, de poder, em
nome do Brasil e na qualidade de presidente da Repú-
blica dêste país que o acolhe jubilosamente, saudar, na
pessoa de Vossa Excelência, a Nação Portuguêsa, nesta
data à glorificação de nossa raça dedicada.

Agradeço a Deus, Excelentíssimo Senhor Presidente 434
Craveiro Lopes, haver-me reservado, e nas condições
excepcionais em que o faço, a incumbência de proclamar,
em forma solene, o orgulho com que nosso povo re-
conhece o imenso papel representado por Portugal na
criação e presença do Brasil no Mundo.

Somos uma nação lusiada, porque frutificamos 435
graças ao espírito de conquista, à ambição fecunda e ao
sentimento de grandeza dos portugueses, nossos ante-
passados.

Somos uma nação lusiada, porque nos conservamos 436
fiéis, através do tempo e a despeito de tantos fatores
adversos, à herança da civilização cristã, em que nos
integramos, a esta língua — patrimônio comum de nossos
povos — em que nos entendemos todos nós.

Não quero repetir, Excelentíssimo Senhor Presi- 437
dente, o que, mais além do que está a meu alcance, já
foi dito e redito por autoridades sem conta acêrca da
identidade que nos liga a Portugal.

Não quero repetir ter nascido de sementes lusiadas 438
a árvore brasileira; que aos portugueses coube a tarefa
de ter promovido a unidade e a posse desta Nação, tão
rica nos seus aspectos geográficos, que é bem mais um

continente do que um país; e também que a alma brasileira recebeu na sua hora batismal o sôpro da alma portuguesa; que estamos ligados pelo amor ao mesmo Deus e por igual sentimento de família. Não há no Brasil quem não saiba, reconheça, verifique e aprecie tão grandes evidências. É por tudo isso, e mais ainda, que os lustres e as glórias de Portugal nos comovem e envaidecem, a nós, brasileiros, como os agravos e injustiças a Portugal nos magoam e ferem.

439 Toda essa condição de intimidade fraterna dispensa comentários, como se a estivéssemos a descobrir. E tanto dispensa, que juntos podemos comemorar, portugueses e brasileiros, êste dia, glorificando a nossa comum fonte humana, simbolizada na figura sem par de Luís Vaz de Camões.

440 Nobre povo que, na exaltação de um Poeta, pode exaltar a sua raça, e que no mar da poesia pousa a sua própria imagem.

441 Excelso povo que serviu de modelo e é a substância de um poema imortal, que o tempo não logrou desfigurar ou envelhecer, poema que paira tal como um pássaro de asas abertas, a seguir a Nação Portuguesa aonde quer que vá, na sua viagem para o dia de amanhã.

442 Feliz povo em que a glória da raça se confunde com a glória da poesia.

443 Venturoso povo, a quem coube a graça de ter podido oferecer ao patrimônio das criações espirituais da cultura universal tão imenso e celebrado canto.

444 Chefe de Estado brasileiro, recebendo um Chefe de Estado Português, nesta Casa veneranda, voltada e devotada ao saber e aos livros, aqui nos identificamos na representação de todos os que falam a nossa língua, estejam onde estiverem, — em Goa, na África, nas ilhas atlânticas, nos diversos rincões do meu país, em não importa que aldeia portuguesa —, para uma homenagem comovida ao Poeta, sublime e altivo, que soube fixar num monumento mais duradouro que o bronze, — “mo-

numentum aere perennius” — relembrando Horácio, a heróica, e incomparável virtude do amor à Pátria.

Os Lusíadas são, na verdade, o mais veemente hino ao patriotismo dos portugueses, nossos maiores; e porque descantam o que há de profundamente enraizado e forte em um povo; e porque enobrecem e celebram um sentimento que haverá de conservar-se intato e palpitante neste planêta, enquanto houver um só lusíada, jamais deixarão de ser atuais, vivos, os dez cantos que narram tantas aventuras, venturas e desventuras.

Nenhuma raça à portuguesa se sobrepõe no amor à pátria. O patriotismo é a razão de ser, a explicação dos sucessos, das resistências oferecidas pelo destino que, adverso tantas vêzes no seu longo percurso, deparou tempestades e calmarias que a nau portuguesa soube enfrentar com coragem e decisão.

São os lusitanos uma afirmação singular de amor às suas raízes, amor que vos mantém invictos, a vós, portugueses, a quem, com a devida vênia do Excelentíssimo Senhor Presidente Craveiro Lopes, me dirijo diretamente.

É o patriotismo o vosso escudo e a vossa bandeira, o sinal precípua da vossa nobreza. É ao patriotismo, ao amor ao berço, que não comporta limitação, que Portugal deve as páginas de sua história, o ânimo com que suportou tempestades, embates, lutas ferozes, a conjuração de tantas fôrças contrárias empenhadas em massacrar o “bicho da terra tão pequeno” e, ao mesmo tempo, tão grande pelo heroísmo, pela vontade indômita, pela coragem de enfrentar a nuvem que vinha tão “temerosa e carregada que pôs nos corações um grande medo”.

É graças ao patriotismo português que aqui está o Brasil; é graças ao patriotismo português e a seu espírito de renúncia que foi possível tornar-se realidade a operação milagrosa de rejuvenescer uma nação, que parecia excessivamente voltada para a contemplação do passado, tornando-se empreendedora, organizada, dinamizada,

ativa, moderna nas técnicas de exploração agrícola e industrial — Nação de hoje, bem de hoje.

450 Foi o patriotismo português que não só levou os guerreiros às lutas violentas, já distantes no tempo, e às batalhas dos nossos dias também, como as de que participou Vossa Excelência, Excelentíssimo Senhor General Craveiro Lopes, como operou o milagre de transformar e vivificar o Portugal de agora, país fecundado pela energia, pela vontade, pela disciplina, pelo estoicismo, pela sobriedade, pela renúncia de prerrogativas de pessoas a favor das prerrogativas da Pátria.

451 Não será mais possível tratar do heroísmo português de antanho sem que se mencione o dos dias atuais, que possibilitou substancialmente a obra de um homem silencioso, mas que sabe falar admiravelmente quando o silêncio deve e tem de ser interrompido. Ao Doutor Antônio de Oliveira Salazar, deve Portugal a sua conformação à realidade, que é uma página a mais daquela bravura que se nutre da coragem de vencer pelepas, não nos campos de batalha, mas nos campos do trabalho.

452 Sem dúvida, poucos povos trabalham tanto quanto os portugueses: trabalham no mar, arrancando dêle o que as águas guardam; e na terra, tirando dela os frutos que pode produzir; nas pequenas ou nas grandes cidades, ei-los exemplares, afanosos, insensíveis até às intempéries, enobrecidos pelo labor.

453 Há terras que mantêm seus filhos; outras que são por êstes mantidas. Portugal deve aos seus humanos frutos o que foi, o que é e o que será amanhã.

454 Num território exiguo, embora favorecido pela natureza, criou-se um país admirável, que impôs respeito em mar e terra, dilatou fronteiras e gerou outra pátria, esta em que Vossa Excelência se encontra, Excelentíssimo Senhor General Craveiro Lopes, Presidente da República de Portugal, a quem não posso designar como de Chefe de Estado de uma Nação estrangeira, sem ter de contrariar uma realidade íntima, partilhada por milhões de brasileiros.

Temos de curvar-nos diante de episódios e feitos gloriosos, muitos dêles comuns aos nossos dois países; temos de louvar o milagre dêste amor que moveu Viriato, Egas Moniz, Nun'Álvares, dêste amor que veio conhecendo altos e baixos, horas de esplendor e momentos de desalento, vêzes em que a Pátria parecia mergulhada em "vil cobiça" e "vã tristeza"; mas no cuidar do que se passou, no rever tantos e tão belos quadros da história, momentos de aflição ou de contentamento que juntos vivemos, não nos deve esquecer tratarmos do presente. 455

Entre Portugal e o Brasil não há sòmente passado para cultuar, placas por inaugurar, palavras que pronunciar com maior ou menor solenidade, mas também coisas que cumpre fazer para cada vez mais estreitamente uni-los. 456

Consubstanciando êste anseio de efetivar atos positivos, foi assinado em 1953 um Tratado de Amizade e Consulta, documento de capital importância para entendimentos das relações dos dois países. 457

A execução dêsse Tratado, aspiração da comunidade luso-brasileira, estava a depender de providências de caráter prático e de disposições regulamentares a serem aprovadas pelos governos das duas nações. 458

Depois das demoras inevitáveis, encaminha-se êle para conclusão rápida. Será uma das mais profícuas consequências da visita de Vossa Excelência, Excelentíssimo Senhor Presidente. Que o amor, que hoje nos entrelaça mais do que nunca, sirva para dar tôda a utilidade a essa aspiração de vida e trabalho comuns que constitui o espírito do Tratado e nêle se espelha. 459

Mas já terei talvez excedido, Excelentíssimo Senhor Presidente Craveiro Lopes, os limites de uma simples saudação, que me honra dirigir a Vossa Excelência, neste Real Gabinete Português de Leitura. 460

Já ao fim percebo que o muito bem-querer me levou a deixar de exprimir o melhor do que pensam e, principalmente, do que sentem os brasileiros dos portugueses; 461

o que é o Portugal de sempre — o de ontem e o de hoje — para o Brasil, seu filho dileto. Mas o que nas minhas palavras não ficou dito, ou o que eu não soube dizer bem, Excelentíssimo Senhor Presidente, que Vossa Excelência o complete, não apenas suscitando a presença das expressões que me faltaram, senão ainda suprimindo o mais com a compreensão da sua alma de insigne lusíada, homem de guerra, por formação, homem de paz, por vocação profunda.

462 Antes de encerrar este discurso que desejei fôsse mais sincero do que primoroso, que nos seja permitido voltarmos-nos todos reverentemente para os vultos portugueses, aos quais deve o Brasil a sua própria personalidade. Nesta hora de exaltação à Raça, que louvemos e glorifiquemos os que geraram o Brasil, os que fizeram irmanadas no passado e no presente as duas Pátrias, os que vieram, desde os tempos longínquos, até os dias de hoje, tecer a unidade nacional brasileira.

463 Neste dia de Camões, vale dizer, do povo luso, quero saudar os que trabalharam para que o Brasil nascesse e crescesse: não apenas os homens de prol que Portugal nos mandou, desde a hora da alba desta nacionalidade, não apenas os de alta estirpe intelectual que projetaram os dois países no plano político e cultural — como, entre numerosos, estes dois vultos aos quais desejo prestar também respeitosa homenagem, o grande Antônio Vieira, homem de gênio, e o lúcido e sutil Alexandre de Gusmão, este aqui nascido, a quem o Brasil e Portugal tanto devem — mas saudar e agradecer ainda aos anônimos, que são uns e outros “barões assinalados”; sim, aos anônimos que, incessantemente através dos séculos, se elevaram à estatura dos seus maiores, renovando a nossa própria essência e lutando para que chegássemos a ser o que somos hoje.

464 Saúdo a Vossa Excelência, Excelentíssimo Senhor General Presidente Craveiro Lopes, e, na pessoa de Vossa Excelência, a nação portuguesa, o povo português, a perene e paterna terra de Portugal.

NO PALÁCIO DO CATETE, QUANDO DA
ASSINATURA DA DECLARAÇÃO RELATIVA AO
TRATADO DE AMIZADE E CONSULTA ENTRE
O BRASIL E PORTUGAL.

Senhor Presidente Craveiro Lopes,

O auspicioso acontecimento, que é a troca de conclusões entre as comissões instituídas em Portugal e no Brasil para estudar as medidas adequadas à execução do Tratado de Amizade e Consulta, coroa-se e completa-se na declaração conjunta que ora tenho a honra de firmar com Vossa Excelência. 465

Criando a Comissão Mista Brasil—Portugal, destinada ao exame e ajustamento daquelas conclusões, segundo os legítimos interesses das duas comunidades, o governo de Vossa Excelência e o meu governo demonstram firmemente que não querem ver o pacto firmado em novembro de 1953 como simples eco de vagas idealidades e aspirações. Querem, e tudo farão para consegui-lo, que esse pacto entre a operar de modo efetivo, produzindo imediatos e concretos resultados. 466

Nas gratas horas passadas em Portugal, como Presidente eleito, tive a honra de trocar idéias com Vossa Excelência e com o preclaro Presidente do Conselho, Doutor Oliveira Salazar, sobre muitos dos problemas que interessam em comum às nossas pátrias. Naquela ocasião, prometi a mim mesmo que não terminaria os dias do meu governo, sem antes ter dado, no que compete ao Brasil, todos os passos para integral cumprimento desse Tratado de raízes tão profundas no sentimento das duas nacionalidades. Tratado cuja importância avultará à medida que se dilatar, entre as nações civilizadas, o prestígio a que fazem jus os povos de língua portuguesa, não apenas pelo seu cresci- 467

mento demográfico e pelas riquezas que detêm nos seus vastos territórios, mas principalmente pelo ideal de paz e de fraternidade de que se fizeram paladinos.

468 Não poucas são as dificuldades que têm de ser vencidas para inteiro cumprimento do compromisso que nossos povos assumiram no magno ajuste. Mas tão veemente é, entre portugueses e brasileiros, o desejo de dar-lhe execução, tão alto é o objetivo visado, tão amplos horizontes vem o Tratado descortinar à comunidade luso-brasileira, que nenhum obstáculo, nenhuma diversidade, nenhuma particularidade local será suficientemente poderosa para prevalecer sôbre a idéia-fôrça, a vontade em marcha, que êsse pacto representa.

469 A Comissão portugêsa e a brasileira desempenharam devotadamente a sua tarefa. Cabe, agora, à Comissão Mista ultimar a obra, sugerindo, em instância superior, providências que venham dar pronta eficácia ao Tratado. Estou certo, Senhor Presidente, de que essa nova comissão irá trabalhar com o mesmo fervor e discernimento das que a precederam. Estou certo de que uma superior compreensão dos fins que nos propomos — e que, pela sua magnitude, nos convidam a mirar longe e alto — permitirá aos representantes dos dois países remover todos os tropeços, superar todos os óbices.

470 A fôrça dêsse Tratado de Amizade e Consulta reside precisamente em que não consiste num frio pacto, numa artificiosa construção de chancelarias. Antes de revestir o caráter de compromisso, preexistia êle como criação afetiva, como ideal longamente acarinhado na sensibilidade dos dois povos. Anseios recíprocos por uma união mais estreita, veementes e fraternos apelos partiam de um e de outro lado do Atlântico, no afã de sobrepujar distâncias e particularismos e vincular mais estreitamente o mundo criado pelo arrôjo lusiada.

471

A comunidade luso-brasileira, agora projetada como entidade política em instrumento diplomático de extraordinárias conseqüências, existia, pois, há muito, como realidade espiritual, a que a estrutura jurídica que se esboça apenas vem dar forma objetiva, na esfera das relações entre os dois Estados. Na verdade, jamais se quebraram os vínculos afetivos entre a antiga Metrópole e a Pátria que nasceu de seus flancos. As inevitáveis dissensões da época de nossa emancipação política não tiveram maior profundidade que uma rusga de família. Em breve se desfizeram e um irreprimível impulso de fraternidade passou a enlaçar as duas pátrias. Portugêses nunca cessaram de vir para o Brasil e aqui ajudar-nos a construir uma grande civilização de raízes portuguesas e cristãs. E brasileiros jamais deixaram de acolher os portugueses como irmãos, como consanguíneos, como camaradas que se sentem presos por algo mais forte que a comunidade de idioma, e que é a comunhão de valores morais e espirituais, a coincidência de sentimentos diante do mundo, a mesma humana compreensão das coisas, o mesmo estilo de vida. Portugêses e brasileiros temos uma só alma nacional e nosso desejo de união é nostalgia da primitiva unidade. Vinculando-nos tão fortemente no plano internacional, não fazemos mais que reunir e soldar os fragmentos dessa mesma alma coletiva, que se dispersou na admirável epopéia da expansão lusíada no mundo.

472

Na pessoa de Vossa Excelência, Senhor Presidente, quero saudar neste histórico momento a gloriosa Nação Portuguesa, de que Vossa Excelência é lídimo representante, pelas suas nobres virtudes de cidadão e de homem de Estado. A presença de Vossa Excelência a este ato é mais um testemunho da perfeita concórdia de sentimentos, hoje, mais do que nunca, existente entre portugueses e brasileiros — que, impelidos por generosas aspirações e altos desígnios, prosseguem, de mãos dadas, a épica jornada de seus maiores.

AGRADECENDO A HOMENAGEM PRESTADA PELO CHEFE DE ESTADO PORTUGUES, PRESIDENTE FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO LOPES, NO PALÁCIO DAS LARANJEIRAS.

Excelentíssima Senhora Dona Berta Craveiro Lopes,

Excelentíssimo Senhor Presidente,

473 Não quero somente agradecer, em nome de minha mulher e no meu próprio, as palavras de saudação que acaba de nos dirigir Vossa Excelência, Excelentíssimo Senhor Presidente, bem como a acolhida que nesta Casa nos proporcionam a primeira dama de Portugal, Senhora Craveiro Lopes, e Vossa Excelência, mas também exprimir algo do muito que ainda não me foi possível dizer sobre a viagem de Vossa Excelência a este nosso país.

474 Já agora, Senhor Presidente, tem Vossa Excelência conhecimento pessoal e objetivo das relações inquebrantáveis entre os nossos países, e de qual a temperatura do Brasil no que tange à Pátria de Vossa Excelência, e nossa também, porque pátria continua sendo a terra do pai, o lar antigo do povo.

475 Não será simples imagem de discurso proclamarmos que a Pátria portuguesa é a Pátria do Brasil. E vossa Excelência já se inteirou de que o nosso povo aclama, reverencia e estremece Portugal como outra sua Pátria.

476 Vossa Excelência, Senhor Presidente, bem poderá dizer, a respeito desta nação, repetindo o Poeta supremo, o que eu próprio quero, nesta hora, exclamar com o pensamento voltado para o nosso bem amado Portugal, e com a sensação de estar em terras lusitanas:

“Esta é a ditosa Pátria minha amada.”

477 Vossa Excelência é, de agora em diante, o mais autorizado e alevantado testemunho dos cordiais, íntimos e perpétuos vínculos da amizade luso-brasileira.

Vossa Excelência, melhor do que ninguém, porque 478
alvo de demonstrações tocantes e extraordinárias, é
quem da mais segura forma está em condições de falar
sobre a concretização de nossos mútuos ideais de união.

Não está agora recebendo e ainda irá receber Vossa 479
Excelência por todo o Brasil homenagens tão-somente
oficiais, nem as expressões afetuosas de carinho apenas
dos seus patrícios aqui domiciliados.

É a totalidade do povo desta Capital que vem se- 480
guindo Vossa Excelência com inextinguível fervor, com
estima e carinho na verdade eloqüentemente defini-
dores da força de um amor tão sentido quanto puro e
desinteressado.

Nenhum plano de manifestação, por mais bem exe- 481
cutado, lograria resultados assim surpreendentes.

É que a ligação entre as nossas terras independe de 482
nós, e a comunidade luso-brasileira, consagrada popular-
mente quando da visita, a Portugal, do Presidente Café
Filho e da minha, acaba de ser selada de maneira in-
comum por todos os brasileiros, de todos os partidos,
de todas as tendências. O povo das duas nações irmãs
explodiu no seu entusiasmo, tomando nos braços o
presidente de Portugal. E é Vossa Excelência quem
tem governado o coração dos brasileiros nestas horas
inesquecíveis.

Nenhum filho reencontrado seria mais ardente- 483
mente recebido do que o está sendo o pai português, que
Vossa Excelência simboliza aos olhos da multidão.

O que tornou Vossa Excelência senhor das lágrimas 484
de ternura, dos aplausos das crianças, dos arroubos da
mocidade e das ovações dos anciãos, de homens emi-
nentes e de humildes, o que provocou essa chama de
afeição, esse mar de amor — sem falar da personalidade
sem par de Vossa Excelência, em que se casam e
harmonizam a serena e austera dignidade presidencial e
a simplicidade de atitudes que bem refletem a sua cul-

tura e os seus raros dotes morais — o que fêz emergir da alma brasileira tão carinhosa e impressionante acolhida, foi o reconhecimento do quanto realizaram e têm realizado os portugueses pelo Brasil, foi o enraizado apêgo à tradição, ao sentimento de pátria e de família que herdamos dos nossos maiores lusos, foi a lembrança de Portugal reacendida pela presença de Vossa Excelência.

485 Somos um povo que, à semelhança de sua paternidade portuguesa, venera os ancestrais e cultua o berço antigo com exaltada fidelidade. Vossa Excelência recolhe os frutos das sementes plantadas pelos nossos legendários fundadores.

486 Excelentíssimo Senhor Presidente: sei que as minhas palavras ultrapassam os limites de um agradecimento. Mas não houve nem há nenhuma contenção, nenhuma limitação, nestes dias da estada de Vossa Excelência no Brasil. Tudo está sendo franco, largo, desmedido, transbordante. Todos se contagiaram dessa fartura de expansões.

487 Não é minha nem do meu govêrno a política retilínea de crescente aproximação com Portugal. Não tiveram outro desejo, outra intenção — manda a justiça ressaltar — os presidentes que me antecederam. Estejam os homens públicos brasileiros onde estiverem politicamente, não há mudança em nosso trato com os portugueses. E de igual pensar são os estadistas lusitanos.

488 Quero salientar nesta hora o papel do Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho, Doutor Antônio de Oliveira Salazar, a quem sei interessarem sobremaneira as conseqüências objetivas desta fusão de afeto, em proveito das duas pátrias.

489 Mas embora me tenha alongado um pouco, não posso fugir à justiça de uma palavra de louvor aos ativos e mais próximos colaboradores nossos nesta nova era para a comunidade luso-brasileira: ao ministro do Exterior português, Doutor Paulo Cunha, homem de

uma força de querer tão grande quanto a lucidez e brilho de seu espírito; ao meu ministro de Estado das Relações Exteriores, Embaixador Macedo Soares, historiador e estadista; ao embaixador de Portugal, Doutor Antônio de Faria, sutil e nobre figura que Vossa Excelência teve ocasião de saber quão querido é por todos nós; ao Doutor Álvaro Lins, representante dos mais conspícuos da inteligência brasileira, embaixador do Brasil em Lisboa, enviado a esse posto porque, trabalhando a meu lado como chefe da Casa Civil, estava em condições incomparáveis de falar por mim, de dizer que desejos e ambições tenho em relação à política luso-brasileira.

A Excelentíssima Senhora Craveiro Lopes, em quem 490
revemos as virtudes da mais pura estirpe portuguesa, tomo a ousadia de confiar-lhe a missão sagrada de transmitir às mulheres de Portugal o melhor das nossas expressões de veneração.

As mães portuguesas devemos solene e comovido 491
agradecimento. Pagaram elas, desde a descoberta até hoje, em aflições, em lágrimas, em dores, em saudades, o mais alto tributo pela criação e formação do Brasil.

Deus sabe o que custou e o que custa até os dias 492
presentes este grande filho americano às denodadas criaturas que viram e vêem partir em caravelas, em navés antigas e modernas, os filhos, os maridos, os irmãos que plantaram um dia nesta terra a Cruz de Cristo e têm vindo nela viver uma grande epopéia de trabalho e civilização.

Peço-lhe, minha ilustre Senhora Berta Craveiro 493
Lopes, que às damas de Portugal Vossa Excelência diga que não foi em vão que tanto penaram de saudade as filhas do luso, desde a descoberta do Brasil até os dias atuais.

"Mães, espôsas, irmãs, que o temeroso amor mais 494
desconfia", nas expressões de Camões, não semearam as suas sementes em terra ingrata. As lágrimas com

que foram lamentados os ausentes, os que para o Brasil partiram, floresceram e frutificaram neste amor tão intenso que Vossa Excelência e o General Presidente estão testemunhando.

495 Excelentíssima Senhora Dona Berta Craveiro Lopes, Excelentíssimo Senhor Presidente: minha mulher e eu apresentamos a Vossas Excelências as nossas saudações e o nosso agradecimento amigo por êste agradável convívio que nos acabam de proporcionar, com a galanteria tão característica da família portuguesa.

RECIFE, 25 DE JUNHO DE 1957

NO CLUBE INTERNACIONAL, DESPEDINDO-SE OFICIALMENTE DO CHEFE DE ESTADO PORTUGUÊS, PRESIDENTE FRANCISCO HIGINIO CRAVEIRO LOPES.

496 Imagens múltiplas e variadas levará por certo Vossa Excelência, Senhor Presidente Craveiro Lopes, desta viagem de vinte dias pelo território adentro da nação brasileira. Outrora, os heróicos lusos do século XVI — e eram “tão poucos quanto fortes”, segundo se diz em *Os Lusíadas*, num dos versos mais expressivos do Poeta épico por excelência da nossa língua, e não apenas de Portugal, mas igualmente do Brasil, porque Poeta da Raça — os heróicos lusos da colonização, repito, tiveram fôrça humana e visão histórica para defender, sustentar e resguardar para o futuro de uma grande pátria o milagre da integridade e da unidade dêste país, num imenso território de oito milhões de quilômetros quadrados, antes um continente do que um país, no quadro tanto geográfico quanto social e político do Novo Mundo que é a nossa América do Sul. Agora, português moderno, em quem não assinalamos apenas como coincidência gratuita aquêles seus valores biográficos de combatente, como jovem oficial na Europa de 1914-1918 e aventuras em África, como integrador e

consolidador de províncias de além-mar — coube a Vossa Excelência, acompanhado da sua distinta espôsa e da sua tão seleta comitiva, reviver ao menos em parte o ânimo forte e o espírito alevantado dos seus ancestrais: deambular, viajar, cruzar, contemplar e guardar dentro do seu mundo interior êsse espetáculo da obra dos portugueses na América, que soubemos continuar como nação independente e da qual estamos sendo dignos, há mais de um século, tanto em progresso material quanto em estilo de cultura.

De tantas imagens, às vêzes vertiginosas e aceleradas, que levará Vossa Excelência — e que, dispersas agora, se fundirão mais tarde em suas recordações e meditações para oferecer-lhe uma fisionomia e um retrato do Brasil — esta sobrelevará e reviverá no espírito de Vossa Excelência: o espetáculo raro de uma civilização fundada pelos portugueses em zonas tropicais e em território americano, na verdade uma civilização nacional, com projeção e influência já internacional, que podemos considerar, sem ufanía exagerada, extraordinária no ambiente atormentado e complexo do presente, maravilhosa, imponente e grandiosa em suas perspectivas nos horizontes rasgados e largos do futuro. Sim, o espetáculo de uma nação caracteristicamente brasileira e nacionalista, sem repudiar nem esquecer o que devemos, antes de todos, a Portugal: eis a imagem primeira e maior que levará Vossa Excelência desta permanência no Brasil — tão honrosa para todos nós que representamos, em mandatos legítimos e democráticos, os três Podêres do Estado, e tão agradável para todos nós, que somos igualmente povo e, como povo brasileiro, vimos para as ruas consagrar a presença do eminente presidente da República Portuguesa em nossa terra.

E agora, neste momento que não está marcado nem pela melancolia dos embarques sem esperança de reencontro, nem pelo desespero das separações e distâncias sem recuperação no tempo e no espaço, porque

497

498

a partida hoje do Presidente Craveiro Lopes não significa propriamente uma despedida, conforme caracterizo mais adiante, sinto a tentação de dirigir-me por instante a Vossa Excelência como se o fizesse a todo o povo português, que, aliás, tão legitimamente representa e simboliza, para dizer, ao mesmo tempo, com simplicidade pessoal e eloquência nacional: vejam os portugueses, e vejam todos os portugueses, por intermédio da visão de Vossa Excelência, o que nós, os brasileiros, fizemos da civilização que para cá transportaram aqueles lusitanos que pareciam tudo poder, querer, ousar e realizar apenas com as suas naus de navegadores, com a sua espada de soldados e com sua cruz de cristãos. Nesta civilização genuína e própria, que estamos construindo por entre os tormentos e as incertezas da nossa Idade Contemporânea, não desfiguramos nem descaracterizamos aquela antiga civilização para cá trazida com heroísmo e implantada com sacrifício no limiar da Idade Moderna.

499 Criamos no Brasil um estilo nacional de vida, mas não repudiamos a tradição portuguesa. Somos nacionalistas, mas não esquecemos Portugal para o efeito de uma solidariedade entre povos nas encruzilhadas nem sempre nítidas da situação internacional. Criamos, desenvolvemos e mantemos uma perfeita e completa soberania nacional, ciosa cada vez mais da sua independência e do seu destino dentro do continente americano e em termos de projeção própria na Europa; formamos espontaneamente com Portugal, enraizada ainda mais nos sentimentos fortes e quentes das nossas almas do que nos textos convencionais e frios dos tratados, essa magnífica e creio que inédita construção política e jurídica de entidade supranacional que é a comunidade luso-brasileira. Isto não é uma utopia, nem uma fórmula de cortesia: é uma realidade nossa.

500 E esta realidade brasileira é que esperamos e estamos certos que Vossa Excelência levará para Portugal e a transmitirá a todos os portugueses, como uma das

imagens mais características da fisionomia política e do retrato espiritual dêste povo que se orgulha da sua origem lusitana, neste imenso laboratório geográfico e humano em que sessenta milhões de habitantes procuram criar riquezas, fixar uma cultura nacional e oferecer à nossa época a contribuição do estilo brasileiro de vida e de civilização.

Se foram poucos os dias para uma visão minuciosa e completa de tôdas as nossas regiões, se nem todos os Estados da nossa República Federativa — por efeito dessa luta contra o tempo que é o drama de todos nós, homens de Estado e de govêrno — tiveram a satisfação e o privilégio de receber a visita pessoal de Vossa Excelência, a verdade é que foi unânime e igual o acolhimento do povo brasileiro em todo o território nacional. E no que viu, sem tudo ter visto, sentido e amado, Vossa Excelência viu de fato o Brasil. Pois se somos uma nação complexa nas suas variedades regionais e rica nas suas peculiaridades nacionais, somos também uma nação com unidade, realizando aquele prodígio sociológico da “unidade na variedade”, de tal modo que o Brasil está todo, e por inteiro, no Rio de Janeiro, capital tão justamente valorizada e celebrizada pelos seus requisitos de liberdade, educação e cultura, como está todo igualmente na menor e mais longínqua cidade do interior do país, que se prepara por sua vez para representar o seu papel insubstituível de dar o seu quinhão para a grandeza maior da nossa pátria, num futuro que não vejo nem obscuro, nem distante, mas que já pressinto próximo da nossa geração e que contemplo como do alto de uma montanha, já ao alcance dos meus olhos.

Foi-lhe oferecida nessa viagem, Senhor Presidente Craveiro Lopes, a quem desejo saudar também com o título de amigo — e tanto amigo do meu país quanto meu amigo pessoal —, a oportunidade de percorrer o nosso território em zonas as mais diversas, de cortar os nossos céus nas mais várias direções e coordenadas.

501

502

Fêz Vossa Excelência o que poucos brasileiros já fizeram em todos os tempos: traçou, no roteiro do avião, uma linha de viagens do extremo sul ao extremo norte do Brasil, indo diretamente de Pôrto Alegre a Manaus, pelo interior do país, completando o simbolismo dessa jornada com a permanência de um dia e de uma noite em Brasília. E nada me poderia ser mais grato, e mais grato aos brasileiros, do que o seu desejo e o seu gosto em visitar Brasília, com as palavras de fé e confiança em nossa nova capital que Vossa Excelência pronunciou em seu discurso naquele cruzeiro, ao pé do qual, em maio dêste ano, Dia da Santa Cruz, foi rezada uma primeira e histórica missa pelo eminente cardeal de São Paulo, Dom Carlos Carmelo Mota, semelhança nobre e como réplica de altas intenções daquela outra histórica e primeira missa rezada num dia de abril, naquele distante e quase lendário ano de 1500, quando os portugueses que acabavam de descobrir a chamada terra de Santa Cruz preferiram, para marcar o seu domínio, antes chantar uma cruz na terra do que impor o seu poderio pela espada. Se coube aos portugueses fundarem as nossas duas primeiras capitais, a do Salvador e a do Rio de Janeiro, permanecerá historicamente lembrado que Vossa Excelência foi o primeiro chefe de Estado não-brasileiro a visitar a nossa terceira e definitiva capital.

O que pensei em minhas meditações, proclamo-o agora, perante Vossa Excelência — agradeço a Deus o privilégio que me concedeu de encarnar, como presidente da República, o espírito pioneiro e o sentimento nacional que me deram inspiração e força para construir Brasília no coração do Brasil, com um sentido de transformação e transfiguração do meu país.

Viu, contemplou e observou Vossa Excelência, em São Paulo, o progresso, a riqueza, a técnica, o ritmo do trabalho de construção do homem em proporções que não se ultrapassam talvez em qualquer outra parte do mundo; em Minas Gerais, viu e sentiu Vossa Excelência

a pura tradição luso-brasileira ao lado de um impeto de progresso em ritmo não vertiginoso, mas seguro, em contacto que estêve com uma grande, bela e moderna cidade de hoje, Belo Horizonte, ao lado de uma cidade do passado, relíquia de arte e história do periodo colonial, aquela Ouro Preto — que é hoje, como a comovente Olinda que acabamos de visitar — uma expressão representativa do patrimônio do Brasil; observou em Curitiba uma cidade nova, rica e pujante, que avança para o futuro sem esquecer a tradição; em Pôrto Alegre, cidade originada naqueles admiráveis casais de colonizadores dos Açôres, surgiu aos seus olhos a capital de um Estado marcado pela altivez e pelo patriotismo vigilante de povo de fronteira; em Manaus e em Belém, o esplendor de uma natureza que empolga todos os viajantes estrangeiros, como empolgou um Humboldt, e de um rio singular, que mais parece um mar — o “mar dulce” da nomenclatura espanhola; e em Fortaleza, no Ceará, um dos centros ao mesmo tempo mais sugestivos, e de mais futuro do nosso Nordeste. E, agora, Recife, Olinda, Pernambuco.

Bem vejo que a Providência não faz acaso nem dispõe as coisas ao azar. Há um significado profundo nesses dois episódios da viagem de Vossa Excelência: o desembarque na Bahia, vindo de Portugal, e o embarque em Pernambuco, de regresso a Portugal. Pois, na verdade, se na Bahia se constituiu a primeira capital e o centro do govêrno-geral, em Pernambuco se decidiu e se verificou algo de extraordinário no século XVII: a escolha consciente dos brasileiros pela colonização portuguesa. Podíamos ter escolhido entre Portugal e os invasores estrangeiros que, em Pernambuco, permaneceram vinte e quatro anos sem nos conquistar, nem nos convencer para uma mudança de rumos. Esta terra do Nordeste, Pernambuco, é uma terra marcada, Senhor Presidente, pela bravura indomável, pela altivez, pelo heroísmo, pela independência de espírito e de coração dos seus habitantes. Já foram recordados

506

devidamente, perante Vossa Excelência, certos feitos históricos, como as batalhas de Guararapes. Desejo evitar as repetições nas referências aos episódios de vitória militar, que são gratos, ao mesmo tempo, aos pernambucanos e aos portugueses. Vou evocar para Vossa Excelência, Senhor General Craveiro Lopes, um diálogo, ou melhor, uma resposta e uma réplica, tocante em sua harmonia de humildade pessoal e grandeza política. Quando o Rei Dom João IV, premido pelas suas dificuldades na Europa em 1640, quando mal Portugal readquiria a sua autonomia peninsular com a Restauração, alguns estadistas, e dos mais eminentes da sua Côrte, como o Padre Antônio Vieira, julgando impossível a manutenção total do Brasil, aconselharam o monarca a ceder e entregar o Norte do Brasil à Holanda para poder resguardar e conservar o Sul para Portugal. E o Rei Dom João IV ordenou aos pernambucanos que cessassem a resistência e depusessem as armas na luta da chamada Insurreição Pernambucana já em marcha contra os invasores holandeses. Mandaram os pernambucanos esta resposta ao soberano:

507 “Pedimos dizer a El-Rei que, primeiro, vamos expulsar os invasores e os inimigos de Portugal e, depois, então, iremos a Lisboa para receber de El-Rei, como súditos conscientes, o castigo pela nossa desobediência.”

508 Gesto e palavras que encontrariam, cêrca de um século depois, uma digna e alta compensação numa frase do sábio e experiente Dom Luís da Cunha, representante diplomático de Portugal em Paris, dirigida ao seu Rei Dom João V — frase que era textualmente esta: “Eu convido Vossa Majestade, meu Rei, a governar de costas voltadas para a Europa e de frente para a América, com os olhos postos no Brasil.”

509 Vou terminar, Senhor Presidente e meu caro amigo, embora haja mais o que dizer na partida de que na chegada. Falei das manifestações do Brasil. Elas se exprimiram logo de início no Rio de Janeiro e ficarão para sempre simbolizadas naquelas manifestações do

povo carioca como sentimentos de estima, de aprêço e de admiração do Brasil a Vossa Excelência. Daqui me volto, em mensagem comovida ao povo da capital do país, para agradecer a maneira extraordinária, em calor e vibração, com que o acolheu.

E dirijo aos portugueses apenas esta mensagem porque a êles Vossa Excelência se dirigirá melhor e mais legitimamente. Digo-lhe daqui, desta Recife que é uma ponta avançada da América em direção da Europa: o que fizemos nestes vinte dias foi o que estava nos nossos sentimentos de amor e nos nossos impulsos de justiça: uma consagração pessoal para o nome do Presidente Craveiro Lopes, uma apoteose para o nome de Portugal.

510

E como aceitar a idéia de uma despedida e de uma separação? Em nome da minha mulher e no meu próprio, apresento a Vossa Excelência e a sua Senhora, como chefe de Estado do Brasil, não um adeus, mas um "até breve", de acôrdo com a união dos nossos dois governos e a fraternidade das nossas duas Pátrias.

511

MONTES CLAROS (MG), 2 DE JULHO DE 1957

AO INAUGURAR A EXPOSIÇÃO PECUÁRIA,
NO PROGRAMA COMEMORATIVO DO CENTENÁRIO DA CIDADE.

Este parque de exposições, magnífico empreendimento de vossa Associação Rural, não exhibirá, aos olhos atônitos do visitante, apenas os ricos frutos do vosso labor, nas abençoadas terras que o rio Verde, o Pacuí, o São Lamberto e o Vieira regam com suas águas fecundas; terras generosas, boas para lavrar e para criar, onde a face do homem, alagada pelo suor das lides do campo, pode iluminar-se com a alegria das messes abundantes e a fecundidade dos rebanhos que se apuram e se multiplicam. 512

Este parque mostrará, principalmente, o arrôjo, o espírito progressista, o brio municipal, a inteligência vivaz, a energia e a perseverança do povo de Montes Claros. Pertenceis à raça indômita de desbravadores, que, nos dilatados espaços internos dêste país, vai edificando uma nação vigorosa, que ainda em nossos dias surpreenderá o mundo com o seu poder e a sua riqueza, postos a serviço de fraternos anseios de paz, na comunhão dos povos. 513

Dir-se-ia que associais — à ousadia, ao ânimo aventureiro, ao cavalheiresco fervor do bandeirante, que veio do sul à cata de pedras preciosas — as pacíficas virtudes campônias dos criadores de gado e plantadores de roças que subiram o São Francisco e povoaram os sertões, em estabelecimentos duradouros. Na con- 514

fluência dêsses movimentos de penetração que tanta importância tiveram em nossa história política e econômica, vossa terra abrigou e fundiu populações de tendências distintas, mesclando as varonis qualidades daqueles tipos de sertanistas que modelaram as populações do *hinterland* brasileiro.

515

Mas o vosso espírito pioneiro não se satisfaz em criar aqui êste esplêndido empório, donde se irradia, para todo o norte de Minas, um vitalizador impulso. A riqueza que a vossa agricultura, os vossos rebanhos, o vosso comércio e a vossa nascente indústria vos trazem, soube aplicar-se também nos primores de uma civilização que se orgulha em dar a mais alta hierarquia aos valores da cultura. Se procurais o progresso econômico e o progresso técnico, não vos deixais dominar por uma concepção materialista da vida. Sabeis prestigiar, por igual, aquelas atividades que constituem a flor e o remate das civilizações. Na cortesia e na graça do vosso convívio, transparece o refinamento de uma sociedade que soube manter e aprimorar o patrimônio herdado de seus maiores. Se, no século passado, mandáveis buscar, em longa viagem de carros de bois, uma fábrica de tecidos, também mandáveis vir pianos para as vossas filhas ou porfiáveis em enviar os vossos filhos aos grandes centros culturais do país. Quando ainda não dispúnheis de educandários, como os que hoje possuíis — entre os quais destaco o belo estabelecimento que acabamos de inaugurar — os colégios do Caraça, de Diamantina, de Ouro Preto e outros, mais longínquos, se enchiam de jovens estudantes montes-clarenses. E não foi por acaso que daqui saíram um Gonçalves Chaves, mestre na ciência do Direito, ou um Antônio Augusto Veloso, insigne tradutor de Horácio. Desde Carlos Versiani, médico notável, de quem a estátua em uma de vossas praças perpetuou a ciência e a caridade, até os jovens médicos, engenheiros, advogados e professores que hoje ativamente militam em Montes Claros, uma legião de homens de estudo vem cooperando con-

vosco — fazendeiros, comerciantes, industriais e trabalhadores — para modelar aqui uma sociedade que se inscreve entre as mais progressistas de Minas.

Homens de Montes Claros! Um velho afeto e simpatia me prende a vós, e eu não podia deixar de vir festejar convosco o centenário desta ilustre cidade, “coração robusto do sertão mineiro”, como lhe chamou o nosso grande Francisco Sá. 516

Aqui estive, pela última vez, como candidato à Presidência da República. Vós me acolhestes com essa estima e generosidade bem sertaneja, que brota do peito de homens que não sabem usar máscaras. Depois me destes, galhardamente, nas urnas, o apoio que aqui vim buscar. 517

Costumo esquecer facilmente os agravos e ingratidões, porque Deus me concedeu a graça de saber perdoar. Mas, se não guardo lembrança de injustiças, conservo avaramente a memória dos gestos e das coisas que me tocam o coração. Vós me tocastes profundamente com a vossa lealdade e a vossa fidelidade. Quero dizer-vos que também tendes em mim o amigo constante, que não esqueceu os compromissos assumidos naquela memorável jornada. 518

Sei do amor que votais a esta terra, quero ajudar-vos em tudo quanto favoreça o seu pleno florescimento. E estou certo de que, assim procedendo, sirvo não apenas a vós, mas também à nossa querida Minas e à operosa e esclarecida administração do eminente governador Bias Fortes, cuja presença nesta solenidade é para vós poderoso estímulo. Estai certos de que o meu governo não medirá esforços para, em ação conjugada com a do governo de Sua Excelência, enriquecer e valorizar este vasto e futuroso trato do solo mineiro. 519

Homem do norte de Minas, sinto-me de certa forma constrangido em louvar e enaltecer as vossas virtudes. Dir-se-ia que, fazendo-o, também me louvo e enalteço. Mas bem sabeis que não abrigo este pensamento vaidoso e que sentimentos de outra natureza me impelem. Não 520

posso calar minha admiração pelos varões ilustres que aqui nasceram e aqui formaram o seu espírito.

521 A esta região vim buscar o homem a quem dei o pesado encargo de executar a política econômica e financeira do governo, o Ministro José Maria Alkmim, em quem louvo o alto espírito público, a capacidade e o discernimento.

522 Montes Claros tem o seu representante no meu governo, pois chamei para meu auxiliar direto, dando-lhe subchefia do meu gabinete, um digno filho desta terra, um dos mais representativos expoentes das letras de Minas, o escritor Ciro dos Anjos.

523 Desejo declarar-vos, neste ensejo, meus caros co-estaduanos, que não passará o meu governo sem que tenhais a vosso serviço a grande rodovia que ligará Montes Claros a Corinto, encurtando em cento e cinquenta quilômetros o trajeto para Belo Horizonte. Haveis de ter igualmente a rodovia, já programada pelo D.N.E.R., que vos dará acesso a Pirapora, e dali à futura capital do país, a essa Brasília, cuja iminente realidade já assusta os que temem deixar as comodidades do litoral e enfrentar os fascinantes problemas de uma nação que caminha para grandes destinos.

524 Quero também dizer-vos que o vosso desenvolvimento industrial não há de ser mais estrangulado por falta de energia. O potencial elétrico de Três Marias será trazido às vossas portas, em linha de transmissão que será iniciada ainda este ano. Dêsse modo, logo que entre a funcionar, ali, a primeira unidade, já podereis receber benefícios da grande barragem e usina que com a cooperação do benemérito governo Bias Fortes vai revolucionar toda a economia do norte e do centro de Minas.

525 Finalmente, desejando auxiliar-vos na solução de problemas municipais que dificultam o vosso desenvolvimento, recomendei sejam acelerados os estudos e projetos para ampliação do vosso abastecimento d'água,

melhoria do serviço de esgotos, e retificação e canalização do rio Vieira.

Proporcionando-vos energia e transporte e convosco cooperando em serviços locais de vital importância para a vossa população, espero poder dar um passo definitivo para que a esta próspera cidade se abram perspectivas ilimitadas de progresso. 526

Amigos de Montes Claros, também me considero, hoje, um pouco montes-clarense! Sinto-me ligado a vós não só pela simpatia e pela admiração, mas também por laços de família. No meu lar, no semblante de uma das minhas filhas, vejo espelhar-se a alegria matinal do sertão e a magia das vossas noites estreladas. 527

Congratulando-me convosco e com o vosso prefeito, Doutor Geraldo Ataíde — administrador dinâmico e esclarecido, representante condigno da nova geração de políticos mineiros, — por esta grande data, formulo os mais veementes votos pela prosperidade e grandeza da cidade que tanto amais e que é uma das mais ricas gemas desta amorável terra mineira. 528

RIO DE JANEIRO, 2 DE JULHO DE 1957

MENSAGEM AO POVO BAIANO, AO ENSEJO DA DATA.

Ao transcurso do centésimo trigésimo quarto aniversário da gloriosa data em que se rematou a longa e atormentada campanha dos patriotas baianos pela independência de nossa Pátria, apraz-me, de coração, enviar ao Povo e ao Governo da Bahia as nossas efusivas congratulações e a expressão dos sentimentos da gratidão nacional. 529

Todos os brasileiros lutaram por merecer o direito de uma Pátria autônoma e soberana. Mas, tendo de enfrentar o centro mesmo da resistência organizada pelas forças reacionárias, coube aos baianos parcela 530

maior de sacrifícios, que não negaram nem regatearam desde a primeira hora, opondo-se os seus delegados a subscrever nas Côrtes de Lisboa uma constituição hostil à política humana e inteligente de Dom João VI e Dom Pedro I, e expugnando e abatendo em prélíos memoráveis as guarnições do General Madeira de Melo entrincheiradas no recôncavo e na cidade do Salvador.

531 Estão na memória de todos os brasileiros as refregas do pôsto de Pirajá e dos campos de Cabrito, da ilha de Itaparica e da praia de Itapoã, celebrados em versos imortais por Castro Alves.

532 Inspiradas nos exemplos daqueles homens e mulheres que tanto fizeram pela Bahia e pelo Brasil, as novas gerações baianas têm o dever iniludível de continuar a manter e enriquecer o legado de honra e de civismo herdado dos heróis de 2 de julho de 1823.

533 Não lhes faltarão a admiração e a solidariedade de seus irmãos do resto do país, para os quais a Bahia tem sido e será sempre, pelas suas amáveis tradições, pelo encanto de sua côr local, pelo equilibrio e pelo brilho de seu gênio, pela operosidade de seu povo e pela generosidade de seu liberalismo, um exemplo e um florão de nacionalidade, que ela, mais que ninguém, ajudou a fundar e emancipar.

SÃO PAULO, 9 DE JULHO DE 1957

DISCURSO PROFERIDO NA ASSEMBLÉIA
LEGISLATIVA DE SÃO PAULO, SOBRE A SI-
TUAÇÃO NACIONAL E A REVOLUÇÃO CONSTI-
TUCIONALISTA.

534 A minha presença nesta ilustre Assembléia Legislativa oferece-me o ensejo de me dirigir ao povo paulista e ao de todo o Brasil, precisamente quando aqui, no grande Estado que tenho a honra de visitar, se comemora a data da Revolução Constitucionalista.

Tornava-se de fato necessário que eu me comunicasse com o povo brasileiro. A hora é propícia, e o sítio muito adequado. 535

Mas antes de quaisquer outras considerações, voltemos a nossa lembrança comovida, num instante de meditação e de recolhimento, para os que lutaram, para os que sofreram, para os que fizeram o sacrifício de suas vidas na luta que decidiu do destino do Brasil e que a História denomina Revolução Constitucionalista. 536

Peço-vos, entretanto, paulistas, que não separeis os que estiveram em campos adversos. Uns e outros se empenharam no que lhes parecia a defesa da Pátria. Não se levantaram os homens de São Paulo para exigir um privilégio, mas a restituição dos direitos e liberdades públicas a todos os brasileiros. 537

E não havia, na intenção da grande maioria dos que combateram o movimento de Nove de Julho, aspiração diferente, apenas divergência quanto à oportunidade da reintegração do país nas normas constitucionais. 538

São Paulo ajudou sempre, desde os primeiros dias de nossa formação nacional, a vencer a luta pelo respeito à Lei, pela regência suprema da Constituição, pela superposição da ordem às paixões e ao arbítrio. 539

O sentimento de segurança do regime de que hoje desfrutamos, dêste regime democrático, único compatível com a dignidade da pessoa humana e que resiste a tôdas as ameaças, é uma consequência do estado de civilização que já atingimos. 540

Não há patrimônio mais valioso do que o de nos sabermos garantidos pela lei, o que vale dizer, constituídos realmente em nação. E só aquilatamos do benefício decorrente dessa condição de garantia, quando a vemos ameaçada ou perdida. 541

É certo que os tempos estão difíceis, não há dúvida de que as incompreensões são numerosas; sei, e eu mesmo proclamo, variadíssimos os problemas que 542

afligem êste imenso país, fazendo que nem tudo se encaminhe ao desejo de governados e governantes. Tempos difíceis, em que começam a delimitar-se, com sinais de veemência, os campos de combate de múltiplas correntes ideológicas. Tempos difíceis por muitos modos, em que tanto os problemas de ordem material, como os de ordem espiritual, surgem a pedir soluções novas e imediatas.

543 Isso, porém, não altera a realidade de se ter no Brasil consolidado firmemente a consciência democrática, graças à vitória do espírito constitucionalista que aqui nesta data é celebrada. E de nos podermos considerar suficientemente preparados para suportar os embates, as lutas, naturais nas democracias.

544 Todos os partidos, tôdas as classes sabem, porém, que, sejam quais forem os prélios e as dissensões, perderá a razão quem não quizer submeter-se à Lei, quem ousar pôr em dúvida a soberania da vontade popular.

545 Sabe a nação que não há nada que possa melhorar, do muito que é necessário melhorar, fora da obediência às leis.

546 Não ignoram os trabalhadores que a Lei é que lhes assegura e protege as conquistas e os direitos; não desconhecem os chefes de emprêsas que na Lei é que está a defesa de suas propriedades; estão cientes, pobres e ricos, de que tudo desmorona quando é infringida a Lei, de que melhoria alguma é possível fora do regime da legalidade, e de que a desordem, se não a única, é a mais farta fonte de injustiças.

547 A própria prática da religião, direito supremo da humanidade, não foge a êsse princípio universal. Ainda há poucos dias, um forte homem de Deus e Príncipe da Igreja Católica, o Cardeal Dom Carlos Carmelo Mota, pastor intemorato que a Providência colocou à frente dos fiéis paulistanos, em palavras incisivas advertia, recomendava e relembrava de público o dever de obediência à Lei, a necessidade de respeito, de contenção, diante da Lei.

Solidificar o regime, consolidar a causa da democracia, eis o que me parece tarefa do homem público nos dias que correm, tarefa eminentemente política. 548

Dar-me-ei por suficientemente bem pago e recompensado das lutas, canseiras e cruéis injustiças por que passei e estou passando, se tiver conseguido dar mais estabilidade ainda à democracia em nossa terra, se o processo democrático se tiver fixado em definitivo durante o meu período governamental. 549

Lutei pela democracia como candidato, mais do que pela minha própria eleição; bati-me por um princípio, quando resisti a tôdas as pressões que me queriam forçar a desistir de um pleito em que algo bem maior do que eu estava em causa. 550

Ajudado por Deus, guardei nas mãos a bandeira da causa democrática do povo brasileiro. Quero, neste dia e nesta Assembléia Paulista, afirmar, humilde e ao mesmo tempo com firmeza, que essa bandeira continua em minhas mãos, que a estou segurando, mais firme do que nunca, apoiado pelos homens de bem, pelas fôrças do bom senso, pela lealdade das Fôrças Armadas à nossa Constituição, sagrada Constituição que deve ser preservada a todo custo. 551

Ao comemorarmos a data de uma luta pela Constituição, luta que apresentou graves perigos para o Brasil e custou vidas preciosas, não pode haver mais elevado propósito para correspondermos aos sacrifícios por que passou o nosso país que o de proclamarmos nossa rigorosa fidelidade à Lei. 552

Jurei resguardar a Constituição, defender a Lei, manter a Ordem, velar pela nossa continuidade democrática, e ao chefe do Govêrno não faltam meios para cumprir o juramento. 553

O Brasil não se desviará de sua rota, que é a da liberdade dentro da ordem. 554

Nenhum extremismo, mascarando os arreganhos de imperialismo ideológico negativo e empenhado no sufo- 555

camento da liberdade, na submissão da realidade aos *slogans*, logrará impor a sua vontade, o seu facciosismo.

556 Em São Paulo, região de largos empreendimentos particulares, quero reafirmar o meu apoio à iniciativa privada, da qual depende em grande parte o destino material do país e na qual se baseia o próprio princípio da democracia.

557 Esta não pode sobreviver sem o livre empreendimento, e a ação do Estado deve ser supletiva, ação de ajuda, de colaboração com o trabalho criador ou pioneiro.

558 Há horas de mar agitado e horas de calma em tôrno da nau do Estado. Vivemos um momento que requer unidade de comando e solidariedade de todos os que desejam que a Nação brasileira realize com segurança a sua viagem para o futuro.

559 Senhores Deputados e meus Senhores! Agradecendo vossa acolhida neste recinto, quero concitar-vos, à lembrança do fato que aqui nos reúne, a que nos mantenhamos cada vez mais irmanados, compreensivos, e conservemos alta e abrigada dos ventos destruidores a Esperança, sem a qual não há país que se mantenha apto a crescer e expandir-se.

560 Não posso esconder a minha alegria em estar nesta casa do povo de São Paulo, na hora em que se festeja o décimo aniversário de suas atividades legislativas. Se algum voto posso formular, é o de que continueis empenhados em levar avante as tarefas que vindes enfrentando com acendrado patriotismo e labor incessante.

561 Ninguém faz favor a São Paulo colaborando com o trabalho dos paulistas, antigos e heróicos conquistadores de terra para o Brasil, lutadores destemidos em prol da prosperidade da Pátria. Sabem os paulistas que a independência nacional, proclamada no Ipiranga, tem de ser consolidada com uma crescente independência econômica — e é isso que se faz todos os dias por todos os recantos do Estado bandeirante.

Valho-me por isso desta oportunidade para reafirmar que considero um dever de honra de todo chefe de Estado estar solidário nessa luta que é um imperativo do seu mandato e a resultante natural dos seus sentimentos de amor ao povo brasileiro, que é preciso de uma vez por tôdas tornar mais próspero, mais seguro, mais certo do seu destino.

562

BELO HORIZONTE, 12 DE JULHO DE 1957

AO PARANINFAR A TURMA DE ASPIRANTES DE FORÇA PÚBLICA DO ESTADO DE MINAS GERAIS.

Senhores Aspirantes,

Agradeço-vos a gentileza do convite para paraninfar tão brilhante turma de aspirantes. Proporciona-me alegria a participação no regozijo dêsse término feliz de estudos, reintegrando-me no espírito da corporação a que me ligam estreitos laços de serviço e cordialidade. A ela volto contente pelo vosso êxito, Senhores Aspirantes, e interessado em dizer-vos — pois representais a sua esplêndida continuidade — quanto mereceis ao chefe da nação, que se honra de ser oficial da gloriosa Polícia Militar de Minas Gerais.

563

Convivendo no vosso meio, solidário com o vosso destino e penetrado dos seus ideais, em que se combinam o culto do Brasil e o sentimento do dever, habituei-me a considerar o estoicismo do soldado a mais bela definição da dignidade cívica. Não me são estranhos os pormenores de dedicação, sacrifício e labor que constituem, no silêncio das ocupações de rotina, a vida sadia dos quartéis. Tenho presente tudo o que nêles se faz para que a defesa comum, a ordem na lei, a paz da sociedade encontrem sempre dispostos a resguardá-las as classes armadas, em todos os escalões e em todos os setores. Proclamo outrossim o reconhecimento do país de suas instituições a essas denodadas forças auxiliares, reserva do nosso Exército, que representam, no limite de suas

564

atribuições, e onde quer que as conduza a obrigação bem cumprida, a segurança das populações, o desenvolvimento tranqüilo a que aspiram, o ambiente de equilíbrio e serenidade que o nosso povo reclama, em nome de uma democracia que significa organização e liberdade, em nome de uma civilização que repousa na garantia dos direitos humanos, em nome da pátria formada na consciência da ordem civil, mas igualmente na mística da integridade nacional.

565

A de Minas data dos mais longínquos e difíceis tempos da criação da capitania, pois não há interrupção na corrente estabelecida pelas sucessivas unidades que a compuseram, desde que êsses caminhos abruptos passaram a ser policiados pelas milícias regionais. Não é um símbolo gratuito na vossa veneração o protomártir da Independência. Em Tiradentes reverencia a Polícia Militar mineira o alferes de dragões que por essas montanhas alterosas associou às lides militares o fervor patriótico, e para elas sonhou a emancipação próspera e ilustrada. Dessa devoção decorrem duas lições permanentes: a fidelidade à terra e a confiança no futuro. Harmonizou-se numa só atitude: o desejo incorruptível de servi-la. O Alferes Joaquim José da Silva Xavier amou extremosamente o seu áspero, rico e vasto chão de Minas. Depois de o palmilhar em tôda a extensão, estimou-o em tôdas as possibilidades. Condenaram-no, porque era um visionário. Na verdade foi um vidente. É próprio dos sfundadores de nacionalidades olharem por cima dos horizontes para verem nas distâncias dos séculos o radioso absurdo. Na sua época êsse absurdo maravilhoso era o assunto das palestras dos Inconfidentes, na permuta de suas esperanças. Profetizavam regimes livres, indústrias, universidades, cultura, o ilimitado progresso que já então sorria aos americanos do norte, seus invejados contemporâneos. O que mais espanta em tais devaneios é o divino poder da previsão. Explicar-se-á pelo muito amor à sua província, por essa intuição do que seria o

Brasil, não deformado, ou negado, pelas fórmulas pessimistas do desânimo, porém exaltado, ou afirmado, nos entusiasmos da fé. Para a nossa gente aquêlê exemplo de antevisão patriótica, extensiva ao social, ao econômico, ao cultural, que tudo cabe nas reais dimensões do país, não vale apenas pela sugestão de otimismo, responsável pelas grandes criações da vida. Vale principalmente pelas soluções que indica. Indicamo-las, antes de mais nada, às gerações novas.

Após século e meio de existência independente, 566
não podem ser motivos de discussão — nem admitimos sejam discutidos — os direitos do Brasil à sua plenitude como nação economicamente suficiente, politicamente estável, intelectual e moralmente habilitada para marcar de vez a sua presença no mundo.

Para destroçar o conluio dos negativistas, que nas 567
insídias da detração julgam abalá-lo com o menos-prêzo e a incredulidade — nada se nos afigura mais eloqüente do que os números estatísticos, a divulgação do que ocorre em cada recanto da terra brasileira, a observação de seu crescimento sem alarde nem inquietação, nas cidades e nos campos, no sul e no norte, no sertão e no litoral, de uma a outra extremidade dêste país, demasiadamente complexo e amplo para que possam atingi-lo as malsinadas sínteses.

Quando vos digo que percorri todo o Brasil e con- 568
servo na memória e no coração o colorido mapa de suas paisagens, de suas surpresas, de suas necessidades, de seus potenciais inesgotáveis e de suas solicitações clamorosas, não faço uma frase: confesso uma alegria, que proclamo como um consôlo, para o homem público que recebeu dos seus concidadãos, os mais humildes e os mais distantes, o mandato que exerce. É dêsse direto conhecimento de nossa gente que tiro a veemência do protesto contra tudo o que impeça o Brasil de prosseguir, tudo o que o retarde ou o perturbe, tudo o que embargue a sua marcha. Sabemos, isto sim, que apenas começa uma era de aproveitamento racional

de nossas possibilidades, muito longe da utilização das reservas que se acumulam em rincões inexplorados. Mas o que se vem fazendo, o que se faz, o que, com o auxílio de Deus, se fará, exige a consonância dos brasileiros unificados e pacificados em torno dessa palavra de comando. É crer na pátria, é não lhe faltar, quando tanto ela reclama a solicitude dos bons brasileiros; é educar e convencer, na legalidade, que gera a harmonia e a paz, e na eficiência, que é progresso e superação.

569 Assim pensaram os que nos legaram, respeitada e indissolúvel, esta nação;* assim pensam e agem, nas nações que sobrevivem a todos os desafios da adversidade, as classes dirigentes.

570 Alhures, o elogio das corporações que têm honroso passado induz à enumeração de seus títulos de glória, às reminiscências, ao retrocesso na história. Aqui, onde se entrecruzam e tumultuam as forças de um mundo em elaboração, o seu maior louvor há de ser a atualidade do seu espírito, em contacto fecundo com estas realidades. É admirável que possamos falar do patrono das liberdades brasileiras sem nos desprendermos do momento que passa: e a propósito dêle, como se lhe recebêssemos a mensagem eterna, repetir a palavra de estímulo e crença que deve todos os dias ao povo o presidente da República. A maneira decisiva de ajudar o Brasil a superar as dificuldades que lhe embarçam o desenvolvimento será sobrepor-lo ao individual, ao efêmero, ao transitório, ao irrelevante, às paixões que não podem durar, em confronto com a comunidade e a pátria. Exige-nos a dedicação de todos os instantes, com o desinteresse, que é a pureza do civismo, e o honesto trabalho, que o eleva e dignifica. Não se concilia com as renúncias feitas de acomodação e inércia, mas pressupõe coragem moral, altivez e atividade, formas benditas de colaboração útil. Corresponde à maturidade dos grupos humanos, à plenitude das nações sólidas, à presença de coletividades conscientes do seu papel, no mundo de hoje. Pede virtudes

simples e esforços severos, na mobilização providencial das gerações que se renovam, para que se renove o país: conta com elementos prestadios e caracteres provados, que constituem a coerência das corporações intiriças e o primeiro argumento do seu prestígio. Estas condições ornamentam e distinguem a vossa instituição, e porque as demonstrastes, no período promissor da formação, é que ela agora vos acolhe e tão sinceramente vos festeja.

Nesta oportunidade que me dá o vosso convite de rever velhos amigos e camaradas, desejo saudar o Governador Bias Fortes, que não tem poupado esforços no sentido de dotar a milícia estadual dos elementos de que necessita para executar a sua tarefa de defender a ordem e servir a Minas. A minha saudação se estende, com os louvores que faço, à brilhante officialidade da Policia Militar, representada na pessoa de seu comandante, o Coronel Manuel Assunção e Sousa, cujo zêlo e noção do cumprimento do dever dizem bem alto das virtudes dos homens que compõem esta nobre e tradicional corporação.

Faço votos, como vosso padrinho neste ato solene, para que se cumpram os anelos da nobre carreira que abraçastes, a bem do Estado, que é a nossa querida e velha terra mineira, e pensando no Brasil, de quem sois servidores leais e destemidos.

BELO HORIZONTE, 26 DE JULHO DE 1957

NO ENCERRAMENTO DO SEGUNDO CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO COMERCIAL.

Foi, sem dúvida, auspiciosa, Senhores Congressistas, a escolha da Capital de Minas para a realização dos seminários, debates e conferências do Segundo Congresso Brasileiro de Ensino Comercial. Nesta cidade eminentemente universitária, que tem assistido a

algumas das mais fascinantes experiências de ensino realizadas no Brasil, haveis de ter encontrado o estímulo intelectual, a liberdade de espírito, a sedimentação de idéias e, ao mesmo tempo, o salutar costume de agitá-las, tão necessário a uma cultura que não quer estagnar-se e aspira a satisfazer aos reclamos da nossa época.

574 Esta grande assembléia de professores, cujos trabalhos tenho a honra de encerrar, ficará, na história da educação brasileira, como um dos esforços mais tensos, uma das tentativas mais proveitosas e fecundas para delinear diretrizes adequadas a êsse ramo de ensino, que, assumindo tamanha importância em nosso desenvolvimento econômico, não gozava, entretanto, da estima que devia merecer de nós. Resquícios da orientação, marcadamente intelectualística, que por longo tempo dominou a nossa política educacional, impediam-nos de reconhecer a conexão estreita, o vínculo notório entre desenvolvimento e ensino profissional. Dir-se-ia que só fomos alertados, quando um surto irreprimível de progresso, uma explosão de energias e forças criadoras, suscitada pela conjuntura interna e externa, veio mostrar-nos, flagrantemente, a nossa carência de técnicos em todos os níveis e as demandas prementes de pessoal especializado, no mercado de trabalho.

575 Cumpre, agora, recuperarmos o tempo perdido e diligenciarmos por fornecer ao país, em quantidade e qualidade, profissionais capazes que estão sendo reclamados nos setores econômicos. Avulta, pois, cada vez mais, no Brasil, a importância dos cursos profissionais. Dentre êles, destacam-se, com relêvo, os que se ministram nas escolas de comércio, desde os de ensino básico e médio até os de aperfeiçoamento em contabilidade de custos, gerência de negócios, promoção de vendas ou administração de empresas.

576 Cento e vinte mil alunos de cursos comerciais, distribuídos por novecentas escolas, se adestram hoje, no país, para a grande batalha do nosso desenvolvimento. Fácilmente essa legião de jovens estudantes será absor-

vida nos múltiplos e variados setores de trabalho que presentemente se abrem, no Brasil, a quem tenha iniciativa e disposição. O ritmo impressionante do nosso progresso, a expansão dos mercados, o volume cada vez maior de transações, o crescimento do comércio interno e uma industrialização que se acelera dia a dia, asseguram o aproveitamento dessa juventude resoluta, que volta as vistas para o mundo da administração e dos negócios.

Ponho as minhas melhores esperanças nos esforços de quantos se dedicam ao ensino comercial neste país. Em cada um de vós o meu governo reconhece um colaborador direto, um precioso agente de transformação, na grande reforma em que tôda a nação está empenhada. Asseguro-vos, com calor e entusiasmo, a minha simpatia e o meu apoio.

Os subsídios que trouxestes, com êste congresso, aos planos de educação para o desenvolvimento, serão cuidadosamente estudados e assimilados pelos órgãos do governo. Não basta rasgar estradas, suscitar indústrias, instalar centrais elétricas, fazer jorrar petróleo. Seria obra incompleta, irremediavelmente mutilada, se não dispuséssemos do elemento humano apto a sustentar êsse arcabouço. Nas escolas técnicas de comércio, nas escolas industriais, nas escolas de formação agrícola é que iremos recrutar êsses homens, animados de um novo espírito, que as fábricas, as empresas comerciais, os bancos, os vários setores da administração pública e particular estão a pedir. Os cursos superiores de administração constituem o viveiro onde a nação há de buscar elementos seletos para a direção de seus negócios.

O governo, representado pelo diligente e esclarecido Ministro Clóvis Salgado, que se fez acompanhar de uma brilhante equipe de técnicos, participou de maneira eficaz dos trabalhos do vosso congresso. Rejubilome com o fato de haverdes dado especial relêvo aos objetivos e funções do ensino comercial, à sua orien-

577

578

579

tação pedagógica, aos cursos de aperfeiçoamento, à orientação educacional e profissional e à melhoria da administração escolar. Acurados foram os vossos estudos quanto à maneira de ensinar as diversas disciplinas de vossos planos e cursos, e conseguir adequado rendimento da parte dos estudantes, sobretudo no sistema de classes—empresas ou do ensino funcional, em que o Brasil realiza trabalho inovador e vanguardeiro no campo do ensino.

580 Ofereceste, desta forma, ao meu governo, sugestões de alta valia. Com clarividência e patriotismo, contribuíste para que se venha a estabelecer, no plano nacional, uma indispensável unidade de diretrizes, que permita a melhoria do ensino, a plena eficácia da assistência pedagógica e, sobretudo, a ampliação das áreas da atividade educacional, de modo a assegurar oportunidades a todos quantos desejem aprender e progredir.

581 É, por certo, precioso estímulo para vós, Senhores Congressistas, a presença, nesta solenidade, do eminente Governador Bias Fortes, responsável pelos destinos de uma comunidade que tem sido pioneira no campo da educação; no setor do ensino comercial, foram de mineiros iniciativas extraordinárias como as reformas de 1926 e 1931.

582 Relembrando-vos esta circunstância, que vem aumentar o significado deste encontro, aqui, de professores de ensino comercial de todo o Brasil, congratulo-me convosco, Senhores Congressistas, pelo êxito dos vossos trabalhos e pelos caminhos que eles vieram abrir à educação brasileira. Fizestes jus ao reconhecimento de uma nação que se empenha, com denodo, em subjugar os obstáculos que se opunham à plena realização de suas potencialidades e, por este modo, assegurar, ao seu povo, dias melhores e mais prósperos. Prosseguindo em vossa benemérita missão, estareis prestando à pátria serviços cuja magnitude só em tempo futuro se poderá avaliar devidamente: quando, no campo e nas cidades, nas oficinas e nos escritórios, no sertão e no litoral, os

frutos do vosso trabalho, traduzidos numa riqueza es-
tuante, numa riqueza que será de todos, poderão asse-
gurar ao povo brasileiro a efetiva posse dêste imenso
território, que Deus nos confiou, e o pleno cumprimento
dos nossos altos destinos.

RIO DE JANEIRO, 28 DE JULHO DE 1957

NO PALÁCIO DO CATETE, EM CERIMÓNIA
MATINAL, EM RESPOSTA DE AGRADECIMEN-
TO AO DISCURSO DE SUA EXCELENCIA O
DOUTOR CARLOS MOREYRA, VICE-PRESI-
DENTE DO PERU, QUANDO ÊSTE LHE FEZ EN-
TREGA DA GRÃ-CRUZ DE BRILHANTES, DA
ORDEM DO SOL DO PAÍS AMIGO.

Excelentíssimo Senhor Vice-Presidente,

Agradeço a honra que ao meu país, e a minha
pessoalmente, confere o meu nobre Amigo, Sua Exce-
lência o Senhor Presidente Manuel Prado, enviando-me,
pelas mãos de Vossa Excelência, Senhor Vice-Presidente
Carlos Moreyra, para tanto acreditado em Missão
Extraordinária, com os eminentes Doutor Víctor
Andrés Belaúnde e Embaixador Carlos Echecopar
Arce, a mais alta homenagem que pode o Peru outorgar
a chefe de Estado de nação irmã, a Orden del Sol, na
categoria de Grã-Cruz com Brilhantes.

583

Recebo a desvanecedora visita de personalidades
tão representativas da hierarquia espiritual, do poder
público e da fraternidade americana, com a satisfação
íntima de quem está, peio seu povo, igualmente autori-
zado a declarar que o Brasil os acolhe como a bons
vizinhos, festeja-os como amigos de tôdas as épocas,
retribui-lhes a cortesia, reafirmando, com o vigor das
convicções inabaláveis, a amizade incorruptível que
nos une.

584

Quis Vossa Excelência, Senhor Vice-Presidente,
amavelmente referir-se, no seu eloquente discurso, aos
laços históricos que coordenaram outrora e conjugam

85

atualmente as nossas pátrias, vinculadas para a eternidade pelo condomínio amazônico, em cujos cenários cósmicos as suas energias econômicas elaboram uma civilização de possibilidades incalculáveis.

586 Também não escapou à justeza de suas observações o traço insistente, que forma a coerência da diplomacia brasileira, da colaboração pacífica, em que, no império e na república, desde as gerações de Ponte Ribeiro, Uruguai e Visconde do Rio Branco, as nossas pátrias se mostraram dignas de possuir e resguardar a herança territorial dos seus maiores.

587 É realmente através dos tempos que se apuram e acentuam as afinidades dos grupos humanos que têm — como sucede no seu e no meu país — condições análogas de evolução, formação, luta e trabalho, e, provindos da mesma origem espiritual, caminham inevitavelmente, vencendo obstáculos semelhantes, para o progresso, a emancipação, o esplendor de sua cultura humanista, o desenvolvimento e a perfeição de suas instituições livres. Encontrará Vossa Excelência, nesse campo de reminiscências comuns, inúmeras sugestões da amizade espontânea e antiga, que liga o Brasil ao Peru, juntando-os na fé e na tradição, de que Ricardo Palma nos deixou tantas páginas evocativas. Não é em vão que se chama Copacabana a praia que encanta o viajante, no seu primeiro contacto com esta Capital. Assim apelidaram os homens do passado a igreja erguida em agradecimento à padroeira dos Andes peruanos, lembrando a identidade das suas crenças com os fundadores dessa nação de reis aborígenes, senhores de fabuloso império e conquistadores insuperáveis na sua tenacidade e no seu valor.

588 Quando sobreveio a Independência, a aliança natural dos predecessores se converteu, sem esforço, na compreensão amistosa dos governos, aparentemente distanciados pela vastidão do continente, mas cordialmente associados em todos os momentos em que a cooperação das soberanias significou a estabilidade e a paz da América.

São os frutos dessa experiência de política exterior e de convívio leal as relações exemplares que Sua Excelência, o Presidente Manuel Prado, tão benévola-mente celebra, ao manifestar ao Brasil e ao seu presidente o aprêço em que os tem, credenciando, a Embaixada que Vossa Excelência chefia, Senhor Vice-Presidente, com o fim gentilíssimo de galardoar-me com o testemunho mais elevado de sua estima. 589

Na Ordem do Sol distinguimos a vocação imemorial do Peru para a luz e a glória, inspiração religiosa dos incas, debruçados como condores sôbre os abismos, e em seguida emblema e estímulo dos peruanos, na fidelidade à terra, no amor de seus contrastes, na veneração de suas antiguidades, maravilhas e epopéias. Decretada pelo herói da libertação, essa comenda de ilustre memória tem sido o testemunho delicado da continuidade retilínea, em que se processa o engrandecimento da República. Guiada por dirigentes de visão, não a desviaram da sua ascensão os contratempos que, cíclicamente, constituem neste hemisfério crises de crescimento e adaptação a novas formas de realização social e política; e pode hoje apresentar à humanidade um exuberante quadro de progresso, sob o govêrno de um dos mais notáveis estadistas contemporâneos, o Presidente Prado, a quem conheci no Panamá, em memorável reunião de conagração continental, e cujas atenções em Lima sinceramente me penhoraram. 590

Em nome do meu país, que faz da felicidade peruana o complemento de sua própria felicidade, desejo exprimir àquele caro amigo os votos fervorosos que faço pelo êxito de sua lúcida administração. Que Deus continue a dispensar ao seu povo laborioso, à República do Peru, interpretada, nos seus anseios democráticos e nos primores de sua vida internacional, pela prestigiosa voz dos seus mandatários, as bênçãos de ininterrupta prosperidade, que os brasileiros contemplam com regozijo e orgulho americano. 591

O Sol dos Incas é o que fulgura na imensidade do Amazonas. Assiste e consolida a unidade indissolúvel de destinos, que faz da convivência internacional um argumento de dignidade humana. Que tenha a constância dêsse símbolo a união das nossas bandeiras, na família solidária a irreduzível das soberanias da América — são os votos que formulo, profundamente agradecido pela visita ao Brasil da Missão Extraordinária chefiada por Vossa Excelência, Senhor Vice-Presidente da República, e que é, a nossos olhos, a própria presença de sua grande e nobre Pátria.

RIO DE JANEIRO, 1 DE AGOSTO DE 1957

PELA REDE DE RADIODIFUSÃO DA "VOZ
DO BRASIL", BALANCEANDO ANO E MEIO DE
SEU GOVERNO.

Ao completar um ano e meio de gestão à frente do país, acho oportuno dirigir-me ao povo brasileiro. 593

Não me acusa a consciência de fazer proclamar imodestamente os atos do meu governo; ao contrário, devo até confessar que descuidei de preparar a opinião pública no sentido de trazê-la a par do que a atual administração do país está fazendo para cumprir rigorosamente as promessas do candidato. 594

Não disponho, na verdade, e tampouco os desejo, de instrumentos de publicidade capazes de alertar os meus patrícios sobre uma propaganda de caráter pessimista e destruidor que reiteradamente vem sendo feita. Não possuo organização publicitária que me exalte e engrandeça. 595

Não tenho outra vocação que a da vida democrática. Aprecio o debate livre; gosto de receber críticas, de levá-las em consideração e de examinar, servindo-me das observações mesmo vindas de adversários, sobre se estou certo, se tenho pensado e agido corretamente de acordo com os mais altos interesses da nação brasileira. 596

Dou graças a Deus por me ter conservado assim através de tempos difíceis. Não me esqueço, um só momento, de que posso errar, de que não sou infalível; 597

procuro até saber como os meus próprios desafetos julgam os meus atos, para fazer, no caso de considerar justos os reparos e as manifestações contrárias, uma revisão de atitudes e do modo de processar a coisa pública.

598 Nunca fui infenso ao mais veemente julgamento contra mim, sempre que feito em boa-fé. Dêsse modo de encarar a vida pública é que me vem o hábito de prezar tanto as afirmações e os juízos alheios e de muitas vêzes esquecer a deffesa dos meus pontos de vista. As críticas, recebo-as como auxilio de utilidade inestimável, e jamais como pretexto para discussão.

599 Observei que hoje, salvo raras exceções, o ataque ao homem de govêrno em nosso país não é, via de regra, construtivo, nem tem o intuito de ajudá-lo, de levá-lo a acertar. O que quase sempre se pretende é afastar o criticado, cada vez mais, do bom caminho.

600 É por saber disso que estou aqui a falar-vos hoje, meus patrícios, pois já não posso esperar que se forme um conceito justo do que estou realizando através das delongas de uma apuração futura. Necessito de ligar todos os homens de boa vontade num esforço comum que só a compreensão pode criar; necessito de que os brasileiros saibam que, apesar das acusações sistemáticas de alguns, quase sempre destituídas de qualquer espírito de justiça, vou realizando o que anunciei, vou cumprindo, com honra e obstinação, a minha palavra de candidato. O fato de não lançar mão de *slogans*, de portar-me com discrição, de não fazer alarde de trabalhos e obras, não quer dizer que tenho deixado de cuidar da tarefa imensa que me incumbe.

601 Vereis, dentro em pouco, que as metas de realizações anunciadas estão sendo levadas adiante; que apesar dos percalços, das dificuldades de tôda ordem, não deixei de agir como era do meu dever, do meu desejo e da minha intenção.

Antes de entrar na parte informativa dos empreendimentos materiais, neste trecho da estrada percorrido, nestes dezoito meses em que inúmeras foram as preocupações e em que a única alegria foi a consciência tranqüila de estar servindo bem ao país, não tanto quanto êle merece, mas com o empenho de que êle é digno, quero dizer-vos que persisti, insisti e me aprofundi, como sempre, na obra da pacificação nacional.

602

Não medi esforços nesse sentido. Não desisti de meus propósitos um só dia, uma só hora. Tenho uma meta política a cumprir e, querendo a Providência, cumpri-la-ei. Desejo transmitir a Presidência da República ao meu sucessor pacificamente, dentro da lei e da ordem. Não vacilei um só momento, neste ano e meio de govêrno, em tornar menores as divergências de caráter pessoal, algumas violentas, entre as forças políticas. Talvez tenha eu dado por vêzes a impressão de não defender as prerrogativas de minha posição de Presidente, conforme o gôsto de certos temperamentos autoritários; mas que o povo brasileiro saiba que sempre me inspirou o desejo de pacificar, de não permitir voltarem os dias nefastos de agitação e de perturbação da ordem.

603

Que o Presidente da República possa fazer ao povo de seu país neste momento a confidência de que não raro teve de vencer os seus próprios e compreensivos impulsos, que teve de lutar contra a sua própria natureza, para que a sua ação sempre se fizesse sentir como atenuadora de crises, como a de cidadão que, conhecendo os melindres de seus adversários, quer respeitá-los e levá-los em consideração. Sempre que houve um ato propício ao desarmamento dos espíritos, eu o pratiquei deliberadamente, sem que isso significasse tibieza, mas propósito esclarecido de contribuir para tornar mais sólido, mais resistente, o regime de liberdade em que vivemos.

604

605 Minha meta é chegar ao fim do caminho com o regime a salvo e entregar ao meu sucessor um país legalmente constituído, sem tirania, sem domínio de grupos, um país em que todos têm o direito de manifestar o seu pensamento dentro de um clima de respeito, de tolerância, um país em que as teses possam ser discutidas e tratadas sem que a opinião seja um delíto.

606 Não aspiro do povo brasileiro a outro reconhecimento do que o de ser incluído, um dia, entre os que lutaram mais denodamente pela paz e por um entendimento que não exclui divergência e opposição. Mas fique bem claro, de uma vez por todas, que essa política e esses propósitos não eliminam vigilância e disposição férrea de enfrentar qualquer manifestação ou qualquer tentativa de desprestígio da autoridade, que importa preservar para que ela exerça livre e deliberadamente a sua acção pacificadora.

607 Continuo no propósito de apagar incêndios e, em verdade, já os tenho apagado, e numerosos. Mas que não surjam de novo incendiários e depredadores, pois terão a repressão que merecem, dentro da lei, mas exemplar e rigorosa como é necessário que seja. Há um ano e meio que navego na direcção que me propus seguir, trilhando sobre uma rota legal que é merecida pelo povo brasileiro.

608 Praza a Deus que tudo prossiga de acôrdo com os Seus desejos de cordura e de entendimento.

609 Só temos noção exata de um bem, quando o perdemos; é necessário, porém, que não nos falte, pelo menos, a consciência de que vivemos num regime livre, em que todos são iguais perante a lei; em que todas as tendências que não sejam antinacionais e anti-humanas podem disputar o poder político; em que os tribunais são livres e livres as manifestações do pensamento.

Temos o dever de conhecer o valor da democracia e defender êsse regime com prudência, mas com a decisão que êle merece. Ninguém pode ter outro interesse senão o de que se consolide o regime de liberdade, sem o qual não há nação que possa qualificar-se de civilizada. 610

A defesa da ordem pública, a defesa do regime, a defesa da lei se confunde hoje, como nunca, com a própria defesa da pátria. Não é possível pensar de outra maneira. 611

Dou graças a Deus por ter a grande maioria da nação compreendido isso. Êste é um trabalho que sei ter ajudado a realizar, em colaboração com ilustres cidadãos da República, civis e militares. 612

Quero afirmar-vos, neste momento, que o governo se sente firme nos seus propósitos de tratar indistintamente a todos os brasileiros — adversários e correligionários —, todos com os mesmos direitos e deveres em relação à pátria, e que essa firmeza advém do império e da segurança com que são tratadas as leis que nos regem. 613

Em defesa da lei e do regime, do patrimônio da liberdade e cultura do povo brasileiro, que me incumbe defender e preservar, estarei vigilante e disposto ao sacrifício de minha própria vida, se fôr necessário. Lutarei inabalavelmente pelas prerrogativas da autoridade em que fui investido pela soberana vontade manifestada nas urnas no pleito que me levou à Presidência da República. 614

Ao assumir a Presidência da República tinha eu plena consciência de que era sombrio o panorama que se me apresentava. Vários anos de inflação aberta haviam exacerbado a luta econômica, desencadeando, de um lado, o espírito de especulação, a ilusão da riqueza fácil, a miragem da valorização e, de outro, a luta por maiores salários, a busca illusória dos aumentos de vencimentos apenas nominais. 615

616 A espiral inflacionária ganhara impulso, no instante mesmo de minha posse. A concessão desordenada de aumentos a servidores do Estado, que viera onerar o orçamento federal em trinta bilhões de cruzeiros, iria forçar a reivindicação da elevação dos salários, o que provocaria inevitavelmente novas altas do custo de vida.

617 Todavia, minha confiança na capacidade de recuperação do Brasil fortaleceu em mim a decisão de luta. Ministramos à nossa economia doente os remédios clássicos e específicos que a terapêutica universal selecionou. As críticas à nossa atuação não apontam um único medicamento que não tivesse sido usado. O mais que fazem é alegar a fraqueza das doses e discordar da intensidade do tratamento.

618 Estou convencido, entretanto, de que agimos corretamente. Para ilustrá-lo, basta observar que conseguimos reduzir, em 1956, a 23,9 bilhões de cruzeiros o *deficit* previsto de 50 bilhões de cruzeiros.

619 Sem pretender anunciar que debelamos a crise inflacionária, posso, contudo, afirmar que sua virulência se está atenuando. Os índices deste último semestre são animadores e as informações de fonte insuspeita, como a Fundação Getúlio Vargas, patenteiam o reconfortante resultado de nosso esforço: o custo da vida voltou, no mês de junho, a seu nível de janeiro, e o preço dos gêneros alimentícios, no atacado, acusa declínio.

620 Para um país em que a inflação se alastrava em ritmo acelerado, efeitos como esses têm decisivo valor, tanto mais quando obtidos em condições que não traumatizaram o organismo econômico-financeiro da nação.

621 Bem sei, neste particular, que o mal-estar, causado pela aplicação de certos corretivos, tem provocado queixas. Refiro-me especialmente ao controle da expansão do crédito. Se excessos houve, era quase

fatal nas condições em que tivemos de lançar nessa campanha antiinflacionária; muitos já foram sanados, entretanto, e sei que o contrôle da expansão do crédito, ao ganhar em seletividade o que perdeu em generalidade, já não causa tantos problemas ao comércio e indústria como no momento em que foi implantado.

A série de medidas disciplinadoras e preventivas que determinamos no setor da economia cafeeira, a intensa campanha que desencadeamos com o objetivo de promover a elevação da qualidade de nosso primeiro produto de exportação testemunham nossa dedicação a êsse importante segmento da atividade econômica nacional e nosso empenho em aparelhar o mecanismo administrativo para qualquer eventualidade. 622

O quadro atual de nossa balança de pagamento exige, por sua vez, cuidados e precauções. Infelizmente, pouco fizemos no passado para diversificar a pauta de nossos produtos de exportação, repercutindo essa negativa orientação no momento preciso em que o ritmo acelerado de nosso desenvolvimento industrial está a exigir importações crescentes de equipamento e matérias-primas. 623

Assim, deve constituir preocupação dominante em nosso espírito criar novas fontes de divisas, abrir novos mercados, multiplicar nossas exportações e reforçar uma atitude clara de austeridade nos gastos em moeda estrangeira. 624

É verdade que estamos conseguindo atrair substanciais massas de capitais estrangeiros que, aliando-se às poupanças aborígenes, vêm acelerando o crescimento de nosso parque industrial e, conseqüentemente, a produção interna de artigos anteriormente importados. Outros fatores favoráveis foram o restabelecimento de nosso crédito perante o Export-Import Bank e o apoio norte-americano a nossos planos de desenvolvimento econômico. 625

- 626 É óbvio, porém, que a expansão de nosso crédito no exterior é funcionalmente subordinada ao estado de nossa balança de pagamentos, cujo equilíbrio deve ser mantido em alto nível.
- 627 São ingentes os esforços que temos realizado para acelerar o progresso econômico do país. Todos conhecem a essência do plano de ação do governo.
- 628 Destacamos um certo número de setores fundamentais da economia, daqueles que constituem pontos de germinação de atividades econômicas ou representam áreas de estrangulamento dessa atividade, e programamos nosso trabalho de modo que, em 1960, determinados objetivos sejam atingidos.
- 629 Focalizando apenas os setores mais importantes, sintetizo, aqui, o progresso do nosso plano de metas.
- 630 No que tange à energia elétrica, o objetivo do governo é elevar a potência instalada no país de 3 para 5 milhões de quilowatts e iniciar obras que permitam aumentá-la de 5 para 8 milhões entre 1960 e 1965.
- 631 Uma série de centrais elétricas, totalizando mais 2 milhões de quilowatts, será concluída, até 1960, cabendo ressaltar as obras de Peixotos, Cubatão, Piratininga e a segunda etapa de Paulo Afonso. Simultaneamente, foram iniciadas usinas que deverão inaugurar-se depois deste quinquênio — a de Furnas e Três Marias, entre outras.
- 632 No setor de carvão mineral, a produção cresce satisfatoriamente e atingirá a meta de 4 milhões de toneladas em 1960. Vem-se racionalizando essa produção, consoante os termos de um programa que implica a mecanização das usinas de beneficiamento e a instalação de usinas termelétricas na boca da mina (como em Charqueadas, Figueiras, Capivari e Candiota).
- 633 No terreno petrolífero, tem sido coroado do mais completo êxito o trabalho de desenvolvimento da Petrobrás. Aumenta-se consideravelmente não só a produção, como a produtividade da bacia petrolífera

baiana. Ademais, a Petrobrás leva avante um esforço pioneiro ingente, que já proporcionou o magnífico e positivo resultado da descoberta de óleo na bacia amazônica.

Há um prazo de carência obrigatória que devemos aceitar com paciência e confiança, certos de que, cada dia que se passa, aumenta a probabilidade da descoberta de outros campos produtores, economicamente aproveitáveis. Assim, não tenho a menor dúvida de que será atingida e ultrapassada a meta de produção de 100.000 barris por dia. A refinação já passou de 130.000 barris e, terminadas as obras em execução, chegará a cerca de 330.000 barris diários. No transporte petrolífero, passará de 225.000 para 400.000 toneladas a capacidade de nossa frota, graças à aquisição de 7 superpetroleiros.

634

No tocante ao transporte ferroviário, é duplo o esforço governamental: reaparelhar o parque ferroviário existente e construir novas linhas.

635

Os financiamentos concedidos pelo Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico já crescem a 5 bilhões de cruzeiros. Nos últimos dezoito meses, 2.888 novos vagões de carga e 114 locomotivas *diesel* se incorporaram à nossa frota ferroviária. Já foram ligadas 116 mil toneladas de trilhos novos e estão em fabricação mais 207 mil toneladas para serem aplicadas nos próximos dois anos. Dêsse modo, será vencida a meta de 1.500 quilômetros de novas ferrovias em 1960.

636

Para o reaparelhamento das nossas linhas de navegação, foram adquiridos nos Estados Unidos da América, com financiamento a longo prazo, 12 navios tipo "Rio", com capacidade total de 70.000 toneladas.

637

A criação do Fundo de Marinha Mercante possibilitará concluirmos negociações para a compra de outros navios e incentivarmos a instalação da indústria de construção naval.

638

- 639 Uma das minhas grandes preocupações tem sido a construção de uma rede de silos, capaz de eliminar os desperdícios de nossa produção agrícola com a falta de armazenagem. Estão em construção silos para capacidade de 150 mil toneladas e, em fase de elaboração de contratos, armazéns e silos para mais de 400.000 toneladas.
- 640 De importante significação é nossa obra de ampliação da indústria de matadouros frigoríficos. Amparada pelo governo, a iniciativa particular vem aumentando sua capacidade industrial de forma ponderável.
- 641 Estão em construção matadouros frigoríficos com capacidade de abate de cerca de 2.500 bovinos e 700 suínos por dia, distribuídos pelos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso. Além disso, estamos financiando diretamente grande frigorífico em São Paulo e ampliando de modo substancial o do cais do porto do Rio de Janeiro.
- 642 No concernente aos transportes aéreos, avançamos com firmeza para a renovação da frota de vôo. Com as encomendas já feitas, e outras que se processam, deveremos chegar ao ano de 1960 com uma moderna frota para as linhas internas, assim como teremos entrado na era do jato nas linhas internacionais. Por outro lado, estamos concluindo estudos que permitirão o início imediato do plano de modernização de aeroportos e dos aparelhamentos de controle e segurança de vôo.
- 643 A indústria de fertilizantes está em vésperas de atingir seu ponto de maturidade com o início da operação de Fosforita, da Fábrica de Nitrogenados de Cubatão, de Fertisa e de outros menores empreendimentos a que o governo tem dado apoio direto.
- 644 Na indústria de base, nossas metas progredem de forma altamente satisfatória. Já circulam em nossas estradas caminhões, jipes e veículos de serviço, cujas

peças vão sendo gradativamente fabricadas em nosso país. Em 1960, deveremos estar produzindo 115 mil veículos, dos quais cerca de 10.000 automóveis de passageiros com 90 % de peças fabricadas no Brasil.

A indústria de material elétrico pesado está em franco desenvolvimento. Acaba de ser inaugurada em São Paulo uma grande fábrica da Brown Boveri. 645

As instalações do grupo Schneider, em Taubaté, estão prestes a entrar em funcionamento, ampliando fortemente nossa indústria mecânica pesada. 646

Todavia, é para a siderurgia que no momento temos voltado a atenção com maior cuidado. O progresso de nossa industrialização está a exigir cada vez mais aço, impondo um programa enérgico de ampliação das usinas existentes, assim como a construção de novas siderúrgicas. 647

Por isso, apressamos a realização do plano do milhão de Volta Redonda e já recomendamos o estudo da terceira etapa de ampliação da nossa maior usina. Por outro lado, auxiliamos todos os projetos de expansão das demais empresas existentes, a começar com a Belgo-Mineira, que deve produzir 500.000 toneladas de aço em 1960. 648

Ultimamos providências para a construção da Cosipa, em São Paulo, e das Usiminas, no vale do rio Doce, ao lado da Acesita, que também se prepara para um grande desenvolvimento. 649

As metas de alumínio, de cimento, de álcalis, de não-ferrosos e de melhoramentos dos portos vão sendo realizadas de modo absolutamente satisfatório. 650

As metas de celulose, papel, borracha sintética e borracha cultivada acabam de ser analisadas em todos os seus pormenores e deverão entrar em fase de execução nos próximos meses. 651

Desejo dedicar capítulo especial ao problema da alimentação. Neste setor, há de ser mencionado, em lugar relevante, o Plano Geral elaborado pelo Conselho 652

Nacional de Alimentação e por mim aprovado há cerca de dois meses. Suas linhas gerais são do conhecimento público, cumprindo acrescentar que, tão logo elaborado, o plano começou a ser implementado e não deverá tardar em fazer sentir benéfica influência.

653 Por outro lado, através de assessoria técnica especialmente criada para esse fim, dei início a um tipo de cooperação com a indústria particular que me parece de natureza a auferir os mais positivos resultados.

654 Facilitando-lhe o acesso às fontes mutuantes oficiais, simplificando-lhe a obtenção de maquinarias importada, pude despertar uma interêsse que redundará em aumento ponderável na oferta de gêneros alimentícios. No setor do leite, aprovei plano geral prevendo a instalação de cinco usinas de leite esterilizado, cuja produção duplicará a oferta global do produto no Brasil; a primeira dessas unidades, destinada ao abastecimento do Distrito Federal, deverá começar a ser erguida dentro em breve. No setor das gorduras, problema dos mais angustiosos no panorama da alimentação, traduzido pelo baixíssimo índice de consumo de matérias graxas do povo brasileiro, deverá principiar próximamente a construção da maior usina da América do Sul e uma das maiores do mundo.

655 Sua produção aumentará em cerca de 15 a 20 % o suprimento de gorduras comestíveis no mercado interno. Outros projetos estão sendo estudados, bem demonstrando esses resultados, colhidos no curto espaço de cinco meses, a fecundidade dessa iniciativa, praticamente inédita, quer-me parecer, nos anais da administração brasileira.

656 Dignos também de consideração são os resultados oriundos da Campanha do Trigo, contando como certo que ultrapassaremos a produção de 1 milhão de toneladas na próxima safra.

657 Resolvi ainda encontrar uma solução definitiva para o problema dos telefones, problema que se vai

agravando com o crescimento de grandes cidades, como o Rio de Janeiro e São Paulo.

Constituí uma comissão nacional de quatro cidadãos de notória idoneidade moral e competência para estudar um plano que possibilite o uso de telefones por todos nas maiores cidades do país e que, tão logo seja apresentado, será pôsto imediatamente em execução. 658

Imprescindível se torna que o Govêrno Federal volte as vistas para o Distrito Federal. Já estamos tomando providências finais e necessárias neste sentido, convictos de que os problemas de tráfego e os trabalhos de saneamento e urbanização precisam ser atendidos com urgência. 659

Posso anunciar como definitivamente decidida a construção da Avenida Perimetral, e em adiantado estado o financiamento para a terminação do morro de Santo Antônio com o conseqüente atêrro da Glória e suas novas avenidas de tráfego ligeiro, e canalização dos inúmeros rios e córregos que dificultam o saneamento. 660

Facilitarei ao prefeito os recursos de que carece para efetuar algumas das obras indispensáveis ao conforto do bravo povo desta metrópole. 661

Esta, Brasileiros, sumamente reduzida para não me alongar mais ainda, a exposição da obra que levamos avante no domínio econômico-financeiro. 662

Deixei de referir-me, nesta prestação de contas de ano e meio de labôres incessantes, a numerosíssimos outros pontos que também patenteiam estarem sendo cumpridas, consciente e intransigentemente, as promessas por mim feitas quando candidato à Presidência da República. Assistido por Deus, e auxiliado pelos brasileiros de boa vontade, hei de cumpri-las tôdas, uma por uma, com a convicção de estarmos todos nós erigindo uma nação economicamente forte, para um destino glorioso e feliz. 663

- 664 Vejo com júbilo que dia a dia se revigora, no Brasil, aquilo a que se poderia chamar “consciência econômica”. Há dois ou três decênios, uma festa como esta a que acabo de assistir seria, para nós, espetáculo inusitado. A elite brasileira vivia profundamente divorciada das forças que suscitaram o aparelhamento de nossa sociedade e lhe constituem o embasamento. Desvios, oriundos de uma formação em que predominava o intelectualismo, afastavam as classes dirigentes das cogitações econômicas, e uma estrutura artificial se armara sobre o corpo da nação. Discutíamos os altos problemas do mundo e do homem, e tínhamos como coisa somenos as preocupações com os fatores materiais de nossa cultura. As forças do trabalho se mostravam quase ausentes na direção dessa sociedade bizantina, que parecia desconhecer ou desdenhar os seus próprios fundamentos. Na verdade, por muito tempo pretendemos aqui cultivar, sem aclimá-las ao solo, as flôres últimas da civilização.
- 665 Nesses dias, que a nossa geração ainda conheceu, pareceria extravagante erigir em culto as atividades do campo, as ocupações do artesanato, ou conceder honras aos frutos de um labor que se afigurava modesto a uma elite que se fundara sobre o trabalho escravo.
- 666 Festividades como esta apresentam, pois, um sentido mais profundo, que não se colhe à primeira vista. Nelas, a sociedade brasileira se identifica com as suas raízes, recupera a sua autenticidade.
- 667 Sabeis que a história de cultura de cana de açúcar se confunde com a própria história da nacionalidade. Só depois que o brasileiro deixou a coleta fácil dos frutos espontâneos da terra e passou a cultivar o solo foi que esta nação começou a tomar forma e pôde criar

uma sociedade estável. Ao império da aventura e do nomadismo, substituiu-se, com a grandes lavoura canavieira, na organização social, a aspiração de edificar, na terra nova, algo que fôsse mais duradouro e transcendesse a breve vida humana.

Que a nossa civilização nasceu nos canaviais, bem o sabeis, vós habitantes desta próspera e culta cidade, que, já em 1650, possuía o seu primeiro engenho. Se pudestes chegar ao alto nível que atingistes; se pudestes criar, nos antigos Campos de Goitacás, uma das mais florescentes cidades do Brasil; se criastes uma sociedade ilustre, donde saíram um Nilo Pessanha, um Saldanha da Gama, um José do Patrocínio, foi porque muitas gerações, lavrando a terra, puderam aqui acumular recursos materiais e, com êles, equipar-se de instrumentos de que a cultura não pode prescindir. 668

Noutras partes do país, a produção do açúcar cedeu a outras atividades, trazendo-nos o benefício da diversificação da nossa economia. Mas aqui não se quebrou a tradição do açúcar, e, neste sentido, Campos é uma das mais brasileiras de nossas cidades. As vicissitudes de vossa lavoura não vos abateram. De cada crise, ela ressurgiu mais vigorosa, e hoje podeis oferecer-nos êste magnífico exemplo de organização e de empreendimento, que são os vossos dezoito mil fundos agrícolas, vossas dezenas de núcleos industriais, onde cerca de duzentos mil trabalhadores labutam, entre o campo e a cidade. 669

Compreendendo e valorizando o esforço da lavoura canavieira aqui, como no Nordeste e noutras partes do país, o governo, a partir da administração do saudoso Presidente Vargas, não tem poupado meios de amparar-vos, para que não suceda à produção do açúcar o que aconteceu com a da borracha, na segunda década dêste século. 670

671 A intervenção estatal, ao longo de quase trinta anos, tem-se caracterizado pela flexibilidade: não foi, em momento algum, instrumento de compressão. A princípio, procurou limitar a produção, de forma a condiciona-la às possibilidades, então limitadas, do mercado interno; depois, esforçou-se em substituir, pelos açúcares de tipos centrifugados, superiores, os açúcares não centrifugados, de tipos baixos, largamente consumidos sobretudo no interior do país. Assim, realizou-se trabalho de alta compreensão social, emprestou-se maior valor econômico à matéria-prima, pela sua utilização em fábricas de alto rendimento econômico.

672 Mas não se limitou o governo a amparar investimentos. Cuidou, por igual, do trabalhador, através de leis que disciplinaram as relações entre os fornecedores de cana e os industriais, e asseguraram assistência social a quantos trabalham na lavoura e na indústria do açúcar.

673 A expansão da produção açucareira suscitou, no país, indústrias paralelas, à base de resíduos, tais como a do álcool, do butanol, da celulose e do papel, do ácido cítrico, do óleo fúsil. Deu ensejo, ainda, a que se formassem outros parques, como o das indústrias químicas modernas, que têm suas bases na produção do álcool. De tudo isto resultou o aparecimento de importantes indústrias de máquinas e equipamentos para as fábricas de açúcar e álcool, tornando o Brasil praticamente auto-suficiente nesse importante setor.

674 Justificam-se, pois, amplamente os cuidados que vem o Poder Público dispensando à vossa lavoura. Quanto ao meu governo, em particular, é com prazer que reafirmo, neste momento, o propósito de prosseguir nessa política de defesa da produção. Não vos faltará, como até aqui não tem faltado, o meu apoio a toda iniciativa que complete ou amplie a política de amparo.

Procurando conciliar os nossos empenhos, pela estabilização do custo de vida, com a situação econômica de vossa indústria, não hesitei, no ano passado, em concordar com o reajustamento de preços que pleiteastes. E, através do Banco do Brasil e de outras entidades financeiras, o meu governo vos tem dispensado tôda a assistência que lhe é possível. Assim procede não só por vós, mas principalmente pelo bem do país, procurando preservar, nesse setor, as condições de produção e de trabalho, imprescindíveis à estabilidade e desenvolvimento da economia nacional. 675

De acôrdo com as nossas recomendações, o Instituto do Açúcar e do Alcool envida, no momento, os melhores esforços para sanear o mercado interno e garantir a aquisição de preço econômico para o açúcar, evadindo, para mercados externos, as sobras não suportáveis pelo consumo interno. Vêde, pois, que não esqueci os compromissos assumidos convosco, quando candidato, ao prometer-vos que procuraria meios de preservar o equilíbrio estatístico do produto e de lhe garantir preço econômico. 676

Entendo a política econômica do açúcar no seu sentido global e, portanto, nacional. Vejo-a como um fator mesmo de unidade pátria, pois ela permite a complementação das economias de várias regiões dêste vasto país. Muitas dessas regiões encontram, tradicionalmente, no açúcar, a principal razão de sua vida econômica e única fonte de recursos para as trocas mercantis com as demais áreas econômicas do Brasil. 677

Agradecendo a honrosa homenagem com que me distinguiram os lavradores e produtores de açúcar de Campos, assistidos pelo ilustre e operoso Governador Miguel Couto Filho, cujo patriotismo e descortino vem abrindo magníficas perspectivas ao progresso do Estado do Rio, é com prazer que ergo a minha taça pela crescente grandeza desta bela cidade e pelo bem-estar de sua laboriosa e culta população. 678

679 O governo acompanha com vivo interesse a marcha, através de países vizinhos, da epidemia de gripe, que, embora sem letalidade apreciável, constitui motivo de grave preocupação para as populações, praticamente desarmadas diante da invasão e da expansão universal da doença.

680 Empenhado em promover, por todos os meios ao meu alcance, a defesa do povo brasileiro contra essa irrupção epidêmica, declaro que não pouparei esforços no sentido de articular as providências, coordenar as equipes, empregar os recursos disponíveis e tudo fazer, com decisão e pontualidade, para enfrentar o mal, evitando-o se possível, ou pelo menos impedindo que se alastre, nas proporções calamitosas de que falam as notícias que nos chegam dos países atingidos.

681 Como atos preliminares, decidi convocar os meus auxiliares diretos e, em reunião de ministros e assessores técnicos, em que cada um traga a contribuição dos serviços especializados, encetar o que chamarei a mobilização médico-sanitária para a defesa das populações, nesta conjuntura, que, não devendo causar maiores alarmes à coletividade, todavia exige dos poderes públicos e, à frente destes, do chefe do Estado, a vigilância, o cuidado e a atenção de todos os momentos — pois na verdade não há minuto a perder, quando se trata da saúde, das condições de trabalho e do bem-estar do povo brasileiro. Quero antes de tudo dirigir à nobre classe médica, a que me acho vinculado pela profissão e pelo espírito, um apêlo patriótico e insistente, para que, prontificando-se a ajudar ao governo e às populações na emergência a que aludi, desde já se considere mobilizada para o esforço humanitário que será chamada a realizar, onde quer que êle seja

reclamado. Confio nessa solidariedade e, certo de que a minha palavra nesta hora satisfaz à ansiedade e responde à interrogação do Brasil inteiro, digo, com fé em Deus e perfeita confiança na ação, que será desenvolvida, que nada faltará para que cumpramos exata e rigorosamente o nosso dever.

RIO DE JANEIRO, 8 DE AGOSTO DE 1957

NO ATO DE INAUGURAÇÃO DA NOVA
SEDE DO INSTITUTO SUPERIOR DE ESTUDOS
BRASILEIROS (I.S.E.B.), SOBRE SUAS FINALIDADES.

Graças ao honroso convívio, anterior à fundação 682
dêste Instituto, com muitos dos ilustres brasileiros que sonharam e planejaram sua existência, de há muito estava eu consciente do que seriam as finalidades e as atividades do I.S.E.B. Em minha carreira de administrador, que me tem absorvido a melhor parte da vida, prouve aos céus que não me faltasse o gosto para o trato com os homens da inteligência e pesquisa, e posso orgulhar-me de contar com amigos fraternais de há muitos lustros entre aqueles a cuja capacidade de idealizar e lutar se deve hoje esta realidade já tão útil ao Brasil e que é o Instituto Superior de Estudos Brasileiros.

Em verdade, o Decreto de 14 de julho de 1955 foi 683
o coroamento de esforços persistentes de um pugilo de brasileiros dedicados à causa da cultura, sendo de justiça salientar-se o nome do então Ministro Mota Filho, cuja figura tanto se projetou no cenário da inteligência nacional.

O I.S.E.B. era por assim dizer um instituto de 684
cúpula, que faltava à estruturação da pesquisa social e econômica em nosso país. O espírito quê presidiu à sua organização muito bem o situa longe das polêmicas estéreis e encaminha-o para a pesquisa eficiente e fru-

tífera, que não alija a colaboração de organizações de idênticos objetivos, mas imprime sentido, clareza e disciplina ao labor dos estudiosos do Brasil, coordenando-lhes os trabalhos e procurando orientá-los para o escopo maior: servir ao Brasil.

685 Muito bem andou o governo brasileiro quando deu à nova instituição a categoria oficial, para que não lhe faltassem o amparo e os recursos de sobrevivência, dotando-o, porém, no próprio decreto de criação, da plena liberdade de pesquisa, de opinião e de cátedra. Com tão sábia decisão, não ficou o I.S.E.B. ilhado nas injunções do momento político e administrativo, assegurando-se a liberdade absoluta para o estudo de nossos problemas, condição indispensável e essencial para o bom êxito das lutas da inteligência. Com essa disposição, pôde o Instituto iniciar logo o cumprimento de seu programa de trabalho, na escala dos recursos de que pôde dispor, iniciando imediatamente estudos e pesquisas, realizando cursos e conferências, editando publicações periódicas e obras originais ou traduzidas, promovendo concursos e divulgando, por todos os meios adequados, estudos e trabalhos próprios ou de terceiros.

686 Ao meu governo não escapou a exata compreensão do papel que o Instituto Superior de Estudos Brasileiros é chamado a desempenhar, no conjunto dos empreendimentos e idéias que é nosso dever apoiar, prestigiar e estimular, a fim de contarmos em breve tempo com um meio dinâmico de pesquisa e interpretação da realidade nacional, tão necessária à própria tarefa dos governantes. No planejamento e na elaboração de um programa administrativo que realmente atenda aos supremos interesses e reclamos do desenvolvimento da coletividade, não encontram os administradores informação melhor, mais serena e mais proveitosa do que no conhecimento sem distorção de nossa história e da evolução dos problemas econômicos

e sociais, seja em seus aspectos regionais, seja na massa por vêzes intimidadora do que é, em tôda a sua complexidade, essa grande promessa de amanhã, a grande Nação Brasileira.

Melhor oportunidade não teria eu, portanto, do que êste ato solene da instalação do I.S.E.B. em sua sede definitiva, para dizer-vos públicamente do meu aprêço por esta organização e de meu propósito, firme e entusiástico, de prestigiar suas atividades, atentas as suas necessidades.

687

O simples manuseio dos relatórios do que já foi feito, nestes dois anos de diuturna atividade, já dá idéia bem sólida das perspectivas que se abrem ao Instituto, reunindo em seus debates homens de todos os Estados, brasileiros de tôdas as profissões, irmanados no ideal comum de aprofundar os dramas do povo brasileiro, devassando-lhes as causas, traçando o rumo de sua evolução e buscando pela discussão bem intencionada e refletida o encaminhamento de suas soluções. Mantendo cursos regulares de História, Política, Economia, Sociologia e Filosofia, promovendo seminários diversos, realizando conferências e cursos especiais, editando monografias e análises, integra-se o I.S.E.B. em sua alta missão, qual seja a de proporcionar aos brasileiros o conhecimento fiel da realidade brasileira. E dessa verdade dá prova irrefutável o interêsse que já despertou nas diferentes camadas da inteligência nacional, pois sòmente a matrícula em seus cursos regulares, e feita depois de cuidadosa seleção, revela a inscrição de professôres, médicos e advogados, oficiais das três armas brasileiras, jornalistas, banqueiros, le-gisladores, diplomatas, arquitetos e magistrados. Os assuntos versados não apenas nestes cursos regulares, mas nos seminários, conferências e debates, vão desde o histórico da vida moral no Império à análise do complexo rural brasileiro; desde a pesquisa dos antecedentes econômicos e políticos da Independência até o histórico do fenômeno da inflação e sua repercussão na

688

economia nacional; desde a interpretação da distribuição da renda pública no Brasil, através dos anos, até a perquirição das circunstâncias que determinaram a formação de nosso atual sistema bancário. E tudo isto fornece-nos noção nitida da amplitude dos objetivos a que se propõe a organização. Nossa palavra de louvor vem neste momento em hora justa e por merecimento justo, podendo eu acrescentar, ao proferi-la, a manifestação de meu sincero desejo de que esse labor se multiplique, em extensão e em profundidade.

689

Na presente altura de sua história, está nossa pátria vivendo a sua hora decisiva. O momento brasileiro é dramático, não no sentido desastroso ou atemorizante da palavra, mas no sentido da potência e do tumultuar das forças que se desatam e surgem impetuosas para configurar o Brasil de amanhã. O governo a cuja testa me encontro, tachado de otimista pelos fracos ou pelos confucionistas, tem a medida dêste momento crucial, em que o arrôjo não deve sobrepor-se à ponderação, nem o medo da responsabilidade se deve avantajear à decisão. Como gigante que ainda não conhece o poderio de seus próprios músculos e mal começa a flexioná-los, nosso país vive hoje a sua perigosa fase de transição. E o encaminhamento harmônico de seus problemas, a manutenção de um equilíbrio de prioridades na distribuição de recursos, o cuidado na promoção paralela de iniciativas, em todos os setores da vida coletiva, são imposições a que não nos é lícito fugir, mesmos a braços com a urgência e o vulto das medidas a empreender. Nessa preocupação, obrigado a agir e a refletir, a pensar e a fazer, tem o governo de contar com a colaboração das elites estudiosas, dos homens de pensamento, daqueles que tiverem a vocação da pesquisa, da análise e da interpretação. Tais elites não encontrariam expressão melhor de seu amor ao Brasil do que neste fato de se reunirem

espontâneamente sob a sigla do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, a fim de, pelo cotejo e pelo debate, oferecerem sua contribuição valiosa ao conhecimento do que está por trás de nossos fenômenos sociais e econômicos, históricos e políticos.

Como presidente da República, conforta-me o espetáculo desta solenidade, em que diviso figuras eminentes das letras e das ciências pátrias, aqui congregadas sem distinções particularistas, unidas sob um denominador comum, que é a vontade de servir ao Brasil, pelo estudo e pela inteligência. Agradeço-vos orgulhoso o privilégio de viver êstes momentos, nos quais formulo ardentes votos para que o vosso Instituto, a vossa organização, colha sempre êxito completo em seus trabalhos, para bem do Brasil.

690

RIO DE JANEIRO, 22 DE AGOSTO DE 1957

NO ATO DE INAUGURAÇÃO DO NOVO
INSTITUTO NACIONAL DO CANCER.

É com grande satisfação que venho presidir à inauguração das novas instalações do Instituto Nacional do Câncer. Desejo dar, com a minha presença nesta solenidade, uma manifestação do interêse que tem o govêrno para com os problemas de saúde pública, estimulando tôdas as iniciativas que visem a combater os males que afligem a população brasileira.

691

Se constitui um dever dos governantes zelar pela saúde do povo, para mim êsse dever se torna imperioso, é mesmo uma das maiores responsabilidades que pesam sôbre os meus ombros, pois não tenho dos problemas apenas a visão politica, mas sobretudo aquêlê conhecimento que é feito da experiência.

692

Obras como esta, cuja finalidade e cuja benemerência julgo desnecessário salientar, me tocam profundamente, me enchem de entusiasmo, porque não é

693

apenas o presidente da República, mas sobretudo o médico, que vem participar de uma cruzada de redenção do povo brasileiro.

694 Nos meus discursos de candidato, ao tratar dos problemas de saúde pública, tive oportunidade de fixar, embora em linhas sumárias, o programa de ação do governo no combate ao câncer. Lembrei que esse mal, que é um dos flagelos da nossa época, vem constituindo permanente preocupação dos poderes públicos, pelo incessante e inexorável aumento de mortalidade, alcançando nas estatísticas acentuada e sombria posição.

695 As próprias informações divulgadas pela Organização Mundial de Saúde revelam a incidência cada vez maior do câncer e são uma advertência que não pode ser desprezada pelos governos. A verdade é que, apesar do trabalho incessante dos homens de ciência, nos hospitais e nos laboratórios, o câncer está matando mais, como acontece entre nós, ceifando ou ameaçando vidas em plena florescência.

696 Os dados da Organização Mundial de Saúde mostram que, no espaço de quase cinquenta anos, a mortalidade pelo câncer atingiu, em países como a Inglaterra, os Estados Unidos, a Suíça e a Nova Zelândia, aumentos na média de cem por cento.

697 Em nosso país, embora menos dramáticas, as revelações estatísticas são igualmente intranquilizadoras. Os elementos reunidos pelos órgãos federais especializados revelam um aumento de mortalidade, cujos índices, pela sua seriedade, me permito citar neste momento. Essas revelações inquietadoras correspondem a 29% em Pôrto Alegre, 39% em São Paulo, 50 % no Distrito Federal, 56 % em Belo Horizonte e 86 % em Curitiba, no espaço de apenas quinze anos. Só na Capital da República, o câncer, que era a sexta causa de morte em 1940, passou a ser a terceira em

1950. Embora se possa muito justificadamente pretender que o aumento dos índices de mortalidade resulte do aperfeiçoamento dos recursos de diagnóstico, por outro lado, está a doença intimamente ligada à maior longevidade atingida nos países de mais forte estrutura econômica, sendo assim expressão sintomática das civilizações mais avançadas ou dos povos mais envelhecidos.

Na realidade, ainda que não se possa estabelecer com segurança diretas relações de causa e efeito entre a longevidade, as formas mais velhas de civilização e o câncer, este realmente revela maior frequência, contemporaneamente, com o envelhecimento médio das populações. Mesmo nós brasileiros não estamos sendo preservados dessas contingências, como revelam as pesquisas nos trechos do nosso território que rapidamente afirmam expressões mais elevadas e apuradas de desenvolvimento econômico e social.

Mas, apesar dessas considerações, sob certos aspectos otimistas, pois que quase estabelecendo relações diretas de causa e efeito entre o câncer e as formas apuradas de civilização, relações que, paradoxalmente, nos sentimentos deformados ou destorcidos, poderiam ser mesmo lisonjeiras à nossa vaidade de nação ainda em desenvolvimento, a verdade é que não se disfarça, aos olhos dos brasileiros responsáveis, sobretudo aos olhos do governo, a gravidade do problema médico-social do câncer em nosso país.

Felizmente, depois de anos prolongados de esforços, graças sobretudo ao aparecimento de novos e mais eficazes recursos profiláticos e terapêuticos, vêm os brasileiros conseguindo controlar a mortalidade por doenças transmissíveis. As novas conquistas da ciência e da técnica, postas a serviço da preservação da saúde e do prolongamento da vida humana, estão abrindo oportunidades seguras ao melhor combate às

doenças chamadas degenerativas, entre as quais dramaticamente se situa o câncer.

701 Cumpre-nos ir incorporando sem demora ao nosso arsenal de combate tudo quanto, nas medicinas preventiva e clínica, a ciência e a técnica forem desvendando de comprovada aplicação e eficácia, desde a eliminação dos efeitos de substâncias cancerígenas na indústria, à eliminação dos estados pré-cancerosos, com os modernos recursos fisioterápicos e cirúrgicos, que estão de certo modo transformando os prognósticos outrora inapeláveis da doença. Passo a passo, com firmeza consoladora, a medicina vai fazendo recuar o câncer, como implacável eliminador de vidas humanas.

702 Por isso mesmo, o governo atual não se tem descuidado de aparelhar o país, por todos os meios indicados, para a luta, cada vez mais intensa, contra esse terrível mal. Como etapa inicial do programa, as autoridades sanitárias vêm intensificando ampla campanha educativa, com a finalidade de levar a todos noções fundamentais sobre o câncer, para que assim possam abrir-se sempre maiores oportunidades ao diagnóstico precoce e recuperação das vítimas.

703 Todavia, por melhor inspirada, melhor orientada e melhor executada que seja, essa campanha de esclarecimento popular só poderá dar bons resultados se dotarmos o Brasil do necessário aparelhamento anticanceroso. Cumpre dispormos, entre outros recursos, de centros de diagnóstico, acessivelmente localizados, e de serviços gratuitos, centros aos quais serão encaminhados os pacientes pelas clínicas particulares ou públicas. A hospitalização dos cancerosos, como todos sabemos, torna-se indispensável ao tratamento pronto e adequado. É, portanto, de toda conveniência que os hospitais gerais disponham de recursos necessários ao tratamento do câncer, como o rádio, os raios X e instalações cirúrgicas. Certos hospitais, localizados em pontos estratégicos, necessitam de ser do-

tados de equipamentos mais especializados, como a radioterapia.

Tôdas essas providências estão nas preocupações e, sobretudo, na ação do governo, na medida de nossas possibilidades orçamentárias. Estamos aumentando nossa rede hospitalar, nossos centros de diagnóstico e de tratamento do câncer, por obra do governo, das classes e do próprio povo. A Campanha Nacional do Câncer adquire cada dia maior ressonância e maiores benefícios vem prestando. 704

Peça básica do Serviço Nacional do Câncer, este Instituto abrirá, por suas novas instalações e equipamentos, oportunidades mais amplas aos nossos médicos e pesquisadores para, com sua capacidade profissional, dedicação humana e amor à pátria, concorrerem, de modo ainda mais decisivo, na luta, não apenas brasileira, mas também universal, que se trava contra o mal terrível do câncer. 705

Nenhum brasileiro poderá legitimamente duvidar da competência e da devoção das equipes humanas às quais o governo, neste momento, entrega esta casa, para que ainda melhor possam servir ao Brasil e à Humanidade. 706

RIO DE JANEIRO, 27 DE AGOSTO DE 1957

PELA REDE DE RADIODIFUSÃO DA "VOZ DO BRASIL", NA COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DA PRIMEIRA RODOVIA BRASILEIRA, CONSTRUÍDA POR TEÓFILO OTTONI.

No dia de hoje se comemora um acontecimento cuja evocação desperta em todos os brasileiros um saudável e patriótico orgulho, e revigora, em nós, a fé e a confiança nos destinos deste país e na energia criadora de seus homens. 707

708 Há cem anos, em circunstâncias extraordinárias, de autêntica epopéia, inaugurava-se, no Brasil, uma rodovia que já não era o simples alargamento de velhos caminhos coloniais. Tratava-se de obra projetada segundo os melhores preceitos da engenharia da época, em condições técnicas análogas às dos países de que importávamos a nossa civilização nascente.

709 O grande Teófilo Ottoni, já coberto de glórias nas lutas pela liberdade política em nossa pátria, tornou-se, dêsse modo, precursor duma outra luta, em prol doutra espécie de liberdade, não menos preciosa para as democracias: a liberdade econômica.

710 Terminado o ciclo de mineração, Minas Gerais volvia as vistas para a exploração agrícola dos seus vales. Mas os antigos mineradores se viam insulados, a intransponível cordilheira litorânea não lhes abria outra saída, senão o extenso caminho do Rio de Janeiro. Era preciso encurtar o acesso ao litoral, para que os frutos do seu trabalho escoassem em condições compensadoras.

711 Abria-se um novo ciclo econômico. O Brasil buscava riquezas menos fugazes. O Brasil queria ali- cerces mais sólidos. Ao lado de Mauá, de Mariano Procópio e de outros grandes vultos, Teófilo Ottoni foi um dos pró-homens dessa época nova. Não escolheu a vida fácil e cômoda. Não trepidou em deixar o conforto da Côte e os lucros certos duma próspera empresa comercial, para se atirar à grande aventura da colonização e da exploração agrícola de uma região desconhecida. Aos olhos dêsse brasileiro insigne, a vida encerrava ideais mais altos, não poderia resumir-se na estéril e sombria cobiça de riqueza para simples desfrute pessoal. Êsse grande pioneiro era movido pelo varonil prazer de agir, e na ação encontrava pleno contentamento. Teófilo Ottoni era impellido por êsse gôsto de criar, que nutrem as almas nobres. A luta contra o obstáculo, a transformação da natureza hostil,

a implantação duma cultura digna do homem, na terra selvagem e bravía, constituíam, por si sós, um estímulo para essa alma de bandeirante de nova época.

A frente duma expedição, subiu o vale do Mucuri, sondou-lhe as desconhecidas riquezas. Era preciso rasgar uma grande via. Nada o deteve. Nem a mata exuberante, nem os pântanos, nem o silvícola traiçoeiro, nem as feras, nem a fadiga, nem a escassez de recursos esmoreceram êsse homem extraordinário. Naquelas brenhas inóspitas arriscou a vida cem vêzes, como êle próprio nos revela. 712

Numa planura, em pleno coração da selva, plantou a cidade que hoje traz o seu nome, mas à qual êle dera o nome de Filadélfia, como preito ao berço de Jefferson, seu ídolo, pois Jefferson era um apóstolo da liberdade. Teófilo Ottoni comprou navios, comprou viaturas, trouxe técnicos e colonos da velha Europa, dominou a floresta, pacificou o índio, lavrou as terras, abriu a uma região selvática o caminho do mar. 713

Brasileiros! O problema proposto por Teófilo Ottoni continua a desafiar-nos. Recordando a figura dêsse vulto excelso, penso que cabe à nossa geração fazer, pelo remoto interior do Brasil, aquilo que Teófilo Ottoni fêz por uma região ainda compreendida na faixa atlântica. Setenta léguas separavam do litoral o núcleo econômico que êle fundou. Mas êste grande país, nos seus pontos extremos, chega a entrar setecentas léguas pelo Continente adentro. 714

Vêde, pois, quanto o Brasil espera desta geração e das gerações vindouras. Vêde, pois, que a marcha para o Oeste está longe, ainda, de alcançar a sua meta. A mudança da Capital é um imperativo indesejável, para esta geração, se esta geração se quer mostrar digna de haver nascido nesta grande pátria. A mudança da Capital fará com que o Brasil se conheça e se domine. Se Teófilo Ottoni não houvesse fundado a sua Filadélfia, os seus esforços se teriam frustrado como um 715

sonho utópico. Brasília, a nova Capital, é para o país, em escala grandemente ampliada, aquilo que a antiga Filadélfia foi para a fértil região de Mucuri. Brasília será a conquista dos nossos imensos espaços interiores e de suas inexploradas riquezas.

716 Eis por que o meu govêrno se empenha, com tôdas as fôrças, nessa memorável jornada, e para ela tem convocado a vós, homens e mulheres desta grande pátria — mormente a vós que viveis no interior e conheceis na própria carne o drama de uma nação que detém incalculáveis tesouros e, no entanto, vive pobremente; que pode ser farta e poderosa, e sofre penúria; que pode trazer ao mundo uma esperança nova, de paz e de trabalho, uma civilização cordial, mais humana e fraterna, e, no entanto, ainda é arrolada entre os povos subdesenvolvidos !

717 Brasileiros desta geração ! Seguindo o exemplo de Teófilo Ottoni, teremos merecido a dádiva, que Deus nos fêz, de um território tão vasto e rico !

RIO DE JANEIRO, 2 DE SETEMBRO DE 1957

PELA REDE DE RADIODIFUSÃO DA "VOZ DO BRASIL", DO PALÁCIO DO CATETE, À JUVENTUDE BRASILEIRA, AO ENSEJO DAS COMEMORAÇÕES DA SEMANA DA PÁTRIA.

Juventude de minha pátria !

Que as palavras que vos dirijo hoje sejam obstinadamente de esperança. Enquanto os pessimistas, os cultores da tristeza negativa insistem em espalhar aos quatro ventos as suas lamentações; enquanto se procura envenenar a alma do povo com maus augúrios, vós sentis que iniciamos uma nova jornada, que o Brasil caminha, que o Brasil cresce e adquire consciência dos seus problemas. 718

Vós sabeis, meus jovens patricios, que aqui representais as forças e a esperança de amanhã de toda a pátria; que não há razão para descreer, nem para resignadamente aceitar a tese de sermos país incompatível com a grandeza. Vós sabeis, brasileiros, que nossa viagem para um grande destino não está interrompida. Que a nau, ao contrário, avança por sobre as águas; que não se deixou o povo brasileiro arrastar para as paragens fatais, muito embora as sereias tenham longamente entoada e continuem a entoar os seus cantos tão sedutores quão funestos. Não estaria certo, nem corresponderia eu à grave responsabilidade de falar à juventude, se vos ocultasse que a luta é árdua, e que perigos não faltam nesta rota que perseguimos, todos nós. 719

720 O período em que me cabe presidir aos destinos do Brasil acha-se repleto de óbices. Não terá havido — se não me altera o conhecimento da realidade o fato de estar eu próprio na Presidência da República — trecho mais difícil de atravessar, nem que do timoneiro seja requerida mais prudência, exigido mais comedimento e atenção.

721 Não faltam inimigos da liberdade a procurar estebeleczer uma atmosfera de descrença na democracia, como se os erros e até mesmo a indignidade dos elementos que se utilizam mal do regime em que vivem justificassem a condenação da única forma de govêrno à altura dos povos civilizados. Só na liberdade é possível formar-se, aprimorar-se a consciência de um país.

722 Tendes, jovens, razão de júbilo, de orgulho mesmo, em pertencerdes a um país em que há lei, em que há liberdade, em que os homens necessitados de clamar e reclamar justiça o podem fazer sem risco de vida, o que, infelizmente, não ocorre em tantas partes do mundo. Orgulhai-vos de serdes filhos de uma terra em que não medram os preconceitos de raça.

723 Nem tudo vai bem, e quem o sabe melhor do que eu? Mas em tôrno dos problemas há ampla possibilidade de debate, e a verdade acaba surgindo sempre, e impondo-se. Os que lutam pelas causas justas não são obrigados a silenciar — brutalizados pela força prepotente, pela violência, que humilha e degrada a pessoa humana.

724 Gravaí bem nos vossos espíritos, quando vos procurarem desalentar, a reconfortante certeza de que esta é uma nação livre, de que usufruís a dignidade de respirar numa terra em que não existem castas, nem prerrogativas ou abusos, em que todos têm acesso às posições e honras em virtude de mérito próprio, e não por efeito de herança de pais bem nascidos.

Quem vos fala — tendo atingido o mais alto pôsto da República — foi uma criança pobre, um adolescente que teve de ganhar humildemente o seu pão de cada dia; vivendo num meio modesto, em que tão sòmente os horizontes naturais eram dilatados, nada disto o impediu de abrir seu caminho e conquistar um lugar ao sol. Poucos de vós, meus jovens patrícios, começastes a luta pela existência mais cedo e com menos elementos do que eu. 725

Respondei aos que choram sôbre as desgraças do Brasil que em nossa pátria não há tiranos, não há odiosos e desumanos preconceitos de raça, não há e não deve haver sentimento de inferioridade diante do estrangeiro, por mais rico e poderoso que seja. 726

Apesar dos perigos e dificuldades que atravessamos constantemente, apesar de que aqui, como em todos os grandes países do mundo, as fôrças do mal estejam atentas, procurando deturpar a nossa índole generosa, intrigar-nos com os nossos amigos e aliados, aluir os fundamentos de nosso patriotismo, podeis compenetrar-vos de que a vigilância das fôrças do bem é contínua, indormida e inabalável. 727

Recebemos um patrimônio, pelo qual haveremos de zelar — o da nossa liberdade, o do respeito que devotamos ao nossos semelhantes. Podemos comparar-nos, sem temer confronto, a qualquer outro país, na linha de tolerância com que se tem processado a nossa evolução política. E isto significa civilização. 728

Não seria sincero com a juventude se negasse a evidência de que semeadores de ódio prosseguem na sua faina inglória. Mas, até hoje, a terra amável e generosa, que é a alma do povo brasileiro, não permitiu que no seu seio vingasse tão amargas sementes. 729

Somos um país cristão. Os envenenadores de má catadura inútilmente desejarão que façamos nossas as doutrinas que, a pretexto de pugnarem pela igualdade social, se apóiam na injustiça, na crueldade, no mate- 730

rialismo, na corrupção do poder aparelhado para dispor a seu talante da própria vida dos indivíduos.

731 Não é esta uma nação que mude de rumo, que traia as linhas mestras de sua formação, que renegue do seu passado, que repudie o seu Deus. Ninguém terá força bastante para operar mudança tão grave; ninguém ousará desviar o curso dêste rio invisível que segue, incessantemente, através do tempo, servindo as diversas gerações, unindo-as na comunhão dos mesmos anseios, êsse rio imagem da alma nacional, explicação e causa de nossa unidade.

732 Seria trair-vos, jovens brasileiros, consentir que aqui triunfassem doutrinas e teorias que se chocam com o que há em nós de mais profundo e autêntico.

733 No patriótico amor que nutrimos por nossa independência não se compreende ressentimento ou queixa contra ninguém de fora, pois cabe-nos, exclusivamente a nós, a responsabilidade do que se passa aqui.

734 Nação amadurecida, consolidada na sua autonomia, ninguém nos persegue ou ameaça, Deus louvado. Não devemos esperar que nos amparem para crescermos e melhorarmos as condições de vida de nosso povo, onde ainda tão numerosos, infelizmente, são os desfavorecidos. É sôbre nós próprios que pesam as desigualdades e infelicidades que não conseguimos banir de nossa terra.

735 Um sentimento de pundonor nacional, bem compreendido, nos força a repetir que a obrigação de afirmar-nos como grande país recai exclusivamente em nossos ombros.

736 Esta tarefa está sendo realizada. Estamos trabalhando ativamente para aumentar o espaço social de nosso país.

737 A marcha para o oeste, para a ocupação do imensurável e até aqui vazio interior do nosso território, vem sendo levada a efeito herôicamente. Êste é um esforço do bem compreendido nacionalismo que nos

anima, nacionalismo que consiste em desenvolver, enriquecer e tornar respeitado o Brasil.

Peço-vos que mediteis bem, meus jovens patricios, no fato de não ser o Brasil apenas vasta e bela terra, variada nos seus aspectos, uma espécie de continente, com capacidade potencial para alimentar população muitas vezes superior à atual; o Brasil é tudo isso, porém mais do que tudo isso é uma unidade espiritual. Deve portar-se, pois, como exige a sua dignidade de nação civilizada e cristã.

738

Ao dirigir-me aos jovens, neste momento, quero relembrar que não esqueço jamais o que os homens da geração na plenitude de sua responsabilidade na vida pública devem às gerações futuras, aos que herdarão de nós este país.

739

Creio que importa fazer-vos — a vós, a quem o tempo, que avança inexoravelmente, entregará um dia a incumbência de conduzir esta nação — uma promessa firme e sincera. Esta promessa é que não esmorecerei, não desanimarei na defesa da legalidade e da democracia. Na ordem material muitas são as coisas por fazer, incontáveis mesmo num país em que quase tudo está por construir; na ordem política, é a liberdade o que mais nos empenhamos em preservar; preservar um regime em que vossas vidas estejam a salvo de imposições e de ameaças intoleráveis.

740

A Presidência da República tem sido para mim duro exercício de paciência, de tenacidade, de humildade, de abnegação para garantia do que julgo essencial à conservação desta democracia, que cada vez mais se enraíza em nossa pátria.

741

Deus querendo, caminharemos sempre adiante, como povo livre que somos e desejamos continuar sendo. Muitos de vós, meus jovens amigos, só entenderéis mais tarde o sentido destas palavras. Darei como bem empregados todos os sacrifícios e esforços que despenderei na salvaguarda da lei e da ordem, se merecer um lugar no vosso aprêço.

742

Que o amor da Pátria brasileira aumente sempre nos vossos corações e nos una mais e mais para a grandeza do Brasil.

RIO DE JANEIRO, 5 DE SETEMBRO DE 1957

SAUDANDO SUA EXCELENCIA O GENERAL ALFREDO STROESSNER, PRESIDENTE DO PARAGUAI, AO BANQUETE QUE A ESTE FOI OFERECIDO NO PALÁCIO ITAMARATI.

Senhor Presidente General Alfredo Stroessner,

Tem o sentido de uma cordial reafirmação de inabalável amizade a visita que Vossa Excelência, Senhor Presidente General Alfredo Stroessner, faz hoje ao Brasil. Ao dirigir-lhe, no ensejo da celebração da data magna do meu país, o convite para que o honrasse Vossa Excelência com a sua presença, participando, como hóspede muito estimado, dos júbilos nacionais na Semana da Pátria, quis exatamente patentear o exemplo admirável de vizinhos que fraternizam e de governos que colaboram desinteressada e lealmente nos objetivos comuns da paz e do desenvolvimento continental. Ainda há pouco o nosso Exército, representado pelo nobre ministro da Guerra, General Teixeira Lott, aplaudia as belas comemorações da independência paraguaia na sua capital, progressista e culta. Pode agora Vossa Excelência verificar, em comunhão com a sociedade brasileira, que êsses sentimentos de especial e viva consideração pelo Paraguai e por seu ilustre mandatário não são superficiais, momentâneos ou externos. Significam a realidade esplêndida de uma política de cooperação e franqueza, que aliás deriva, como consequência necessária, dos vínculos de sangue e tradição, dos laços humanos e históricos do nosso primitivo e legendário parentesco.

O Brasil e o Paraguai não constituem no mapa americano contingências sociais diversificadas por antagonismos de qualquer sorte; integram-se numa unidade original, que a cada momento se estampa na raça, na língua, na geografia e nas reminiscências populares. Físicamente não há fronteiras entre o vale opulento, bêrço da valorosa civilização guarani, e a terra brasileira, onde nascem as águas que lhe deram o nome. Tempo houve em que aquelas tribos, possuidoras de sábios segredos agrícolas, dominaram todo o leste do hemisfério, entre o Chaco e o Caribe. Parte delas estendeu ao litoral brasileiro a técnica da lavoura e os costumes cavalheirescos que inspiraram, aos nossos poetas arcádicos e românticos, o símbolo nacionalista do índio, patriarca da soberania. O idioma que os paraguaiois orgulhosamente preservam era o dos homens que nestas praias acolheram os portugueses; e o dos bandeirantes paulistas que, com vocábulos tupi-guaranis, batizaram, sertões adentro, todos os acidentes geográficos que iam marcando o seu itinerário imperial. Castelhanos lá, lusitanos aqui, os ibéricos, que formaram estas nacionalidades, souberam respeitar a índole aborígene da família de que descendem paraguaiois e brasileiros. As naturais aproximações de grupos irmanados pelo espírito e pela paisagem, ao longo de indecisos limites, completaram essa espontânea aliança com episódios emocionantes. Do Brasil foram os primeiros catequistas que criaram, na planície paraguaia, o tipo jesuítico das missões, fundamento e estilo de sua vida rural. Era de Minas Gerais, parente dos Caldeira Brandt, o pai do doutor Francia, fundador da República, e um dos pró-homens consagrados por Augusto Comte, cuja doutrina orientou também os nossos primeiros republicanos. Os sertanistas, que descobriram a província central, chamaram, à moda guarani, a montanha que, sôbre as alterosas escarpas de Ouro Preto, é o seu supremo ponto de refe-

rência, de Itacolumi. O criador do livre Paraguai tinha o nome brasileiro de José Gaspar de França. Permita-me Vossa Excelência que aponte essa recíproca do destino como um singular compromisso, legado pelos antepassados às gerações que se sucedem, para que pura e intangível prevaleça pelo correr dos tempos a união das nossas pátrias!

746

Se o passado assim o indicava, a atualidade e o futuro com múltiplas razões o impõem. Invariável é a decisão do Brasil. Os últimos atos diplomáticos, em que tão elogioso foi o esforço despendido pelos ministérios do Exterior, guardiães, nos dois países, dessa coerência irredutível, testemunham o cuidado que dispensamos à solução breve e concreta dos problemas equacionados segundo as aspirações comuns, sobretudo no que concerne às estradas de intercomunicação, ao pôrto franco, ao intercuro universitário e tecnológico, às facilidades comerciais, ao estatuto econômico. De tal forma o estudo dessas questões de articulação e útil convivência fixou fórmulas razoáveis e benéficas, que podemos inscrevê-las entre as melhores idéias da concórdia e da colaboração internacional. É que amadureceu, na América, a consciência de um dinamismo providencial em que os povos se dão as mãos, na luta irresistível e pacífica do desenvolvimento, da emancipação econômica, do entendimento inteligente, da prosperidade orientada pelo respeito das liberdades públicas e pelo estímulo das forças civilizadoras. Interpreta Vossa Excelência, Senhor Presidente, as realizações e as esperanças de uma nação educada nos mesmos princípios, e que é, nas alturas do seu heróico patriotismo, um emblema de tenacidade, de energia inexcedível e de dignidade cívica. Através de brilhante administração, devotada ao bem-estar da República, mereceu Vossa Excelência a posição de prestígio e a simpatia conquistada em tôda a América. O meu país, indissolúvelmente ligado — pela terra e pela gente

— à sua pátria, exulta com êsses êxitos. A felicidade, o florescimento, a grandeza do Paraguai são motivos de alegria e confiança para o Brasil. Levanto a minha taça, Senhor Presidente, em honra do chefe de Estado, da pujante Nação, do povo guarani, abençoado por Deus no seu trabalho, na sua independência, na sua glória.

RIO DE JANEIRO, 7 DE SETEMBRO DE 1957.

NA SOLENIDADE DE INSTALAÇÃO DO VII
CONGRESSO NACIONAL DE JORNALISTAS.

Não quis deixar que passasse esta oportunidade 747
de conversar cordial e sinceramente convosco, homens de imprensa, que diariamente, em todo o país, informais o público do que ocorre, e ajudais, de modo extraordinário, a formar as diversas correntes em que se divide a opinião do povo brasileiro.

É um lugar comum afirmar que constituís um 748
poder; já vos qualificaram mesmo, meus caros jornalistas, de componentes do quarto poder em nossa pátria. Desejando exercê-lo vigorosamente, como é o vosso caso, não será fora de propósito lembrar-vos que a vossa ação atinge a vida nacional nos seus próprios fundamentos. Dais a interpretação dos enigmas, louvais e combateis os atos da administração, julgais os homens de Estado em tôdas as suas atividades. Sois, em muitos casos, decisivos, no influir nas disposições do espirito do povo, pois modelais a opinião pública, dais-lhe forma e conteúdo.

Maior, porém, que o vosso poder é a vossa impor- 749
tância, maior que o temor que as vossas armas possam inspirar é a responsabilidade que pesa sôbre a vossa profissão, que a cerca e a acompanha. Tendes em vossa pena a orientação do povo. E isto, numa democracia, é tarefa fundamental. O que afirmais serve

de base à conceituação de um homem público, e depende por vêzes de vossa sensibilidade moral, de vossa imparcialidade, o destino de muita gente e o futuro de inúmeras causas.

750 Vossa responsabilidade é realmente imensa e não deve ser esquecida nos momentos em que formulais doutrinas, em que comunicais opiniões aos leitores que tanto confiam em vós, em que divulgais notícias que serão causa de providências que irão repercutir, não raro decisivamente, nos destinos da pátria.

751 Como tôda obra de homens, tendes feito, ao longo de vossa carreira, muito bem e muito mal. Sem querer lisonjear-vos, pois aprendi que a lisonja não vos atinge, e que sois por natureza desconfiados e cautos; sem querer agradar-vos, posso dizer-vos que estou convencido de que fizestes muito mais bem do que mal e que o saldo de vossos labôres vos é favorável. Não faço esta afirmação porque a necessite fazer, mas por ser de justiça. Basta rememorar aqui, entre outros feitos que tanto têm notabilizado o jornalismo, a vossa luta, em todos os tempos e em todos os países, pela liberdade. Defendestes o homem humano contra tudo e contra todos, e não o fizestes na tranqüilidade que hoje desfrutamos aqui, mas no perigo, na aspereza, na tirania.

752 Vossa ordem, pois a imprensa é uma ordem, como a religiosa e militar, pode orgulhar-se dos serviços inestimáveis prestados à causa da liberdade, que é a própria causa da dignidade do homem. Quantos heróis e mártires não deu a imprensa, para que a verdade e a justiça pudessem ser proclamadas, sem que isto importasse em perigo! Quantas cabeças rolaram! Quantos cidadãos não conheceram os cárceres, o degredo e torturas para que as desigualdades fôsem quebradas, os direitos reconhecidos, a escravidão abolida e considerada infame!

753 Nesta hora, meu pensamento se volta para as grandes figuras de nosso jornalismo, para os que pug-

naram pela nossa independência, para os que se bateram contra a submissão degradante de uma raça, para os que reclamaram o direito do livre pronunciamento.

Podeis orgulhar-vos de vossa ordem, dos trabalhos e das grandes obras em benefício da igualdade entre os filhos de Deus, igualdade para o direito de opinião, igualdade para o direito de pensar; podeis orgulhar-vos, outrossim, do muito que fizestes contra o egoísmo, contra a injustiça social, contra a exploração mercantil do homem pelo próprio homem.

754

Mas para que o elogio tenha seu justo valor, é necessário lembrar que vítimas também foram feitas, injustiças foram consumadas, maldado o que não devera ter sido maldado, algumas vêzes desrespeitado o que estava a merecer respeito. Se a imprensa teve de enfrentar tiranias — ela mesma tiranizou por vêzes e intimidou os que a desagradaram, os que não souberam captar-lhe a simpatia, os que não comungaram com as suas idéias. É a imprensa, de tôdas as ordens humanas, a mais exposta às tentações, a mais sujeita às variações dos ventos que trazem e levam os acontecimentos. Trabalhai na areia movediça do dia que passa, da hora breve, obrigada pelas contingências a segurar o fato, a idéia, a emoção em seu vôo.

755

Pouco tempo para meditar dão as máquinas de imprimir; por isso mesmo, é preciso manter o espírito sempre prevenido, a disposição voltada sempre para a justiça. Nada é mais belo, mais alto, mais revestido de dignidade do que o amor à justiça. Sem amor à justiça, como poderá ter alguém coragem de julgar, de decidir e examinar os atos alheios! Para o exercício da profissão de jornalista, nenhuma qualidade é mais relevante e necessária do que o devotamento à justiça. Sois responsáveis pelo que o homem tem de mais pre-

756

cioso neste mundo, que é a sua reputação. Não se deve exigir de vós nem mesmo clemência, pois estais na vigilante defesa do interesse de todos. Mas que sejais justo é indispensável.

757 “Aquêles que ensinaram a justiça às multidões brilharão como as estrelas, para sempre e perpétuamente”. Está escrito no Velho Testamento (Daniel, XII, 3). É uma grande promessa, que se dirige a todos nós, em especial a vós, que levais a todos os recantos os acontecimentos do mundo.

758 Graças a Deus — numa classe tão grande quanto a vossa — muito numerosos são os que a prezam e a colocam acima de tudo. Já não há praticamente o jornalismo da calúnia e da mentira. Digo que não o há, praticamente, porque o que resta ainda está sendo liquidado pela indiferença do público.

759 Ninguém mais se interessa pelos que vociferam, pelos possuídos da mania de destruição, pelos que destoam dos princípios que regem o jornalismo sadio, pelos que atentam contra a vossa ética, meus amigos.

760 Por mais que estejais, alguns ou muitos de vós, em campo diverso do que ocupo politicamente; por mais que vos encontreis separados de mim pelas idéias, pela militância oposicionista, independentes do que pensamos, ou desejamos — acima de tôdas as dessemelhanças —, duas causas, dois interesses supremos nos ligam: a causa da liberdade democrática e a independência econômica do Brasil.

761 Conservar, melhorar, apurar, levantar o regime em que vivemos interessa sobremaneira aos homens de imprensa. A liberdade é o vosso elemento, a vossa condição de existência, o ar que respirais. Sem ela não pode existir a profissão que exerceis. Deveis colaborar na sua manutenção e na sua defesa, pois é êsse o nosso dever e o nosso interesse. A melhor maneira

de conservar a liberdade é respeitá-la nos seus semelhantes, é não usar da própria liberdade como meio de opressão alheia. Isto o sabeis e isto praticais, com as exceções lamentáveis, mas do estilo.

A outra causa comum que mesmo involuntariamente nos une é o desenvolvimento do Brasil, a consolidação de sua independência econômica, a melhoria de nível de vida de todos os brasileiros. Não há imprensa nem jornalistas realizados em nação subdesenvolvida, vós o sabeis e desnecessário se torna que eu insista nisso. 762

Temos, pois, duas causas afins; dois inimigos, que o são ao mesmo tempo do governo e da imprensa, a tirania e a pobreza, em cujo meio não é possível nem mesmo a prática da virtude para os homens, segundo Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, nem para as nações. 763

Podemos marchar, pois, unidos, contra êsses dois males de que devemos preservar nossa pátria. 764

Peço-vos que continueis inflexíveis na apreciação dos atos de meu governo. Quero confessar que não me seria possível governar sem imprensa livre. Constantemente me socorro do que dizeis para reexaminar o que acontece na minha administração. Desejo que permaneçais vigilantes, protegidos pela lei; livres para dizer o que quizerdes. Mas, em benefício dêste país e de vós mesmos, praticai, cultivai e amai a justiça. 765

Trago os votos do governo pelo bom êxito dêste Congresso. Que o espírito de Deus vos inspire em vossas decisões. Que sirva esta reunião de homens de letras para congraçá-los, ainda mais, na luta pelo alevantamento do nível de nossa imprensa, e pela imposição definitiva da liberdade de expressão em terras do Brasil. 766

NO PALÁCIO DO MINISTÉRIO DA GUERRA,
EM BANQUETE OFERECIDO AO GENERAL
ALFREDO STROESSNER, PRESIDENTE DO
PARAGUAI, QUANDO DA ENTREGA, A ESTE,
DA ESPADA DE OFICIAL GENERAL DO EXÉRCITO
BRASILEIRO.

- 767 Em nome das Fôrças Armadas do Brasil, e na qualidade de seu comandante-chefe, entrego a Vossa Excelência, Senhor Presidente da República do Paraguai, General Alfredo Stroessner, a espada do nosso Exército, a espada de ouro com que distinguimos os chefes de Estado dos países mais ligados a nós, mais nitidamente unidos ao Brasil.
- 768 Vossa Excelência sabe muito bem, Senhor Presidente, que as relações de estima entre o nobre povo guarani e o brasileiro não dependem de nós, homens públicos. O entendimento entre as nossas nações não foi elaborado simplesmente pelas chancelarias, pelo esforço lúcido de nossos diplomatas, mas é principalmente consequência natural de um processo cuja base está na admiração, no respeito, que reciprocamente nos dispensamos.
- 769 Somos intérpretes somente, Vossa Excelência e eu, nesta hora, quando praticamos atos que demonstram a profunda compreensão entre os países que representamos, de uma fôrça que nos imporia esta política que estamos realizando, e na qual nos integramos de corpo e alma.
- 770 Não teria nenhum govêrno, quer brasileiro, quer paraguaio, possibilidade de enfraquecer elos que hoje unem as duas nações feitas para se entenderem.
- 771 Nossa amizade é uma das mais eloqüentes e generosas vitórias do espírito humano na história política dêste continente. Começou pelo caminho da adversi-

dade. Uma guerra no longínquo passado nos separou, mergulhando os nossos povos em sofrimento. Mas, como éramos realmente irmãos, pudemos meditar sôbre os horrores dos nossos desentendimentos. Aprendemos na luta a conhecer-nos e a admirar-nos mutuamente, a saber que somos nações feitas para a concórdia, para a colaboração em comum, para avançarmos uma ao lado da outra.

Tão libertos e tão irmanados estamos, que não nos pesa recordar o que se foi, nem venerar os nossos heróis, os que derramaram o seu sangue pela pátria. Podemos falar sem mágoa do que se passou, da tempestade que, depois de abrandada, como que vivificou e tornou mais conscientes, mais fortes os laços que nos estreitam. 772

Nossa paz é uma conquista viril, um sentimento forte, não apenas tecida de palavras belas. 773

Esta espada que os nossos soldados de terra, mar e ar oferecem a Vossa Excelência é um símbolo de paz: espada de ouro, não apenas pelo metal, mas pela pureza de nossas intenções; espada de paz, pois a outra, a de aço, quebramo-la depois de episódios que fulguram nas legendas de nossos dois países. 774

Esta espada merece recebê-la Vossa Excelência, o mais autorizado representante da Nação paraguaia, dessa raça indômita diante das asperezas do destino: bravia na luta, generosa e boa na paz. 775

O Braisl conhece bem o seu amigo Paraguai; conhece-o em diversos momentos do destino. Povo ativo, com um sentido de grandeza que o realça e eleva na perspectiva histórica; povo obstinado, povo provado em tantas lutas e em tantas dôres cotidianas, povo de ouro capaz de honrar esta espada que passo às mãos de Vossa Excelência, neste momento. 776

EM AGRADECIMENTO PELO BANQUETE
QUE LHE FOI OFERECIDO, NO COPACABANA
PALACE HOTEL, PELO PRESIDENTE DO PA-
RAGUAI, GENERAL ALFREDO STROESSNER.

Excelentíssima Senhora Lígia Mora Stroessner,
Excelentíssimo Senhor Presidente,

777 Muito honra e sensibiliza a minha mulher e a mim, Senhor Presidente, a demonstração de aprêço com que a Senhora Stroessner e Vossa Excelência nos distinguem, e que acaba de ser realçada, em palavras tão generosas, na saudação que nos dirigiu.

778 As calorosas manifestações de simpatia, que a Senhora Stroessner e Vossa Excelência receberam do povo e do Governo brasileiro, e as carinhosas homenagens prestadas ao ilustre soldado, que, pelas suas virtudes de homem e de cidadão, foi elevado à mais alta magistratura do seu país, obedecem a dois sentimentos de igual veemência.

779 Um dêles nos convida a testemunhar, na pessoa do ilustre Chefe da Nação Paraguaia, e no de sua nobre companheira, a fraterna estima, a admiração e o respeito que votamos ao grande povo irmão. O outro nos impelia a exprimir, em caráter pessoal, a um velho amigo do Brasil, o quanto nos tocam as contínuas provas de afeto que dêle tem recebido a nossa pátria.

780 Na deferência que Vossa Excelência teve para conosco, vindo pessoalmente, em companhia da Senhora Stroessner, assistir às comemorações da nossa Independência, encontramos, ainda, uma inspiração daquele afeto que Vossa Excelência dedica à nossa pátria, e que, transcendendo o plano político, se reforça por generosos impulsos de coração.

781

 Não dia em que seja possível unirem-se os dirigentes das nações, por sentimentos da natureza dos que nos vinculam a Vossa Excelência, Senhor Presidente, não há dúvida que a paz entre os povos deixará de ser um breve intervalo entre guerras, como tem sucedido em outras partes do mundo, e sábia compreensão alumiará os caminhos da humanidade.

782

 Afortunadamente para nós, perspectivas novas se têm aberto às populações da América, e a fraternidade não é, em nosso Continente, um conceito vazio, nem a paz uma entidade mitológica, uma idéia abstrata, uma simples alegoria. Se não nos podemos alhear dos graves debates da nossa época e temos posição definida em face dêles, oferecemos, contudo, aos povos, um modelo de convivência familiar, de coexistência harmoniosa, que permite conjugação de esforços para superar dificuldades e atritos.

783

 Nações jovens, isentas de ressentimentos e capazes de olhar o mundo sem prevenções, temos podido procurar, na paz e na cooperação, a solução dos problemas que afligem as nossas coletividades nacionais, e ir alcançando o progresso técnico e o desenvolvimento cultural a que elas justamente aspiram. Por ingentes e árduos que sejam, êsses problemas encontram em nós inabalável decisão de resolvê-los, e esta decisão dia a dia se robustece, em reuniões e ajustes entre as nações do Continente.

784

 No desenvolvimento espiritual e material das Américas, a política pan-americana encontra a sua própria justificação. Seria precária a unidade neste hemisfério se, a par dos ideais que a inspiraram, não procurássemos assegurar aos nossos povos maior participação nas riquezas de que somos depositários.

785 Apraz-me reafirmar a Vossa Excelência, neste en-
sejo, a determinação do Brasil em pelejar, ao lado do
Paraguai e das nações vizinhas, pela independência
econômica e pelo fortalecimento desta parte do Con-
tinento. Se o nosso esforço comum visar, inflexivel-
mente, a essas metas continentais do ideal americano,
teremos atendido às aspirações dos nossos povos e
aos profundos apelos da comunhão universal. Por
outros caminhos, ou inspirados em diverso sentimento,
seria extremamente difícil aos países sul-americanos
vir a ocupar, ainda neste século, a posição que a His-
tória lhes reserva entre as nações depositárias das
mais antigas e nobres reivindicações da humanidade.

786 Esse pacto continental, se corresponde a espontâ-
neos sentimentos de solidariedade, atende por igual,
e necessariamente, aos interesses de uma sólida cons-
trução econômica, fundamento de paz duradoura e
de perfeita harmonia. Implica, assim, a troca de expe-
riência, um largo sistema de cooperação de valores,
de idéias, de recursos e técnicas para o enriquecimento
do patrimônio comum.

787 Não nos deve afligir a circunstância de possuir-
mos ainda grandes áreas subdesenvolvidas. O que
as velhas nações alcançaram através de um milenar
processo de amadurecimento, pode ser conseguido por
nós em breve período, já que a investigação cientí-
fica e todo o rico aparelhamento da técnica moderna
asseguram aos povos, neste século, recursos infinita-
mente mais poderosos.

788 Como evidência prática das possibilidades de in-
tercâmbio e auxílio mútuo entre os nossos dois países,
agrada-me assinalar os entendimentos de que resul-
tou a construção da estrada Assunção-Paranaguá.
Essa grande via, já quase concluída, vem satisfazer

a velhos e justos anseios do Paraguai, abrindo-lhe os caminhos do mar. E a ponte sôbre o rio Paraná — uma das mais belas vitórias da engenharia sul-americana — será mais um elo, como a unir, por vigas de concreto, as terras que as águas do majestoso rio separaram.

Senhor Presidente ! Se as nossas Pátrias se aproximam, cada dia, mais fraternalmente, se os problemas comuns às nossas coletividades estão sendo tratados em plano que exclui espírito de competição e só tem em mira os interêsses superiores dos dois países, é-me grato proclamar que a visita da Senhora Stroessner e de Vossa Excelência ao Brasil constituirá, na ordem do sentimento, tão poderoso no vínculo das nações como o é no das pessoas, mais um fator de aproximação e de compreensão. 789

Agradecendo à Senhora Stroessner e a Vossa Excelência as agradáveis horas do convívio que proporcionaram à minha mulher e a mim, com a fidalguia e cavalheirismo que singularizaram a nobre gente paraguaia, quero erguer a minha taça pela felicidade pessoal da Senhora Stroessner e de Vossa Excelência, e pela prosperidade e grandeza da heróica República do Paraguai. 790

DIAMANTINA, 15 DE SETEMBRO DE 1957

PARANINFANDO A ELEVAÇÃO AO EPISCOPADO DE CAITITÉ DE DOM JOSÉ PEDRO.

Não me seria difícil fazer-vos acreditar que hoje me sinto sumamente feliz. Ocupando o espinhoso cargo de presidente da República, em que as honra- 791

rias, em lugar de recompensar-me das muitas canseiras, me lembram, a todo instante, as responsabilidades assumidas; vivendo em um cotidiano erigido de obstáculos e de problemas; enfrentando os caprichos da política, e bem sabeis o quanto isto significa para a experiência de uma alma, no torvelinho e na luta em que se consomem as minhas horas, podeis imaginar que dia feliz, que domingo alegre é este para mim !

792 Feliz, porque estou de novo em casa, nesta minha querida Diamantina; feliz, porque vim, cumprindo os designios de Deus, paraninfar a elevação ao episcopado de um amigo nosso, o antigo Padre José Pedro, hoje Dom José; feliz, porque esta festa e estas horas são de paz; feliz, porque me encontro no seio de um Brasil que amo e que me cumpre defender, o Brasil obediente a Deus, o Brasil enraizado na sua crença, o Brasil não maculado pelas más influências.

793 Homem que indormidamente luta e sofre pela paz, por saber o que ela representa para esta Nação, vejo-me, neste momento, diante de um quadro impregnado da mais harmoniosa magnitude e poesia.

794 Ainda há poucas horas ouvimos os sinos das igrejas chamando, convidando, conclamando os fiéis para a missa, e assistimos à sagração do nosso amigo Padre José Pedro, elevado à autoridade e graça episcopais. Ele veio, menino ainda, do Sérro, cidade irmã de Diamantina. Aqui estudou, alargou e cultivou os domínios de sua inteligência; aqui cresceu em conhecimentos e aprendeu o que é a grande ciência de ungido, de representante do Espírito Eterno, aprendeu a olhar o invisível, a contemplar a alma do homem, a sondar os seus mistérios. E eis que, feito o aprendizado, e já maduro na paternidade espiritual, o

Pastor da Cristandade o designou para bispo — *episcopus* —, o que significa vigilante, guia, guardião.

Já trabalhava com as ovelhas, já lhe fôra confiada a magna missão, que outra mais elevada não existe neste mundo — a de transformar cotidianamente o pão e o vinho em corpo e sangue do Salvador; já lhe tinham sido entregues as chaves do Reino, essa faculdade de perdoar os pecados, essa força de ministrar os sacramentos, que faz do mais pobre e do mais humilde pároco de aldeia o detentor de um poder infinitamente mais amplo que todos os outros da terra. Que são os chefes de Estado, que sou eu, presidente da República, se comparado ao padre do burgo mais afastado, ao padre da batina rapada, comparado ao homem de Deus, que reencarna o Filho do Eterno, que abre as portas do Reino aos pecadores?

795

Que poder maior do que o do sacerdote de Cristo, que limpa as almas e lhes indica o caminho da Salvação e a quem foi confiada prerrogativa de unir seres, de assisti-los nos atos capitais da vida?

796

Aqui estou, mais como diamantinense do que como presidente da República, para paraninfar a sagração de um novo bispo, que bem sabemos, por sua vida, testemunhada por todos nós desta Cidade, irá ser verdadeiro sucessor dos Apóstolos, pelas virtudes numerosas e luzes da inteligência. O bispo é o sucessor direto dos Apóstolos. Eles escolheram os primeiros pastoreadores do rebanho de Cristo. São Paulo, quando definiu no que consistiam as razões para o estabelecimento do Episcopado, tornou bem claras as suas funções, entre as quais sobrelevam estas: "Ocupar o lugar dos Apóstolos; manter mais eficazmente a fé e ordenar devidamente os ministros da Igreja."

797

798 Vossa Reverendíssima bem o sabe, Padre José Pedro, permito-me chamá-lo assim pela última vez, em lembrança dos anos em que nos conhecemos; Vossa Excelência Reverendíssima bem o sabe, Senhor Bispo de Caitité, que o recebimento do báculo de Pastor, de Visitante e de Guia, é grande honra, mas séria responsabilidade.

799 Realmente, aos já numerosos se juntou um pêso maior; a Cruz de Cristo, que os homens, a serviço do Eterno, carregam nos caminhos do mundo até o fim dos tempos, a Cruz da Redenção e do Amor, que é também Cruz do Sacrificio, da Renúncia, está agora ainda mais dependente de seu esforço do que antes, meu caro Bispo.

800 Além de continuar a difundir a doutrina, a pensar com a Caridade e a esperança as feridas das almas, o que já vinha praticando como sacerdote, acrescentou o cargo de bispo outras obrigações, como a de guardião da disciplina, de mantenedor da Fé, de governante e ordenador de sacerdotes — responsabilidade suprema — porque da escolha e aceitação do soldado de Deus muito depende a Causa. De agora em diante, a Cruz da ignomínia do condenado, que é a Cruz da Salvação da humanidade, pesará ainda mais sôbre Vossa Excelência. Mas nenhum de nós, diamantinenses, duvida que o novo bispo a suportará com a mesma alegre bravura, a mesma disposição, o mesmo ânimo com que o Padre José Pedro serviu a Deus e aos homens na sua condição mais modesta de padre.

801 Aqui, em Diamantina, o hoje Bispo de Caitité teve santos exemplos de pastôres insignes. Bastia citar um nome — Dom Serafim, que a bondade divina nos concedeu durante tantos anos como guia

espiritual, e que conserva inda a nosso lado, na idade dilatada dos patriarcas.

Não falo jamais de Dom Serafim sem comover-me. 802
Devo-lhe assistência e o amor filial que todos os meus conterrâneos lhe tributam. Em hora crucial de minha vida, quando aos olhos do Brasil inteiro procuraram fôrças do ódio politico dilacerar o humilde filho de Diamantina que ousou disputar a Presidência da República, ergueu-se a voz do velho pastor, não só para proteger-me moralmente com o seu prestígio, mas para ainda escudar-me e defender-me com os seus conselhos de prudência, de comedimento, de firmeza na ação do candidato.

A Dom Serafim, o grande Arcebispo, proclamamos todos nós, filhos de Diamantina, um santo; a 803
bondade, no velho servidor de Jesus Cristo, que os males do corpo não permitem partilhar conosco desta mesa, a bondade nêle foi sempre inflexível. Dêle se poderá dizer que seguia, passo a passo, o caminho da misericórdia que o Filho de Deus traçou na sua passagem pela terra.

Poucos, quanto o nosso Santo Arcebispo, recolhido agora de suas atividades, se apossaram do se- 804
grêdo da Cristandade, do grande mistério do mundo, que consiste em ter o Senhor vivido, e continuar a viver, como um pobre entre os pobres. Se todos soubessem disso como Dom Serafim, não haveria tanta confusão e tanta injustiça na face da terra.

Deus se disfarça onde estão os pobres. Querendo 805
servir a Deus, nada é mais acertado que servir aos desamparados, aos desvalidos, à família muito particular de Jesus Cristo. Vossa Excelência Reverendíssima, Senhor Bispo de Caitité, recebeu, com a intimidade de Dom Serafim, preciosos ensinamentos.

Retirado o varão do serviço ativo do seu episcopado, substituiu-o outro homem, Dom José Newton, intransigentemente severo na administração apostolar, mas igualmente bom, acolhedor e compreensivo, que soube impor-se pelo zêlo, pelas virtudes cristãs, pela compreensão, pela defesa da Fé.

806 Do nosso atual Arcebispo recebeu também Dom José, hoje consagrado, exemplos comoventes que não seriam eficazes, se não pertencesse o novo herdeiro dos Apóstolos à mesma linhagem dos seus mais velhos guias e mestres.

807 A igreja constitui uma só família; é um lar universal com um Chefe a quem todos prestamos obediência e veneração. Filhos da família católica, temos por obrigação participar da luta contra o materialismo ateu, contra as forças do mal, cada vez mais atuantes.

808 Quero aproveitar-me do ensejo de contarmos com a presença honrosa do Núncio Apostólico, Monsenhor Dom Armando Lombardi, amigo dedicado de nosso país e representante do grande Papa Pio XII, gloriamente reinante, para pedir a Sua Excelência Reverendíssima que transmita ao Sumo Pontífice os sentimentos de fidelidade do povo brasileiro.

809 É com emoção, que o tempo não esmaece, que me recordo da acolhida particularmente afetuosa e paterna com que o Santo Varão, Chefe da Igreja Visível e Invisível, recebeu o presidente eleito da República Brasileira.

810 Para Diamantina, é o dia de hoje de importância que não necessita salientar-se; *dies nobis festus*, poderei dizer, parodiando Horácio. Esta é uma cidade episcopal, cidade que respira, que se move sob a ins-

piração de Deus; cidade humilde, mas habitada pelo Espírito Santo. Ser filho de Diamantina é um título de que me orgulho, da pobreza com que iniciei aqui os meus dias sob a austera vigilância de minha mãe, que hoje completa os seus oitenta e cinco anos de permanência neste mundo, e a quem devo, além da vida, os ensinamentos e o exemplo que me permitiram resistir à adversidade e conservar a Fé em Deus, todopoderoso, e a Esperança num mundo melhor.

RIO DE JANEIRO, 16 DE SETEMBRO DE 1957

NO PALÁCIO DO CATETE, QUANDO DA
ENTREGA DOS DIPLOMAS AOS MUNICÍPIOS
BRASILEIROS DE MAIOR PROGRESSO.

Pela segunda vez tenho a oportunidade de presidir à solenidade de proclamação dos vencedores do concurso "Municípios Brasileiros de Maior Progresso". Faço-o com satisfação, pois êsse concurso se reveste de perfeito sentido cívico, no seu propósito de elevada competição. 811

Ao contrário do que ocorre nos prélios esportivos, que tendem a distinguir um homem ou pequenos grupos, o que sobressai, nesta competição entre municípios, é a coletividade na sua unidade comunal. 812

Os louros que nela são colhidos, com a conquista do diploma de honra ou de menção honrosa, representam, sobretudo, o êxito das respectivas comunidades na sua luta pelo progresso local, luta árdua, sem dúvida, e que não pode ser vencida sem a participação de tôdas as fôrças da comunidade. 813

Tenho experiência da administração municipal e conheço de perto os seus problemas, pois fui prefeito da capital do meu Estado, cujo ritmo de progresso, 814

vejo com satisfação, não diminuiu, como indica a sua inclusão, este ano, entre os dez municípios brasileiros de maior progresso. Creio que foi no trato dos problemas desses municípios, na luta para resolvê-los, no desejo de fazê-los progredir, que aprendi a sentir e a compreender o Brasil.

815 Como governador do meu Estado, mantive-me sempre atento às necessidades municipais, procurando realizar um municipalismo objetivo, traduzindo em obras e realizações criadoras das riquezas de que precisa o interior.

816 Na qualidade de candidato à Presidência da República, impus a mim próprio, como brasileiro e como político, a visita ao Brasil inteiro, em toda a sua variedade e amplitude, e pude sentir as precárias condições da grande maioria dos nossos municípios. Alguns deles, de tão distantes e isolados, dir-se-iam escondidos, humilhados pelas suas dificuldades.

817 Como presidente da República, não mudei meu programa com relação aos municípios. Pelo contrário, cuidei de ampliá-lo. E é essa a razão de ser de minhas constantes viagens pelo país. Se me fôsse possível pedir a Deus uma faculdade especial que resultasse em melhor proveito de minha Pátria, pediria esta — a de estar presente em cada município brasileiro, sem distinguir grandes ou pequenos, próximos ou distantes, atrasados ou progressistas, para dar a todos eles, com os recursos ao meu alcance, a assistência que lhes deve prestar o Governo Federal. Entretanto, a assistência, ou antes, a colaboração mais importante que o governo pode dar aos municípios, consiste em orientar a sua política para a criação dos instrumentos e das fontes de riqueza indispensáveis a seu progresso. Outro sentido, aliás, não tem o

meu programa de govêrno, voltado, como está, em todos os seus pontos capitais, para o desenvolvimento nacional.

Posso avaliar, com a minha experiência de antigo 818
prefeito municipal, o estímulo que representa para os municípios vencedores e finalistas dêste concurso o reconhecimento público do seu progresso.

Rejubilo-me em verificar que o movimento mu- 819
nicipalista brasileiro se vem aprimorando no sentido da objetividade, ao procurar substituir critérios sentimentais e obsoletos por métodos mais adequados à consecução das altas finalidades comunais, que consistem em dar a cada município meios de vida própria, através do estímulo e da dinamização de forças locais, muitas vêzes adormecidas e latentes, à espera de que o seu potencial seja devidamente explorado e transformado em fontes de riqueza e bem-estar coletivos. O verdadeiro municipalismo não pode assumir apenas a bandeira das reivindicações, mas deve também conduzir ao reconhecimento das responsabilidades que pesam sôbre os municípios brasileiros como as nossas únicas unidades de govêrno local, da qual esperam as respectivas comunidades a prestação daqueles serviços que ao município, e sômente ao município, competiria prover. Êste concurso é um exemplo do mais sadio municipalismo. Promovendo a boa administração municipal, contribui, dêsse modo, para fortalecer a autoridade dos municípios nas suas reivindicações, já que estas devem necessariamente estar em proporção à capacidade administrativa dos governos locais e à confiança que êstes inspiram para gerir maiores recursos e assumir maiores responsabilidades.

O devotamento à causa pública, a cooperação dos 820
cidadãos, o refreamento das paixões políticas no interesse do bem comum, e, principalmente, a boa admi-

nistração constituem fatores ponderáveis ao progresso municipal. Estou certo de que, mais que as disponibilidades financeiras, foram êsses fatores responsáveis pela classificação dos vossos municípios neste concurso.

- 821 Congratulo-me com os governos e as populações dos municípios aqui representados, pela magnífica vitória. Congratulo-me também com o Instituto Brasileiro de Administração Municipal pelo estímulo que vem dando às administrações municipais, fazendo-as entrar na mais louvável das emulações, fomentando seu aperfeiçoamento e premiando os seus esforços, pelo progresso e desenvolvimento do Brasil.

SÃO PAULO, 20 DE SETEMBRO DE 1957

NA INAUGURAÇÃO DA IV BIENAL DE ARTE
DE SÃO PAULO.

- 822 Quis comparecer pessoalmente à inauguração da IV Bienal de São Paulo, para que, bem nítido, ficasse demonstrado o interesse do Estado brasileiro numa exposição da importância desta, cujo êxito, num crescendo incessante, vem patentear, de forma lisonjeira, que o adiantamento artístico de nosso povo acompanha as mais evoluídas e, mesmo, ousadas manifestações de arte.

- 823 Podemos orgulhar-nos do desenvolvimento que atingimos neste particular, no Brasil.

- 824 Já não se espanta ou reage o povo, com brutalidade, diante das formas novas que antecipam constantemente manciras de ver e sentir o conteúdo do mundo; ao revés, vamos verificando que está amadurecendo o entendimento de todos, que nos aproximamos de uma época em que os realizadores mais

avancados encontram quem os abrigue e anime, quem de verdade sinta o que desejam exprimir.

Já começam a rarear os meios inadaptáveis aos 825
gênios, aos artistas renegados, aos que enfrentaram o martírio dos tempos difíceis, aos que atravessaram durante a vida o deserto, àqueles cujos frutos, só depois de ausentes, a glória, como um verdadeiro sol dos mortos, aqueceu e iluminou.

Não há hoje experiência que não possa ou não 826
deva ser tentada; não há ousadia em matéria de arte que não tenha ressonância. Os pioneiros deixaram de ser tratados com rigores excessivos, quando não com monstruosa hostilidade.

Já não há Van Gogh isolado, desdenhado, com 827
obras-primas sem comprador. Já não há artista padecendo de solidão, sem ouvir o eco de suas obras. Ao contrário, a divulgação das lições do passado, dos crimes cometidos pela incompreensão militante contra grandes artistas maltratados, não só produziu o receio de errar, o medo de não ver certo, a desconfiança sobre o valor da simples opinião, mas ainda agiu no sentido de conter, reduzir, enfraquecer a prepotência dos que se atribuíam o direito de julgar de maneira decisiva sobre o que não logravam perceber.

Passou a hora de um qualquer ter a veleidade de 828
subestimar um Wagner, ou de pilheriar de um quadro. A glória dos que serviram de objeto de desdém do público, no dia de ontem, impõe respeito nos dias que correm. Os artistas, vítimas de impropérios, ocupam lugares os mais notáveis nos museus, defendem, com suas vitórias póstumas, as novas gerações de criadores que não se limitam a repetir o que outros fizeram, mas se esforçam por imprimir, nas produções, a própria marca e a marca de um tempo.

O temor do ridículo no julgamento da posteridade, 829
a que se fizeram imunes os bem-pensantes do fim

do século passado, tornando impossível a vida dos impressionistas — êsses lúcidos artistas do ar livre que o futuro veio a consagrar mestres do equilíbrio —, êsse temor do ridículo emudece os menos sensíveis de hoje.

830 Mas não é apenas isso. É que a arte voltou a ser o que fôra em épocas augustas: não sòmente monopólio de ricos, mas bem comum do povo.

831 O povo, agora, participa da vida artística, adere, discute, sente, percebe, realiza, verifica. Não sobreviveu a ditadura do pequeno espírito acanhado, a ditadura do gôsto meramente apurado, cujo fundamento eram os bens da fortuna. A arte já não é unicamente deleite e distração da sociedade, enlêvo e capricho de ricos; já não é uma ilha, abrigo de diletantes em férias, mas interpretação do mundo, manifestação do poder, de angústia, de alegria e de plenitude dos anseios do homem em face do mistério da vida humana.

832 A minha presença nesta IV Bienal de São Paulo traduz a integração do Estado brasileiro na orientação que se imprimiu a êste certame, orientação de respeito à liberdade criadora do artista, o que significa, em outros têrmos, reconhecer-se e proclamar-se que o criador é que sabe o que pode e deve fazer com a sua criação; que não há oposição que resista à fôrça do artista, configurador de um mundo.

833 Não me aventuro a pronunciar-me em matéria de arte. Lembro apenas que tenho estado atento e receptivo ao sôpro da renovação artística que percorre o mundo, e que não é de hoje o meu amparo ao que anima esta Bienal.

834 Quero ressaltar, também, o que vale esta mostra como vitória de arte, como fidelidade a uma expressão universal.

Quarenta e três países concorrentes, de tendências 835
as mais desencontradas, nela se associam e se harmo-
nizam.

A Bienal é uma espécie de pátria comum de 836
idéias, de modos de ver, de choques e afirmações do
tempo presente. O critério que regula esta famosa
exposição é o da qualidade. Figurativos, concretos,
tachistas, filhos de todos os quadrantes do mundo se
apresentam e se representam aqui.

Sabemos que as escolas surgem e desaparecem; 837
que as condições artísticas mais ardentes são tão pe-
recíveis como as próprias civilizações. Salvam-se e
resistem ao grande júri, ao júri supremo, que é o
tempo, os reais valores humanos, os artistas enraiza-
dos profundamente na verdade, os que revelaram uma
nova e diferente face do mundo.

A Bienal procura os valores permanentes e não 838
as escolas ou as convicções efêmeras.

Inegavelmente, honra-se o Brasil em abrigar esta 839
magnífica exposição. Honra-se São Paulo. Não po-
deria deixar de apoiá-la o meu governo, cuja pre-
sença, na pessoa de seu chefe, exprime compreensão
ao esforço de homens da envergadura de Francisco
Matarazzo Sobrinho e de muitos outros que se nutrem
da superior ambição de estar a serviço da elevada
causa do aprimoramento espiritual e cultural dos
brasileiros.

RIO DE JANEIRO, 30 DE SETEMBRO DE 1957

AO SANCIONAR A LEI QUE FIXA A DATA
DE TRANSFERÊNCIA DA CAPITAL DA RE-
PÚBLICA.

Este ato representa o passo mais viril, mais enér- 840
gico que a nação dá, após a sua independência polí-

tica, para a sua plena afirmação, como povo que tomou a seus ombros uma das mais extraordinárias tarefas que a história contemporânea viu atribuir-se a uma coletividade: a de povoar e de civilizar as terras que conquistou, vastas como um continente; a de integrar, na comunhão dos povos, para o bem comum da humanidade, um dos mais ricos territórios do mundo.

841 Sendo êste ato, ao mesmo tempo, o maior e mais severo compromisso que o Brasil toma consigo mesmo, entendi que a êle deviam estar presentes as altas autoridades da república, os representantes mais credenciados de nossa cultura e das nossas forças produtoras, todos aquêles que, com a inteligência, com a energia, com o trabalho perseverante, possam concorrer para que a nação não falhe, nesta histórica empreza.

842 Eis o motivo por que pedi a vossa presença, Senhores. Sabeis que não se trata, singelamente, da transferência de uma capital, e que essa transferência apenas significa uma etapa. Sabeis que o sentido desta solenidade transcende os seus objetivos imediatos, vai além, visando ao deslocamento, para as vastas áreas despovoadas do interior, da aplicação de esforços que têm sido grandes, mas que até agora só se têm exercido numa estreita faixa do litoral dêste imenso país.

843 Rejubilo-me com a circunstâncias de Deus me haver permitido cumprir o pacto que firmei com o povo brasileiro, atendendo aos veementes apelos que recebi de todo o país, nos dias da campanha da sucessão presidencial, para que se obedecesse ao mandamento da Constituição, que traduzia indesviável propósito, vontade firme, consciente e tenaz de operar essa mudança. E congratulo-me com o Congresso Na-

cional, que, com alto discernimento e patriotismo, soube auscultar os sentimentos desta nação, soube acolher os seus históricos anseios, soube, mais uma vez, mostrar-se fidedigno cumpridor da soberana vontade do povo brasileiro.



BELO HORIZONTE, 15 DE OUTUBRO DE 1957

NA INSTALAÇÃO DO CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO MÉDICA DE MINAS GERAIS.

Habituei-me a admirar o espírito profissional, com as primorosas qualidades de devoção ao bem público e de sacerdócio modesto e heróico, do médico patriótico, na convivência dos que na minha província natal exercem o seu ofício, e em contato com a sua nobre e douta Associação de classe. Um de vós, pela carreira e pela vocação, formado, como tantos de vós, com ingentes esforços, na mesma escola de severos estudos e abnegação cotidiana, que é a escola obrigatória dos verdadeiros médicos, poderá acusar-me de não ter perseverado, como perseverastes, nos trabalhos e nas inspirações a que devi a modesta posição adquirida nesta terra, antes que os imperativos da administração e da política me levassem a outras esferas de atividade. Mas o de que não me acusa a consciência, isto sim, é de ter jamais, no decurso de uma vida, daí por diante consagrada aos interesses dos municípios, do Estado, da nação, estimado menos, ou deixado de estimar, a contribuição essencial do médico para a prosperidade coletiva — situando devidamente, dentro da harmonia das forças sociais, que elaboram o progresso do país, a sua personalidade respeitável,

844

a sua ciência humanitária, a glória discreta que lhe dá o êxito sem publicidade de suas batalhas de todos os dias, pela saúde do povo e pela recuperação das criaturas.

845

Empenhado decisivamente em desenvolver o Brasil, quero acentuar, como de outras feitas tenho dito, mas aqui com particular ênfase, que não deslumbra o governo da República as perspectivas da civilização material sem a correspondente cultura, nem se trata apenas de transformá-lo, a este gigantesco país, num quadro de promissoras realidades econômicas, sem o primado do espírito e a triunfal projeção do homem. Apelando para a técnica, não lhe isolamos os aspectos, para distinguir ou separar os elementos vitais dêsse desenvolvimento irreprimível. Ao lado do engenheiro, vem o médico. Débil seria a estrutura da pátria, forjada nas oficinas em que se industrializa e se renova, se, ao pioneirismo dos que rasgam as estradas da riqueza, não acompanhasse o médico, para que a têmpera humana dos obreiros constitua a garantia fundamental da solidez e da permanência destas conquistas. É exatamente pelo indivíduo que começa o programa lógico do desenvolvimento, onde quer que a êsse planejamento racional se some a honesta preocupação da autoridade pelo bem-estar das massas — e pelas virtudes básicas da raça. Já passou a época — puramente empírica — em que levemente se dizia sermos um país de doutôres, onde a superprodução de diplomas era um disparate, em face dos campos desertos, da lavoura e das fábricas... Na verdade somos um país com um *deficit* enorme de doutôres, tendo em vista as necessidades da população, e a exigir, por tôdas as vozes em que os centros menos favorecidos manifestam as suas angústias, que demos

à medicina o zêlo e os estímulos reclamados, para que possa cumprir a sua missão específica, onde quer que haja um núcleo de trabalho, uma aglomeração sofredora, um recanto povoado !

Sabeis como progrediu a medicina nos últimos tempos. Outrora muito pouco se pedia ao médico, policlínico, levando na maleta da viagem o sortimento de remédios, prático, ambulante, paternal, estranho às formidáveis organizações e à tecnologia da moderna ciência, que se triangulam no hospital, com o seu equipamento, no laboratório, com os seus milagrosos recursos, na especialidade, com as suas minúcias. Hoje as condições da medicina e do médico mudaram substancialmente, subvertidas por essa formidável experiência mundial, padronizada em modelos inexcedíveis de aparelhagem, requinte e exatidão nos grandes centros, onde se deixa o mínimo possível aos azares da intuição, para que as equipes, o material, os exames de maravilhosa análise, a engrenagem e a distribuição das tarefas façam do diagnóstico, da terapêutica e da reabilitação do doente a responsabilidade quase anônima das poderosas unidades de serviço. Já nos aproximamos dessas surpreendentes etapas, em que se atualizam os hospitais públicos e escolares, e cresce de prestígio, e impõe-se, e floresce a medicina dos nossos dias. Mas, por muito tempo ainda, a conjuntura nacional, nos caminhos provincianos por onde transitam as correntes criadoras do futuro, faz pesar sobre o médico os encargos providenciais a que não poderá eximir-se, como profissional de múltiplos conhecimentos, eminentemente prestativo e bom. De-sejo civicamente destacar-lhe a importância moral, no seu apostolado diuturno, e o que para o Brasil e os brasileiros significa a benemérita coerência do seu

destino, ligado cristãmente ao destino da nossa sociedade.

847 Senhores da Associação Médica de Minas Gerais !
Agradeço-vos o fraternal acolhimento que me dispensastes. Destes-me a feliz oportunidade de encontrar antigos colegas, de conviver um pouco com aquêles que foram, durante muito tempo, meus companheiros diários, com os quais participava dos mesmos propósitos e dos mesmos anseios de servir, na nobre profissão que escolhemos.

848 Esse prazer de rever velhos amigos se torna ainda maior quando se acha na presidência desta Associação um colega que começou a sua luta ao meu lado, como médico — o meu particular amigo Bolivar Drummond; vendo ilustrar esta casa o meu antigo assistente, hoje uma das glórias da medicina mineira e um dos grandes nomes da ciência nacional, cirurgião emérito e médico eminente, sinto justificado orgulho e júbilo sincero.

849 No limiar desta sala desprendi-me da condição de chefe de Estado, para simbolicamente cingir-me com as insígnias do labor comum, que explicam achar-me entre vós, na amável equiparação de um companheirismo em que as reminiscências da mocidade, o juramento de bem servir, a tradição das lutas e a crença patriótica no país, representam e reafirmam uma identidade espontânea de sentimentos. Trago-vos o meu jubiloso aplauso por tudo o que tendes realizado, nesta sábia instituição; e aos vossos ideais a solidariedade leal, com a veemente declaração de que, admirando-vos pelo que valeis, só vos devo reconhecimento pela colaboração que prestais ao engrandecimento de Minas Gerais e do Brasil.

MENSAGEM AO ENSEJO DO ANIVERSÁRIO
RIO DA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS.

No dia em que se comemora mais um aniversário da Organização das Nações Unidas, nascida da experiência de uma guerra em que se viram envolvidas quase todas as nações do mundo, e do imperativo de poupar a humanidade dos horrores de uma nova conflagração, através de um esforço dos povos livres em favor da paz e da segurança mundiais, desejo juntar a minha voz, em nome do governo e do povo brasileiros, a todas que neste momento celebram tão grata efeméride. 850

O Brasil, que se orgulha de ter participado da fundação da O.N.U. e de ter cumprido com o seu dever de colaboração, quando esta lhe foi solicitada, vê com satisfação transcorrer mais um ano de operosa atividade do organismo internacional em favor dos altos princípios consagrados na sua Carta Magna. 851

A existência das Nações Unidas trouxe ao mundo um novo modo de pensar, despertou uma consciência coletiva nos povos, reavivando as esperanças de um mundo melhor, em que, acima dos interesses políticos e econômicos dos Estados, pairam os supremos ideais da civilização e do homem. 852

No "Dia das Nações Unidas", conclamo o povo brasileiro a meditar sobre a obra que vem realizando a organização. As disputas que se travam no âmbito internacional, onde as ideologias se chocam e os interesses nacionais entram em conflito, servem para robustecer a nossa confiança no papel da O.N.U. para resolver as questões entre os povos. A obra da Organização das Nações Unidas, nos seus avanços e mesmo 853

nos seus aparentes recuos, traduz a própria finalidade da organização, que não procura a unanimidade, mas tornar o mundo seguro apesar dessa diversidade, através da cooperação de vários Estados que, dentro de um espírito de tolerância, manifestam sua unidade de vistas na busca da paz.

854 Não nos deixemos impressionar pelo pessimismo daqueles que, julgando os fatos pela aparência, vêem nas crises transitórias da O.N.U. um prenúncio de aniquilamento e lhe negam a qualidade do trabalho realizado. Não é apenas dos resultados do seu trabalho que se deverá julgar o valor da O.N.U., mas é a sua necessidade que lhe empresta validade e perenidade.

855 O Brasil honra-se de pertencer às Nações Unidas, cujos nobres princípios tem sempre esposado, de conformidade com a tradição de sua política, na defesa das aspirações de convivência pacífica dos povos e na preservação dos ideais democráticos da comunidade das nações.

856 O trabalho da O.N.U. não se restringe apenas ao campo político, mas se estende a outros setores, como o do desenvolvimento econômico, que tanto nos interessa particularmente, e o do bem-estar social, procurando a integração, nos benefícios da cultura e da técnica, das grandes massas dos países menos desenvolvidos.

857 O Brasil, através dos programas de assistência técnica e de cooperação internacional da O.N.U. e de suas agências especializadas, tem colocado os seus recursos e as suas instituições à disposição das outras nações do mundo, sobretudo da América Latina, colaborando assim na grande tarefa de levantamento dos índices de progresso econômico e na melhoria das condições de vida dessas nações. Por outro lado, temos recebido inúmeros benefícios dos vários orga-

nismos que compõem a O.N.U., especialmente do Fundo Internacional de Socorro à Infância e da Comissão Econômica para a América Latina, órgãos que têm contado com o apoio constante e decidido do Governo brasileiro.

Disse de início que jamais faltamos com o nosso dever de colaborar com a O.N.U. O apoio que temos dado às Nações Unidas não se limita a estar presente nas suas reuniões e a prestigiar as decisões de seus conselhos; vai mais além — é real e objetivo, traduz-se em fatos, pois somos uma nação que sabe honrar os seus compromissos. Ainda recentemente, quando do litígio em torno do canal de Suez, a paz mundial se viu ameaçada, e o Brasil foi um dos primeiros países a atender ao apêlo da O. N. U., contribuindo com um contingente de homens para integrar a Fôrça Internacional de Emergência instituída em consequência de resolução da Assembléia Geral das Nações Unidas.

Em nome de todos os brasileiros, saúdo a Organização das Nações Unidas e com ela me congratulo pela excelência de sua atuação na progressiva conquista de um mundo em que a cooperação humana não mais seja uma dádiva, mas o fruto do esforço dos homens de boa vontade.

RIO DE JANEIRO, 27 DE OUTUBRO DE 1957

AO AGRACIAR, COM AS INSÍGNIAS DA ORDEM NACIONAL DO MÉRITO, NO GRAU DE COMENDADOR, O SENHOR CRISTIANO GUIMARÃES, PRESIDENTE DA COMPANHIA SIDERÚRGICA BELGO-MINEIRA.

É para mim motivo de sincera satisfação conferir-vos, Senhor Doutor Cristiano Guimarães, as insígnias da Ordem Nacional do Mérito, com que fostes

agraciado pelos vossos excepcionais predicados de cidadão e pelos relevantes serviços prestados à coletividade.

861 Soubestes, expressivamente, ligar o vosso nome — já por tantos títulos ilustres — ao desenvolvimento de nossa indústria siderúrgica, devotando a essa grande causa a clarividência e descortino de vosso espírito pragmático, penetrado todavia do sentido de idealismo indispensável a tôda obra verdadeiramente criadora, e a energia pugnaz que mais se afeiçoa às dificuldades na medida em que estas recrescem, pelo gôsto de desafiá-las e vencê-las.

862 Como filho de Minas Gerais, bem sabeis que o destino do grande Estado mediterrâneo se associou, desde o início da colonização, à pesquisa e exploração de seus recursos minerais. A descoberta do ouro e das pedras raras, pelos audazes bandeirantes, foi a razão determinante da conquista e povoação das vastas áreas que se estendiam ao norte da chamada região de Piratininga, até convizinhar, muito além, com as terras baianas. E foi ainda essa atividade quase generalizada da mineração que, por seu turno, originou em Minas os fundamentos de uma indústria siderúrgica rudimentar, com as forjas que se estabeleceram aqui e ali para produzir os instrumentos, ferramentas e utensílios indispensáveis aos misteres dos garimpeiros.

863 Daí por diante, cuidaram os filhos de Minas de ampliar essa indústria nascente, de modo a melhor aproveitar as imensas reservas de minérios de ferro que afloravam em largos tratos do território, surgindo, então, pouco a pouco, os empreendimentos siderúrgicos de vulto. Fiel a êsse sentido da evolução mineira, emprestastes, Senhor Doutor Cristiano Guimarães, todo vosso apoio à idéia de se fundar em

Minas a grande siderurgia e, integrando a diretoria da Belgo-Mineira — cuja presidência agora ocupais —, participastes de uma série de iniciativas da maior importância, graças às quais essa indústria se expandiu vigorosamente, rumo não só à auto-suficiência nesse domínio, como também à capacidade de concorrer com o produto no mercado internacional, de modo a conquistar eventualmente nova fonte de divisas para o país.

Por todos êstes motivos, tendes vosso nome incluído entre os beneméritos pioneiros e lidadores de nossa indústria siderúrgica — e só isso vos intitularia à admiração e ao reconhecimento do govêrno da República, que neste instante vos manifesta seu especial aprêço. 864

Conferindo-vos as insígnias da Ordem do Mérito, Senhor Doutor Cristiano Guimarães, apraz-me dirigir-vos minha saudação e congratular-me convosco pelos triunfos que têm assinalado a vossa atividade de cidadão e de homem de empresa, sempre voltado para os ideais da prosperidade e do engrandecimento do Brasil. 865

RIO DE JANEIRO, 29 DE SETEMBRO DE 1957

NA SOLENIDADE DE INSTALAÇÃO DO ETE-
BANORTE — ESCRITÓRIO TÉCNICO DAS BAN-
CADAS DO NORTE E DO NORDESTE.

Na instalação dêste escritório, destinado a servir, sem distinção de partidos, aos representantes do Norte e do Nordeste perante o Congresso Nacional, vejo, com júbilo, uma das mais expressivas manifestações da nova mentalidade que domina a política brasileira. 866

Em outras quadras, iniciativas como esta seriam inviáveis, feneceriam ao nascer. Por muito tempo o espírito partidário sobrepôs-se, entre nós, à consciência econômica; exclusivismos localistas não deixaram medrar os entendimentos que abrem caminho às grandes realizações da comunidade; o personalismo vinculava fortemente a muitos dos nossos melhores homens, impedindo o trabalho em conjunto, a continuidade de esforços, a fixação de metas a longo prazo, que não podem ser atingidas numa só geração. Quase sempre se procurava o efeito imediato como base do êxito de uma carreira política. Essa sofreguidão, essa impaciência não eram propícias a uma planificação de atividades, no tempo e no espaço. Por outro lado, a pouca objetividade, a carência de senso prático, a predominância das querelas políticas traziam parlamento e governos quase alheios aos grandes temas da economia nacional.

867 Grandes vozes isoladas se fizeram ouvir em diferentes épocas, mas é forçoso convir em que pouca sensibilidade havia para o fenômeno econômico, e que a política brasileira permanecia desvinculada das forças da produção, como uma superestrutura postíça, sem alicerces no solo.

868 O fenômeno que o ilustre Deputado Severino Sombra assinalou em seu discurso — o grave desequilíbrio da renda, da produção e do consumo, entre o Norte e o Nordeste, de um lado, e o Centro e o Sul, de outro — derivou, em parte, desta ausência de consciência econômica, que por muito tempo empobreceu a política nacional. É óbvio que êsse fenômeno, em si, obedece a causas mais profundas. Mas o desequilíbrio, que se foi estabelecendo progressivamente, durante várias décadas, poderia ter sido atenuado pela ação do poder público. Deixou-se a economia agir

segundo as suas tendências naturais, não se procurou intervir, corrigindo o seu desordenado impulso. Com relação ao Norte, pode-se dizer que predominava a mentalidade assistencial. Em períodos de crise, corria o governo em auxílio às suas populações. Muito se fez, por certo, mas de modo descontínuo, aleatório, com uma pulverização de recursos que nada deixou de duradouro. Essa ajuda, em termos assistenciais, sobre ilusória e fugaz, dissipou somas consideráveis que, aproveitadas em investimentos eficazes, teriam transformado a economia da região.

É sumamente confortador averiguar como se tem mudado o nosso comportamento político. E, como há pouco acentuei, o ato da instalação deste escritório técnico reflete eloqüentemente as transformações a que a nossa geração vem assistindo. Sem omitir os magnos interesses da liberdade e da democracia, na esfera estritamente política, o parlamento brasileiro de hoje se empenha, a fundo, no estudo e solução dos problemas econômicos. Acudindo aos apelos de uma nação que ingressa francamente na era industrial e tecnológica, o Congresso lhe vai proporcionando os instrumentos de que necessita para integrar as suas forças, e produzir e acumular, em escala que satisfaça às necessidades de sua população que cresce em vigoroso ritmo.

Este escritório técnico não se organizou para a captura de pequenas verbas, não se equipou com o fim de pleitear do governo ajudas efêmeras, sem significação econômica. Em cooperação com o Grupo de Desenvolvimento do Nordeste que, no Conselho do Desenvolvimento, realiza trabalho de monta, poderá oferecer, aos ativos e diligentes representantes do Norte e do Nordeste, planos orgânicos de desenvolvimento

869

870

que encorajem e mobilizem os homens de empresa da região, e sugerir investimentos de efeitos profundos e duradouros.

871 Não é necessário que vos diga que darei o mais decidido apoio às vossas iniciativas. Venho dedicando aos problemas da região um cuidado constante, um desvelado esforço. Como sabeis, nenhum trabalho me poupei, até agora, para que se estenda ao Norte e ao Nordeste o mesmo ritmo de desenvolvimento que impulsiona a economia do Centro e do Sul. Não só tenho cumprido firmemente o programa de metas, que estabeleci quando candidato, como venho procurando ampliá-lo, segundo os recursos disponíveis e as sugestões da experiência destes dois anos de administração.

872 No que concerne especialmente a um dos mais dramáticos aspectos da vida nordestina — o fenómeno das secas — venho lembrar-vos que, só no ano de 1956, o meu governo entregou à região nordestina quinze açudes, com uma repleção total de um bilião novecentos e três milhões de metros cúbicos de água. E este ano encontram-se em fase de execução mais quarenta açudes, que armazenarão cinco e meio biliões de metros cúbicos. Assim, as obras do atual governo, nesse setor, representam, em capacidade de armazenamento, duas vezes e meia o volume das realizadas desde o Império até o ano de 1956. Araras será o maior açude do Nordeste e está sendo construído em tempo mínimo.

873 Enquanto, com a açudagem, vem procurando corrigir as dificuldades climáticas e resolver o problema da irrigação de terras cultiváveis, meu governo se tem devotado com afinco à eletrificação dessa vasta zona. Prosseguindo nas obras iniciadas pelo governo Dutra, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco concluiu

e ligou mais 737 quilômetros de linhas de transmissão e está construindo mais 1.079 quilômetros. Estudos e entendimentos já realizados prevêem a construção de outros três mil quilômetros de linhas de transmissão, para as regiões do Cariri, do São Francisco, do Moçoró e do Bonfim, e da rede formada pela duplicação da linha de Maceió. Concluíram-se, ainda, 22 subestações de energia, capacitando um aumento de distribuição da ordem de 55.500 quilowatts, e acham-se, em projeto final ou em construção, mais oito subestações, cuja produção total atingirá a 54.500 quilowatts.

No Norte, o meu governo concluiu a nova usina termolétrica do Estado do Pará, que já atende a uma demanda de 15.000 quilowatts, e está participando da construção da Hidrelétrica do Amapá, com capacidade inicial de 35.000 quilowatts, bem como cooperando com empreendimentos destinados a fornecer força e luz a Manaus e a São Luís do Maranhão.

874

A construção e modernização dos portos do Norte e do Nordeste, e bem assim a melhoria das condições de navegabilidade dos rios, têm merecido igual desvelo de meu governo. Obras de importância estão sendo executadas ou foram concluídas nos portos de Itaqui, Parnaíba, Mucuripe, Cabedelo, Natal, Recife, Aracaju, Maceió e Macapá. A melhor atenção vem sendo dada à navegação do rio Tocantins, visando ao melhor aproveitamento dessa grande via fluvial, e o mesmo se faz em relação a outros rios da região. Por último, mencionarei, nesta ordem de realizações, a conclusão do levantamento hidrográfico e balizamento do canal norte do Amazonas, pela diligente e patriótica Marinha de Guerra do Brasil. Abre-se dêste modo, um novo roteiro para a navegação internacio-

875

nal no grande rio e mais uma via de penetração no interior da Hiléia Amazônica.

876 Tem sido igualmente considerável a ação desenvolvida pelo Governo Federal no reaparelhamento das linhas de navegação que servem ao Norte e ao Nordeste. Doze navios, que proporcionaram um acréscimo de 60 mil toneladas em nossa frota de cabotagem, foram adquiridos nos Estados Unidos e já se encontram em operações nas águas nordestinas.

877 O governo financiou a compra de seis navios para a navegação nos altos rios da Amazônia e providenciou recursos para ampliação da frota do S.N.A.P.P., para transporte de sal, seis rebocadores, uma barca-oficina e um dique flutuante, além de promover a recuperação de sete navios mistos.

878 No que respeita a comunicações e transportes terrestres, a ação do meu governo não tem sido menos vigorosa nessas duas regiões. Concluimos 374 quilômetros de novas rodovias e estamos construindo mais 687 quilômetros. Serão atingidas, assim, as metas estabelecidas para o quinquênio, num total de 3.154 quilômetros de construção e melhoramentos. Além disto, o Governo Federal colaborou técnica e financeiramente com os Estados do Norte e do Nordeste na construção de mais 535 quilômetros de rodovias.

879 Quanto ao setor ferroviário, não foram requeenos os esforços do atual governo, na construção de importantes ligações no Nordeste. Cerca de 400 quilômetros foram ultimados nestes dois anos, no interior dos Estados de Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

880 Também vem sendo encarado com firmeza o problema alimentar no Norte e no Nordeste. A grande

fonte natural de abastecimento — a pesca — mereceu especiais cuidados de nossa parte. Pesquisas oceanográficas e de biologia da pesca, bem como estudos para localização de cardumes, estão sendo feitos em bases científicas e com resultados jamais obtidos no Brasil. O governo está ultimando a construção de quinze modernos pesqueiros em Sergipe, Paraíba e Alagoas, para revenda aos pescadores. Dois barcos se construíram para estudos da biologia do atum. E recentemente adquirimos mais quatro barcos de pesca do tipo “Kaipo-Maru”, dois para Pernambuco, um para o Rio Grande do Norte e um para a Paraíba. Dois dêles obtiveram logo na sua primeira viagem uma produção de 720 toneladas de pescado, que abarrotou os mercados consumidores do Norte e do Nordeste.

A grande riqueza potencial da região — o petróleo — vem sendo ativamente pesquisada. Em setembro último operavam nas bacias da Amazônia, do Maranhão e de Alagoas 27 equipes de sismografia, geologia e gravimetria e 16 sondas, contra 9 equipes e 7 sondas em 1955.

881

Os investimentos da Petrobrás no Norte e no Nordeste, que se elevaram, até 1956, a 300 milhões de cruzeiros, subiram, em 1957, a um bilhão de cruzeiros. Observe-se que essa quantia equivale à soma dos orçamentos de várias unidades federativas da região. Graças a êsses esforços, resultados promissores estão aparecendo: os dois primeiros poços perfurados em Alagoas já revelaram a existência do precioso combustível. Com as novas sondas que estão sendo adquiridas, a Petrobrás intensificará grandemente, no ano próximo, as pesquisas nas bacias sedimentárias da Amazônia, do Maranhão e de Alagoas com investi-

882

mentos de recursos que deverão ultrapassar dois bilhões de cruzeiros.

883 Com relação aos transportes aéreos, é-me grato salientar que foi dado ao atual governo concluir as novas estações de passageiros de Belém e de Recife, a serem inauguradas dentro em breve.

884 Neste último aeroporto, estão sendo executados importantes trabalhos de ampliação do pátio de estacionamento e nas pistas de rolamento.

885 Outras obras de restauração e conclusão de pavimentação das pistas estão sendo executadas em Salvador, Aracaju, Ilhéus e João Pessoa.

886 As imensas reservas florestais da Amazônia vão sendo, agora, inventariadas por meio de levantamentos-aerofotogramétricos. Com recursos financeiros do Governo Federal, já se recensearam 15 milhões de hectares de floresta, o que representa, em matéria de exploração de áreas contínuas, um esforço sem precedentes no mundo.

887 Com o fim de identificar reservas minerais, foram realizadas, no território do Amapá, pesquisas numa área de mil quilômetros quadrados, por aviões equipados com magnetômetro e cintilômetro, além dos levantamentos aerofotogramétricos na região do rio Araguaia, abrangendo o Norte de Goiás, partes do Maranhão e Pará, num raio de 406 mil quilômetros quadrados.

888 Com referência à indústria açucareira, centro de gravidade da economia pernambucana, os instrumentos de ação mobilizados pelo governo, através da autarquia própria e com a cooperação de outras entidades e dos produtores, estão permitindo estocagem, financiamento da produção, suprimentos abundantes e regulares dos mercados do país e exportação, para o

exterior, de excedentes, que montarão a oito milhões de sacos.

Tenho assegurado o apoio do govêrno a elementos representativos da agro-indústria nordestina, que planejam a criação de novas e importantes fontes de trabalhos e de prosperidade para a região. Assim, está o govêrno disposto a apoiar a instalação de um parque para produção de máquinas e implementos acessórios, com vistas ao reaparelhamento técnico-industrial de usinas e destilarias. O mesmo faremos, em relação às iniciativas particulares para aproveitamento do bagaço de cana da fabricação de pasta celulósica, papelão e papéis, bem como para emprêgo do álcool etílico, na produção de plásticos, solventes e elastômeros, e aproveitamento de elementos residuais das destilarias, em combinação com o melaço e a medula do bagaço, no preparo de rações para o gado. 889

Ao enumerar as realizações do meu govêrno, no Norte e Nordeste do país, devo assinalar a valiosa colaboração que recebi dos bispos da região, por ocasião do encontro de Campina Grande. 890

Como decorrência imediata das sugestões dêsse encontro, será beneficiada tôda a área compreendida no Polígono das Sêcas, do Maranhão a Sergipe, através, principalmente, da criação de núcleos coloniais e de abastacimento, de postos de migração, da ampliação e construção de portos, do fomento da pecuária e da indústria do gado, da construção de casas populares e adutoras para abastecimento d'água, da intalação de grupos hidrelétricos, da produção e distribuição de sementes. 891

Cogitam, ainda, os projetos em execução, de providências específicas, visando ao desenvolvimento dos vales do Açu e Apodi, no Rio Grande do Norte, e de 892

medidas outras, tendentes a melhorar e baratear as condições de transporte do sal, no mesmo Estado.

893 Não foi esquecido, no esquema, o problema do desenvolvimento da indústria leiteira no Nordeste, notadamente na região do Cariri Velho, na Paraíba, e na de Batalhão, Jacaré dos Homens e Major Isidro, em Alagoas.

894 Em Pernambuco, estão sendo adotadas providências para o escoamento do fosfato de Olinda, dentre as quais se destacam a ativação dos trabalhos de ampliação do pôrto do Recife, e a ligação ferroviária das jazidas com o sistema ferroviário do Nordeste.

895 Finalmente, como consequência da conclusão do açude de Boqueirão de Cabaceira, Campina Grande está em vias de ser beneficiada com novo abastecimento d'água.

896 Tenho recomendado, insistentemente, aos órgãos executores da política de crédito do país, que empreguem os seus recursos não apenas em regiões onde o investimento alcança, imediatamente, maior compensação em juros, mas que os utilizem, também, em função de necessidades de fomento, em áreas carentes de tradição de crédito, onde novas riquezas podem e devem ser suscitadas.

897 Através do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e dos Bancos do Nordeste e de Crédito da Amazônia — ativos instrumentos governamentais da atual política econômica e financeira — vem sendo proporcionado auxílio sem precedentes a essas duas áreas do país.

898 De 1956 a 1957, as inversões realizadas com recursos do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, em benefício das regiões do Nordeste e do

Norte, já se aproximam do total de um bilhão de cruzeiros, contemplando, de modo especial, o reaparelhamento dos transportes ferroviários, o setor de indústrias básicas, a elevação do potencial de energia elétrica e o da construção de armazéns e silos para a estocagem de produtos da lavoura.

Nesse total de uma bilhão de cruzeiros, não estão 899
incluídos os créditos abertos para expansão de determinados empreendimentos, como os do transporte marítimo, cuja discriminação regional é extremamente difícil.

Quando assumi o governo, o total da aplicação 900
do Banco do Nordeste, no Polígono das Sêcas, era de 785 milhões de cruzeiros. Hoje, êsse total ascende ao montante apreciável de dois bilhões de cruzeiros, sendo digna de realce a linha de crédito rural implantada pelo banco, em cooperação com a Associação Nordeste de Crédito e Assistência Rural e com outras entidades empenhadas na solução dos problemas de agricultura nordestina.

No extremo norte, só no ano de 1956 foram aplicados pelo Banco de Crédito da Amazônia, em financiamentos de atividades rurais, cêrca de três bilhões de cruzeiros, com um aumento de 46% sôbre o total das operações realizadas no ano anterior, predominando os empréstimos para incremento à produção vegetal. Através de financiamentos à agricultura, tem o mesmo banco procurado amparar a produção de gêneros de subsistência e estimular a formação de seringais cultivados, mediante a utilização de material de alto rendimento e de resistência ao "mal das fôlhas", que ocorre em caráter endêmico nas seringueiras plantadas na Amazônia. 901

902 Também o Banco do Brasil vem contribuindo em escala ascendente para o desenvolvimento econômico do Norte e do Nordeste. Pela sua Carteira de Crédito Agrícola, o banco inverteu, nessas duas regiões, nos últimos vinte um meses, em operações ligadas a tôdas as etapas do processo produtivo, a vultosa importância 2.348 milhões de cruzeiros, além de conceder tratamento especial de câmbio à lavoura, para importação de 263 tratores, no montante de 2.431.733 dólares americanos.

903 Devo salientar ainda, por sobremodo expressivo, o fato de haver a proposta orçamentária do Governo da União, para o exercício de 1958, destinado a importância de onze bilhões de cruzeiros a aplicações específicas nas regiões Norte e Nordeste, além de outras consideráveis parcelas que serão destacadas das dotações globais.

904 A solução dos problemas de saúde pública nessas regiões constitui, evidentemente, condição básica para a realização de obras e serviços, sob cuja influência se multipliquem e floresçam agrupamentos demográficos estáveis, de modo a se integrarem de fato no no processo de desenvolvimento nacional.

905 Com esse objetivo, tem o governo expandido, gradualmente, a sua assistência médica, farmacêutica e dentária às populações do interior, além de melhorar as condições sanitárias de cidades e vilas, mediante a construção de sistemas de esgotos e de abastecimento d'água. Ao mesmo tempo tem intensificado, nos dois último anos, as campanhas profiláticas, podendo-se já registrar índices auspiciosos, sobretudo na erradicação da malária, na base de dedetização domiciliar, em 162 municípios dos Estados e territórios do

Norte e em 137 municípios do Nordeste. Outras enfermidades endêmicas, que há séculos afligem as populações dessas áreas do país, ceifando vidas ou diminuindo a capacidade dos trabalhadores, estão sendo atacadas vigorosamente.

No setor da educação, o governo firmou, no ano em curso, convênios com todos os Estados do Norte e do Nordeste, para construção de prédios escolares, no total de Cr\$ 50.435.000,00. Para início do novo programa do Ministério da Educação e Cultura, em relação ao ensino complementar do primário, assinou, igualmente, com as mesmas entidades federativas, acordos no valor de Cr\$ 35.900.000,00. Estão em andamento obras de ampliação das escolas industriais e técnicas de Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Recife, Maceió e Aracaju, no valor global de 79 milhões de cruzeiros, tendo ainda o governo aprovado a construção de novo prédio para a de Aracaju. Tais obras, uma vez concluídas, multiplicarão por quatro a atual capacidade das escolas. A dotação global, consignada na proposta orçamentária para prosseguimento dessas obras, importa em cerca de 130 milhões de cruzeiros. 906

Com recursos do Fundo Nacional do Ensino Médio, o Ceará e Maceió estão erguendo, hoje, magníficos centros educacionais. 907

Foi recentemente criada a Universidade do Pará e os recursos que se lhe proporcionaram permitirão instalar, por forma condigna, os seus diversos institutos. 908

Meu governo vem dando, por igual, significativo apoio às Universidades do Ceará e de Pernambuco. Em Fortaleza, concluiu-se uma parte do hospital de clínicas, já em funcionamento. No Recife, prosseguem 909

as obras da cidade Universitária, estando já concluído o prédio da Faculdade de Medicina.

- 910 Ainda em Recife, determinamos o início, no corrente ano, de um Curso de Geologia, com a alta finalidade de formar pesquisadores de riquezas minerais para todo o Nordeste, de modo a revelar matérias-primas para a indústria e a facilitar a solução do problema de abastecimento d'água da região.
- 911 Do plano de metas educacionais, estabelecido pelo governo, consta um Instituto de Geologia no Recife, para a pesquisa sistemática de todo o subsolo nordestino.
- 912 Dentro do mesmo espírito de elevar o padrão científico e técnico de nossas universidades, programou-se a criação de um Instituto de Tecnologia Rural, na Universidade do Ceará.
- 913 No capítulo da cultura, além de atividades várias, o governo deu decisivo apoio às obras de remodelação do Teatro José de Alencar, em Fortaleza, já em pleno funcionamento.
- 914 Eis, Senhores Representantes do Norte e do Nordeste, a súplica dos esforços em que se vem empenhando o meu governo, para corrigir as funestas consequências dessa desigualdade de expansão da nossa economia, entre diferentes áreas do território nacional, notadamente entre o Norte e o Sul. Tanto quanto vós, estou convencido de que não haverá Brasil desenvolvido, enquanto permanecerem subdesenvolvidas as regiões como o Norte e o Nordeste, que ocupam mais da metade do território nacional. Tanto quanto vós, estou cômico de que a expansão econômica dessas grandes áreas só se obterá mediante planos de larga envergadura, que orientem os investimentos pú-

blicos e particulares, e estimulem a canalização de recursos para empreendimentos de caráter estrutural.

O desenvolvimento nacional está condicionado à incorporação desses milhões de nortistas e nordestinos ao mercado interno. Sem mercado interno, não há indústria nacional. Sem indústria nacional, o Brasil permanecerá na retaguarda dos povos civilizados. 915

Duzentos mil nordestinos se apinham nas favelas do Rio de Janeiro, porque não encontram trabalho na terra que os viu nascer. Milhares deles se deslocam todos os anos para São Paulo e Paraná, em busca do pão que míngua na terra que lhes serviu de berço. 916

Fixá-los à gleba, oferecer-lhes condições de vida melhor, já não pode constituir tema para filantropos, já não é simples obra de caridade, nem mero impulso de fraternos sentimentos, é imposição da economia, é condição de sobrevivência da pátria, é imperativo nacional. 917

Não poderia ser indiferente ao vosso apêlo um governo que se propôs mudar a capital da República, porque nessa mudança vê a única possibilidade de integrar economicamente o Brasil interior na comunidade nacional; não podia ser surdo ao clamor do Norte e do Nordeste um governo que procura, em passo tão enérgico, imitar o Brasil na posse efetiva de seus imensos territórios desamparados. 918

Contai comigo, senhores. Estai certos de que vos acompanharei intrêpidamente nessa jornada, que é a própria jornada do Brasil. 919

BELEM, 6 DE NOVEMBRO DE 1957

NA INSTALAÇÃO DA REUNIÃO DOS PRELADOS DA AMAZÔNIA.

No honroso convite para encontrar-me com os prelados da Amazônia — quando estudam, de par com os problemas espirituais da cristandade, nesta região, os temas sociais e econômicos que a eles se vinculam — deparei uma oportunidade feliz de, no próprio cenário em que se desenvolve uma extraordinária ação da Igreja, vir trazer, aos bispos do Brasil, o testemunho da gratidão e respeito do povo e do governo.

920

Não sei de região do mundo onde tanto se peça ao sacerdote em sôbre-humano esforço e sacrifício; não sei de região do mundo onde o sacerdote haja realizado mais, na ordem do espiritual e na do temporal.

921

Mais que em qualquer parte, a Igreja tem, aqui, na prática de todos os dias, exercido o ensinamento do sábio Leão XIII, quando reclamou, em nome de Cristo, a melhoria das condições de vida dos trabalhadores e ligou a verdadeira vida cristã à ordem justa dêste mundo. Mais que em qualquer parte, a Igreja tem, aqui, seguido o conselho de Sua Santidade Pio XII, quando pede que se encare, frente a frente, em tôda a amplitude, o dever de assegurar às famílias, na sua unidade natural, moral, jurídica e econômica, condi-

922

ções de vida que pelo menos correspondam às exigências mínimas da dignidade humana.

923 Desde os tempos coloniais, franciscanos, jesuítas, mercedários, carmelitas e capuchos se embrenharam por estas selvas bravias, por êste descomunal continente de água e folhagem, onde uma natureza, ainda em formação, arma ciladas e multiplica obstáculos, repelindo o convívio do homem. Antes que o colono aqui pudesse firmar-se, já vemos êsses veneráveis apóstolos se misturarem com o gentio, a cristianizá-lo para a humanidade, numa epopéia só possível àqueles que levam no coração a fé sobrenatural, e de pés fincados na terra têm os olhos postos em Deus e o espírito voltado para os transcendentais fins da vida humana.

924 Mais tarde, preparadas as bases de ação mais ampla, desbravados os caminhos de penetração, o esforço missionário iria ampliar-se, enriquecer-se, poder nutrir-se da melhor substância do pensamento social da Igreja. E o que tem sido a ação das circunscrições eclesiásticas, durante meio século, nestes quatro milhões de quilômetros quadrados, com o povoamento mais rarefeito do mundo, dificilmente se pode compreender em termos de avaliação humana.

925 Quando se imagina que um sacerdote da prelazia de Pôrto Velho gasta pelo menos três meses de viagem para levar conforto e assistência a pontos extremos de sua circunscrição; quando se considera que a prelazia de Santarém acode às necessidades assistenciais de uma área superior à do agrupamento dos territórios da Tcheco-Eslováquia, da Grécia, da Dinamarca, de Portugal, da Bélgica, da Holanda e da Suíça; quando se sabe que essas circunscrições, em sua maioria, são superiores, em extensão, a muitos Estados brasileiros;

quando se pondera que as distâncias não constituem, ainda, o maior obstáculo que a Amazônia oferece à apropriação da terra, à fixação e desenvolvimento de grupos demográficos, e que estôrvo maior é a dificuldade de comunicações, proveniente da acidentada topografia destes imensos territórios; quando, enfim, se conhecem as condições das viagens na Amazônia, em rios estrangulados por cachoeiras, obstruídos por troncos de majestosas árvores que tombam de margens cavadas pelas marés, e em caminhos que volteiam entre pântanos e montanhas, ou prestes se apagam da superfície do solo, porque a tentacular floresta está sempre a suplantá-los — só então se pode formar idéia do trabalho missionário e assistencial das prelazias, a socorrer comunidades que, numa terra de prodigiosos recursos, numa terra de imensurável riqueza potencial, se acham, entretanto, em desoladoras condições de vida, num estado de miséria que se diria anticristão, porque a miséria é escândalo, e o doloroso côro dos desvalidos despedaça a nossa sensibilidade cristã.

Lembre-se que essa tarefa sôbre-humana, sob o 926
calor tropical, entre os mil perigos da selva, cabe a sacerdotes que, em boa parte, vieram de amenas regiões do Sul ou de países de clima frio ou temperado. Que milagre, senão o da fé, lhes infundiria alento para integrar-se no meio hostil e aí realizar o ofício cristão, a assistência ativa e desvelada, criando patronatos agrícolas, escolas, hospitais, abrigos, orfanatos, distribuindo remédios, distribuindo alimento, encorajando o homem à luta desigual, instilando esperança em corações desalentados?

Não tem faltado, em tempo algum, a êsses beneméritos apóstolos da cristandade e da civilização, o 927

apoio do Estado brasileiro. Recursos materiais, em escala sempre crescente, lhes têm sido facultados. Povo e governo acompanham com carinho a sua obra. Mas essa obra excede às proporções da ajuda que se dá e só se explica pelo fervor de ideal cristão, pela multiplicação de energias que a fé suscita no homem.

928 Quero anunciar, neste instante, a Vossas Excelências Reverendíssimas, eminentes e virtuosos prelados da Amazônia, que o meu governo vai, de modo mais efetivo e enérgico, vincular a ação do Estado à obra que as prelazias realizam. Como católico e como responsável pela nação, experimento a maior alegria da minha vida ao poder assinar, ao ensejo dêste memorável encontro, o ato que proporcionará ajuda estável, segura e substancial ao grande empreendimento das prelazias.

929 Da fidelidade e constância do meu apoio à ação social da Igreja no Brasil, dou como testemunho o que o meu governo vem fazendo, em cumprimento aos compromissos assumidos com os bispos do Nordeste.

930 Posso anunciar ao episcopado brasileiro que toda a região compreendida no Polígono das Sêcas, do Maranhão à Bahia, já recebe os benefícios de medidas inspiradas à administração federal, naquele grande conclave.

931 Aceleraram-se as obras do pôrto de Itaqui; desenvolvem-se, com presteza, trabalhos para instalação de núcleos coloniais, no município de Lago da Pedra, Estado do Maranhão, e em áreas do sul de Teresina, Estado do Piauí, para onde já se estão deslocando os agrônomos do governo.

932 No Rio Grande do Norte, intensa atividade se exerce nos vales do Açu e do Apodi. Casas populares

se constroem, cacimbões se perfuram, motobombas se instalam. A recuperação de escolas, creches, hospitais e maternidades já não é mero projeto, e a ampliação das culturas vegetais da região é promovida com afinco.

Nas zonas da Paraíba e de Alagoas, largo programa de desenvolvimento da indústria leiteira do Nordeste se acha em execução. 933

Para melhorar as condições do abastecimento em Pernambuco, o governo adquiriu uma fazenda, no município de Bonito, onde técnicos já se acham em atividade. Ainda em Pernambuco, foi recuperada a colônia de Petrolândia, e disso está resultando o incremento da avicultura e suinocultura regionais, bem como a instalação da lavoura mecanizada e a abertura de canais de irrigação e drenagem de terras salinizadas. 934

Em cumprimento, ainda, de promessa feita aos bispos do Nordeste, instalou o meu governo postos de migração em várias cidade de Pernambuco, Bahia e Sergipe, e fixou trezentas e cinquenta famílias nos núcleos coloniais de Una, Ituberá e Andaraí, no Estado da Bahia. 935

Não foi esquecida a pequena lavoura de iniciativa particular. Dotações no total de seis milhões de cruzeiros foram distribuídas, para a produção e a aquisição de sementes diversas, destinadas ao fomento da agricultura regional. 936

Campina Grande, sede da reunião dos bispos, recebe novo abastecimento de água, graças às obras do grande açude de Boqueirão, cuja barragem, concluída em junho dêste ano, tive a satisfação de inaugurar. 937

- 938 O que se está fazendo no Nordeste há de ser feito na Amazônia, se Deus me conceder energia, se Deus abençoar os meus esforços, se, por sua Divina Vontade, não me faltarem a compreensão e apoio do povo brasileiro, através dos seus representantes no Congresso.
- 939 O ato que vou assinar será apenas o início de uma cooperação mais eficaz e intensiva com os prelados da Amazônia.
- 940 Representa já um grande esforço para o govêrno, bem sabem Vossas Excelências Reverendíssimas, pois o esclarecido episcopado brasileiro está melhor que ninguém a par das dificuldades em que se debate a nação, na sua luta pelo desenvolvimento.
- 941 Mas, inspirado na lição heróica dos missionários da Amazônia, procurando na fé a sobrenatural resistência que os anima, hei de encontrar meios para abrir, a esta opulenta região, novas e animadoras perspectivas. Conheço as limitações do poder do Estado e dos homens de govêrno. Sei que, ainda dispondo de amplos meios materiais e prodigioso aparato técnico, o Estado jamais realizaria, sozinho, empresa de tamanha envergadura. Em meio às carências que a estorvam, a União consigna 3% de suas rendas tributárias ao Plano de Valorização da Amazônia. Com discernimento e critério, muito se poderá conseguir com êsses recursos. Mas, se trabalho dos técnicos da produção e da organização contribui para que se enfrentem, com êxito, grandes e graves problemas, êstes só encontram solução adequada, quando são tidos em conta valores do espírito e do sentimento, sem os quais os direitos e deveres do homem flutuam em alicerces precários e mutáveis.

Assim, a idéia de desenvolvimento econômico, a procura do bem-estar para a comunidade, a justa aspiração de progresso técnico, todo plano, todo programa, toda a ação de governo devem inspirar-se no princípio de que o homem, como sujeito, guardião e promotor de valores humanos, está acima das coisas e acima das aplicações do programa técnico. 942

Como observa o Santo Padre, em admiráveis diretrizes à Cristandade, a vida social não pode ordenar-se à maneira de uma gigantesca máquina. Se o progresso técnico não se impregnar de valores morais e espirituais, se não preservar de malsã despersonalização as formas fundamentais da ordem social, se não as utilizar para criar e desenvolver as relações humanas, o seu portentoso arcabouço padecerá de debilidade congênita, e cedo se esboroarão as civilizações que suscitar. 943

É singularmente auspicioso para os destinos da cultura brasileira — Senhores Prelados da Amazônia — que a Igreja e o governo possam marchar juntos, neste país, possam ajustar objetivos comuns, de modo que a nação se desenvolva harmoniosamente, atenta debilidade congênita, e cedo se esboroarão as civilizadora. 944

Nas palavras com que me saudou o eminente Arcebispo Dom Hélder Câmara — palavras que tanto me sensibilizaram, quanto me alentam, tanto me comovem, quanto me encorajam — vejo a perfeita identidade de pensamento e de ação que existe entre Vossas Excelências Reverendíssimas e aquele que tem sobre os ombros, nesta difícil quadra, as responsabilidades da chefia do governo. Esse ilustre prelado, esse admirável apóstolo da moderna Cristandade, inspirador de fecundas iniciativas no setor da ação social da 945

Igreja no Brasil, fêz-me a honra de recordar, com imparcialidade e discernimento, as obras e esforços em que me venho empenhando, na grande empresa do desenvolvimento nacional.

946

Pesando a gravidade de meu compromisso, pensando a autoridade daqueles com que é ele assumido neste instante, quero dizer a Vossas Excelências Reverendíssimas que, com o apoio espiritual da Igreja, com a cooperação que ela vem prestando à Nação Brasileira, na solução de problemas básicos do seu desenvolvimento social e econômico, espero em Deus possa fazer pela Amazônia o que tenho feito pelas outras regiões do país. Possa, finalmente, cumprir o que tenho prometido e jurado ao povo: que este país avançará cinco décadas num quinquênio; que a Capital deste país será mudada, para que ele domine, efetivamente, e fecunde os vastos espaços interiores que Deus confiou ao brasileiros, não para os manter vazios, incultos, inertes, mas para os fazer florescer e prosperar, a bem de seus filhos e a bem da humanidade, como uma nova e esplêndida conquista da civilização latina e cristã.

RIO DE JANEIRO, 19 DE NOVEMBRO DE 1957

NA POSSE DA DIRETORIA DA SOCIEDADE
DOS AMIGOS DE AFONSO CELSO.

947

Antes de receber o amável convite para prestigiar publicamente o programa cívico da Sociedade dos Amigos de Afonso Celso, já me considerava um destes, pela convicção de que o pensamento e a vida do insigne brasileiro não podiam esconder-se num esquecimento ingrato.

Leitura da mocidade, a do seu livro memorável me deixara a impressão, que o tempo afirma e confirma, de que o patriotismo é diferente das interpretações vulgares que lhe dão. Reclama três espécies de conduta positiva: a cooperação animosa, o culto cordial e o entusiasmo expansivo. Só superficialmente se dirá que a exaltação da nacionalidade não lhe acrescenta os valores práticos, que sem isto existem e continuam. O problema torna-se profundamente atual, verificando-se que o contrário dessa atitude de amor é o pessimismo, ou, pior do que êle, na sua forma nefasta de segregação e apatia, a indiferença. “Porque me ufano do meu país”, bradava em 1900 Afonso Celso — reagindo, ensinando, protestando, sobretudo advertindo, em face da decomposição universal dos ideais, numa época de renovação brusca dos conceitos da existência coletiva.

948

Como há uma analogia permanente entre êsses tempos difíceis, e as perplexidades se repetem com os conflitos das culturas e das gerações, convém acen-tuar que então, como agora, se chocavam no campo moral o otimismo e a descrença, não faltando quem considerasse em crise, irremediável, a nossa civilização e perdido o destino de nossa pátria. Conhecedor das tradições, político licenciado das lides partidárias, mas integrante na dinâmica do país, pertencente a uma valorosa linhagem liberal, cujas raízes se prendem ao berço de Tiradentes, em Ouro Preto, cidade do estadista, que a elevou ao seu título de nobreza, Afonso Celso saiu em defesa dos créditos do Brasil com a mensagem peculiar a estas origens e princípios. Respondeu à negação com o testemunho dos séculos. Onde havia desânimo, infundiu esperança, transmitindo aos brasileiros a sábia lição das Escrituras, de que o pior dos pecados é desesperar. Contestou o derrotismo com os números

949

estatísticos, o balanço das conquistas materiais, o quadro físico do país e as suas possibilidades. Argumentou com a verdade histórica contra a deturpação e o desengano. Estudou, nas suas alegorias, o crescimento nacional fruto do trabalho e do heroísmo dos brasileiros, autores obscuros ou admiráveis dessa obra gigantesca que é a Pátria. E *ufanando-se* de tudo isso — quando tantos fingiam não ver, ou vendo, denegriam e ocultavam — vaticinou o futuro de emancipação econômica e do esplendor nacional.

950 É claro que nessa confiança enfática se projetava, não o compromisso das elites, mas o espírito de um de seus líderes, e a sua voz, sem ser ainda a dos grupos dirigentes, era, como a do profeta, o *clamor no deserto*.

951 Mas ressoou como uma lição; e teve o sentido oportuno de um despertar de consciência

952 Sabemos o que vale o gesto de comando na retomada dos destinos sociais. Êsses gestos às vészes importam mais do que as laboriosas cristalizações da história. Iluminam súbitamente os horizontes; traçam nas trevas noturnas as parábolas luminosas, que podem, como no Êxodo do povo sagrado, indicar o caminho da salvação; orientam e governam. Daí o destaque dos apóstolos de civismo nas crises por que tem passado o mundo; e o seu papel providencial.

953 Aquêlê professor poeta foi, no quarto centenário do descobrimento do Brasil, êsse guia, êsse visionário, êsse oráculo. Transcorrido tanto tempo, a sua palavra nos chega com a pureza das virtudes que a inspiraram; e a sua crença na pátria se clarifica e se atualiza, como o ensinamento da hora presente.

Gostaria de anotar, página por página, as previsões de Afonso Celso, para conferir com os brasileiros o acerto delas. O seu livro não envelheceu; exatamente porque o completou a nação com o capítulo substancial dêsses cinquenta e sete anos de desenvolvimento, ora tranqüilo e moroso, ora desenvolto, impulsivo, seguro. Se fôsse cabível tal abstração, proporia que imaginássemos tudo o que representa a verdade nacional como se fôsem as fôlhas concretas ou os índices demonstrativos do livro de Afonso Celso. Veríamos, assim, que os vastos rios deixaram de ser paisagem, para serem fôrça e indústria. Que as pequenas cidades se agigantaram. Que a rotina agrícola e o pastoreio antigo se transfiguraram na lavoura e na pecuária modernas. Que através das imensidades vazias, ligadas pelos caminhos coloniais, se desenrolam as pistas rodoviárias. Que êsses céus decantados pelo lirismo dos vates se enchem de vertiginosos transportes, e as áreas abandonadas da terra brasileira se vão reduzindo, com a penetração impetuosa do trabalho. Que substituímos as fórmulas melancólicas da velha economia, importação de artefatos contra exportação de matéria-prima, capitais emprestados e melhoramentos modestos, pelo sentimento invencível da suficiência na produção, da industrialização como base de elevação dos níveis sociais, da interiorização do progresso como planejamento de soberania, do aproveitamento racional, e já ilimitável, dos recursos nacionais como imperativo dessa política.

Aí está, na tangível verdade das coisas, o comentário e a aprovação das idéias do homem de fé, que teve a inestimável qualidade de ser, entre os céticos, quem acreditou, e, entre os crentes, quem repudiou a comodidade da crença inativa e silenciosa, para dela fazer um hino de educação e patriotismo criador.

Foi semelhante à memorável proeza de Bilac, pregando de tôdas as tribunas, em 1915, a defesa nacional. Foi a de Rui, missionário da democracia, nas suas fulgurantes conversas com o povo brasileiro. É o poder mágico do verbo em comunhão mística com as fontes incorruptíveis da pátria, nas transfigurações da luta sagrada. Tem a grandeza dêsse bom combate o entusiasmo dos que amam o seu país, contra os que o detraem, o desservem, o deprimem ou o atraçoam — segundo as modalidades lastimáveis do perjúrio, que vão do egoísmo dissolvente à frontal oposição aos interesses do Brasil.

Permita-se-me a opinião franca sôbre êste Brasil de que se ufanou Afonso Celso. Palmilhei-o, de um a outro extremo, antes de o governar pelo voto livre dos cidadãos com o equilíbrio e a tolerância que, Deus louvado, são as componentes do sistema em que vivemos. Conheço a minha terra no que tem de esplêndido e humilde em todos os seus climas, constituindo, afinal, a consolação diuturna da minha atividade, às censuras que me fazem, êsse desejo de a conhecer mais e melhor, atendendo ao apêlo das populações e à dramaticidade dos seus problemas. Não há recanto, neste país, onde não tenha chegado o presidente da República, para ver, ouvir, remediar, na medida das possibilidades que o limitam, mas na sinceridade dos esforços que o empolgam. A minha visão do Brasil é, portanto, exata, minuciosa e global. Posso, assim, proclamar, e com *ufania* o faço, que somos uma Nação em pleno desenvolvimento, com as condições essenciais para triunfar sôbre tôdas as adversidades, graças, antes de tudo, ao vigor e ao caráter dêste povo, digno do incalculável potencial do futuro — que é a nossa pátria.

PELA REDE DE RADIODIFUSÃO DA "VOZ
DO BRASIL", NO DIA NACIONAL DE AÇÃO
DE GRAÇAS.

No Dia Nacional de Ação de Graças, desejo diri- 958
gir algumas palavras ao povo brasileiro, conclamando
todos a meditar no sentido que ressalta dessas ceri-
mônias que se realizam não apenas em nossa pátria,
mas em todo o mundo. O caráter universal desse
movimento de fé empresta a essas comemorações um
elevado valor espiritual, pois congrega na meditação
e na prece os povos que crêem e que cultuam o Deus
Único e Verdadeiro. .

A crença no Deus Único é o mais adiantado es- 959
tágio que alcançou a civilização, a mais perfeita con-
quista do homem, a descoberta ou revelação que o
libertou das amarras de ser primitivo prêso à terra
e identificado com a natureza, e o alçou à sua perene
beleza e dignidade. Desde que o homem aperfeiçoou
o dom divino de amar, sublimando o amor, elevan-
do-o à categoria espiritual mais pura, foi o amor de
Deus o caminho para romper a solidão que o sufo-
cava, o elo capaz de unir os seres isolados na per-
feita comunhão com o Espírito que paira sobre a
terra. Só no seio de Deus, no amor divino, é possível
encontrar a paz e a compreensão entre os homens.

Estas palavras de fé podem soar estranhas aos 960
ouvidos de muitos, pois assumem a feição de uma
prece, o reconhecimento da nossa humildade e parado-
xalmente da nossa grandeza; nos dias atuais, quando
mais prementes e necessárias se tornam a oração e
a fé, a prece ainda é a grande revelação.

961 No dia de hoje, dia destinado a render graças a Deus, desejo pedir a todos que voltem o seu pensamento para o alto e agradeçam ao Supremo Bem tôdas as dádivas e alegrias que nos concedeu, e mesmo tôdas as provações e sofrimentos, que serviram para nos mostrar a Sua Magnitude.

962 Rendamos graças a Deus, pelo destino que nos conferiu, pelo país que nos deu para plasmar e fazer; rendamos graças a Deus pelo êxito de nossos trabalhos; rendamos graças a Deus pela paz que reina entre nós; rendamos graças a Deus porque a terra nos foi dadivosa e o nosso trabalho produziu fecundos frutos; rendamos graças a Deus pela alegria de poder fazer esta prece.

963 E como é da condição mesma da prece não apenas agradecer e louvar, mas também pedir e humildemente implorar, peçamos a Deus que continue a favorecer-nos com a Sua proteção e com as Suas bênçãos, para que o povo brasileiro possa cumprir a sua grande missão e realizar o seu grande destino.

964 Mas não vivemos segregados, o mundo é um só. Roguemos então a Deus para que favoreça a todos os povos do mundo para que não haja fome e guerra, para que o flagelo da destruição não ameace os destinos do homem. Roguemos a Deus que ampare e dê forças à sua criatura, para que ela possa ser digna dêle. Roguemos a Deus para que o trabalho dos homens só sirva para louvá-lo e exaltá-lo na Sua Suprema Glória !

BELO HORIZONTE, 5 DE DEZEMBRO DE 1957

COMO PARANINHO, NA SOLENIDADE DE
FORMATURA DE ARQUITETOS PELA ESCOLA
DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE MI-
NAS GERAIS.)

O amável convite para que eu servisse de paranin- 965
ho à solenidade de vossa formatura trouxe-me um
desvanecimento que eu não poderia nem desejaria
ocultar-vos. E isto porque — jovens arquitetos de
Minas — os vínculos que me prendem a esta
casa não são apenas aqueles que necessariamente
ligam o chefe do Estado a todo esforço para o incre-
mento e expansão da cultura nacional. Vejo-me prêso
à vossa escola por laços mais íntimos, sinto que posso
participar, mais estreitamente, da satisfação e do sau-
dável orgulho daqueles que a criaram e que agora a
vêem produzir tão esplêndidos frutos.

Quando, em crítica fase de seus começos, esta es- 966
cola estêve em risco de cerrar as suas portas, à mín-
gua de apoio dos poderes públicos, tive a fortuna,
como prefeito de Belo Horizonte, de poder vir em seu
auxílio, poder sustentar uma nobre estrutura que, ou-
sadamente erguida pelo idealismo de mestres bene-
méritos, ameaçava ruir, com grave dano para a cul-
tura de Minas. A Prefeitura de Belo Horizonte, como
sempre, debatia-se em dificuldades, enfrentando en-
cargos que, em muito, excediam os meios de que pu-
desse dispor. Custear um estabelecimento de ensino

superior não se inscrevia precipuamente entre as obrigações de um governo municipal. As próprias administrações estaduais se acautelam, entre nós, de assumir tais ônus, que pesam demasiado sobre os seus orçamentos, e, sempre que podem, os transferem ao governo da União.

967 Em meio aos trabalhos e obstáculos que oprimiam o então prefeito, chegou-lhe o apêlo dos abnegados fundadores da novel instituição. Uma escola ia fechar-se. E uma escola para arquitetos, numa cidade que se preparava para dar ao Brasil o seu primeiro e admirável ensaio de planejamento em conjunto, no setor da construção ! Uma cidade que ia manifestar, no arrôjo plástico da Pampulha, o seu aprêço pela nobre arte da arquitetura e a sua adesão aos jovens artistas que desencadeavam, no Brasil, um movimento destinado a encontrar, no mundo culto, a mais funda ressonância !

968 Não hesitei em acudir ao apêlo. A Prefeitura de Belo Horizonte, arrostando a critica, sempre pronta, do plangente côro dos negativistas e dos retrógrados, não mediu sacrificios para evitar que Belo Horizonte perdesse o novo centro de cultura que apenas desabrochava. As circunstâncias hoje são diferentes. Esta escola faz parte, agora, da Universidade de Minas Gerais, integrou-se admiravelmente na ação cultural de nossos institutos de ensino superior e não lhe falta prestígio nem meios materiais de manutenção. Mas, para quem participou de suas primeiras lutas e conheceu a sua penosa odisséia, a satisfação de vê-la florescer e frutificar é multiplicada e traz os salutareos beneficios de uma esforço amplamente recompensado.

969 Eis por que, jovens arquitetos mineiros, aquêlo a quem esta casa conferiu generosamente o título de professor *honoris causa* experimentou um júbilo par-

ticular em vir trazer-vos a sua palavra de estímulo e de confiança.

Estou certo de que — havendo formado o vosso espírito em meio singularmente propício ao desabrochar de uma cultura nova, que, firmemente alicerçada nas experiências do passado, possa entregar-se aos experimentos renovadores que a vossa arte está sempre a exigir — ireis trazer a Minas e ao Brasil uma vigorosa contribuição, no campo de trabalho que elegestes. Sei que, à semelhança do que sucede aos recém-diplomados em faculdades congêneres, tereis de vos empenhar bravamente para suprir, nos primeiros contatos com a vida prática, certa parte de conhecimentos que não vos foi dado receber durante o curso.

970

Penso, convosco, que estamos longe de haver chegado a uma situação ideal, no que concerne ao ensino da arquitetura. Não ignoro que é mister reformá-lo, e meu governo está dando para isto os necessários passos. Se temos hoje grandes arquitetos, de renome internacional, é forçoso reconhecer que êsse grupo de notáveis pioneiros não apareceu, entre nós, como fruto de um sistema de ensino, mas como produto de um autodidatismo afortunado.

971

A vasta e intensa preparação de profissionais competentes, que o país está a reclamar, não pode repousar sobre bases tão aleatórias. É necessário que se estabeleça nas faculdades de arquitetura a conveniente correlação entre a teoria e a prática, como se faz em outros estabelecimentos de ensino superior. Com freqüência, o jovem arquiteto deixa os bancos escolares sem ter podido verificar, objetivamente, os seus estudos especulativos, e se vê obrigado a longo estágio em escritórios particulares, em busca de elementos básicos ao exercício de sua profissão.

972

973 Reparos têm sido feitos, também, quanto ao desajustamento dêsses cursos a condições específicas da realidade brasileira. Semelhantemente ao que ocorre em relação a outras escolas de ensino superior, impõe-se, ainda, às escolas de arquitetura, que os jovens a elas encaminhados passem previamente pelo crivo de cursos pré-vocacionais, onde se apurem as verdadeiras tendências, evitando funestos desvios de aptidões, que amargam a mocidade estudiosa e representam inútil desgaste de esforços para o poder público.

974 Quero, entretanto, lembrar-vos que, apesar de tôdas essas circunstâncias desfavoráveis, a verdade é que vossa geração recebeu um incalculável benefício; vossa geração encontrou o terreno preparado por aquêles magníficos pioneiros, que, com a sua obra, deram e estão dando ao Brasil e ao mundo uma das mais expressivas contribuições à cultura do nosso tempo.

975 Já não tendes de lutar para que se faça compreendida a nova feição da vossa arte. A consagração que obteve, no estrangeiro, a moderna arquitetura brasileira, veio, sem dúvida, contribuir para que, entre nós, se criasse em torno dela uma atmosfera de admiração e de confiança. Os espíritos conservadores, tímidos e suspicazes, já começam a orgulhar-se daqueles edificios que a principio julgavam estranhos ou grotescos. Podem, ainda, conferir-lhes apelidos jocosos, mas, no íntimo, os contemplam com enlévo e não desdenham já de incorporá-los ao seu patrimônio de ufania cívica. Reconhecem que o Brasil criou algo novo, e logrou despertar a atenção do mundo para essa original criação.

976 Vejo, assim, com júbilo e entusiasmo, que se abrem, diante de vós, caminhos menos difíceis e infinitamente mais ricos. Por outro lado, na esfera prá-

tica, perspectivas ilimitadas se descortinam à vossa carreira, no Brasil de agora. Dir-se-ia que o Brasil vive a sua fase arquitetônica. Por toda a parte, é extraordinário o afã de construir, e, em todos os campos, a nação planeia, constrói, edifica, sacudindo-se de um longo letargo.

Por muito tempo, o Brasil pareceu não confiar 977
em si mesmo. Por muito tempo, o Brasil se manteve perplexo e paralisado, diante de sua própria grandeza. Excetuada a faixa quase puramente litorânea — onde se concentraram a energia e a ação da jovem nacionalidade, produzindo vivazes núcleos de trabalho — o território desta grande nação doía à nossa consciência, feria os nossos brios, como um desafio não aceito. Um espaço imenso a povoar, riquezas imensas a explorar, no solo e no subsolo, desafiavam rudemente a capacidade de nosso povo, jovem e bem dotado, mas inseguro de si, imbuído de injustificado pessimismo, minado, talvez, em sua energia criadora, por teorias obsoletas que condenavam o trópico a uma forma rudimentar de vida. Havíamos de ser apenas uma terra de plantações; havíamos de ser uma economia rural; havíamos de ser uma civilização meramente reflexa, incapaz de invenções, incapaz de inovações.

Os grandes abalos por que tem passado o mundo 978
ocidental serviram a despertar-nos, a dar-nos consciência de nossa força, a incutir-nos confiança em nós. O Brasil já não se mantém irresoluto, indeciso, estático, a guardar tesouros ocultos, sempre sob o temor de que povos mais aptos viessem explorá-los. O Brasil experimentou-se, mediu as suas forças, e agora está cômico do que vale, como nação, e do que vale o povo que aqui se plasmou.

Aonde vos levar a vossa profissão, vereis que um 979
campo vastíssimo se descerra à vossa energia mōça, à

vossa ação desbravadora, à vossa ambição de construir e edificar.

980 Uma nova cidade está sendo plantada no coração mesmo da pátria. Esta nova cidade, em breve metrópole dêste país de dimensões continentais, irá suscitar muitas outras cidades, irá encorajar empreendimentos consideráveis, nos vastos espaços interiores do Brasil. Que mais sedutoras perspectivas se poderiam oferecer a moços que saem de uma escola de arquitetura, à cata de oportunidades para exercer a sua arte?

981 Com o seu plano simples, lógico, preciso; com a sua perfeita adaptação ao meio físico; o seu zoneamento, que é um modelo de previsão, de lucidez e de eficácia; o seu admirável traçado e o portentoso conjunto dos seus edifícios, em que o funcional e o social se conjugam harmoniosamente com o plástico, Brasília oferece à jovem arquitetura brasileira um notável campo de estudos e de experiências, bem como um mercado de trabalho quase sem limites. E não só pela escala em que se desenvolve o seu plano arquitetural, como pela concentração, no tempo, dos esforços para realizá-lo, a nova metrópole possibilitará a definitiva integração da arquitetura moderna brasileira na técnica e nos meios de produção contemporâneos.

982 Grandes obras que o atual govêrno empreende no país, como notadamente as barragens de Três Marias e de Furnas, constituem outras tantas fontes de irradiação de trabalho e de riqueza, tôdas convocando em larga escala a cooperação do engenheiro e do arquiteto.

983 Lembrar-vos-ei, ainda, que o desenvolvimento da indústria automobilística, cuja produção era zero no

início dêste governo e alcançará 170 mil veículos até 1960, e a exploração do petróleo, que, em 1956, era de 7 mil barris diários, e hoje monta a 40 mil — devendo alcançar, no próximo ano, no mínimo, 55 mil — revolucionarão por si sós, e de tal modo, a economia brasileira, que as futuras gerações se verão tão distantes do ciclo histórico que vemos desaparecer, quanto as de hoje se distanciam daquelas que viveram no Brasil colonial.

Como paraninfo, não venho trazer-vos, pois, meras 984
palavras convencionais de incitamento; venho, antes, pedir a vossa atenção para a realidade magnífica dêste Brasil novo, que abre corajosamente as rotas do seu futuro e cria condições extraordinárias para a ação da juventude de suas escolas e para as atividades dos seus jovens técnicos e trabalhadores.

A vós, caros coestaduanos, como a vossos colegas, 985
os arquitetos de todo o Brasil, cabe a tarefa de ordenar, modelar, disciplinar êsse impulso de energia que irrompe hoje por todo o país em criações vigorosas, em realizações intrépidas. Pelas vossas mãos é que êsse impulso se transformará em obra que não será só de riqueza e de técnica, senão que também de beleza e harmonia, flor suprema das civilizações.

Se devo dizer-vos uma falavra, se devo dar um 986
conselho ao arquiteto brasileiro desta hora, êste conselho é — ousai !

Levai avante, sem temor, o movimento que desen- 987
cadearam os pioneiros da moderna arquitetura brasileira, produzindo a mais alta manifestação artística de nossa geração, e criai obras capazes de exprimir, em sua beleza e em sua pujança, o vigor dêste país que tomou o seu destino nas próprias mãos e constrói, hoje, a grande civilização dos trópicos !

- 988 Alegria maior não me poderia ser dada do que esta de me encontrar aqui no dia de hoje, nesta reunião de amigos, em torno desta mesa mineira, a festejar os sessenta anos de nossa bem-amada capital.
- 989 O que torna, a meu ver, mais do que outro sentimento qualquer, identificável a dignidade da pessoa humana é a constatação da existência nas criaturas de um sentimento inspirado no reconhecimento de favores, de atos de benemerência ou de amor de que fomos objeto. Não temer, não se diminuir, mas re-
jubilar-se e enaltecer-se com a lembrança de mercês recebidas, eis a indicação de nobreza de uma alma. O pecado mais feio, o que mais amesquinha, é o da ingratidão. Este — não o tenho na consciência.
- 990 Que me seja, pois, permitido dizer a esta cidade — no dia dos seus verdes sessenta anos — o quanto lhe sou obrigado.
- 991 Não me teria sido possível falar-vos esta noite, na qualidade e com as responsabilidades de chefe da nação, se não se tivessem aberto, em dia longínquo, as portas e os corações desta nossa jovem capital para um certo e pobre menino, que nas fronteiras da adolescência aqui aportou, vindo de Diamantina, para a ambiciosa conquista de um lugar ao sol.
- 992 Em Belo Horizonte, desarmado e só, enfritei a pobreza e a inexperiência; aqui me empenhei nas primeiras lutas pela subsistência; aqui tomou forma a minha vida e se possibilitou a minha carreira; aqui estabeleci as raízes de alguns dos meus afetos mais sólidos; aqui aprendi muitas coisas, e a primeira de

tôdas elas, que é a crença no Brasil. Devo a Belo Horizonte, em grande parte, a minha convicção inabalável, a minha certeza no futuro do Brasil, na possibilidade de se fazer dêste nosso país um dos maiores e mais vigorosos países do mundo.

O viajante pouco mais que menino, deslumbrado e curioso, que aqui chegou sem amparo há quase quarenta anos e que é o mesmo homem maduro que vos fala neste instante, e a quem os desígnios da Providência elevaram à presidência da República, êste, além do muito mais, que não tem conta, deve à nossa bela e próspera capital a lição, a graça admirável e histórica de ter assistido ao processo do acelerado crescimento de uma cidade. 993

Quem visita pela primeira vez Belo Horizonte se surpreendente com o milagre de seu desenvolvimento em prazo tão pouco dilatado. Ainda estão vivos alguns dos que assistiram à instalação do primeiro govêrno do nosso Estado na cidade nova em fôlha e eis que já tudo se agigantou e se avolumou, e nestas largas avenidas e ruas se movem sêres que aqui mesmo abriram os olhos pela primeira vez à luz dêste céu incomparável e outros numerosos que vieram de tôdas as regiões do Brasil e do estrangeiro para colaborar conosco neste processo constante, de que não só os mineiros, mas todos os brasileiros, por tantos títulos, se orgulham. 994

Aos que duvidam de nossa pátria, aos que põem reticências à sua expansão, não há melhor resposta do que esta: de um sítio deserto e inóspito, em seis décadas, fêz-se a metrópole moderna e estuante de vida, que agora vemos — grande empório dos sertões, com a sua pujante indústria a criar novas fontes de riqueza, seu diligente comércio a estender tentáculos por tôdas 995

as direções, sua vida universitária, tão rica, a semear e a colhêr, em todos os campos da cultura — cidade admirável, para cujo florescimento se diria que o homem de estudos, o artista, o chefe de empresa, o trabalhador, em nobre emulação, se empenham desveladamente, cada qual porfiando em lhe dar o melhor do que têm, para fazê-la mais sua.

996 Em meio aos árduos trabalhos e penas por que tenho passado na vida pública, alivia-me, como um lenitivo, o pensamento de que, ombro a ombro convosco, pude esforçar-me, pude fazer algo por esta jovem metrópole. Procurando, como prefeito, continuar a obra dos meus ilustres antecessores, alguns dos quais tenho a satisfação de ver aqui presentes, não me poupei esforços para torná-la mais bela, a fim de que mais vos pudésseis orgulhar do seu nome, e mais confortável, a fim de que assegurasse aos seus operosos habitantes as comodidades que são a justa remuneração do esforço humano. Vi, com júbilo, que, mercê desse admirável espirito de continuidade, que é apanágio dos homens de Minas, os que me sucederam também não cessaram de engrandecê-la, não cessaram de cumulá-la de novos atrativos e de novos benefícios.

997 Como governador, diligenciei por que se multiplicassem as suas indústrias, suscitando novos e arrojados empreendimentos, como a Mannesmann, e pondo à disposição dos homens de empresa centenas de milhares de quilowatts de que necessitavam para as suas iniciativas. Ligações rodoviárias essenciais se abriram para permitir a expansão do grande centro fabril, do grande núcleo comercial que se criava no coração mesmo de Minas.

998 Finalmente, alçado à suprema magistratura da nação, não me dei por quite, não me senti desobri-

gado para com Belo Horizonte. Faltava completar a sua integração no poderoso triângulo industrial, do Centro-Sul do País, eixo em torno do qual gira o melhor da produção brasileira. Acelerei a construção da nova rodovia que nos dá acesso ao Rio, pude inaugurar-la ao término do meu primeiro ano de governo, e mandei atacar celeremente o grande caminho de São Paulo — a rodovia Fernão Dias — sem me descuidar de outra estrada de capital importância — a que vos liga a Vitória. Esses esforços, no setor rodoviário, terão como remate a ligação desta cidade com Brasília, e sabeis o que significa, para Belo Horizonte, estar a meio caminho de Brasília ao Rio, a meio caminho de Brasília a São Paulo, a meio caminho de Brasília a Vitória, a meio caminho de Brasília a Salvador.

Mas, como sabeis, não tenho cuidado só de estradas. Outros aspectos da economia mineira ocupam, por igual, a minha atenção e o meu esforço. Dentro em pouco, graças à cooperação do Governo Federal com a administração mineira, o potencial de Três Marias será trazido às vossas portas; 520.000 quilowatts estarão a serviço do Centro e do Norte de Minas, a estimular novas indústrias. Quero anunciar-vos, a este propósito, que Minas Gerais não ficará à margem da indústria automobilística. Dependendo apenas de entendimentos complementares, com relação a exigências legais e financeiras, o projeto da Simca poderá ser pôsto em execução dentro em breve. E fabricareis também automóveis, participareis também dessa indústria de tamanha repercussão em nossa economia.

Com estas realizações, com o apoio que o meu governo vem dando à execução do programa elétrico regional a cargo da Cemig; com a criação da Usiminas,

em colaboração com o governo do Estado; com as obras do refôrço ao abastecimento d'água de Belo Horizonte, que estarão prontas dentro de dois anos e suprirão as necessidades de sua população até quando atinja dois milhões de habitantes; com a solicitude com que vem o meu governo cooperando com o honrado e esclarecido governo Bias Fortes — incansável na defesa dos interesses de Minas — creio que posso dizer, nesta assembléia, de família, que continuo fiel a Belo Horizonte, que continuo a dar-lhe o melhor da minha energia, o melhor da minha simpatia, o melhor da minha devoção.

- 1001 Convosco estarei sempre a pelejar para que esta cidade, já grande, já poderosa, conheça dias ainda de maior esplendor e riqueza.
- 1002 Na vossa ambição de progresso, na vossa lição de pioneirismo, na desmedida audácia daqueles que criavam esta cidade, o Brasil está-se inspirando para edificar Brasília.
- 1003 Se nós mineiros fizemos, construimos em tempo mínimo Belo Horizonte — por que do esforço, da tenacidade do Brasil inteiro não poderá nascer Brasília?
- 1004 Ufano-me de que tenha cabido a um homem desta região a oportunidade de concretizar esta velha aspiração pioneira, da mudança da capital para o seu lugar exato, que significa uma acertada medida de defesa do Brasil, de posse integral do Brasil, de conquista efetiva de uma das zonas mais admiráveis e fecundas de nosso imenso território.
- 1005 A idéia de Belo Horizonte teve os seus inimigos, os seus detratores, os seus velhos do Restêlo a protestar contra a ousadia, que tão temerária lhes parecia. Que é feito dêles, que é feito dos argumentos espe-

ciosos, das observações maliciosas tendentes a desencorajar a fundação de nossa cidade? Amanhã, todos os que se erguem contra a nova capital da República também serão confundidos, emudecerão em face da pujante realidade. Não há obra fecunda que não conheça o combate, a negação, o repúdio dos que preferem assistir aos fracassos do esforço alheio a assumir o dever de trabalhar, de lutar pelo bem comum. Prometo neste dia de hoje — e mais uma vez o faço — não esmorecer, não me deixar envolver pela onda de desânimos com que uns poucos procuram em vão destruir-me o ânimo. Prometo pelo Brasil, pelas gerações de amanhã, prometo pelo amor jamais desmentido que vos tenho, Belo Horizonte, que nada me fará diminuir o ritmo dêste trabalho que estamos executando e que trará conseqüências benéficas imensas a nós todos, à nossa pátria. O meu programa realista de metas será cumprido até o fim e já está avançando a sua realização, para melancolia dos céuticos, mas para o júbilo dos homens de boa vontade e de boa fé.

Já sofri e já trabalhei demais para desistir dos meus propósitos de proporcionar ao nosso país a sua recuperação e ativar o surto, infelizmente retardado, de seu progresso. Vereis que, com o tempo, muitas coisas serão aclaradas e serão melhor compreendidas. Trabalhar pelo Brasil recompensa. Sou um homem de fé e homem de fé o serei até à morte, aconteça o que acontecer, por mais que conjurem e se congreguem as forças negativas, que estamos acuando e perseguindo com destemor e simplicidade, movidos pelo amor à nossa terra.

1006

Aqui vejo os cidadãos mais conspícuos de Minas Gerais, a começar pelo meu leal amigo o Governador

1007

Bias Fortes; aqui estão os dignitários da nossa Igreja, o Prefeito Celso Melo Azevedo, os representantes dos diversos partidos, da Justiça e de tôdas as classes; mas não contemplo apenas os que estão fisicamente presentes, pois para mim presentes estão também, em espírito, todos os que criaram Belo Horizonte — os homens de Estado que puseram em prática a idéia, os que fizeram o seu moderno traçado, modelando a fisionomia urbana, e os humildes que colaboraram com o seu trabalho anônimo para erguer tudo que aí está.

- 1008 As grandes cidades são obras de Deus. O esforço benemérito do homem que constrói é presidido pela vontade divina. Não há grande cidade que não obedeça a uma inspiração que vem do Alto. Nosso desenvolvimento é uma bênção divina. Disto não nos devemos esquecer. Como as árvores, as culturas nos campos, as cidades crescem vivificadas e aquecidas pelo sol do Eterno. Que Deus proteja e velê por esta minha cidade — bem minha, permiti-me que vos diga — porque me acolheu e me amparou sempre, bem minha pelo amor que lhe dedico.

RIO DE JANEIRO, 13 DE DEZEMBRO DE 1957

PELA REDE DE RADIODIFUSÃO DA "VOZ DO BRASIL", NO ENCERRAMENTO DA SEMANA DA MARINHA.

- 1009 Ao encerrar as comemorações da Semana da Marinha, que tem como objetivo manter sempre vivo o culto do povo brasileiro pela sua Marinha de Guerra, reverenciando as suas tradições e o seu passado, e nela confiando como força capaz de manter a integridade e a grandeza da pátria, desejo, na qualidade

de chefe supremo das Fôrças Armadas, dirigir a minha palavra a todos aquêles que, com amor ao Brasil, servem denodadamente à nossa Fôrça Naval.

O que traça o perfil das nações, o que lhes configura a existência, contribuindo para formar a sua legenda, é o acêrvo de suas tradições e o culto de seus heróis. 1010

A Marinha Brasileira é uma das matrizes de nossa glória, motivo de permanente orgulho do povo brasileiro, pois contribuiu para a formação de um passado que nos serve de inspiração perene para cumprirmos o nosso destino de grande nação. 1011

Se há um país que está intimamente ligado ao mar, que nêle se debruça, que nasceu mesmo do mar, que surgiu de uma aventura arrojada no oceano, êste país é o Brasil. Quando amanhecemos para o mundo, já tínhamos em nós o sinal do mar. Os nossos descobridores, valorosos marinheiros, traziam nos braços a experiência de muitas tormentas e nos olhos o sonho da conquista do imenso mar. O que nos competia fazer foi continuar a luta há muito iniciada: somos os herdeiros de uma nação que devassou o mar, para a qual o mar não tinha segredos. 1012

Os nossos marinheiros têm sôbre os ombros uma grande responsabilidade: atrás dêles há um passado de glórias, de constante dedicação, de espírito de ordem e disciplina, de sacrifícios ingentes para que fôssemos o que hoje somos, para que o Brasil e especialmente a sua Marinha fôssem respeitados. 1013

Como não nos é possível reverenciar todos aquêles bravos de que a nossa história naval é rica, escolhemos um dêles, o marinheiro-modêlo, aquêlo cuja vida foi um exemplo e um padrão, aquêlo homem- 1014

simbolo que resume em si tôdas as virtudes dos marinheiros do Brasil, o Almirante Joaquim Marques Lisboa, Marquês de Tamandaré. Louvando e exaltando a sua memória, não o engrandecemos a êle apenas, mas a todos aquêles que tudo deram de si, inclusive a própria vida, para que vivêssemos com honra, para que o Brasil fôsse uno e intacto, para que as nossas costas fôsssem guardadas. O trabalho do mar feiçoou o herói que hoje cultuamos. O marinheiro Tamandaré conheceu todos os postos da Armada, de praticante de piloto a comandante-chefe das Fôrças Navais Brasileiras. Em todos os postos por que passou, foi sempre o mesmo homem que sabia obedecer e, sabendo obedecer, commandar. Saber cumprir o dever é a maior virtude dos homens que se põem a serviço da pátria.

1015 Mas não é apenas do passado que vive a nossa Armada. Na segunda guerra mundial, os marinheiros do Brasil mostraram-se à altura das tradições de bravura e patriotismo, que são o apanágio da Marinha. Os serviços que prestaram no patrulhamento do Atlântico sul e na escolta de combóios internacionais se inscrevem entre feitos brilhantes, tendo merecido de nossos aliados as mais elogiosas referências, justo reconhecimento à colaboração que prestamos à causa da democracia.

1016 O que nos cumpre hoje fazer para que sejamos dignos dos heróis do Brasil é continuar dentro do mesmo espírito que orientou as suas ações, é saber servir à pátria, é lutar contra as dissensões, é defender o regime democrático, é fortalecer as nossas instituições, para que o esforço dos nossos maiores não se perca e possamos continuar a nossa marcha.

1017 Necessitamos ter um poder naval que esteja à altura das nossas responsabilidades e importância como

nação. O poderio da Marinha está na dependência direta de nosso desenvolvimento. Sem desenvolvimento econômico, sem que o Brasil atinja a sua plenitude industrial, não é possível poder naval. O mundo de nossos dias é o mundo das técnicas avançadas, da ciência posta a serviço das nações. E não há ciência e técnica avançada a não ser em país plenamente desenvolvido. Só podemos dotar a Marinha dos vasos de guerra de que ela necessita para zelar pelos milhares de quilômetros de costas que lhe incumbe defender, quando o Brasil estiver com tôdas as suas potencialidade em pleno desenvolvimento.

No dia do Almirante Tamandaré, saúdo a nossa Marinha e rendo preito de gratidão da pátria àqueles que ajudaram a construir a sua grandeza. 1018

RIO DE JANEIRO, 26 DE DEZEMBRO DE 1957

MENSAGEM DE NATAL AO POVO BRASILEIRO, DO RETIRO DOS ARTISTAS.

Da Casa dos Expostos, lar dos que nasceram sem lar, envie, no último Natal, a todos os brasileiros — na hora em que, no recesso da família, se entregavam aos gratos sentimentos que esta data instila nos corações — a minha mensagem fraterna, os meus votos de paz e de bem-estar, para todos os que vivem nesta grande pátria. 1019

Este ano, senti os meus passos guiados para esta outra casa, que é o lar dos que, muito havendo vivido e lutado, buscaram um recolhimento tranqüilo, de onde podem lançar ao mundo um olhar de serenidade e de compreensão. 1020

E a emoção de estar entre vós não me toca menos que aquela, de outro Natal, quando me vi rodeado de 1021

crianças, recebendo os influxos de sua matinal alegria, de sua tranqüila confiança. Passadas as tribulações da vida, serenadas as paixões, uma nova confiança, uma nova alegria, já feita de lucidez e de experiência, reverdece no peito dos homens: a alegria e a confiança de contemplar a beleza da Criação, a alegria e a confiança de poder encontrar, nas coisas, o seu sentido de eternidade.

1022 Vim visitar-vos, para, a vosso lado e ao lado de todos os homens e mulheres do Brasil, erguer ao Todo-Poderoso a nossa prece pela Paz, bem supremo, que tantos bens implica, tantos bens pressupõe. Paz entre os povos do Mundo, Paz dentro da Nação, Paz no Trabalho, Paz no lar.

1023 Êste voto de Paz é um voto de todos os dias, é um anelo de todos os instantes, nasce, como a mais veemente súplica, no coração do homem, desde que o entendimento do mundo lhe alumia a consciência. Mas a comunhão de Cristandade, no Natal, a união dos espíritos, neste dia extraordinário, renova, cada ano, o milagre do advento do Redentor e comunica a êste apêlo a fôrça, o ardor, que o brado solitário das criaturas não pode alcançar.

1024 Vim a esta casa de Paz, a êste tranqüilo retiro, suplicar convosco, e com todo o Brasil, que a Paz, pedida com o pão de cada dia, seja dada a todos os povos, seja dada a todos os brasileiros.

1025 Sabeis que a Paz não se entende meramente como ausência de guerra ou de efusão de sangue. Sabeis que a Paz envolve também isto, mas, acima disto, é uma atitude do espirito, um harmonioso equilibrio, dentro de nós, fora de nós, é compreensão, é fraternidade, é serenidade.

Se pedimos Paz, fôrça é diligenciarmos por merecê-la, fôrça é não esquecermos o que nos cumpre fazer de nossa parte, para que sejamos ajudados pelo Redentor do Mundo. O homem é um colaborador de Deus, um agente da Criação. 1026

Que cada um de nós, no Brasil, em cada momento de sua vida, faça pela Paz algo que prepare a Paz. O homem político, esforçando-se para que as divergências e controvérsias, que são da essência mesma da democracia, não resvalém do plano democrático, não criem antagonismos que desintegrem as instituições, não separem, pelo ódio, a nação em dois campos. 1027

O chefe de empresa, ao satisfazer aos legítimos impulsos que levam o homem a criar, a agir, a afirmar-se, que não se esqueça dos direitos e das necessidades daqueles que lhe dão o seu esforço anônimo. 1028

O trabalhador, ao defender as suas prerrogativas, as suas justas aspirações, que não olvide que o caminho da luta de classes só pode levar à ruína comum de todos e, sobretudo, à ruína dêsse bem sem preço que é a liberdade. 1029

O funcionário, o intelectual, o artista, o homem de campo, todos quantos, enfim, compõem as fôrças da inteligência e do trabalho, da cultura e da produção, cada qual se esmere em cumprir a sua tarefa com fervor, para que esta nação, que tanto espera do nosso amor e do nosso esforço, possa vencer galhardamente as dificuldades que estorvam a sua marcha para um grande e nobre destino. 1030

Do que pela minha parte tenho feito, com diuturno zêlo, pela Paz e pela prosperidade do nosso povo, em breve darei minuciosa conta, ao completar dois anos 1031

de governo. Apenas vos direi, por agora, que alavancas mestras foram movidas, providências básicas foram tomadas para que o Brasil se desvencilhe, em definitivo, de tudo quanto ainda lhe entrava a plena expansão. Já estão à vista os frutos dêste labor sem trégua, no qual, a meu lado, se vem empenhando tôda a nação, pelas suas fôrças mais atuantes, pelas suas energias mais vivas.

1032 Este não é um dia de prestação de contas. É um dia de família, um dia de transbordamento afetivo, um dia de universal congraçamento da Cristandade. E, neste ameno retiro, quero participar convosco, quero compartilhar, com todos os lares do Brasil, da transbordante alegria natalina, do inefável sentimento que inunda tôdas as almas.

1033 Que Deus vos dê um feliz Natal! Que Deus propicie Feliz Natal a todos, às crianças e aos velhos, e aos que, no vigor de suas fôrças, trabalham nas cidades e nos campos. Que êste seja um momento de meditação e de pura alegria para todos os lares, principalmente para os mais pobres, cuja história eu bem conheço, e que a todos favoreça o sacrifício d'Aquêle cujo advento a Cristandade considera a sua festa máxima.

RIO DE JANEIRO, 31 DE DEZEMBRO DE 1957

PELA REDE DE RADIODIFUSÃO DA "VOZ DO BRASIL", AO ENSEJO DA PASSAGEM DO ANO.

1034 Somos uma nação jovem, que encara o futuro com serena confiança e que não se vê alentada apenas pelo rico impulso vital que a juventude, por si mesma, traz às nações, como aos homens. Somos uma

nação que caminha para o futuro, a passos resolutos, segura de possuir tudo o que faz o poder e a grandeza dos povos: reservas imensas que Deus pôs em nossas mãos; um desejo incoercível de prosperar e progredir; uma aptidão e um vigor que já não podem ser postos em dúvida, porque os demonstramos sobejamente ao criar, no trópico, a mais florescente das civilizações. Assim, o alvorecer de um novo ano só poderá descortinar ao Brasil alvissareiras perspectivas, só poderá multiplicar e fortalecer as esperanças de todos os brasileiros.

A marcha de um povo para um grande destino não se faz sem sacrifício, não se faz sem duras e obstinadas pelejas. O Brasil não se eximiu a êsses sacrificios, a essas pelejas. Sua história tem sido tôda de luta, e de luta áspera, desigual, em que a própria vastidão do território, que é uma riqueza, por muito tempo foi obstáculo, por muito tempo foi causa de pobreza. 1035

Seria insensato imaginarmos que está prestes a chegar a seu termo essa luta titânica. Não preciso falar-vos de dificuldades que ainda subsistem para a coletividade, para os indivíduos. Não preciso enumerar as nossas carências, apresentar-vos o rol do que nos falta. Disto sabeis, disto tendes consciência. No que tange a certas áreas da opinião — felizmente restritas —, direi, mesmo, exagerada consciência, pois há incuráveis pessimistas neste país, onde tantas circunstâncias propicias convidam ao otimismo. Nem preciso dizer-vos que é mister trabalharmos mais ainda do que temos trabalhado, produzir mais e melhor do que temos produzido, para que o Brasil realize a sua imensa tarefa. 1036

A nação está cônica de que não ultimarà sua emancipação econômica sem rude lida, e do que a 1037

dinamização de energias, para o pleno aproveitamento de nossas potencialidades, não se obterá sem um esforço vigoroso, que aglutine, em arrojada ação coletiva, os esforços parciais de cada um de nós.

1038 Mas, se não seria judicioso supormos que já não temos de lutar tanto, menos judicioso seria nos deixarmos induzir por qualquer pensamento desalentador, ocasionado por transitórias dificuldades.

1039 No limiar do novo ano, quero afirmar-vos, com a segurança de quem pode contemplar, na sua amplitude, o panorama nacional, e não se emaranha no pormenor, ou neste ou naquele aspecto negativo — quero afirmar-vos, repito, que a nação pode e deve confiar nos dias que se aproximam, pode e deve confiar nos passos que o seu govêrno está dando.

1040 Já não se encerra, no dia de hoje, como no ano passado, apenas uma fase de equacionamento de problemas, de planejamento de obras. Estamos aqui para festejar convosco o êxito incontestável de um ano de realizações, de execução, de resultados. Em setores vitais para o desenvolvimento nacional, vêm sendo alcançadas, com segurança, em suas etapas, as metas que o govêrno fixou para o quinquênio. E já se pode ter a certeza de que muitas dessas metas serão ultrapassadas.

1041 Antecipando, em parte, o balanço que oferecerei ao povo brasileiro, ao comemorar o segundo aniversário dêste govêrno, quero, desde já, na evidência de algarismos, mostrar-vos quanto se trabalhou nestes dois anos, quanto se fêz para reforçar uma infra-estrutura que permita à nação ir além, no seu ímpeto de progresso.

1042 Começarei pelo que é fundamental, para um país em franca industrialização. Nosso potencial elétrico

cresceu, nestes dois anos, em mais de 550.000 quilowatts. Obras prestes a ser concluídas elevarão êsse acréscimo a 670.000 quilowatts, até março próximo, atingindo um terço da meta do quinquênio. Se tiverdes em mente que, em fins de 1955, não alcançava 3 milhões de quilowatts a potência elétrica instalada no país, podereis avaliar o avanço que fizemos.

Quanto à indústria petrolífera, nosso objetivo, no início do governo, era estar produzindo pelo menos 40 mil barris diários em 1960. Recomendei, no entanto, todos os esforços para elevar o programa a 100 mil barris por dia, se os resultados das pesquisas o permitissem. Os êxitos alcançados foram de tal monta, que já estamos produzindo 40 mil barris, seja, a produção esperada para o fim do quinquênio. Tudo indica que, até 1960, estará não só alcançado mas superado o ideal de 100 mil barris por dia. 1043

Chamo a vossa atenção para êste fato: o esforço desenvolvido no campo do petróleo representará, no fim do quinquênio, um progresso extraordinário em relação ao que se havia feito até 1955, quando a produção mal atingia a 6.800 barris. Em termos de economia de divisas, desejo anunciar que somente nos anos de 1956 e 1957 deixou de ser gasta, no exterior, a elevada cifra de 191 milhões de dólares, em consequência do aumento de nossa produção e da crescente nacionalização do refino e do transporte. 1044

Foram ainda mais expressivos os êxitos da indústria automobilística, cuja instalação se deve à iniciativa dêste governo. Em seu primeiro ano, essa indústria produziu 6.000 veículos e no segundo ano, que agora se encerra, já entregou ao país 33 mil veículos, registrando um aumento equivalente a 500% em um ano. E as metas de nacionalização do fabrico de

peças e acessórios vêm sendo cumpridas galhardamente. Em 1960, produziremos 217 mil veículos.

1046

Sabeis o que representam os transportes, neste país de dimensões continentais. Sabeis como os transportes se acham ligados à produção e circulação de gêneros alimentícios e demais artigos de consumo e, portanto, ao barateamento do custo de vida. Também nesse setor o trabalho foi excepcional. Em dois anos, aumentamos em 2.600 quilômetros a rede rodoviária do país. E pavimentamos 1.300 quilômetros de rodovias em excelentes condições técnicas. Avaliareis o grande esforço feito, se tiverdes em conta que, até 1955, existiam no país apenas 10.000 quilômetros de estradas de primeira classe e pouco mais de 1.000 quilômetros de rodovias asfaltadas.

1047

No que toca ao transporte ferroviário, devo dizer que êste marchava, no país, para a desagregação, pelo continuado desgaste e pela não renovação do equipamento. Medidas vigorosas foram tomadas nestes dois anos. Além de efetivarmos a organização da Rede Ferroviária Federal, realizamos substanciais inversões no reaparelhamento das estradas de ferro em todo o Brasil. Adquirimos 330 mil toneladas de trilhos, 5 mil vagões, 200 locomotivas e 350 carros de passageiros. Mas não se deteve aí o nosso esforço. Estamos iniciando agora a utilização do empréstimo de 100 milhões de dólares do Eximbank, que nos permitirá ampliar em muito essa obra de reaparelhamento. Além dessa inversão em dólares, um financiamento concedido pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, no montante de 8 bilhões 260 milhões de cruzeiros, está sendo aplicado com o mesmo objetivo. Podemos, ainda, anunciar que está consolidada a indústria nacional de vagões e materiais ferroviários, e que não tardaremos a fabricar as nossas locomotivas.

Quanto ao transporte marítimo, todo cuidado se
se vem dispensando ao reaparelhamento dos portos
e à renovação da frota. E, em breve, anunciarei o
resultado de importantes providências que estão sendo
tomadas. Posso antecipar-vos que 1958 será o ano da
construção naval no país. 1048

Na siderurgia, concentra-se enèrgicamente a aten-
ção do govêrno. Medidas básicas, já empreendidas,
assegurarão notável incremento à nossa produção
nesse setor. Volta Redonda está finalizando o seu
plano de 1 milhão de toneladas. A Belgo-Mineira já
inaugurou há meses a sua primeira expansão e ini-
ciou uma segunda etapa, que elevará a 500 mil tone-
ladas a sua quota neste esforço nacional. A Acesita,
a Manessmann e outras emprêsas realizam também
importantes projetos, com o mesmo fim. E, em ja-
neiro próximo, devemos ultimar, em definitivo, a or-
ganização das emprêsas que levarão a cabo os gran-
des esquemas da Cosipa, em São Paulo; da Usiminas,
no vale do rio Doce; o da Ferro e Aço, em Vitó-
ria. Desta forma, a siderurgia brasileira se ampliará
de modo a suprir as grandes demandas de aço que
nossa industrialização exigirá. 1049

No campo das finanças, como sabeis, tem sido
inflexível a ação do govêrno no combate à inflação
e na seleção do crédito. Por vêzes reclama-se que
vimos cerceando o crédito privado, em benefício do
setor público. Entretanto, o que se pratica é rigorosa
seleção. Não tem faltado dinheiro para as ativida-
des essenciais à nação. Só em empréstimos rurais, o
Banco do Brasil, nos onze primeiros meses de 1957,
operou em escala equivalente a um aumento de
23,3%, em relação a igual período do ano anterior,
ou seja, a maior percentagem dos últimos cinco anos. 1050

Também os empréstimos comerciais, tanto do Banco do Brasil como dos demais bancos, para atividades privadas, excederam, em 1957, todos os níveis dos anos anteriores.

1051 Índice expressivo da intensa atividade registrada no mundo dos negócios é o valor total dos cheques compensados, que, de janeiro a outubro do corrente ano, registrou um aumento de 25% sobre idêntico período de 1956, que já fôra muito significativo. As cifras apontadas assumem maior realce se lembrarmos que o ritmo médio de ascensão dos preços foi muito inferior ao verificado nos anos anteriores.

1052 A êsse respeito, posso demonstrar que se vem alcançando êxito progressivo no esforço para deter a elevação do custo de vida. No Distrito Federal, a ascensão do índice de preços ao consumidor foi de 7,04%, para o período compreendido entre janeiro e novembro dêste ano — contra 23,76% registrados em idêntico período de 1956. Êstes dados, fornecidos pelo Serviço de Estatística da Previdência e Trabalho, revelam uma redução de 16,72% na taxa do incremento e comprovam o acêrto da política de contenção dos preços desenvolvida pelo meu governo.

1053 Ainda no campo econômico, lembrarei que a lei de tarifas aduaneiras foi, inegavelmente, um dos acontecimentos decisivos do ano de 1957. Sua importância decorre menos de sua contribuição para o aumento da receita pública federal, que do fato de constituir o instrumento mais adequado de proteção à indústria nacional e ativação do processo econômico. A proteção da indústria nacional através de manipulações cambiais é meio inadequado, cujo emprêgo só se justificou enquanto não foi possível atualizar a nossa obsoleta tarifa alfandegária.

Os investimentos nacionais continuaram, em 1957, a apresentar evolução satisfatória. O aumento de capital das empresas privadas, através da absorção efetiva de novos recursos, ascendeu a cerca de 30 bilhões de cruzeiros, até novembro, o que corresponde a um crescimento de 26% sobre idêntico período de 1956, que, por sua vez, já acusara aumento de 26% sobre 1955. 1054

Sintoma expressivo da confiança que a economia brasileira vem despertando no mercado internacional de capitais é o aumento sem precedentes de investimentos e financiamentos estrangeiros realizados no Brasil nos últimos dois anos. Os registros feitos na Sumoc revelam que, de 119 milhões de dólares, em 1955, passamos a receber 206 milhões em 1956, e 330 milhões, de janeiro a novembro de 1957, totalizando mais de 500 milhões, nestes dois anos. 1055

E, quanto a investimentos em moeda nacional para cumprimento de metas econômicas — excluídas as dotações do orçamento da República, que foram fortemente acrescidas neste período —, subiram eles a mais de 15 bilhões de cruzeiros, só através do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico. 1056

Como vêdes, este governo cuidou, atentamente, de todos os aspectos da nossa economia, não se omitiu em nenhuma providência que devesse ser tomada. Falarei, a 31 de janeiro próximo, do que, por igual, se fez nos campos da educação, da saúde, e da agricultura, que tão estreito vínculo guardam com o problema do desenvolvimento. 1057

Razões ponderosas têm os brasileiros para confiar nos dias que se avizinham. Vivendo em país de considerável riqueza potencial, este povo — que já de 1058

monstrou, em tantos lances, o seu valor e sua ambição de progresso — não pode ser pessimista. Um povo que corajosamente planta a sua nova Capital a 200 léguas da costa atlântica, mudando o Brasil de posição e realizando um feito que é reputado, no exterior, como dos mais arrojados e fecundos empreendimentos do mundo moderno, pelas dificuldades que estão sendo vencidas e pela imensa repercussão que terá na vida econômica e social do país; um povo capaz de aprisionar o rio São Francisco, arrancar-lhe a sua fabulosa potência, construindo uma barragem, como a de Três Marias, que será a quinta do mundo e aumentará em 550.000 quilowatts o potencial energético — êsse povo não pode nem deve descer do seu porvir.

1059

Mas não venho falar-vos apenas em realizações na ordem material. Quero lembrar-vos que um bem, decerto mais precioso, foi conseguido nestes dois anos: a consolidação do regime, a preservação da ordem, a restauração da perfeita convivência democrática. Graças à cooperação das Fôrças Armadas, sempre vigilantes na defesa da Constituição, sempre de atalaia na defesa dos postulados da democracia; graças à colaboração do Legislativo e do Judiciário, esclarecida, serena e patriótica; graças à formação cristã e à índole pacífica do povo brasileiro, em suas camadas mais densas e profundas; graças, em suma, ao apoio que êste povo dispensa ao seu govêrno, reconhecendo-lhe a intenção reta e um imenso desejo de trabalhar pela nação — pôde o Brasil ser restituído à tranqüilidade e à confiança, tranqüilidade e confiança a que tanto aspirava e sem as quais teria sido impossível qualquer esforço pelo nosso progresso, qualquer passo pelo nosso desenvolvimento.

Encerrado este retrospecto do que foi a luta e a vitória desta nação, nestes dois anos, quero, nesta hora em que se inicia um novo ano, dizer também algo que importa ser dito, no que concerne à nossa situação entre as demais nações. 1060

Dificuldades na convivência pacífica entre os povos, oriundas do embate de ideologias diferentes e da difícil acomodação de interesses nacionais em choque, persistem no mundo, como é do conhecimento de todos. Mas também persiste uma veemente aspiração de paz. Também persiste uma generalizada convicção de que nova guerra, mobilizando os extraordinários engenhos criados pela ciência e pela técnica moderna, acarretaria novos e inauditos sofrimentos à humanidade. Assim, em tôdas as partes do mundo, homens de boa vontade não desesperam de encontrar caminhos que levem os povos a futuro menos sombrio, senão a quadras mais tranqüilas. 1061

Não destoará, perante os homens de boa vontade, nenhuma voz que se erga em defesa da Paz, que brade pela Paz e nela reconheça o bem excelso. Um bem a que se deve sacrificar tudo que não quebre a honra e a dignidade do homem ou não importe na imolação de seus deveres supremos, para com Deus, para com a humanidade. 1062

Das conseqüências dos entendimentos e discordâncias desta hora, não participam apenas os grupos que se defrontam. Tôdas as nações do mundo estão ligadas ao perigoso debate. Nenhuma deixará de pagar tremenda quota de sacrifício, se não forem vencidas ou pelo menos atenuadas essas divergências que erguem fronteiras tão agressivas. Poucos se fazem ouvir neste momento, e todavia é o destino dos povos que está em jogo. Não será apenas uma razão de 1063

ordem material, uma temporária inferioridade de condições técnicas e econômicas que imporá silêncio aos que terão de arcar, sem dúvida alguma, com as conseqüências de erros que se pratiquem. A posição internacional do Brasil não se modificou, e é clara. São destituídas de qualquer fundamento as especulações que em torno dela se tem feito nestes últimos dias. Não a modificaremos. Nossa participação no chamado bloco ocidental resulta da coincidência de nossas inclinações com os fundamentos ideológicos do grupo a que espontâneamente nos vinculamos e com o qual comungamos a mesma concepção democrática, o mesmo ideal cristão. Nesse grupo de nações amigas, destaquem-se, com justiça, as latino-americanas e os Estados Unidos da América, pois a estas nações, mercê de poderosas vinculações continentais, nos achamos ligados por estreita amizade e cooperação.

1064 Não temos que optar, porque já optamos. Mas isto não quer dizer que nos conservemos como passivos expectadores em debate tão decisivo.

1065 O direito de opinar não é favor, mas decorrência de princípios democráticos, que não só nos incumbe defender, mas primordialmente praticar. Não vacilando na posição já assumida, o Brasil não declinou, contudo, nem declinará jamais de seu direito de opinar e de, quando fôr o caso, discordar.

1066 Somos uma nação em franco desenvolvimento, com uma população de 65 milhões de habitantes; mas não devemos pensar sòmente no que somos, e sim, também, no que seremos no futuro, pela fôrça de nossas riquezas em expansão, pela capacidade do trabalho de nosso povo e por um crescimento demográfico de índices extraordinários. Tudo isto nos obriga a estar atentos à política internacional. E, na qualidade de

amigos que empreenderam a mesma jornada, queremos ser informados e ouvidos sobre o que se passa.

No campo econômico internacional, devo dizer 1067
que tem sido preocupação constante do meu governo estreitar, ainda mais, as relações com países deste hemisfério, cujos problemas tanto se assemelham aos nossos.

Com este objetivo, demos importantes passos. 1068
Subscrevemos o Convênio do México, que interessa a todos os países americanos produtores de café, e cujo objetivo fundamental é a estabilização do mercado desse importante produto, como preliminar para a Conferência Mundial do Café, a realizar-se nesta capital em princípios de 1958. Participamos da Conferência Econômica de Buenos Aires, que propiciou aos países do Continente oportunidade para revisão dos problemas comuns, com vistas à desejada estruturação das economias dos Estados americanos. Celebramos acordos do comércio e pagamento com a Argentina e o Uruguai; entendimentos diretos e fixação de normas de ação recíprocas, com o Chile e o Peru. Em relação ao Paraguai, ativou-se o comércio mútuo, mediante um tratado que prevê estímulos às trocas e à realização de empreendimentos de interesse comum. Dentre esses, destaca-se a construção, pelo Brasil, de uma monumental ponte sobre o rio Paraguai, que servirá à estrada Paranaguá-Assunção. Nossos entendimentos com a Bolívia prosseguem harmoniosamente, obedecendo à determinação inabalável de nos aproximarmos, para o benefício recíproco dos dois povos.

Prosseguiremos resolutamente nessa direção, vol- 1069
tando-nos cada vez mais para o hemisfério, buscando, cada vez mais, trabalhar em conjunto com os povos americanos.

- 1070 Com o desenvolvimento célere da economia nacional, estamos aptos a oferecer, aos nossos irmãos da América Latina, desde os atrativos de um mercado importador de largas proporções, até o suprimento progressivo de produtos industrializados, indispensáveis à melhoria do padrão de vida de suas populações. Podemos também oferecer a experiência que colhemos em nossa batalha pelo progresso econômico, nesta hora em que o continente se preocupa com a racional distribuição de recursos, para melhor aproveitamento das potencialidades de cada país.
- 1071 Eis o que me cumpria dizer ao povo brasileiro, no advento do novo ano, quando perspectivas novas se abrem à nação e, nos lares, cada família formula um voto, um desejo, com fé ardente e renovada.
- 1072 Os instantes que subtraístes a essas efusões familiares, para ouvir a mensagem do homem de boa vontade a que a nação confiou o seu governo, êsses instantes — estai certos — não foram perdidos. Ouvistes algo que vos infundirá maior confiança nos destinos da pátria e no destino de cada um de vós.
- 1073 Verificastes que muito fizemos. Verificastes que 1957 foi um ano de trabalhos, de ordem e de paz. O que ouvistes justificará as vossas esperanças, alenará os vossos anseios, dar-vos-á a certeza de que o novo ano será propício ao Brasil, será propício a vós.
- 1074 Agradeço-vos o apoio oque me assegurastes. Prometo-vos que — fortalecido no apoio que me continuardes a prestar e na ajuda de Deus Todo Poderoso — vos assegurarei novos dias de concórdia e de prosperidade, a fim de que, na data prescrita, na hora exata, possa eu entregar, ao meu sucessor, uma nação tranqüila, unida e vigorosa.

ÍNDICE ANALÍTICO

Os temas comuns vão em redondo, por exemplo, "alimentação"; os intitutativos, em versal e redondo, por exemplo, "Academia Brasileira"; os topônimos, nomes topográficos e bibliônimos, em grifo, por exemplo, "*Alagoas, Estado de*", "*Copacabana*" e "*Lusiadas, Os*" e os antropônimos, em versal e versalete, por exemplo, "ASSIS, JOAQUIM MARIA MACHADO DE" — êstes sempre inscritos pelo último sobrenome.

abastecimento, 934.
 ação administrativa, 317, 318, 319.
 ação construtiva, 243-252.
 ação parlamentar, 869.
 ação política, 316, 317.
 ação prática, 201, 202, 206, 209, 212.
 Acesita, 649, 1049.
 ácido cítrico, 673.
 aço, 378, 648, 649.
 Açôres, 505.
 Açu, rio, 892, 932.
 açúcar, 664-678, 888, 889.
 açudagem, 872.
 açudes, 895.
 aeroportos, 642.
 África, 444.
 ágios cambiais, 108.
 agricultura, 293, 294, 295.
 agricultura regional, 935-937.
 água, 274.
 água, abastecimento de, 328.
 aquavias, 1048.
 Alagoas, 880, 881, 882, 893, 933.
 álcalis, 650.
 álcool, 673, 889.

ALEIJADINHO

vide LISBOA, ANTÔNIO FRANCISCO.
 alimentação, 652, 653, 654, 655, 656, 880.
 ALKMIM, JOSÉ MARIA, 79, 521.
 alumínio, 650.
 ALVES, ANTÔNIO DE CASTRO, 531.
 Amapá, contestado do, 6.
 Amapá, território do, 1, 24, 874, 887.
 Amapari, rio, 17.
 Amazonas, rio, 592, 875.
 Amazônia, 585, 592, 875, 877, 881, 882, 886, 901, 920, 946.
 América, 496, 508, 510.
 América do Sul, 159, 160, 496.
 América Latina, 191, 1068-1070.
 amizade luso-brasileira, 412-421, 422-432, 433, 464, 465-472, 475-495.
 Andaraí, 935.
 Andes, 587.
 ANHANGÜERA
vide SILVA, BARTOLOMEU BUENO DA

- ANJOS, CIRO DOS, 522.
 ANTUNES, AUGUSTO DE AZEVEDO, 21.
 apêlo aos estudantes, 226-232.
 aperfeiçoamento do professorado, 54.
Apodi, rio, 892, 932.
 AQUINO, SANTO TOMÁS DE, 763.
Aracaju, 875, 885, 906.
Araguai, rio, 887.
 Araras, açude das, 872.
Argentina, 1068.
 ARISTÓTELES, 763.
 arquitetura, 965-987.
 arrecadação tributária, 107.
 artes, 822-839.
 Assembléia Legislativa de São Paulo, 534-562.
 ASSIS, JOAQUIM MARIA MACHADO DE, 219.
 Associação Comercial de Santos, 62, 63, 65, 79.
 Associação Médica de Minas Gerais, 844-849.
 Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural, 900.
 Associação Rural de Montes Claros, 512.
 Assunção-Paranaguá, estrada, 788.
 ATAÍDE, GERALDO, 528.
 atividades criadoras, 95.
Atlântico, oceano, 470.
 atraso, luta contra o, 204-205, 209.
 autobiográficos, dados, 137-141, 725, 989-993, 996.
 automóveis, 644.
 autoridade, princípio de, 606, 607, 614.
 auxílio federal aos territórios, 9, 10, 11.
 AZEVEDO, CELSO MELO DE, 148, 1007.
Bahia, Estado da, 238, 506, 529-533, 930, 935.
 balanço de pagamentos, 623, 624, 626.
 Banco do Brasil, 675, 902, 903, 1050.
 Banco do Crédito da Amazônia, 897, 901.
 Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, 275, 329, 636, 897, 898, 1047, 1056.
 Banco do Nordeste, 897, 900.
 bandeiras, 238, 241, 242, 254.
 BARBOSA, RUI, 59, 219, 956.
 BARROSO, Almirante, 426.
 base de teleguiados em Fernando de Noronha, 69.
 BASTOS, AURELIANO CÂNDIDO TAVARES, 219.
Batalhão, 893.
Batalhão Ferroviário, 1.º, 34, 36, 40.
 BELAÚNDE, VÍCTOR ANDRÉS, 583.
Belém, 263, 505, 883, 906.
 beletrismo, 218.
Bélgica, 925.
Belo Horizonte, 56, 116, 117, 118, 121, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 140, 141, 147, 148, 282, 321, 505, 523, 573, 697, 814, 966, 968.
Belo Horizonte sexagésimo aniversário de, 988-1008.
 Bial de Arte de São Paulo, IV, 822-839.
 BILAC, OLAVO, 956.
 bispos do Nordeste, 929.
 BITTENCOURT, RÉGIS, 124.
 bloco ocidental, 1063.
 BOLÍVAR, SIMÃO, 190, 191.
Bolívia, 1068.
Bonfim, região do, 873.

BONIFÁCIO, JOSÉ

vide SILVA, JOSÉ BONIFÁCIO DE
ANDRADA E

Bonito, município de, 934.

Boqueirão, açude de, 937.

Boqueirão da Cabeceira, açude do,
895.

borracha, 651, 670.

BRANDTS, CALDEIRAS, 745.

Brasília, 147, 238-265, 282, 324,
503, 504, 523, 715, 980, 981, 998,
1002, 1003, 1058.

DROWN BOVERY, firma, 645.

butanol, 673.

Cabedelo, pôrto de, 875.

Cabrito, campos de, 531.

CABRAL, PEDRO ÁLVARES, 238.

café, 60, 65, 76-81, 297-304, 307,
622, 1068.

CAFÉ FILHO, JOÃO, 482.

Caitité, bispo de, 791-810.

Caixas Econômicas Federais, 275,
329.

CÂMARA, HÉLDER, 945.

caminhões, 644.

CAMÕES, LUÍS VAZ DE, 263, 438-443,
444, 463, 476, 494, 496.

Campanha Nacional do Câncer, 704.

Campanha do Trigo, 656.

Campina Grande, 890, 895, 937.

Campos, 646-678.

Campos de Goitacás, 668.

cana de açúcar, 667.

Cananéia, 263.

câncer, 691-706.

Candiota, usina termelétrica de,
632.

capitais estrangeiros, 71, 72, 625.

capital colonizador, 72.

Capivari, usina termelétrica de,
632.

Caraca, colégio do, 515.

Caribe, 745.

Cariri, região do, 873.

Cariri Velho, 893.

Carteira de Crédito Agrícola do
Banco do Brasil, 902.

carvão mineral, 632.

Casa dos Expostos, 1019.

CAXIAS, Duque de, 426.

Ceará, 505, 879, 907, 909, 912.

CELSO, AFONSO, 947-957.

celulose, 651, 673, 889.

Cemig, 280, 401, 402, 1000.

centrais elétricas, 631, 632.

Centro X de Maio, de Goiás, 238.

Centro XI de Agosto, de São Paulo,
238.

Cérro Largo (RS), 34.

CÉZANNE, PAUL, 28, 30.

Chaco, 172, 745.

Charqueadas, usina termelétrica de,
632.

CHATEAUBRIAND, ASSIS, 25, 26, 27,
28.

CHAVES, GONÇALVES, 515.

Chile, 1068.

Cidade Universitária do Rio de Ja-
neiro, 55-58.

cimento, 650.

civilização brasileira, 497, 498, 500.

civilização luso-brasileira, 497, 498.

classe estudantil, 57.

classes produtoras, 83, 84, 93, 105.

colaboração brasileiro-norte-ameri-
cana, 70, 71, 72, 73, 74.

colaboração paraguaio-brasileira,
155-175.

Colar da Ordem de El Libertador
(Venezuela), 176, 180.

Colar Marechal Francisco Solano
López, 153, 156.

colonialismo, 72.

comércio exterior, 108.
 Comissão Econômica para a América Latina, 857.
 Comissão Mista Brasil-Portugal, 466, 469.
 Comissão do Vale do São Francisco, 400, 401, 402.
 Companhia Hidrelétrica do Amapá, 874.
 Companhia Hidrelétrica do São Francisco, 873.
 Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, 648, 860-865, 1049.
 Companhia Siderúrgica Ferro e Aço, 1049.
 Companhia Siderúrgica Manesmann, 1049.
 Companhia Siderúrgica Nacional, 648, 1049.
 compressão de despesas, 107.
 COMTE, AUGUSTO, 745.
 comunicações terrestres, 878, 879.
 comunidade luso-brasileira, 465-472, 482, 489, 496-511.
 Conferência Econômica de Buenos Aires, 1068.
 Conferência Mundial do Café, 1068.
 Congresso da Associação Médica de Minas Gerais, 844-849.
 Congresso de Municípios, IV, 315.
 Congresso de Municípios Mineiros, I, 321.
 Congresso de Municípios, de Petrópolis, 319.
 consciência econômica, 664, 665.
 Conselho de Desenvolvimento Econômico, 403, 870.
 Conselho Nacional de Alimentação, 652.
 consórcio intermunicipais, 271, 272, 273, 320, 321, 322.
 construção naval, 638, 1048.

contingente brasileiro das forças das Nações Unidas no Egito, 193-195.
 Constituição, 56, 551, 552, 553.
 Capacabana, 587.
 Corinto (MG), 523.
 CORREIA, MANUEL, 253.
 Cosipa, 649, 1049.
 COUTO FILHO, MIGUEL, 678.
 Convênio Cafeeiro do México, 1068.
 crédito, 896-903, 1050.
 crédito, expansão do, 621.
 Crisandade, 791-810.
 crítica construtiva, 38.
 crítica ao governo, 596, 597, 598, 599, 600.
 Cubatão, 643.
 Cubatão, usina elétrica de, 631.
 Cultura, 201, 202, 209, 210, 212, 213, 214.
 CUNHA, EUCLIDES DA, 219.
 CUNHA, LUÍS DA, 508.
 CUNHA, PAULO, 489.
 Curitiba, 505, 697.
 cursos profissionais, 54.
 custo de vida, 619, 1052.
 DANIEL, profeta, 757.
 deficit orçamentário, 107, 618.
 DÉGAS, EDGARD, 30.
 DELACROIX, EUGÈNE, 28, 31.
 democracia, 361, 721, 722, 723, 1059.
 democracia brasileira, 540, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 556, 609, 610, 611.
 demografia, 340.
 Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, 123, 124, 523.
 desemprego, 366.
 desenvolvimento continental, 155-164.

desenvolvimento econômico, 108,
273, 323, 627, 628, 629, 630-656,
845, 942.
desenvolvimento econômico conti-
nental, 777-790.
desenvolvimento industrial, 623,
624.
desenvolvimento nacional, 39, 43,
71, 72, 73, 74, 96-101, 107, 112,
207-214, 271, 339, 340, 353, 354,
355, 356, 359, 360, 385, 393, 395,
408, 409, 565, 566, 567, 570, 571,
578, 914, 915, 1034-1074.
desequilíbrio regional 868.
desordem 353, 354, 358.
DEUS, 958-964.
Dia Nacional de Ação de Graças,
958-964.
Dia das Nações Unidas, 850-859.
Dia da Raça, 433-464.
Diamantina, 137, 140, 515, 791-810,
991.
dificuldades internas, 542, 558.
Dinamarca, 925.
Distrito Federal, 654, 659-661, 697,
1052.
diversificação da produção, 304,
307.
dívida externa, 108.
divisão territorial, 12.
Doce rio, 649, 1049.
doenças degenerativas, 699, 700.
Dois de Julho, 529-533.
dotação constitucional para a edu-
cação, 56.
DRUMMOND, BOLÍVAR, 848.
DUTRA, EURICO GASPAR, 410, 873.
ECHECOPAR ARCE, CARLOS, 583.
economia, 688, 866-868, 869.
educação, 53-58, 906-913.
Egito, 193.

EISENHOWER, DWIGHT, D., 68.
eletricidade, 997, 999, 1000, 1042.
eletrificação do Nordeste, 873.
elites, 84, 206.
Encontro dos Bispos do Nordeste,
890-895, 929, 930, 935, 937.
energia, 336.
energia elétrica, 127, 128, 129, 279,
308, 328, 332, 342, 375, 376, 402,
405, 406, 407, 630, 631, 632.
engenheiro, 845.
ensino comercial, 573-582.
ensino médio, 54, 234-237.
ensino primário, 234-237.
ensino rural, 54.
ensino superior, 966-976.
episcopado, 797.
episcopus, 794, 795.
equipamento industrial, 305, 306,
623.
escoamento da produção, 35.
Escola de Arquitetura da Univer-
sidade do Brasil, 56.
Escola de Arquitetura da Univer-
sidade de Minas Gerais, 965-987.
Escola de Engenharia da Univer-
sidade do Brasil, 56.
Escola Nacional de Química, 54.
escolas, 380.
escolas industriais, 906.
escolas primárias, 54.
escolas técnicas, 54, 906.
Escritório Técnico das Bancadas
do Norte e do Nordeste, 866-917.
esgotos, 331.
Espanha, 27.
espírito universalista, 208.
Estado, 271, 320.
Estados Unidos da América, 18, 65,
66, 68, 69, 75, 696, 1063.
Estrada de Ferro Central do Bra-
sil, 278.

Estrada de Ferro Leopoldina, 278.
estradas, 374.
Europa, 506, 508, 510, 713.
Exército Nacional, 51.
expansão nacional, 247, 248, 249,
250.
exportação, 108, 303, 305, 307.
Export Import Bank, 225, 1047.
exposição pecuária de Montes Cla-
ros, 512-528.
extremismos, 555.

Fábrica de Nitrogenados de Cuba-
tão, 643.

Faculdade de Ciências Econômicas
da Universidade da Bahia, 54.

Faculdade de Ciências Econômi-
cas da Universidade do Paraná,
54.

Faculdade de Medicina da Univer-
sidade de Minas Gerais, 54.

Faculdade de Medicina da Univer-
sidade do Recife, 54.

Faculdade Nacional de Farmácia,
54.

FARIA, ANTÔNIO DE, 489.

favelados, 916.

fé, 958-964.

Fernando de Noronha, ilha de, 66.

Fernão Dias, rodovia, 998.

ferrovia Belo Horizonte-Itabira,
278.

ferrovias, 17, 34, 35, 110, 635, 636,
879, 1047.

fertilizantes, 643.

Fertisa, 643.

Festa do Açúcar (*Campos*), 664-
678.

Figueira, usina termelétrica de
632.

Filadélfia (atual *Tecófilo Ottoni*),
713, 715.

Filosofia, 688.

finanças, 1050.

financiamentos norte - americanos,
68.

Fôrça Internacional de Emergên-
cia no Egito, 858.

Fôrças Armadas, 422-432, 551, 564.

Fortaleza, 505, 906, 909, 913.

FORTES, CRISPIM JAKUES BIAS, 131,
147.

FORTES, JOSÉ FRANCISCO BIAS, 128,
131, 148, 281, 519, 524, 571, 581,
1000, 1007.

fosfato, 894.

Fosforita, 643.

França, 27.

FRANCIA, JOSÉ GASPAR DE, 745.

Fundação Getúlio Vargas, 619.

Fundo Internacional de Socorro à
Infância, 857.

Fundo de Marinha Mercante, 109,
110, 638.

Fundo Nacional do Ensino Médio,
907.

fundo portuário, 109.

Furnas, usina de, 128, 375, 631,
982.

GAMA, SALDANHA DA, 668.

Glória, bairro da (Distrito Federal),
660.

Goa, 444.

GOGH, VINCENT VAN, 827.

Goiás, Estado de, 293, 887.

gorduras, 654, 655.

Governo, ano e meio de, 593-663.

gratidão, 989.

Grécia, 925.

gripe asiática, 679-681.

Grupo de Desenvolvimento do Nor-
deste, 870.

Guararapes, batalha de, 506.
GUDIN, EUGÊNIO, 338, 341, 342.
GUIMARÃES, CRISTIANO, 860-865.
GUSMÃO, ALEXANDRE DE, 463.

habitações populares, 379.
Haia, Conferência de, 59.
História, 688.
Holanda, 506, 925.
HOMERO, 263.
HORÁCIO, 444, 515, 810.
Hospital de Clínicas da Universidade do Brasil, 56.
Hospital de Clínicas da Universidade do Ceará, 54.
Hospital de Clínicas da Universidade de Minas Gerais, 54.
HUMBOLDT, ALEXANDER VON, 505.

Icomi, 18, 21.
ideologias, embate de, 1061, 1063.
Igreja Católica, 547, 791-810, 920-946.
Ilhéus, 885.
imprensa periódica, 747-766.
impressionismo, 29, 30, 31, 32.
improdutivos, 92, 105, 113.
incas, 590, 592.
Inconfidência Mineira, 565.
independência, 733.
independência econômica, 157, 760, 762.
indivíduo, 845.
Índole brasileira, 730, 731, 732, 733, 734.
indústria, 294, 295.
indústria açucareira, 664-678, 888, 889.
indústria automobilística, 109, 377, 983, 999, 1045-1046.
indústria de base, 644.
indústria leiteira, 893.

indústria de material elétrico, 645.
indústria nacional, proteção da, 1053.
indústria naval, 109.
industrialização, 71.
indústrias obsoletas, 305.
indústrias químicas, 673.
inflação, 106, 297, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 1050.
Inglaterra, 696.
ingratidão, 989.
iniciativa privada, 337, 341, 342, 377, 556, 557.
Instituto do Açúcar e do Alcool, 676.
Instituto Brasileiro de Administração Municipal, 821.
Instituto de Geologia do Recife, 911.
Instituto Nacional do Câncer, 691-706.
Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 682-690.
Instituto de Tecnologia Rural do Ceará, 912.
instrução, 380.
Insurreição Pernambucana, 506, 507.
intelectualidade brasileira, 216, 217, 218.
intelectualismo, 664, 665.
interiorização da capital, 56, 221-225, 238-265, 282, 324, 325, 840-843, 918.
International Engineering Company, 401.
intervenção estatal, 671.
investimentos, 896-903, 1054, 1055, 1056.
investimentos norte-americanos, 68.
Instituto de Antibióticos da Universidade do Recife, 54.

Instituto de Hidráulica da Universidade do Rio Grande do Sul, 54.
 Instituto de Química da Universidade do Rio Grande do Sul, 54.
 Instituto de Tecnologia da Universidade do Rio Grande do Sul, 54.
 instrução de adultos, 54.
Ipiranga, 561.
 irrigação, 872.
Itacolomi, pico de, 745.
Itália, 27.
Itaparica, ilha de, 531.
Itopoã, praia de, 531.
Itaqui, porto de, 875, 931.
Ituberá, 935.

Jacaré dos Homens, 893.
 JEFFERSON, THOMAS, 713.
 jipes, 644.
 João V, 508.
 João VI, 506, 530.
João Pessoa, 885, 906.
 Jornalistas, VII Congresso Nacional de, 747-766.
Juiz de Fora, 118, 122.
 juventude brasileira, 718-743.

Key-West, 68.

Lago da Pedra, município de, 931.
 LAJES, MARIANO PROCÓPIO FERREIRA, 711.
 lavoura canavieira, 667, 668, 670.
 LEÃO XIII (papa), 922.
 legalidade, 361.
 Lei n.º 2.973, de 1956, 329, 330.
 leite, 654.
 liberdade, 721, 722, 723, 728, 751, 752, 760, 761.
 liberdade econômica, 709.
 liberdades políticas, 709.
 Liga das Nações, 59.

Lima, 590.
 língua portuguesa, 436, 444, 471.
 LINS, ÁLVARO, 489.
Lisboa, 507.
 LISBOA, ANTÔNIO FRANCISCO, 33.
 LISBOA, JOAQUIM MARQUES, 426, 1014,
 LOMBARDI, ARMANDO, 808.
 LOPES, BERTA CRAVEIRO, 473-495.
 LOPES, FRANCISCO HIGINO CRAVEIRO,
 412-421, 422-432, 433-464, 465-
 472, 473-495, 496-511.
 LÓPEZ, FRANCISCO SOLANO, 153, 154,
 156.
 LOTT, HENRIQUE BATISTA DUFFLES
 TEIXEIRA, 744.
Lusiadas, Os, 445, 496.

Macapá, 8, 875.
Maceió, 873, 875, 906, 907.
 MACHADO NETO, BRÁSILIO, 83.
Major Isidro, 893.
 malária, 905.
 MAUÁ, Visconde de,
vide SOUSA, IRINEU EVANGELIS-
 TA DE
Manaus, 503, 505, 874, 906.
 MANET, EDOUARD, 30, 31.
 manganês, 17, 18, 19.
 mão-de-obra especializada, 574,
 575, 576.
 máquinas e equipamentos açuca-
 reiros, 673.
 mar, 1012.
mar dulce, 505.
Maranhão, 879, 881, 882, 887, 891,
 930, 931.
 Marinha de Guerra, 1009-1018.
 Marinha Mercante, 109, 110.
 marítimos, 22.
 matadouros frigoríficos, 640, 641.
 MATARAZZO SOBRINHO, FRANCISCO,
 839.

- material elétrico, 645.
materialismo, 807.
matérias graxas, 654, 655.
matérias-primas, 71, 623.
Mato Grosso, Estado de, 293, 641.
mecânica pesada, 646.
medicina, 844-849.
médico, 844, 845, 846.
MELO, MADEIRA DE, 530.
mentalidade de desenvolvimento,
99-101, 103, 104, 200-204, 206,
207, 209, 211.
mercado interno, 915.
merenda escolar, 54.
metas de desenvolvimento, 110, 601,
629-656, 871.
migrações internas, 935.
Minas Gerais, Estado de, 18, 21, 33,
118, 121, 126, 128, 131, 133, 135,
136, 143, 144, 242, 266, 268, 269,
276-279, 282, 284-286, 293, 402,
505, 512-528, 565, 571, 572, 641,
710, 745, 844-849, 862, 965-987,
988-1008.
mineração, 17.
Ministério da Educação e Cultura,
906.
Missa, Primeira, 503.
mocidade, 252, 253.
Moçoró, região do, 873.
moeda, 369.
MONIZ, EGAS, 455.
Monlevade, 125.
Montes Claros, 512-528.
Montes Claros, centenário de, 512-
528.
MOREYRA, CARLOS, 583, 585, 589, 592.
MORISOT, BERTHE, 30.
MOTA, CARLOS CARMELO DA, 503, 547.
MOTA FILHO, CÂNDIDO, 683.
Movimento Municipalista, 266-286.
Mucuri, rio, 712, 715.
Mucuripe, pórtio de, 875.
mudancistas, 264.
municipalismo, 319-321, 325, 326,
811-821.
município, 266, 267, 270, 271, 274,
276, 319-321, 323, 325-329.
" Municípios Brasileiros de Maior
Progresso", concurso, 811-821.
NABUCO, JOAQUIM, 219.
nação, 323, 325, 326.
nações latino-americanas, 1063.
Nações Unidas, 850-859.
nacionalismo, 73, 357, 384-388, 735-
737.
não-ferrosos, 650.
Natal, 906.
Natal, Mensagem, 1019-1033.
Natal, pórtio de, 875.
navegação, 875.
navegação fluvial, 875.
navios, aquisição de, 876, 877.
negócios, 1051.
NEWTON, JOSÉ, 805.
Nordeste, 505, 506, 670, 866-917,
929-938.
Norte, 866, 917.
Nova Zelândia, 696.
Nove de Julho, 538.
Novo Mundo, 496.
NUNES, COARACI, 2.
NUNES, JANARI, 16.
óleo fúsil, 673.
Olinda, 505, 894.
O. N. U., 850-859.
operários, 93.
opinião pública, 599, 600, 748-750.
oposição partidária, 63, 64.
oposição política, 38, 42, 45-49.
ordem, 361.

ordem interna, 369, 371, 372, 603-606, 611, 1059.
 Ordem do Mérito do Paraguai, 153, 154.
 Ordem Nacional do Mérito, 860-865.
 Orden del Sol (*Peru*), 583-592.
 Organização Mundial de Saúde, 695, 696.
 Organização das Nações Unidas, 193, 850-859.
 OSÓRIO, General, 426.
 OTTONI, TEÓFILO, 707-717.
 ouro, 862.
Ouro Preto, 505, 515, 745, 749.
 pacificação interna, 603-606, 611.
 pacificação nacional, 602, 603.
 pacificação política, 36-41, 42-50.
Pacuí, rio, 512.
 PAIS, FERNÃO DIAS, 253.
 PALMA, RICARDO, 587.
Pampulha (Belo Horizonte), 967.
Panamá, 68, 590.
 pan-americanismo, 162, 182-185.
 papel, 651-673.
Pará, Estado do, 874, 887, 908.
Paraguai, 153, 157, 165, 166, 744; 746, 767-776, 777-790, 1068.
Paraguai, rio, 1068.
Paraíba, Estado da, 293, 879, 880, 893, 916, 933.
Paraná, rio, 167, 788.
Paraná-Uruguaí, bacia, 287, 294.
Paranaguá-Assunção, estrada, 1068.
 Paredão, usina hidrelétrica do, 22.
Paris, 508.
Parnaíba, porto de, 875.
 PARREIRA, ALCEU MARTINS, 63.
 partidos, 867.
 pátria, 474, 475.
 patriotismo, 446-451, 948.

PATROCÍNIO, JOSÉ DO, 668.
 Paulo Afonso, usina de, 398, 407, 631.
 PAULO, SÃO, 797.
 pauperismo, 158, 160, 162, 163.
 patriotismo, 569, 570.
 paz, 1061, 1062.
 paz interna, 362-364.
 paz política, 285, 308-314.
 PEDRO I, 530.
 PEDRO, JOSÉ, 791-810.
 Peixotos, usina de, 336-343, 631.
 PEREIRA, NUN'ÁLVARES, 455.
 PÉREZ, JIMÉNEZ, MARCOS, 178, 179, 187, 190.
Perimetral, avenida (Distrito Federal), 660.
Pernambuco, 505, 506, 879, 880, 894, 934, 935.
Peru, 583-592, 1068.
 pesca, 880.
 pesquisa econômica e social, 682-690.
 PESSANHA, NILO, 668.
 Petrobrás, 633, 634, 882.
 petróleo, 633, 634, 881, 882, 983, 1043, 1044.
 petróleo venezuelano, 186.
 PENA, AFONSO, 147.
Pernambuco, 909.
Piauí, Estado de, 879, 931.
 Pio XII (papa), 808, 809, 922, 943.
Pirajá, porto de, 531.
Pirapora, 523.
Piratininga, região de, 862.
 Piratininga, usina elétrica de, 631.
 Plano Nacional Rodoviário, 374.
 Plano de Valorização da Amazônia, 941.
 poder aquisitivo, 368, 371.
 Polícia Militar de Minas Gerais, 563-572.

- Polígono das Sêcas, 891, 900, 930.
 política, 316, 688, 866, 867.
 ponte sobre o Paraná, 167, 788.
 populações interiores, 375.
Pôrto Alegre, 503, 505, 697.
Pôrto Velho, prelaçia, 925.
 portos, 650, 875.
Portugal, 412-421, 433-464, 465-472, 473-495, 496-511, 925.
 português, 433-464.
 posição internacional, 1060-1070.
 povo paraguio, 165, 171.
 PRADO, MANUEL, 583, 589, 590, 591.
Praia Vermelha (D. F.), 54.
 preço, índice de, 1052.
 preconceitos de raça, 722, 724, 726.
 preços, 357, 359, 365, 366, 619.
 prédios escolares, 906.
 prelaçias na Amazônia, 925.
 presença presidencial, 334.
 presidente da República, 86-89, 102, 103.
 Primeira Convenção dos Trabalhadores do Distrito Federal, 381, 382.
 PROCÓPIO, MARIANO
 vide LAJES, MARIANO PROCÓPIO FERREIRA.
 produção, 297.
 progresso técnico, 943.
 propaganda governamental, 594, 595, 596.
 ração de gado, 889.
 Real Gabinete Português de Leitura, 433-464.
 realidade brasileira, 214-216.
 realidade nacional, 686, 688.
 receita, 107.
Recife, 505, 510, 875, 883, 894, 906, 909, 910, 911.
 recuperação do homem, 96.
 Rêde Ferroviária Federal, 1047.
 Rêde Mineira de Viação, 278.
 região, 271, 272, 274, 322, 323.
 regime, consolidação do, 1059.
 Reitoria da Universidade do Ceará, 54.
 relações exteriores, 1061.
 relações paraguaio-brasileiras, 746, 767-776, 777-790.
 relações perúvio-brasileiras, 583-592.
 relações venezuelano-brasileiras, 188.
 religião, 547.
 RENOIR, PIERRE-AUGUSTE, 29, 31, 32.
 reservas florestais, 886.
 reservas minerais, 887.
 Restauração portuguesa, 506.
 Retiro dos Artistas, 1019-1033.
 Reunião dos Prelados da Amazônia, 920-946.
 Revolução Constitucionalista de São Paulo, 534-562.
 RIBEIRO, PONTE, 586.
 RIO BRANCO, Visconde do, 586.
Rio Grande do Norte, Estado do 879, 880, 892, 932.
Rio Grande do Sul, Estado do, 34-36, 293.
Rio de Janeiro, cidade do, 238, 503, 509, 657, 916, 998.
Rio de Janeiro, Estado do, 664-678, 710.
Rio de Janeiro, pôrto do, 641.
 riqueza potencial, 96.
 rodovia Assunção-Paranaguá, 167.
 rodovia Belo Horizonte-Brasília 125.
 rodovia Belo Horizonte-Vitória, 125, 278.
 rodovia Fernão Dias, 278.
 rodovia Montes Claros-Corinto, 523.

rodovia, primeira, 707-717.
 rodovia Rio de Janeiro-Belo Horizonte, 110, 115, 116, 122, 125, 278.
 rodovias, 110, 878, 998, 1046.
 RUBENS, PIETER-PAUL, 28.
 SÁ, FRANCISCO, 516.
 SÁ, MEM DE, 238.
 sacerdócio no Brasil, 921-927.
 Salão dos Recusados, 30.
 SALAZAR, ANTÔNIO DE OLIVEIRA, 451, 467, 488.
 SALGADO, CLÓVIS, 53, 579.
Salvador, 503, 530, 884, 998.
 SALVADOR, VICENTE DO, 334.
 saneamento político, 106.
Santa Catarina, Estado de, 287, 293.
Santa Cruz, terra de, 503.
Santarém, prelaia de, 925.
Santo Antônio, morro de (DF), 660.
Santos, 60, 61, 65, 68.
São Francisco, cidade de (EE. UU.A.), 401.
São Francisco, rio, 379, 398, 399, 410, 514, 873, 1058.
São Lambert, rio, 512.
 São Luís-Cêrro Largo, ramal ferroviário, 35.
São Luís do Maranhão, 874, 906.
São Paulo, cidade de, 27, 125, 241, 657, 697, 839, 998.
São Paulo, Estado de, 60, 82, 125, 261, 263, 293, 505, 537, 539, 556, 560, 561, 641, 649, 916.
 SAPENA PASTOR, RAUL, 153.
 saúde pública, 332, 691-706, 904, 905.
 Schneider, grupo, 646.
 Segundo Congresso Brasileiro de Ensino Comercial, 573-582.
 segurança continental, 66.

segurança nacional, 52, 69.
 Semana da Marinha, 1009-1018.
 Semana da Pátria, 718- 743, 744.
 SERAFIM, dom, 801-805.
Sergipe, 880, 891, 935.
 seringais, 901.
Sêrro, 794.
 Serviço de Estatística da Previdência e Trabalho, 1052.
 Serviço Nacional do Câncer, 705.
 siderurgia, 378, 647-649, 860-865, 997, 1049.
 silos e armazéns, rede de, 639.
 SILVA, BAROLOMEU BUENO DA, 244, 253.
 SILVA, JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA E, 60.
 sindicatos, 381.
 SISLEY, ALFRED, 30.
 SOARES, JOSÉ CARLOS DE MACEDO, 489.
 soberania nacional, 499.
 Sociedade dos Amigos de Afonso Celso, 947-957.
 Sociologia, 688.
 SOMBRA, SEVERINO, 868.
 SOUSA, IRINEU EVANGELISTA DE, 711.
 SOUSA, MANUEL ASSUNÇÃO E, 571.
 STROESSNER, ALFREDO, 153, 171, 175, 744-746, 767-776, 777-790.
 STROESSNER, LIGIA MORA DE, 777, 789, 790.
 subdesenvolvimento, 98.
Suez, crise do canal de, 858.
Suíça, 696, 925.
 superpetroleiros, 634.
 TAMANDARÉ, marquês de
vide LISBOA, JOAQUIM MARQUES.
Taubaté, 646.
 tarifas aduaneiras, 1053.
Tcheco-Esloráquia, 925.

Teatro José de Alencar (*Fortaleza*), 913.

técnica, 295, 296.

técnicos, 574, 575, 576.

telefones, 657, 658.

Teresina, 906, 931.

território nacional, 977.

território nacional, assimetria de desenvolvimento, 914.

TICIANO, 28.

teleguiados, 66.

TINOCO RODIL, CARLOS, 176.

TINTORETO, 28.

TIRADENTES

vide XAVIER, JOAQUIM JOSÉ DA SILVA.

Tocantins, rio, 875.

TÔRRES, ALBERTO, 100, 219.

TOULOUSE-LAUTREC, 30.

trabalhadores, 93, 344, 345, 347, 351.

trabalho, 91, 92, 347, 348, 349, 366, 367.

transporte, 109, 110, 308, 1046, 1047.

transporte marítimo, 637, 638, 1048.

transportes aéreos, 642, 883-885.

transportes terrestres, 878, 879.

Tratado de Amizade e Consulta Brasil-Portugal, 457, 458, 459, 465-472.

tratores, 902.

Três Marias, usina de, 128, 279, 375, 392-411, 524, 982, 999, 1058.

trigo, 656.

Una, rio, 935.

União Federal, 271, 274, 276, 320.

unidade nacional, 501.

Universidade da Bahia, 54.

Universidade do Brasil, 54, 55, 56, 196-237.

Universidade do Ceará, 54, 909.

Universidade de Minas Gerais, 54.

Universidade do Pará, 908.

Universidade do Paraná, 54.

Universidade de Pernambuco, 909.

Universidade do Recife, 54.

Universidade do Rio Grande do Sul, 54.

universidades, papel das, 200-203, 204, 206, 207, 211.

Uruguai, 1068.

URUGUAI, visconde do, 586.

Usiminas, 649, 1000, 1049.

valores humanos, 942, 943.

valores morais, 943.

VARGAS, GETÚLIO, 12, 360, 670.

veículos automotores, 644.

VELOSO, ANTÔNIO AUGUSTO, 515.

Venezuela, 176-192.

Verde, rio, 512.

VERGÍLIO, 263.

VERSIANI, CARLOS, 515.

VERONESE, 28.

Versalhes, Paz de, 59.

VIANA, F. J. DE OLIVEIRA, 219.

vida militar, 564.

VIEIRA, ANTÔNIO, 463, 506.

Vieira, rio, 512, 525.

VIRIATO, 455.

Vitória, 125, 998-1049.

Volta Redonda, usina de, 378, 648.

vontade popular, 544.

XAVIER, JOAQUIM JOSÉ DA SILVA, 565, 570, 949.

WAGNER, 828.

WILSON, WOODROW, 59.

Este livro, composto e impresso nas oficinas gráficas do Departamento de Imprensa Nacional, foi preparado pelo Serviço de Documentação da Presidência da República, tendo-se acabado de imprimir a 22 de agosto de 1958.